

alemão para fins específicos
aquisição ficcionalidade
conhecimento
filosofia da linguagem
gramaticalização lexicografia
tradução língua estrangeira
literatura linguística
literatura e outras mídias
alemão para fins específicos
gramaticalização lexicografia
língua estrangeira língua alemã
linguística cognitiva
literatura lexicografia
subjetividade material didático
ficcionalidade aquisição
textos de especialidade
literatura traduzida
linguística cognitiva material didático
textos de especialidade
subjetividade língua alemã
literatura e outras mídias
literatura traduzida literatura
alemão para fins específicos
língua estrangeira

75 ANOS DE ALEMÃO NA USP

Reflexões sobre uma germanística brasileira

Dörthe Uphoff

Eliana Fischer

João Azenha

Juliana Perez



fflch

**75 ANOS DE ALEMÃO NA USP:
Reflexões sobre uma germanística brasileira**



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor

Vahan Agopyan

Vice-Reitor

Antonio Carlos Hernandez



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora

Maria Arminda do Nascimento Arruda

Vice-Diretor

Paulo Martins

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria,
proibindo qualquer uso para fins comerciais.

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
Rua do Lago, 717 – Cid. Universitária
05508-080 – São Paulo – SP – Brasil
Tel. (11) 3091-0458
e-mail: editorafflch@usp.br

Novembro 2019

DOI 10.11606/9788575063835

Organizadores

Dörthe Uphoff

Eliana Fischer

João Azenha

Juliana P. Perez

**75 ANOS DE ALEMÃO NA USP:
Reflexões sobre uma germanística brasileira**



São Paulo, 2019

S495 75 anos de alemão na USP : reflexões sobre uma germanística brasileira / organizadores: Dörthe Uphoff ... [et al.]. -- São Paulo, FFLCH/USP, 2019.

14.015kb: PDF

ISBN 978-85-7506-383-5

DOI 10.11606/9788575063835

1. Língua alemã (Estudo e ensino). 2. Literatura alemã (Estudo e ensino). 3. Tradução (Especialização). 4. Ensino de língua estrangeira. 5. Universidade de São Paulo (História). I. Uphoff, Dörthe, *coord.* II. Fischer, Eliana Gabriela, *coord.* III. Perez, Juliana Pasquarelli, *coord.* IV. Azenha, João, *coord.*

CDD 430.7

Serviço de Editoração e Distribuição

Coordenação Editorial

M^a. Helena G. Rodrigues – MTb n. 28.840

Projeto de Capa

Víctor Ivanon

Projeto Gráfico e Diagramação

Selma M. Consoli – MTb n. 28.839

Revisão

Autores

Sumário

- 7 Apresentação
Dörthe Uphoff, Eliana Fischer, Juliana P. Perez, João Azenha Jr.
- Parte I: Os passos de uma história
- 13 Caminhos da graduação em Letras-Alemão na Universidade de São Paulo
Dörthe Uphoff, Juliana P. Perez
- 25 A trajetória do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã
Eliana Fischer
- 35 O Curso de Especialização em Tradução da USP (1978-2006): histórico e desdobramentos
João Azenha Junior
- 47 A extensão: partilha de conhecimento
Maria Helena V. Battaglia, Eva M. F. Glenk
- 57 Pandaemonium Germanicum: 18 anos
Juliana P. Perez
- Parte II: Uma história em curso
- 69 Uma oficina de teatro entre a universidade e a favela
Willi Bolle

- 95 Da inesperada potencialidade da literatura brasileira de expressão alemã
Celeste Ribeiro de Sousa
- 111 A convergência entre a literatura de expressão alemã e as artes
Claudia Dornbusch
- 125 O real a partir da literatura: ou das relações entre literatura e conhecimento
Helmut Galle, Juliana P. Perez
- 149 1985-2015: A recepção do Funcionalismo alemão e a consolidação da tradução na Área de Alemão da USP
João Azenha Junior
- 179 A Área de Alemão da USP como fórum de discussão sobre as traduções brasileiras para a obra de Sigmund Freud
Pedro Heliodoro Tavares
- 207 A Dimensão Linguística nos 75 anos da Área de Alemão do DLM/FFLCH-USP
Maria Helena V. Battaglia, Eliana Fischer, Eva M. F. Glenk, Selma M. Meireles
- 243 A formação inicial de professores de alemão e a investigação de processos cognitivos da aquisição, da aprendizagem e do ensino de Alemão como Língua Estrangeira na Universidade de São Paulo
José da Silva Simões
- 275 A política linguística nos Congressos Brasileiros de Professores de Alemão (1989-2015)
Dörthe Uphoff
- 297 Índice: Os nomes de uma história
- 311 Anexos: Os primórdios de uma história

Apresentação

Ao completar 75 anos, a Área de Alemão do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo apresenta neste volume não apenas um registro das atividades que vem desenvolvendo desde a sua fundação em 1940, mas propõe-se a refletir sobre momentos-chave de sua trajetória até aqui. Essa reflexão, que se desenvolve tanto retrospectivamente, numa mirada que revê criticamente o passado, quanto prospectivamente, quer dizer, com os olhos voltados para um porvir que aos poucos vai se delineando, tem por objetivo pensar rumos e veredas que lhe permitam prosseguir em seu percurso de renovação de forma condizente com os ditames do tempo.

Do ponto de vista de sua extensão, esta publicação não tem a pretensão de reunir, de forma exaustiva, todas as passagens e episódios que, nesses 75 anos, constituíram a Área desde a sua fundação e definiram, assim, os contornos de sua configuração atual. Muitos desses momentos já foram cuidadosamente registrados em publicações anteriores, como na Apresentação do livro *Área de Alemão: Língua, Literatura e Tradução*, publicado em 1997 pela Editora Humanitas da FFLCH-USP. Nesse sentido, o presente volume entende-se mais como um elo na corrente de esforços que se vêm empreendendo na Área para o registro de sua história e representa, em relação à publicação de 1997, uma tentativa de preencher o hiato de dezoito anos que separa as duas publicações.

Por outro lado, a ideia que subjaz a essa publicação também pretende contemplar a reflexão, a partir de um recorte sincrônico, sobre o passado mais recente da Área em suas diferentes frentes de atuação, bem como alguns de seus possíveis desdobramentos. Os aspectos do registro, de um lado, e da reflexão sobre eles, de outro, definem, então, o formato adotado para a presente publicação, que se estrutura da forma como segue.

A *Parte I: Os passos de uma história* apresenta um enfoque histórico dos níveis de formação aos quais se dedicam os docentes da Área: graduação, pós-graduação e extensão. Somam-se a esses níveis dois outros domínios, que foram e são de grande relevância para se compreender a ramificação das atividades da Área e sua contribuição para a formação de pesquisadores e a produção de conhecimento: o Curso de Especialização em Tradução, que funcionou de 1978 a 2006, e o periódico *Pandaemonium Germanicum*, que completa dezoito anos em 2015.

A Parte II, aqui denominada *Uma história em curso*, foi reservada à reflexão sobre múltiplos aspectos associados às atividades acadêmicas desenvolvidas na Área. Dela constam artigos que são frutos das pesquisas desenvolvidas por docentes ativos no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã. Mas não apenas isso. A Parte II, considerada central para este volume, não visa apenas a expor tendências de pesquisa na linha do tempo, cujo caráter documental é inegável para uma historiografia dos Estudos Germanísticos no Brasil, mas também a sugerir caminhos e desdobramentos que poderão alinhar as atividades da Área com os novos desafios de um tempo marcado pela velocidade e pela concomitância.

Por fim, o Índice, intitulado *Os nomes de uma história*, traz uma relação de todas as pessoas que participaram das atividades na Área: docentes, professores visitantes, leitores e alunos formados

na pós-graduação. Desnecessário dizer que qualquer omissão é de responsabilidade exclusiva dos organizadores, que desde já se desculpam.

Seguem-se alguns Anexos, aqui chamados de *Os primórdios de uma história*, nos quais são reproduzidos textos e fotos de momentos fundadores da Área.

Espera-se com esta publicação oferecer ao público interessado pelos Estudos Germanísticos no Brasil não apenas a síntese de um caminho já percorrido, mas também, e sobretudo, um ponto de partida para discussões acerca do perfil e dos parâmetros de atuação de uma Área, que tem colaborado, direta ou indiretamente, para definir os contornos de uma cultura acadêmica brasileira – pois esta também se constrói na relação com outras culturas. Comemoramos assim os 75 anos de um curso. E comemoramos por estarmos – sempre – *em curso*.

São Paulo, julho de 2015.

A Comissão Organizadora

PARTE I

Os passos de uma história

Caminhos da graduação em Letras- Alemão na Universidade de São Paulo

Dörthe Uphoff¹
Juliana P. Perez²

“[Um] curso de Letras é diferente de um curso de línguas estrangeiras. [...] é o lugar onde se aprende a refletir sobre fatos linguísticos e literários, analisando-os, descrevendo-os e explicando-os.” As duas frases retiradas do atual Projeto Pedagógico do Curso de Letras³ da Universidade de São Paulo sintetizam alguns dos principais desafios da estruturação dos estudos germanísticos em um país distante da Europa, como é o caso do Brasil. Como alcançar o objetivo de uma formação humanística e reflexiva sobre

¹ Professora de Língua Alemã e Licenciatura do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 2012. Email: dorthe@usp.br

² Professora de Literatura Alemã do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 2009. Email: julianaperez@usp.br

³ Disponível em: <<http://www.dlm.fflch.usp.br/node/859>> (01/07/2015). O projeto será citado pela sigla PPCL (2013).

a produção linguística e literária de expressão alemã quando grande parte dos graduandos chega ao curso sem conhecimentos prévios do idioma, tendo que aprender ali também, nos anos iniciais da habilitação, o be-a-bá da língua? Esse problema tem ocupado os docentes da Área de Alemão na USP desde a inauguração do curso de Letras Anglo-Germânicas em 1940: o que deveria ser pré-requisito da reflexão sobre a língua e literatura alemã – o conhecimento do idioma e o contato com sua produção cultural – precisa ser ensinado a duras penas, sem perder de vista o objetivo prioritário de um curso de Letras.

A construção de um currículo que reúna elementos suficientes para uma aprendizagem eficiente do idioma sem reduzir o espaço para a reflexão metalinguística continua a ser uma tarefa que exige aprimoramentos constantes.⁴ O breve relato a seguir mostra como a graduação em Letras-Alemão na USP foi estruturada e reformulada ao longo do tempo, com o objetivo de oferecer uma formação ampla ao graduando. Não se pretende apresentar aqui

⁴ Extrapolaria os limites deste artigo uma discussão aprofundada sobre termos problemáticos como “Germanística Intercultural” ou “Auslandsgermanistik”, que se estabeleceram como designação de uma área de estudos – a saber, estudos referentes a língua, cultura e literatura alemã não desenvolvidos em países de língua alemã – entre 1970 e 1990, em especial a partir dos trabalhos de Alois Wierlacher. Mas vale a pena observar que a conceitualização de uma área da Germanística “diferente” da Germanística desenvolvida na Alemanha, em especial, seguia uma agenda político-acadêmica positiva, que pretendia valorizar e fortalecer a presença da língua e cultura alemãs em outros países. Entretanto, a chamada “Germanística Intercultural” possui um dualismo de fundo que, ao longo da história, resultou em uma percepção reduitiva e negativa dos estudos germanísticos realizados fora dos países de língua alemã. Para uma visão geral da história da área cf. WIERLACHER 2001: 9-102; para uma discussão dos termos, cf. GÖRNER 2009; ESPAGNE 2009; LEPPER 2009, BARTMANN 2009, entre outros; sobre o desenvolvimento dos chamados “German Studies”, cf. WEISSBERGER 2009.

um histórico detalhado da habilitação em Letras-Alemão na USP, mas frisar algumas questões que nos parecem essenciais na configuração de um currículo germanístico em São Paulo.⁵

Um dos aspectos curriculares mais importantes a ser considerado foi – e continua sendo – a distribuição e a importância dada às disciplinas de literatura e língua. No Anuário de 1939 a 1949 da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, encontra-se um registro da grade curricular na fase inicial de existência do então curso de Letras Anglo-Germânicas:

Das aulas dos três primeiros anos, o tempo era dividido entre o estudo da língua e da literatura. Tendo-se em vista que os alunos não traziam o devido conhecimento do curso secundário, necessário se tornava o ensino de gramática, de conversação e de exercícios práticos. Por esse mesmo motivo, as aulas de literatura eram dadas em português, embora os livros de literatura e de língua fossem em alemão. (ANUÁRIO 1939-1949: 469).

A partir de 1948, como consta no Anuário de 1950, as aulas de literatura passam a ter início apenas no segundo ano do curso, reservando-se o primeiro ano da graduação para o estudo da língua. Essa distribuição das disciplinas de língua e literatura permanece *grossa modo* até a grande reforma da Faculdade em 1970, quando a área de Letras também foi reformulada e se criaram habilitações específicas para as diferentes línguas.

Outra modificação curricular da época é a quebra da ordem cronológica no trabalho com a literatura. A partir de 1964, o ciclo

⁵ Para obter uma visão mais abrangente da história do curso, recomendamos a leitura do primeiro capítulo do Projeto Pedagógico (2013), além do artigo de UPHOFF, LOBATO e SAFRA (2014), que enfoca especificamente o desenvolvimento do ensino de língua no curso de Letras-Alemão.

das disciplinas de literatura é inaugurado pela literatura do século 20 (são citados, no programa de ensino daquele ano, autores como Heinrich Böll e Max Frisch), deixando-se a literatura do século 19 para os últimos anos da graduação, característica que se mantém no currículo atual.

Nos programas de ensino dos anos de 1967 e 1968 encontram-se registros de que algumas disciplinas de literatura são dadas em alemão, enquanto outras continuam a ser ministradas em português. No entanto, como o formato dos programas mudou muito ao longo do tempo e nem todos os programas antigos puderam ser resgatados, não é possível indicar com precisão quando as disciplinas de literatura começaram a ser dadas predominantemente em língua alemã, como acontece já há muitos anos.

As disciplinas de língua, por sua vez, ocupam um lugar central na habilitação em alemão durante todo o período de existência do curso. A partir da reforma curricular em 1970 eram ministradas oito disciplinas de língua no curso de Letras-Alemão, número que só viria a diminuir em 2007, quando as duas últimas disciplinas receberam a nome de “Introdução à Linguística Alemã I e II”. Além disso, havia seis disciplinas de literatura e duas de cultura dos países de língua alemã.⁶

Nas décadas de 1980 e 1990, uma das preocupações dos docentes da Área de Alemão foi contornar a percepção dos alunos da habilitação como um curso de idiomas.⁷ A necessidade de

⁶ Vale observar que entre 1978 e 1980 o Departamento de Letras Modernas ofereceu também um curso de tradução na modalidade de graduação. A partir de 1981, esse curso passou a ser oferecido na extensão. Maiores informações encontram-se na primeira parte deste livro, no artigo de João AZENHA Jr. sobre o tema.

⁷ ARON e HEISE (1994: 13) comentam o resultado de uma sondagem feita com alunos do primeiro semestre da habilitação em 1993 com as seguintes palavras:

diferenciar uma habilitação em língua estrangeira em um curso superior de Letras de um curso de idiomas parece ter sido um dos motivos fundamentais que levaram à introdução de um “ciclo básico” nos cursos de Letras, em 1999.⁸ Desde então, o “ciclo básico” compreende disciplinas introdutórias de linguística, estudos literários e clássicos no primeiro ano da graduação e coloca a escolha da língua estrangeira para o segundo ano.

Os motivos para uma percepção equivocada da finalidade de um curso de Letras nos anos de 1990 podem ter sido vários. Além do elevado número de aulas dedicadas à aprendizagem do idioma estrangeiro, a metodologia de ensino que passa a conquistar o espaço da graduação em Letras – a abordagem comunicativa – também pode ter contribuído para criar essa impressão, devido a uma visão crítica da reflexão gramatical e estrutural que caracteriza esse paradigma. Além disso, a própria Germanística abre-se, desde a década de 1970, para a investigação de outros textos, além dos estritamente literários, e essa tendência acaba por se instalar também no Brasil. Em 1991, Masa NOMURA, por exemplo, afirma:

Faz-se necessário repensar também o conceito de língua como instrumento de acesso às ‘belas letras’. [...] O estudo da língua se apresenta sob formas textuais diferentes das obras literárias – nos documentos históricos, nos tratados científicos

“98% der damals befragten Studenten besuchen den Kurs, um hauptsächlich fließend Deutsch sprechen zu können. Die Diskrepanz zwischen der eigentlichen Aufgabe der Dozenten und der Erwartung der Studenten verursacht natürlich Enttäuschungen und ein fehlendes Interesse hauptsächlich für die Vermittlung der Literatur.“

⁸ Como consta no atual Projeto Pedagógico do Curso de Letras da USP, “o ciclo básico foi criado porque os alunos chegavam ao Curso de Letras concebendo-o como um curso de línguas e não como um curso que visa a compreender o funcionamento da linguagem humana.”

e técnicos, nos contratos, nas leis, nas cartas, nos folhetos de propaganda política, industrial e comercial – enfim, em todas as tipologias de textos, antigos ou novos, para fins estéticos ou pragmáticos, que constituem o acervo dos povos em todos os seus níveis. [...] existem outros textos, além dos literários, que devem ser tratados num curso de letras. (NOMURA 1991: 15)

Encontramos uma posição semelhante na descrição do perfil do formando em Letras-Alemão que hoje consta no sítio eletrônico da Área de Alemão da USP (s/d)⁹:

O bacharel com enfoque em língua alemã deve ser capaz de lidar com textos – *no sentido mais amplo do termo* – de forma a poder atuar concretamente em atividades profissionais que têm o texto como objeto central, como: ensino de língua e literatura nos diversos níveis, tradução, crítica literária, assessoria linguística, atividades de pesquisa etc. (grifo nosso)

Não obstante, por motivos diversos, tal concepção só se refletiu no currículo no ano de 2009. Até a década de 1990, os campos da linguística e da tradução não aparecem em disciplinas específicas, com exceção apenas de duas disciplinas eletivas de fonética do alemão. É somente a partir da flexibilização do curso, ocorrida em 2009, que as áreas de concentração em linguística, literatura e tradução recebem o mesmo destaque, encontrando maior equilíbrio no currículo de Letras-Alemão.

Dessa forma, a grade curricular da habilitação em alemão procura hoje, mais do que nunca, respeitar o conhecimento linguístico (em construção) dos alunos. Por isso, os primeiros dois anos do bacharelado em alemão são integralmente dedicados à apropriação de uma proficiência básica no idioma e é apenas a

⁹ Disponível em: <<http://www.dlm.fflch.usp/alemao/graduacao>> (03/07/2015)

partir do quinto semestre que se iniciam as disciplinas de tradução, linguística e literatura, como pode ser observado na tabela em anexo. As primeiras disciplinas de literatura têm por objeto textos escritos no período do pós-guerra, em prosa e em poesia, porque tais textos se caracterizam por uma maior brevidade e por um uso da linguagem mais próximo do cotidiano.¹⁰ Assim, as aulas de literatura procuram simplificar o acesso a textos literários em alemão e continuar a desenvolver a aprendizagem do idioma estrangeiro, mesmo que os estudantes percebam a passagem entre o uso pragmático e cotidiano e o uso estético da língua alemã como um forte desafio.

Por fim, cabe observar que desde o ano de 2009, com a adequação da licenciatura em Letras ao Programa de Formação de Professores da USP, de 2004, a Área de Alemão passa a oferecer também duas disciplinas de licenciatura em língua alemã, abrindo um novo campo de atuação para docentes da área, que começam a contribuir mais diretamente com a formação de professores.¹¹

*

Os 75 anos do curso de Bacharelado em Alemão da Universidade de São Paulo talvez possam ser divididos de acordo com quatro gerações de docentes que nele atuaram. A primeira compreende a fase da própria instituição do curso, em 1940, sendo o Prof. Dr. Pedro de Almeida Moura o primeiro professor de alemão da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). É o tempo dos primeiros passos de uma germanística em solo

¹⁰ A lista completa das disciplinas da habilitação em alemão está disponível no sistema Júpiter, da USP, em: <<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=8&codcur=8051&codhab=502&tipo=N>> (01/07/2015).

¹¹ A este respeito, cf. o artigo de José da Silva SIMÕES neste livro.

brasileiro, durante a Segunda Guerra Mundial, e também dos primeiros alunos que escolhem o alemão como área de concentração. Um deles é Sylvia Barbosa Ferraz, que se formou em 1944 e logo passou a fazer parte do corpo docente da FFCL¹², doutorando-se em 1950, como primeira aluna em Língua e Literatura Alemã, sob orientação do Prof. Pedro de Almeida Moura. Esse período vai até aproximadamente 1962, quando um parecer do CFE exige uma reorganização radical dos cursos de Letras no Brasil, que se estende por toda a década de 1960.

Os anos de 1964 a 1984 abarcam a segunda geração dos estudos germanísticos na USP: nesse período a cátedra de Alemão é ocupada por Erwin Theodor Rosenthal, o segundo doutor formado pelo Prof. Pedro de Almeida Moura, em 1953. Além disso, nessa época, funda-se o Departamento de Letras Modernas (cf. UPHOFF/ LOBATO/ SAFRA 2014) e se introduzem outras mudanças estruturais nos cursos de Letras em todo o Brasil. O curso continua a se caracterizar pelo prestígio das disciplinas de Literatura Alemã que, na época, eram consideradas seu foco principal (cf. PPCL 2013). Essas duas décadas também correspondem ao tempo de formação até o doutorado de outros docentes que já lecionavam na área e que determinariam o rosto da área nas décadas seguintes.

Essa terceira geração de docentes trabalhou na área de meados dos anos de 1980 até os primeiros anos do século 21. Seu cotidiano é marcado por um forte espírito de equipe, além de uma grande consciência das potencialidades e dos limites de um curso de Língua e Literatura Alemã que se desenvolve longe de países de língua alemã. Nesse período, estabeleceram-se novas bases para a

¹² No Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH) da USP, registra-se que em 1948 Sylvia B. Ferraz já fazia parte do corpo docente, mas não foi possível levantar o ano exato da contratação.

graduação e se fortaleceram os contatos com a Alemanha a partir do trabalho conjunto com os diversos “leitores” do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD).¹³

Na fase atual, que compreende os últimos quinze anos, aproximadamente, a Área foi determinada pela aposentadoria de vários professores, alguns dos quais continuam ativos no curso de pós-graduação,¹⁴ e pela contratação de novos docentes.¹⁵ É na consciência dos frutos alcançados pelas gerações anteriores, mas também dos novos desafios enfrentados hoje pelas universidades, que essa nova geração procura continuar o caminho dos estudos germanísticos no Brasil.

Referências Bibliográficas

Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de 1939-1949. Universidade de São Paulo, v. 2, 1953.

¹³ Foram leitores do DAAD na Área de Alemão os seguintes professores: Herbert Bornebusch (1985-1989), Hardarik Blühdorn (1994-2000), Ulrich Beil (2000-2004), Göz Kaufmann (2005-2008), Kristina Peuschel (2011-2013) e Katja Reinecke (2013-2015).

¹⁴ Em ordem cronológica, aposentaram-se os seguintes professores: Sidney Camargo, em 1995; Irene Aron e Ruth Röhl, em 1996; Celeste Ribeiro de Sousa, em 1998; George B. Sperber, em 2008; Eloá di Pierro Heise e Willi Bolle, em 2009; Masa Nomura, em 2010; Claudia Dornbusch, em 2014, e Selma Meireles, em 2015. Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, Claudia Dornbusch, Selma Meireles e Willi Bolle continuam a orientar trabalhos e ministrar disciplinas como docentes da pós-graduação.

¹⁵ Nos últimos anos foram contratados os seguintes docentes: Tinka Reichmann, em 2008; José da Silva Simões, em 2008; Juliana P. Perez, em 2009; Tercio Redondo, em 2010; Pedro Tavares, em 2011, e Dörthe Uphoff, em 2012.

ÁREA DE ALEMÃO. *Apresentação da habilitação em Língua Alemã*. São Paulo, DLM/FFLCH/USP, s/d. Disponível em: <<http://www.dlm.fflch.usp/alemao/graduacao>> (01/07/2015).

ARON, Irene/ HEISE, Eloá. Auslandsgermanistik am Beispiel der Universität São Paulo. In: *Projekt 14*, 1994, pp.10-14.

BARTMANN, Christoph. Zum Thema Auslandsgermanistik. In: *Jahrbuch der Schillergesellschaft* 54. Göttingen: Wallstein, 2010, pp. 517-520.

ESPAÑE, Michel. Bermerkungen zum Begriff der ‚Auslandsgermanistik‘. In: *Jahrbuch der Schillergesellschaft* 53. Göttingen: Wallstein, 2009, pp. 346-347.

GÖRNER, Rüdiger. Auslandsgermanistik. In: *Jahrbuch der Schillergesellschaft* 53. Göttingen: Wallstein, 2009, pp. 348-351.

LEPPER, Marcel. Welche Auslandsgermanistik? Einladung zur zweiten Diskussionsrunde. In: *Jahrbuch der Schillergesellschaft* 53. Göttingen: Wallstein, 2009, p. 345.

NOMURA, Masa. O ensino de língua e literaturas estrangeiras. In: *II Encontro de Professores de Línguas Estrangeiras*. Assis, 1991, pp. 14-19.

Projeto Pedagógico do Curso de Letras. São Paulo, FFLCH/USP, 2013. Disponível em: <<http://www.dlm.fflch.usp.br/node/859>> (01/07/2015).

UPHOFF, Dörthe/ LOBATO, ELAINE RODRIGUES REIS/ SAFRA, Marcos Fernandes. A História do Ensino de Alemão no Curso de Letras da Universidade de São Paulo. In: *Revista HELB (História do Ensino de Línguas no Brasil)*, n. 8 (1/2014). Disponível em: <http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=232:a-historia-do-ensino-de-alemao-no-curso-de-letras-da-universidade-de-sao-paulo&catid=1118:ano-8-no-8-12014&Itemid=19> (24/06/2015).

WEISSBERG, Liliane. Das Eigene und das Fremde. In: *Jahrbuch der Schillergesellschaft* 53. Göttingen: Wallstein, 2009, pp. 367-376

WIERLACHER, Alois. *Architektur Interkultureller Germanistik*. München: Iudicium, 2001.

Anexo

Estrutura do bacharelado de Alemão desde 2009 (disciplinas obrigatórias e eletivas)

1 e 2º semestres		
CICLO BÁSICO		
3º semestre		
Língua Alemã I	FLM0300	obrigatória
4º semestre		
Língua Alemã II	FLM0301	obrigatória
5º semestre		
Língua Alemã III	FLM0302	obrigatória
Produção e Recepção de Textos em Alemão I	FLM0248	eletiva
6º semestre		
Língua Alemã IV	FLM0303	obrigatória
Produção e Recepção de Textos em Alemão II	FLM0249	eletiva
7º semestre		
Língua Alemã V	FLM0310	obrigatória
Introdução à Prática de Tradução do Alemão	FLM0305	obrigatória
Linguística Contrastiva (Português – Alemão)	FLM0637	eletiva

8º semestre		
Literatura Alemã: Conto e Lírica	FLM0204	obrigatória
História da Literatura Alemã	FLM0304	obrigatória
Tradução Comentada do Alemão I	FLM0290	eletiva
Tradução: Teoria e Prática	FLM0639	eletiva
Tópicos de Linguística Alemã	FLM0311	eletiva

9º semestre		
Introdução à Linguística Alemã I	FLM0410	obrigatória
Literatura Alemã: Romantismo e Classicismo	FLM0312	obrigatória
Tradução Comentada do Alemão II	FLM0291	eletiva

10º semestre		
Introdução à Linguística Alemã II	FLM0411	obrigatória
Literatura Alemã: República de Weimar/ Literatura Contemporânea	FLM0313	obrigatória
Literatura Alemã: Novela e Teatro	FLM0205	eletiva

A trajetória do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã

Eliana Fischer¹

No presente artigo será apresentado um histórico do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã, com a introdução gradual de novos focos de pesquisa. Inicia-se com a formação do corpo docente, em seguida são elencadas as linhas de pesquisa atuais e seus projetos com respectivos responsáveis e, ao final, vêm os alunos e egressos. Para compilar os dados apresentados abaixo foram utilizados relatórios anuais do Programa feitos para a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), bem como foram consultados o Sistema Janus da Pós-Graduação da FFLCH-USP e a Plataforma Lattes do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa).

¹ Professora de Língua e Linguística Alemã do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 1982. E-mail: elianafischer@usp.br

1 O corpo docente

O Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo, como se conhece hoje, é único no Brasil em sua especialidade desde 1971 oferecendo os cursos de mestrado acadêmico e doutorado. Mas mesmo antes da formação atual, foram defendidas teses, todas com temas de literatura alemã. A primeira foi a de Sylvia BARBOSA FERRAZ em 1950 sobre a lenda de Tristão e Isolda, logo seguida pela tese de Erwin Theodor ROSENTHAL sobre Walther von der Vogelweide, ambos orientados pelo primeiro professor de alemão, Pedro de ALMEIDA MOURA. Durante os 30 anos seguintes, até 1983, Erwin Rosenthal foi o principal orientador de teses e dissertações sobre questões de literatura em língua alemã.² Toda uma geração de docentes da Área de Alemão fez mestrado e doutorado e pode começar a oferecer disciplinas de pós-graduação e orientar pesquisas.

Em 1972 foi defendido o primeiro doutorado em língua alemã, Ruth MAYER escreveu sobre as vogais do português e do alemão. No ano seguinte, Sidney CAMARGO escreveu sobre as consoantes do português e do alemão. Com essas teses fincou-se um marco para os futuros trabalhos de pesquisa em língua/linguística alemã que, em grande parte, tiveram uma abordagem contrastiva e foram orientados pelos dois docentes. Em 1989, Masa NOMURA veio da UNESP para a USP reforçar a orientação na área de língua/linguística. 1997 foi um ano importante, em que mais quatro docentes da Área defenderam seus doutorados sobre temas de linguística. A partir daí havia um número bem mais equilibrado entre professores de língua/linguística e de literatura. Havia

² Sylvia B. Ferraz fez livre-docência em 1959, sobre o tema “Hermann Hesse e o verão” e orientou pesquisas de mestrado que foram defendidas em 1970, 1978 (duas) e 1982; três portanto já pelo Programa de Língua e Literatura Alemã.

também uma oferta mais diferenciada de disciplinas em nível de pós-graduação e os estudantes tinham mais opções para escolher orientadores. De nove orientadores em 1996, passou-se a treze.

A Área de Alemão sempre contou com vários professores que fazem traduções literárias, alguns com traduções premiadas. Assim, foi natural que em 1981 se criasse o Curso de Especialização em Tradução. Inicialmente alocado como curso extracurricular, funcionou nesses moldes até 1992, quando passou a ser oferecido como curso de pós-graduação *lato sensu*; assim funcionou até 2004, quando um decreto da Reitoria acabou com os cursos *lato sensu* na USP.³ Com a defesa de doutorado de João Azenha Jr. em 1994, abriu-se uma nova frente de pesquisas envolvendo questões teóricas e culturais ligadas à tradução. Ele orientou inúmeros trabalhos nessa linha.

Atualmente o corpo docente é composto por 16 orientadores, sendo que alguns professores já estão aposentados, mas continuam a atuar na pós-graduação. É o caso de Willi BOLLE, Celeste H. M. RIBEIRO DE SOUSA, Cláudia DORNBUSCH e Selma MEIRELES. A fim de ampliar os temas oferecidos pelo programa, Paulo Sampaio Xavier de OLIVEIRA (Centro de Línguas/ UNICAMP), que não estava vinculado a nenhum Programa de Pós-Graduação, foi credenciado pelo Programa em 2014; futuramente, outros professores também poderão ser integrados como colaboradores.

Ao longo da sua história, o Programa contabiliza quatro professores titulares (Erwin Theodor Rosenthal, Marion Fleischer, Willi Bolle e João Azenha Jr.) e sete livre-docentes (Sylvia Barbora Ferraz, Ruth Röhl, Christl Martha Brink-Friederici, Hardarik Blühdorn, Helmut Galle, Cláudia Dornbusch e Selma Meireles).

³ A este respeito, cf. o artigo de João Azenha Jr. sobre a Especialização em Tradução neste livro.

2 As linhas de pesquisa atuais

Como um todo, o Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã se propõe a fomentar e desenvolver os estudos linguísticos, literários, culturais e tradutológicos referentes à língua alemã e aos países que dela fazem uso, tendo como sua maior especificidade uma visão intercultural: por um lado, ser um portal para o mundo das ciências humanas, literatura, arte e cultura de língua alemã, por outro, contribuir com o olhar brasileiro e latino-americano para a Germanística praticada nos países europeus de língua alemã e demais centros de estudos. Essa visão particular e a busca da integração entre as áreas de concentração do programa e entre estas e as demais ciências humanas e expressões artísticas, compreendidas como campos propícios aos diálogos entre as culturas, transforma-se no grande diferencial que o programa tem a oferecer à comunidade científica.

Atualmente é possível elaborar uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado em uma das quatro linhas de pesquisa:

- 1) O alemão como língua estrangeira: ensino e aprendizagem;
- 2) O estudo da língua alemã em contexto brasileiro;
- 3) Germanística interdisciplinar;
- 4) Tradução como transferência cultural: metodologias de pesquisa, construção de aportes teóricos e análise da recepção no Brasil.

A seguir, serão elencados os projetos ligados a cada linha e seus docentes responsáveis.

2.1 O alemão como língua estrangeira: ensino e aprendizagem

A linha de pesquisa *O alemão como língua estrangeira: ensino e aprendizagem* apresenta três projetos:

a) O primeiro, denominado “Materiais didáticos e planejamento de curso”, dedica-se a fazer uma análise de propostas curriculares para o ensino de alemão como língua estrangeira com foco especial para as necessidades dos alunos e professores no Brasil. Além disso, faz um estudo das condições de produção, circulação e recepção de materiais didáticos de alemão no contexto brasileiro. Os docentes responsáveis são Dörthe Uphoff e Paulo S. X. de Oliveira.

b) O segundo, “Processos de aquisição de línguas estrangeiras e seus desdobramentos para o ensino de alemão como língua estrangeira”, ocupa-se dos processos cognitivos envolvidos na aquisição e aprendizagem de alemão como língua estrangeira, com especial destaque para aprendizes brasileiros de alemão. Responsáveis são os professores José da Silva Simões e Dörthe Uphoff.

c) As pesquisas do terceiro, “O ensino do alemão para fins específicos”, analisam, elaboram e aplicam métodos e materiais para o ensino do alemão para fins específicos, isto é, a leitura de textos especializados e de alemão acadêmico. As responsáveis são as professoras Eva Glenk e Dörthe Uphoff.

2.2 O estudo da língua alemã em contexto brasileiro

A linha de pesquisa *O estudo da língua alemã em contexto brasileiro* tem quatro projetos.

a) O projeto “Estruturas fonológicas do alemão” faz um estudo das estruturas fonológicas segmentais e suprasegmentais da língua alemã e é coordenado por Selma Martins Meireles.

b) Os pesquisadores do segundo projeto, “Lexicografia: frases verbais” fazem estudos preparatórios para a elaboração de um dicionário bilinguístico alemão-português e português-alemão de construções com verbo suporte, colocações e expressões idiomáticas. Maria Helena V. Battaglia e Eva Glenk são responsáveis por este projeto.

c) O terceiro, “A classe de palavras invariáveis no alemão”, estuda as palavras invariáveis como advérbios, partículas, preposições, conjunções e marcadores discursivos. Responsáveis são os professores Eliana Fischer, Maria Helena V. Battaglia e José da Silva Simões.

d) O projeto “Construções: abordagens teóricas” faz o levantamento e o estudo de construções lexicais, morfossintáticas e textuais do alemão, vistas e analisadas sob a perspectiva de vertentes da linguística cognitiva, em especial da gramática de construções e dos princípios da gramaticalização. Responsáveis são Eva Glenk, Maria Helena V. Battaglia e Eliana Fischer.

2.3 Germanística interdisciplinar

A linha de pesquisa *Germanística interdisciplinar* possui seis projetos.

a) O primeiro, “Aspectos da ficcionalidade na literatura alemã”, pesquisa as configurações ficcionais e factuais na literatura alemã e a relação entre ambos os elementos, com ênfase na narrativa (romance, escrita autobiográfica), mas também em outros gêneros. Aspectos relevantes são a relação autor-narrador-leitor, a estrutura formal (estrutura narrativa/ gestos de fala) e a função cognitiva dos textos. Helmut Galle, Celeste H. M. Ribeiro de Sousa e Juliana P. Perez são responsáveis pelo projeto.

b) O projeto “Literatura e mídia” analisa as construções narrativas em diferentes mídias e manifestações correlatas tais como cinema, pintura, dança, fotografia, entre outras, observando seu diálogo com a literatura. Contempla-se também, nesse sentido, a tradução intersemiótica. Responsável é a professora Claudia Dornbusch.

c) O terceiro projeto, “Literatura e sociedade” trata das configurações histórico-sociais nas literaturas alemã e brasileira, com ênfase na questão do realismo. Responsáveis são os professores Tercio Redondo, Willi Bolle e Helmut Galle.

d) O projeto “Literatura e conhecimento” se ocupa de textos da literatura alemã e brasileira que apresentem reflexões sobre as relações entre a literatura, a beleza e o conhecimento. Abrange ainda pesquisas teóricas com ênfase nos aspectos cognitivos da literatura. Este projeto está sob responsabilidade de Juliana P. Perez e Helmut Galle.

e) O projeto “Literatura, Subjetividade e Cultura” compreende a Literatura como forma de expressão e produção de conhecimento acerca do sujeito e sua inserção na cultura. Os limites entre a narrativa biográfica, histórica e ficcional. Relações da Literatura com áreas afins ao estudo da interseção “subjetividade e cultura”, tais como Psicanálise, Filosofia, e Ciências Humanas. Responsável é o professor Pedro Heliodoro Tavares.

f) “O trabalho com documentos em língua alemã em bibliotecas e arquivos históricos” visa a desenvolver e adaptar métodos de pesquisa e processamento de documentos históricos e obras literárias em língua alemã guardados em arquivos, entre eles os acervos da Biblioteca Brasileira e do Instituto Martius Staden em São Paulo, mas também outros arquivos literários no Brasil e no exterior. É dada especial ênfase ao estudo da imagem do Brasil em obras em língua alemã. As formas de processar os documentos

são, entre outras, catalogação, descrição, editoração, avaliação, tradução, divulgação. Este projeto é de responsabilidade de José da Silva Simões e Celeste H. M. Ribeiro de Sousa.

2.4 A tradução como transferência cultural: construção de aportes teóricos, metodologias de pesquisa e perspectivas interdisciplinares

A linha de pesquisa *A tradução como transferência cultural: construção de aportes teóricos, metodologias de pesquisa e perspectivas interdisciplinares* abriga três projetos.

a) O primeiro, “Literatura de expressão alemã em tradução brasileira e vice-versa: apresentação e estudo crítico da recepção” abarca tanto a apresentação de tradução brasileira, comentada e anotada, para obra literária de expressão alemã inédita no Brasil, quanto o estudo da recepção de obra literária de expressão alemã traduzida ao português do Brasil ou da recepção de obra literária brasileira vertida ao alemão. Em ambos os casos, os trabalhos conjugam aportes teóricos e metodológicos extraídos dos Estudos da Tradução, dos Estudos Culturais e da Teoria Literária. Responsáveis são os professores João Azenha Junior, Tinka Reichmann, Juliana P. Perez e Pedro Heliodoro Tavares.

b) No projeto “Textos de especialidade em tradução: Condicionantes Históricas, linguísticas e culturais” são realizados estudos das condicionantes de textos de especialidade, tendo em vista suas diversas interfaces com as respectivas áreas de especialidade, culturas, gêneros textuais e convenções linguísticas, e as consequências para a tradução. As bases teóricas e metodológicas são oriundas dos Estudos da Tradução, da Linguística Textual, da Linguística dos Textos de Especialidade e das áreas de especialidade envolvidas, por exemplo, a História, a Psicologia, o Direito ou a

área da Saúde. Responsáveis são os professores Tinka Reichmann, João Azenha Jr. e Pedro Heliodoro Tavares.

3 Alunos e egressos

Desde 1971 o Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã titulou 74 doutores e 146 mestres. No final de 2014, ao total, 37 alunos estavam ligados ao programa; entre eles, 25 no curso de mestrado e 12 no curso de doutorado.

A Área de Alemão muito se alegra em ver seus egressos atuando em universidades públicas e privadas, muitos na pós-graduação e formando novos pesquisadores na área da Germanística e outras áreas de Letras.

Docentes da casa que se titularam no Programa foram 13, das outras universidades estaduais paulistas contam-se: da UNESP de Araraquara: 03 (Karin Volobuef, Wilma Patrícia M. Dinardo Maas e Maria Cristina Guedes Evangelista), da UNESP Assis: 06 (Fernando A. Cazarini, Aluizia Hanisch, Fábio Chechetto, Cristina Ranke, Alceu João Gregory e Daniel Bonomo), da UNICAMP: 01 (Marcio Orlando Seligman Silva – mestrado), da FATEC/SP: 02 (Cristina Alberts Franco e Suzana C. de Albuquerque Melo – mestrado).

Nas Universidades Federais obtiveram título do Programa: na UFPR: 06 (João Udo Siemens, João Alfredo Dal Bello, Paulo Soethe, Henrique Evaldo Janzen, Maurício Mendonça Cardoso, Klaus Eggensperger – pós-doc), na UFRJ: 02 (Luiz Barros Montez e Valburga Huber), na UFF: Susana Kampf (pós-doc), na UFBA: 02 (Jael Glauce da Fonseca e Marlene Holzhausen), na UFMG: 02 (Veronika D. B. Benn-Ibler, Elcio Loureiro Cornelsen), na UFPB: 01 (Clélia Barqueta), na UFPA: 01 (Gunter Pressler), na UFSE: 01

(Celso Donizete Cruz), na UFSC: 01 (Meta Elisabeth Zipser), na UFUberlândia: 02 (Eduardo Manoel de Brito, Stéfano Paschoal).

Em estaduais foram nossos alunos da UERJ: 01 (Magali Moura), da Universidade Estadual de Maringá: 01 (Alexandre Villibor Flory), Universidade Estadual da Bahia em Vitória da Conquista: 01 (Cristiano Augusto da Silva – mestrado).

Em universidades privadas estão egressos do Programa: na Universidade do Sagrado Coração (Bauru): Antonio Walter Ribeiro de Barros Jr.; na UNIP (Campinas): Janice de Fátima Belther; no Centro Universitário Salesiano (São Paulo): Emerson Santana e na UNISA (São Paulo): Antonio Jackson der Souza Brandão.

Dois doutores do Programa estão atuando na Alemanha: Gerson Luis Pomari na Universidade de Freiburg e Kathrin Schweiger na Universidade de Hildesheim.

Vários mestres hoje atuam nos colégios alemães (Iris Kurz Gatti, Carin Beatriz Carreira Zachariadis e Ferdinand Miranda Reis Junior, no Colégio Porto Seguro, Marcos Filho, no Colégio Humboldt, Marlene Aparecida Desidério Checchetto, no Colégio Imperatriz Leopoldina e outros no Instituto Goethe (Priscilla Maria Pessutti Nascimento, Renato Ferreira da Silva, Teresa Geselmann, Davi Jaenz Rodrigues, Susanne G. B. Umnirski-Gattaz).

O Curso de Especialização em Tradução da USP (1978-2006): histórico e desdobramentos

João Azenha Junior¹

Introdução

No dia 28 de junho de 2005, no âmbito da *II Jornada de Tradução e Terminologia*, alunos, ex-alunos, professores e funcionários ligados à organização do Curso de Especialização em Tradução (doravante CETRAD) reuniram-se na Casa de Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo para fazer um balanço dos 27 anos de atividades desse curso.

Não se tratou, porém, da evocação saudosista de um passado, motivada pelo encerramento das inscrições para novas turmas do CETRAD face à decisão da Reitoria da Universidade de São

¹ Professor Titular de Estudos de Tradução no Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 1990. Email: azenha@usp.br

Paulo, tomada em dezembro de 2004, de extinguir os Cursos de Pós-Graduação *lato sensu*. Imbuídos da experiência de sua passagem pelo curso, os participantes do evento reuniram-se para pensar em saídas e sugestões para uma crise que, naquele momento, parecia ser momentânea. Não era.

Em face do encerramento definitivo das atividades do CETRAD, cuja última turma de alemão se formou em dezembro de 2006, este artigo visa a retrazar sucintamente sua trajetória, na USP e também na Área de Alemão, não apenas no sentido de registrar um percurso de sucessos, do qual fazem parte premiações importantes com que foram agraciados docentes e alunos, mas também no sentido de refletir brevemente sobre a interação (e suas consequências) entre professores e pesquisadores de tradução, de um lado, e profissionais do mundo do trabalho de tradução, de outro. Dessa interação resultou parte da renovação da pós-graduação na Área de Alemão com a institucionalização de uma linha de pesquisa específica de tradução, assim como se estabeleceu um círculo virtuoso entre docência, pesquisa e extensão, cujos resultados se fazem presentes em nosso cotidiano de trabalho até hoje.

1 De volta ao começo

Em fins da década de 1960 começam a surgir no Brasil os primeiros cursos superiores de formação de tradutores. Acompanhando essa linha evolutiva, em 1978 dava-se início no Departamento de Letras Modernas (DLM) da FFLCH/USP, ao que se denominou, na época, a “modalidade” de tradução, como parte integrante da carreira em Letras. Essencialmente, os alunos de qualquer uma das cinco habilitações em Letras Modernas que preenchessem duas condições básicas – (1) tivessem concluído com êxito os primeiros quatro semestres do curso e (2) tivessem uma

média mínima suficiente – poderiam decidir por abandonar a habilitação “padrão”, optando pela modalidade *tradução*, ou mesmo levar adiante as duas opções. Para possibilitar a dupla formação, as aulas da modalidade tradução (num total de 1280 horas-aula) foram alocadas no período vespertino e, a fim de prover as necessidades do curso, foram liberados, à época, dez claros docentes para o DLM. Desse formato do CETRAD há poucos registros. Não sabemos, por exemplo, se algum aluno de alemão chegou a concluir o curso como modalidade da graduação.

Por motivos que nunca ficaram suficientemente esclarecidos, em 1979 o Conselho Departamental do DLM decidiu transformar a modalidade tradução, concebida como uma habilitação alternativa da graduação, em Curso de Especialização. A partir de 1980, o CETRAD passou a existir como atividade ligada à Secretaria de Cultura e Extensão com uma carga horária de 1240 horas-aula, reduzidas mais tarde para 720 e ministradas ao longo de quatro semestres. Para a opção da formação em alemão, a carga horária era dividida entre 10 disciplinas – Língua Alemã I, II, III e IV, Tradução Comentada do Alemão I, II, III e IV e Cultura e Civilização Alemã I e II – além de um estágio supervisionado de cerca de 100 horas por semestre, que era realizado pelos alunos junto a outras unidades da USP sob a supervisão de dois docentes, um da Área de Alemão e outro da unidade na qual o estágio era realizado.

O período de doze anos, de 1980² até 1992, em que o Curso funcionou sob o comando da Seção de Cursos Extracurriculares

² Nos anos de 1981 e 1982, durante os quais o autor desse artigo frequentou o Curso como aluno, eram os seguintes os docentes da Área de Alemão que atuavam na especialização em tradução: Christl M. K. Brink, Claudio Ferreira Laureti, Luiz Silveira de Assis, Marion Fleischer, Mariza Santos Miranda, Ruth C. de O. Röhl e Ruth Mayer.

e, mais especificamente, sob a Coordenação da CET (Comissão de Estudos da Tradução), formada por um representante de cada subárea didática do DLM, pode ser considerado o período em que se delineou o perfil dos Estudos de Tradução na USP face ao cenário nacional e internacional dessa vertente de Pesquisa, àquela altura ainda dando os seus primeiros passos: a diversidade de abordagens marcada pelas interfaces com diferentes áreas do saber³ e, em especial, a formação de tradutores. Um passo importante nesse sentido foi a expansão do público-alvo do curso, ocorrida por volta de 1985, de um alunado formado eminentemente por estudantes de Letras para profissionais e interessados de qualquer área do saber com bons conhecimentos da língua estrangeira com a qual desejavam trabalhar. Também foi a partir desse momento, e até meados dos anos de 1990, que boa parte dos docentes envolvidos com o CETRAD participou de cursos de aperfeiçoamento, no Brasil e no exterior, e defendeu suas dissertações de mestrado e teses de doutorado, passando, assim, a atuar na formação em pós-graduação.

O CETRAD funcionou nesse formato até 1992, quando um grupo de professores formado por representantes de todas as Áreas do Departamento de Letras Modernas, valendo-se de uma legislação em vigor na Universidade e convictos de que o curso – e, portanto, a tradução – deveria figurar no currículo da Universidade, decidiu transformá-lo em Curso de Especialização de Longa Duração (720 horas-aula), ou seja, num Curso de Pós-Graduação *lato sensu*. Nessa configuração, o CETRAD funcionou gratuitamente até dezembro de 2004, quando foi extinto, e adentrou os

³ No caso do alemão, essa interface já estava tradicionalmente constituída para o campo da literatura e começava a se fortalecer para a interface entre tradução, linguística e ensino de alemão como língua estrangeira.

anos de 2005 e 2006 apenas para que os alunos selecionados em 2004 pudessem concluí-lo.

Como pós-graduação *lato sensu*, o CETRAD era oferecido pelo DLM em colaboração com o Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia (CITRAT) e oferecia formação em tradução inicialmente para línguas alemã, espanhola, francesa, inglesa e italiana, com 15 vagas por opção e ingresso semestral⁴. Estruturava-se em dez disciplinas obrigatórias: duas disciplinas gerais (Tópicos de Teoria da Tradução e Terminologia Comparada) e oito disciplinas específicas por opção (Análise Contrastiva I e II, Produção de Texto, Prática de Tradução I, II, III e IV e Tópicos de Prática de Tradução). Nessa configuração, o Curso deixou de oferecer aos estudantes a opção do estágio de tradução supervisionado, mas o fato de as disciplinas Tópicos de Teoria da Tradução, Terminologia Comparada e Tópicos de Prática de Tradução apresentarem estrutura análoga às disciplinas de pós possibilitou aos egressos dos dois primeiros anos do CETRAD nesse formato (1992 e 1993) a possibilidade de, ao ingressarem em um dos programas de pós-graduação existentes à época no DLM, integralizarem como disciplinas cursadas os créditos obtidos nessas disciplinas. Tal prerrogativa foi usufruída, salvo engano, por, duas alunas da formação em italiano, mas foi descontinuada em 1994.

2 O CETRAD na Área de Alemão

Os registros do Livro de Ponto dos professores do Curso de Especialização em Tradução (alemão) dão conta de que, de seu

⁴ As opções para a formação em espanhol e italiano foram descontinuadas pouco tempo depois de o CETRAD ter se transformado em pós *lato sensu*.

início até meados dos anos de 1980, o CETRAD funcionava basicamente como uma transição entre a graduação e a pós-graduação. Tal suposição leva em conta o fato de que a grande maioria dos graduados, tendo ingressado na graduação com pouco ou nenhum conhecimento de alemão, não tinha condições de ler e resenhar uma extensa lista de livros obrigatórios para o exame de admissão à pós-graduação. Daí a ênfase que era dada, no CETRAD, ao aprofundamento dos conhecimentos da língua alemã:

O cotidiano do trabalho nesse domínio [do ensino de língua alemã] revelava a prática de exercícios voltados ao aperfeiçoamento de estruturas superficialmente tratadas na graduação, ao estudo de tópicos gramaticais “avançados”, não considerados “básicos” para entrarem no currículo da graduação, e ao desenvolvimento de aspectos redacionais, sem vinculação, contudo, com tipologias textuais específicas. Fica claro, portanto, que a unidade de trabalho, sob esse ângulo, era a frase, às vezes até a palavra, estudada sob seus aspectos morfológicos. [...] Como decorrência disso, os conhecimentos adquiridos a partir dessa abordagem podiam estar em consonância com os objetivos do curso e certamente melhoravam o desempenho dos estudantes na língua estrangeira, mas em pouco os ajudava quando eles se viam às voltas com inadequações de tradução decorrentes de um tratamento linguístico que recortava as estruturas de seus contextos e não oferecia aos estudantes um instrumental de domínio crítico da linguagem. (AZENHA 1996: 77)

A proposta inicial do CETRAD, então, caminhava no sentido de enxergar a tradução como instrumento para um aprendizado mais avançado de alemão. Contudo, já a partir de meados de 1980, demandas internas e externas pela autonomia da tradução enquanto campo disciplinar forçaram modificações. As

primeiras modificações vieram de fora: o CETRAD para a opção “alemão” passou a ser oferecido no período noturno (ao contrário da formação em inglês e francês, que continuaram no vespertino), as inscrições foram abertas a graduados de todas as áreas (e não apenas de Letras) com bons conhecimentos de alemão e a formação continuada dos professores envolvidos, concretizada na participação em congressos e cursos de aperfeiçoamento organizados pelo Instituto Goethe de São Paulo, em parceria com o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), modificou radicalmente a estrutura interna do Curso.

Essas modificações forçaram uma reordenação dos objetivos do curso rumo à especificidade da atividade de tradução e alteraram, conseqüentemente, o tratamento reservado ao ensino de língua alemã no interior do CETRAD:

Paulatinamente, o estudo da língua estrangeira dentro do curso de tradução passou a refletir a preocupação do curso em repensar seus objetivos, a fim de não ficar à margem dos acontecimentos. Tais objetivos foram, então, assim resumidos: – competências a desenvolver e/ou a aperfeiçoar: competências de recepção (leitura e análise) e de produção de textos, de um lado, e competência de pesquisa ao longo de todo o processo; – tarefas a cumprir: os trabalhos passaram a ser orientados para um objetivo específico, previamente estabelecido; e – comportamentos a dominar: discussão sobre a importância de variáveis extratextuais, ilustrada pela troca de experiências profissionais vividas pelos participantes (AZENHA, 1996: 78).

Essa mudança de perspectiva, incentivada pelo contato com áreas afins como a Pragmática e os Estudos Funcionais da Tradução, acabou por definir os contornos da pesquisa em tradução na Área de Alemão, num processo que se desenvolveu “de baixo

para cima”: da experiência de sala de aula até a constituição da linha de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã, passando pelo alinhamento de projetos surgidos no interior do CETRAD.

Ainda no interior de um processo de integração entre teoria e prática, cumpre mencionar o caráter de produção de conhecimento que marcou o CETRAD e a visibilidade que essa interação deu aos trabalhos realizados na Universidade junto ao grande público. Exemplo dessa visibilidade são artigos científicos publicados por docentes e alunos do CETRAD nos periódicos de tradução que circulavam no Brasil na década de 1990, assim como prêmios de tradução obtidos por docentes e alunos da tradução/alemão ao longo de seus 28 anos de existência: Prêmios APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Monteiro Lobato (da FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil), além de traduções realizadas por docentes do curso em parceria com seus alunos e que foram publicadas por editoras comerciais da cidade de São Paulo. Por exemplo, a tradução do livro *Etnopoesia. Antropologia poética das religiões afro-americanas*, de Hubert Fichte, que foi supervisionada pela colega Ruth Röhl (1941-2005) e publicada pela Editora Brasiliense.

3 Alguns desdobramentos

Mesmo não havendo uma formação específica em tradução no nível da graduação, a existência do CETRAD ao longo de quase três décadas garantiu aos graduandos de alemão e das outras línguas do DLM um contato sistemático com os Estudos da Tradução.

Tal contato se concretizou não apenas através da oferta esporádica de disciplinas optativas na graduação, mas também

através de eventos como seminários, simpósios e palestras de professores convidados, organizados pelo CETRAD em parceria com o Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia e com a ABRAPT (Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução), durante a época em que sua Diretoria esteve sediada na USP. Esses eventos, oferecidos ao alunado da graduação e a interessados de fora da Universidade, iam desde cursos específicos – por exemplo, oficinas de tradução literária, tradução de lírica, legendagem de filmes, entre outras – até eventos de grande porte como o IV Encontro Nacional de Tradutores, realizado na USP entre 1 e 6 de abril de 1990. O evento reuniu mais de mil participantes, deu grande visibilidade aos estudos e ao ensino de tradução entre nós e contou, em sua Comissão Organizadora, com a participação das colegas Ruth Mayer (Vice-Presidente da Comissão) e Ruth Röhl, que atuavam como docentes do CETRAD/Alemão desde a sua fundação no início dos anos de 1980. Este evento e as demais iniciativas citadas anteriormente garantiram um interesse crescente pela tradução na Área de Alemão e no curso de Letras da FFLCH em geral. Em 2001, uma pesquisa realizada pelo jornal *A Folha de São Paulo* mostrou que cerca de 43% dos estudantes inscritos para o vestibular em Letras da USP apontavam a tradução como o centro principal de seu interesse.

Com o término do CETRAD em 2004, após a última turma de alemão ter se formando em 2006, e estando a pós-graduação em tradução já consolidada na Área de Alemão, os esforços para a ampliação do espaço institucional da tradução voltaram-se preponderantemente para a graduação. O interesse cada vez mais expressivo pela tradução nesse nível de formação motivou a inserção de um conjunto de disciplinas (uma obrigatória e quatro optativas eletivas) no currículo da graduação: em 2008, dois anos depois de a última turma do CETRAD ter se formado, passou a

ser oferecida aos alunos de graduação interessados em tradução a possibilidade concreta de direcionarem seus currículos para essa subárea de pesquisa.

Para esse passo importante rumo à consolidação da tradução na Área de Alemão toda a experiência acumulada ao longo dos 28 anos de existência do CETRAD foi revista e atualizada e continuou a existir parcialmente, podemos dizer, num outro formato e direcionada para outro público. Com isso, não apenas se procurou fazer jus ao trabalho de vários colegas da Área de Alemão durante quase três décadas, como também se restabeleceu um novo círculo virtuoso: a resposta a uma demanda da graduação pela vertente da tradução passou a gerar outra demanda, dessa vez na pós-graduação, para a qual se voltam estudantes dispostos a desenvolver, em nível de mestrado, anteprojetos iniciados durante sua passagem pelas disciplinas de tradução na graduação.

Mas com o término do CETRAD restou também uma lacuna: ficou ao desabrigo da instituição um público de profissionais de tradução interessados em frequentar a Universidade, não com o objetivo de obter um grau acadêmico, mas sim de rever sua prática profissional e de colocar à disposição da instituição o fruto de sua experiência como tradutores e intérpretes. Para esse público, disposto a repensar sua forma de ver a produção de sentido em linguagem, sua concepção de tradução, suas estratégias de trabalho e, conseqüentemente, aprofundar seus argumentos em defesa das condições de trabalho de tradutores e intérpretes, infelizmente não dispomos mais de um espaço institucionalizado, desde que o CETRAD foi extinto em 2004.

Referências Bibliográficas

AZENHA JR., João. Um curso de tradução, dois momentos, algumas reflexões. In: COSTA, Luis Angélico da (Org.). *Limites da Traduzibilidade*. Salvador: EDUFBa, 1996, pp. 75-82.

AZENHA JR., João e HEISE, Eloá Di Pierro. Ruth Cerqueira de Oliveira Röhl. 1941-2005. In memoriam. In: *Pandaemonium Germanicum*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, n. 10, 2006, pp. 21-24.

A extensão: partilha de conhecimento

Maria Helena V. Battaglia
Eva M. F. Glenk¹

Introdução

Quando pensamos nas atividades-fim da universidade, duas vêm imediatamente à mente: o ensino e a pesquisa. A terceira é frequentemente esquecida. É ela, no entanto, que abre o espaço universitário para a sociedade e cria a oportunidade de partilhar com a comunidade dentro e fora da universidade um pouco dos frutos de nossa pesquisa e de nosso ensino: é a «extensão».

Atividades de Cultura e Extensão, no caso de nossa área, não são, naturalmente, atividades musicais, nem de promoção das artes em museus, ou o oferecimento de atividades esportivas.

Partilhamos nossos conhecimentos e nossas competências linguísticas, culturais, e didáticas. Fazemos isso das mais diversas

¹ Professoras de Língua e Linguística Alemã no Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 1983 e 1989, respectivamente.
Email: mhvbattaglia@usp.br e spoelten@usp.br

formas – não apenas, como espera o senso comum, através de ‘aulas de alemão’. A seguir, apresentamos uma seleção panorâmica dessas atividades realizadas pela Área de Alemão e o seu impacto. Os dados foram extraídos de relatórios para o Centro de Línguas e para o Serviço de Cultura e Extensão Universitária da FFLCH-USP

1 Alemão no Campus

Ao longo da década de oitenta, uma comissão constituída por professores da FFLCH e da Faculdade de Educação elaborou o projeto para a criação do Centro de Línguas (CL). A previsão era oferecer cursos gratuitos de todas as línguas presentes na graduação em Letras para a comunidade da USP, além do português como língua estrangeira para estudantes de intercâmbio oriundos de outros países.

Ao tomar conhecimento do projeto, a Pró-Reitoria liberou verbas apenas para os cursos de português como língua estrangeira e de inglês, excluindo assim todas as demais línguas previstas no projeto.

Para suprir essa lacuna, a Área de Alemão decidiu, em 1997, oferecer cursos extracurriculares de língua, denominados *Alemão no Campus*, a exemplo dos cursos *English on Campus* e *Espanhol en el Campus* já existentes. Entre 1998 a 2001, os cursos estiveram sob a coordenação da Eva Glenk e Maria Helena Battaglia. A partir de 2002, Maria Helena assume a coordenação até 2012 e novamente em 2014, após um mandato de José da Silva Simões e Dörthe Uphoff.

Desde sua criação, os cursos de extensão passaram por várias transformações até sua regulamentação definitiva na FFLCH e na Pró-Reitoria de Cultura e Extensão. Se, no início, eram contratados

professores formados para ministrar os cursos como autônomos, após a regulamentação, apenas estudantes de Licenciatura e Pós-Graduação podiam ministrar os cursos como monitores-bolsistas. Os coordenadores dos cursos de extensão assumem a responsabilidade da formação continuada dos monitores, proporcionando-lhes o espaço para a reflexão sobre sua experiência didática, fundamental para sua formação profissional. Quanto a isso, o *Alemão no Campus* cumpriu plenamente seus objetivos, se considerarmos a colocação de ex-monitores no mercado de trabalho.

Entre as atividades de formação dos monitores-bolsistas está o emprego de diversos materiais didáticos em sala de aula para desenvolver um olhar crítico em relação aos livros didáticos e a participação de reuniões mensais com o coordenador para discutir textos teóricos de metodologia. Ao mesmo tempo, os monitores eram incentivados a participar de seminários oferecidos pela Associação Paulista de Professores de Alemão (APPA) e pelo Instituto Goethe relacionados à formação do professor.

Os cursos funcionaram também como laboratório para os pós-graduandos aplicarem materiais e coletarem dados para suas pesquisas em sala de aula, além de possibilitar o estágio de observação para alunos de Prática de Ensino do Alemão.

Para aprendizes de língua, o *Alemão no campus* representou a oportunidade de aprender a língua a um preço acessível, atendendo a comunidade em geral, professores das redes pública e privada, e a terceira idade. Para alunos da habilitação em Alemão, era possível frequentar o curso como reforço para as aulas da graduação. Para alunos do ciclo básico de Letras, os cursos permitiam travar o primeiro contato com a língua alemã, antes de optar pelo Alemão na graduação, e, para pós-graduandos, que pretendiam estudar na Alemanha, a possibilidade de adquirir os primeiros conhecimentos do idioma. Apesar de serem cobrados, havia descontos, bolsas

parciais ou integrais, além de sete vagas gratuitas estabelecidas pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão para a terceira idade, docentes, funcionários e alunos da USP.

Como os cursos deviam se autofinanciar, era necessário cobrar uma taxa para cobrir as despesas decorrentes das atividades. Da renda bruta gerada por esses cursos, 20% ficavam para a FFLCH e 5% eram destinados à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão. Dos 75% restantes eram descontadas as despesas dos cursos de extensão e o excedente ficava para o DLM e para a Área. Na Área, a verba era usada para o custeio da participação de docentes em congressos nacionais e internacionais, constituindo, assim, uma importante fonte de fomento das atividades acadêmico-científicas da Área.

O *Alemão no Campus* contava com uma média de 180-200 alunos por semestre, um número modesto em comparação com outras línguas, porém expressivo, considerando a disputa por espaço físico e por horários disponibilizados para a realização das aulas. Outro problema que se apresentou foi a dificuldade da contratação de monitores-bolsistas, monitores-pós-graduandos que deixavam automaticamente a monitoria no *Alemão no Campus*, ao optarem por uma bolsa de pesquisa do CNPq, CAPES ou FAPESP.

Em 2003, a Área de Alemão foi consultada pelo DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) sobre a possibilidade de oferecer cursos de língua alemã para estudantes da Escola Politécnica e Faculdade de Direito que participariam do programa de intercâmbio com universidades alemãs. Como coordenadora do *Alemão no Campus*, Maria Helena Battaglia aceitou a solicitação, pensando na oportunidade para os monitores-bolsistas. No ano de 2004, os cursos foram implantados com a duração de dois semestres e foram oferecidos até 2009, na Escola Politécnica, e 2011, na Faculdade de Direito. Como contrapartida para a realização desses cursos, foi solicitada ao DAAD a possibilidade da Área de

Alemão contar com assistentes para investir mais na competência linguística e formação didática dos monitores. Desde então a Área contou com 2 assistentes por ano que, além das atividades junto aos monitores, também ministravam os cursos da Escola Politécnica e da Faculdade de Direito e contribuía para a Área de Alemão, oferecendo disciplinas na Graduação. Atualmente contamos com um(a) assistente que atua principalmente na graduação.

Até o ano de 2013, os cursos nunca haviam sido afetados pelas greves realizadas na USP, especificamente na FFLCH. No entanto, em 2013, a falta de acesso ao Prédio de Letras levou ao cancelamento dos mesmos e ao ressarcimento dos alunos. Em 2014, os cursos foram novamente afetados e foi decidido então, a contragosto, encerrar as atividades do *Alemão no campus*.

O *Alemão no campus* foi, durante muito tempo, a atividade de extensão mais importante da Área de Alemão, por atender a comunidade dentro e fora da universidade, oferecendo formação continuada aos estudantes de licenciatura e de pós-graduação; reforço para alunos de Graduação com habilitação em alemão, e, para muitos, um primeiro contato com a língua alemã. A renda gerada pelos cursos do *Alemão no campus* contribuiu para as atividades acadêmico-científicas da Área.

2 O Centro Interdepartamental de Línguas

O Centro Interdepartamental de Línguas da FFLCH-USP, fundado em 1991 e, atualmente, constituído por dez áreas linguísticas (Alemão, Árabe, Espanhol, Francês, Grego, Latim, Inglês, Italiano, Japonês e Português), tem hoje caráter plurilíngue. Suas atividades são coordenadas por docentes dos Departamentos de Letras Clássicas e Vernáculas, Letras Modernas e Letras Orientais da FFLCH.

Sua principal função é o desenvolvimento e o aprimoramento de saberes e competências nas áreas das dez línguas e culturas representadas. As aulas são ministradas pela equipe de educadoras (Português, Espanhol, Francês, Inglês e Japonês) e monitores-bolsistas de todas as dez línguas, estudantes de Licenciatura e/ou Pós-Graduação em Letras, coordenados por docentes dos três departamentos. São estes docentes que promovem a formação pedagógica dos monitores-bolsistas, relacionada a projetos de pesquisa na área de Ensino e Aprendizagem de Línguas.

Com a intensificação do processo de internacionalização e o aumento dos acordos internacionais da USP com universidades estrangeiras, cresceu a demanda por cursos específicos voltados para a mobilidade internacional. O número de alunos inscritos ultrapassa 2 mil por ano.

A Língua Alemã infelizmente não conta com uma professora-educadora. Está representada no Centro, desde 2005, através de monitores coordenados por professores da Área de Alemão. Desde então, passaram por essa experiência ao total cinco alunos de pós-graduação e/ou de licenciatura.

Os cursos oferecidos, atualmente, são Alemão para Leitura de Textos na Área de Humanas, Nível I e II; e Alemão acadêmico: Curso preparatório para intercâmbio na Alemanha.

Alemão para Leitura de Textos na Área de Ciências Humanas nasceu de uma disciplina optativa de alemão para alunos de graduação e pós-graduação de Filosofia, oferecida a partir de 1986 a pedido do Departamento de Filosofia, sob o nome Alemão Instrumental para Filosofia. O curso, cujo objetivo é capacitar o aluno a ler textos de sua especialidade em alemão, foi idealizado, e sua primeira apostila elaborada por Herbert Bornebusch, então leitor da Área de Alemão, e pela professora Eliana Fischer, que o ministrou a partir de 1986. Devido à redução de docentes ativos

na Área de Alemão, Eliana Fischer teve que deixar de oferecer essa optativa em 1997. A partir de 2005, o curso passa a ser oferecido no Centro Interdepartamental de Línguas, sob a coordenação da professora Eliana Fischer. Em 2012, Eva Glenk assume a coordenação. Ao longo desse percurso, o curso instrumental abre suas portas para pesquisadores de diversas áreas das Ciências Humanas, ganha materiais novos e passa a se chamar Alemão para Leitura de Textos na Área de Ciências Humanas.

A criação, pelo Governo Federal, em 2011, do programa Ciências sem Fronteiras, que promove o intercâmbio e a mobilidade internacional de estudantes de graduação e pós-graduação, gera a procura por cursos de línguas que possam atender as necessidades especiais desses alunos. Em resposta a essa procura, a então leitora do DAAD, Kristina Peuschel, elabora um curso com o objetivo de proporcionar ao estudante conhecimentos básicos sobre o estudo na Alemanha e sobre a língua alemã no seu uso acadêmico. Esse curso, inicialmente, se chama Alemão com Objetivo Universitário para Alunos do Programa Ciências sem Fronteiras da USP, e é ministrado pela primeira vez em 2012 no Centro Interdepartamental de Línguas. Logo outros futuros intercambistas passam a procurar esse curso, e ele muda de nome para Alemão acadêmico: Curso preparatório para intercâmbio na Alemanha, e é adaptado à realidade e às necessidades dos estudantes brasileiros. A reformulação nasce de um trabalho intenso norteado pela experiência em sala de aula.

3 Outras atividades

Além das monitorias oferecidas por *Alemão no Campus* e pelo Centro Interdepartamental de Línguas, existem dois programas integrantes da Política de Apoio à Permanência Estudantil da

Universidade de São Paulo, que oferecem bolsas para alunos de graduação desenvolverem atividades extracurriculares em projetos submetidos por professores. São esses o Programa de Estímulo ao Ensino de Graduação (PEEG), que oferece uma experiência didática aos bolsistas no acompanhamento do professor em disciplinas da graduação, e o Programa Aprender com Cultura e Extensão (ACE). Na Área de Alemão, as disciplinas de língua têm sido contempladas semestralmente com monitores PEEG; projetos de ACE como, p.ex., a *Catálogo, descrição e edição de documentos impressos em língua alemã na Brasileira Digital*, de José da Silva Simões, envolveram, nos últimos cinco anos, 17 alunos.

Professores da Área de Alemão têm sido convidados a ministrar cursos, workshops e palestras de língua, linguística e didática da língua alemã em cursos de formação e de formação continuada de professores de alemão, que são oferecidos, entre outros, pela Associação Paulista de Professores de Alemão (APPA); pelo Instituto Goethe; pelo Instituto Pedagógico Brasil-Alemanha (IPBA); e pelo Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes para Disciplinas de Línguas Estrangeiras do Ensino Fundamental e Médio (este último, realizado em módulos na Universidade Federal do Paraná, Curitiba, contou com a contribuição de Selma Meireles, Eva Glenk e Maria Helena Battaglia, em 2004 e 2005).

Os docentes da área de língua alemã participam de bancas e da elaboração de provas de proficiência em língua alemã para concursos públicos, para o Centro Interdepartamental de Línguas, para a CCInt da Universidade de São Paulo, entre outros.

Prestam assessoria e consultorias e ainda elaboram materiais didáticos e de apoio por solicitações pontuais. Exemplo disso são o glossário multilíngue de termos relacionados à saúde, desenvolvido por solicitação da Secretaria de Saúde do Governo do Estado de

São Paulo, por ocasião da Copa Mundial de Futebol de 2014 (os verbetes em alemão foram da responsabilidade da professora Eva Glenk), e os Glossários elaborados como material de apoio para os dois primeiros volumes do livro didático *Themen*, que acabou se tornando material de referência para muitos professores e aprendizes de alemão, independente do livro didático. Os glossários foram elaborados por Maria Helena Battaglia e Henrique Silveira de Oliveira.

Desde o início da década de 1990, a Área realiza dois eventos por ano – um voltado para a Literatura, e outro, para a Língua e Linguística alemã. Originalmente, esses eventos foram denominados “Semanas de Língua e Literatura Alemã” e abertos apenas para a participação ativa de professores da Área, além de ocasionais palestrantes convidados. Objetivo desses eventos era proporcionar um espaço para que os docentes da Área pudessem despertar o interesse de alunos para a pesquisa. Depois de aproximadamente dez anos, resolveu-se ampliar o evento com a finalidade de dar a alunos de pós-graduação e de graduação, e a colegas de outras instituições a oportunidade de apresentar suas pesquisas. Desde então, as Semanas passaram a se chamar de Jornadas de Língua e de Literatura Alemã, respectivamente. A Jornada de Língua Alemã atingiu sua décima edição em 2014.

Internacionalização e mobilidade estudantil, eventos globais e políticas de abertura para o plurilinguismo, além de uma longa tradição de relações culturais, científicas e comerciais entre o Brasil e os países de língua alemã mantêm a procura e o interesse pela expertise da Área de Alemão constante, como tentamos mostrar. O exercício das atividades de extensão de ensino, avaliação e consultoria é voltado para instituições e comunidades dentro e fora da Universidade de São Paulo e tem como uma das principais finalidades a formação de nossos próprios alunos.

Pandaemonium Germanicum: 18 anos

Juliana P. Perez¹

A história da revista *Pandaemonium Germanicum* inicia-se no ano de 1997 por iniciativa de Hardarik Blühdorn², que foi imediatamente apoiado pelos demais colegas da Área de Alemão. A ideia surgiu tanto da necessidade de divulgar melhor os trabalhos da própria Área, que, naquele momento, transitavam apenas no âmbito da própria USP, nos *Cadernos de Língua e Literatura Alemã*, quanto do desejo de criar um espaço específico mais amplo para a

¹ Professora de Literatura Alemã no Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 2009. Desde então, editora responsável pela revista *Pandaemonium Germanicum*. Email: pandaemonium@usp.br

Algumas informações deste artigo constam no site atual da revista, no Portal de Revistas da USP e na Scielo (cf. Referências); outras foram recolhidas de diálogos com os primeiros editores e projetos escritos por mim para solicitação de indexações ou solicitação de financiamento para a revista. Agradeço a todos, em especial a Hardarik Blühdorn, Eloá Heise e Masa Nomura, que forneceram informações e fizeram sugestões ao artigo.

² Hardarik Blühdorn é pesquisador do *Institut für Deutsche Sprache* em Mannheim, na Alemanha, desde 2001; foi leitor do DAAD e professor visitante de Linguística na Área de Alemão na USP de 1994 a 2000.

circulação das pesquisas feitas na área dos Estudos Germanísticos no Brasil. Da valorização das pesquisas brasileiras e, ao mesmo tempo, da abertura ao diálogo com colegas latinoamericanos e alemães, surgiu um dos traços mais fortes e característicos da *Pandaemonium*: a aceitação de artigos em português, espanhol, alemão e inglês. Também se criavam assim as condições para que a *Pandaemonium* fosse um periódico internacional, o que já pode ser visto em seu segundo número.

Em seu primeiro número, continuando a tradição dos *Cadernos*, o periódico reuniu os textos das palestras proferidas no âmbito da Semana de Língua e Literatura Alemã³, realizada na FFLCH-USP. A publicação organizou-se em torno de quatro grandes áreas: literatura, língua⁴, tradução e cultura. O primeiro número do periódico contava com mais de 200 páginas, quantidade impressionante para uma revista que estava apenas começando seus trabalhos, e foi organizado por Hardarik Blühdorn, João Azenha Jr., Selma Meireles e Masa Nomura. Eloá HEISE, Hardarik BLÜHDORN, Masa NOMURA e Stefan Wilhelm BOLLE escreveram a apresentação. No ano seguinte, como anunciava a apresentação do primeiro número (Cf. HEISE et al. 1997: 7), publicaram-se os primeiros artigos de colaboradores do exterior.

Ao longo dos anos, a responsabilidade de editar a *Pandaemonium* foi dividida entre os docentes da Área de

³ Atualmente, a *Semana de Língua e Literatura Alemã*, ganhou outro formato e foi dividida em dois eventos, a *Jornada de Língua e Tradução* e a *Jornada de Literatura*, realizadas respectivamente no primeiro e no segundo semestre de cada ano. O formato e a dimensão de cada um dos eventos também tem se alterado ao longo dos anos, devido ao grande número de participantes e às necessidades do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã.

⁴ A partir do número 6, essa seção passou a se chamar “Linguística”.

Alemão⁵, e é preciso ressaltar que todos participaram, por muitos anos, da revisão e da preparação dos manuscritos a serem publicados, mesmo que não tenham redigido apresentações ou não ocupassem à época o cargo de editores. Entretanto, também é preciso destacar o papel fundamental que duas editoras tiveram para a existência e a qualidade do periódico nesses 18 anos. Masa Nomura, que foi uma das primeiras editoras da revista e se aposentou em 2010, permaneceu na editoria até 2014, acompanhando com extremo esmero e inteligência a avaliação e publicação dos artigos da área da Linguística e Tradução; Eloá Heise, aposentada desde 2009, continua a ser presença luminosa e incansável entre os atuais editores da revista. À sua experiência humana e acadêmica devemos a solução de problemas espinhosos enfrentados no cotidiano da editoria. Pelos imensos esforços que exigiu e pela qualidade que alcançou, a *Pandaemonium* tornou-se não apenas um projeto conjunto, mas um projeto querido para a Área de Alemão, no qual, de alguma forma, cada docente se reconhece e de que cada um de nós se orgulha, no melhor sentido do termo.

⁵ Nos anos seguintes, os autores das apresentações foram os seguintes: n. 2, 1998, Willi Bolle, Eva Glenk, Eliana Fischer, Hardarik Blühdorn; n. 3, 1999, Hardarik Blühdorn, Eliana Fischer, Eva Glenk, Maria Helena Battaglia; n. 4, 2000, Hardarik Blühdorn, Claudia Dornbusch; n. 5, 2001, Eva M. F. Glenk, Ulrich J. Beil, na época DAAD-Lektor; n. 6, 2002, Maria Helena Voorsluys Battaglia, Helmut Galle; n. 7, 2003, Eliana Fischer, Maria Helena Voorsluys Battaglia, Helmut Galle; n. 8, 2004, Selma Meireles, Helmut Galle; ns. 9 e 10, 2005 e 2006, Göz Kaufmann (DAAD-Lektor), Helmut Galle; n. 11, 2007, Eloá Heise, Masa Nomura, Eva Glenk; n. 12, 2008, Eloá Heise, Eva Glenk, Masa Nomura; ns. 13 e 14, 2009, Eloá Heise, Eva Glenk, Juliana P. Perez, Masa Nomura e Tinka Reichmann. A partir do número 15 (2010), a revista foi editada por Eloá Heise, Juliana P. Perez e Masa Nomura; em 2012, juntou-se a este grupo de editores o professor Tercio Redondo; em 2014, Dörthe Uphoff também passou a fazer parte do grupo. Os editores atuais são Eloá Heise, Juliana P. Perez, Tercio Redondo e Dörthe Uphoff.

O primeiro projeto gráfico da revista foi elaborado pela editora Humanitas, da FFLCH, e permaneceu até 2001, quando a revista ganhou uma capa mais sóbria, em bege, preto e branco, que foi mantida até nosso último número impresso, publicado em 2006. Uma lembrança desse projeto é a faixa de cor bege e preta que ainda pode ser vista nos sites que atualmente permitem o acesso à revista.⁶ Nos anos seguintes, iniciaram-se as avaliações da CAPES, que classificou a revista na categoria “Nacional A”; mais tarde recebemos a nota A1.

As dificuldades relativas à impressão da revista e a possibilidade de aumentar sua circulação levaram a Área à decisão de interromper a impressão da *Pandaemonium* para transformá-la em uma revista online. A partir do número 11, editado por Eva Glenk, Eloá Heise e Masa Nomura, em 2007, a revista ganhou sua primeira página virtual. Como é comum acontecer com toda nova tecnologia, após apenas três anos o site da *Pandaemonium* havia se tornado obsoleto, e foi preciso alterar novamente a página; entre 2010 e 2011, a revista passou a ser publicada pelo sistema Joomla, que também havia sido adotado por outras revistas da Faculdade naquele momento. Pouco tempo depois, para aflição dos editores, o site da *Pandaemonium* – e também o de outros periódicos – foi irremediavelmente prejudicado por um vírus, o que não só custou horas de manutenção, mas quase fez com que todo o acervo da revista se perdesse. A perda não aconteceu porque, desde 2011, estávamos na Coleção SciELO, que se tornou por algum tempo o único local virtual de acesso aos artigos, e porque à época já

⁶ cf. Portal de Revistas da USP, que contém todos os números da revista (<<http://www.revistas.usp.br/pg/index>>) e Coleção SciELO, que contém os números a partir de 2009 (<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1982-8837&lng=en&nrm=iso>) (16/06/2015).

háviamos iniciado a transposição da revista para o Portal de Revistas da USP, que hoje abriga todos os números da revista.

Permito-me contar aqui uma lembrança, uma vez que assumi a coordenação geral da revista em 2009 e agora começo a relatar episódios que também vivenciei. Havia, nas salas da Área de Alemão, um sem número de exemplares impressos da *Pandaemonium*, que não conseguíamos distribuir. A revista não poderia mais ser comercializada, motivo que nos levou a fazer doações a alunos e convidados em todos os eventos da Área. Mesmo assim, a quantidade de exemplares em nossas salas era imensa. Sem encontrar solução melhor, simplesmente decidimos colocar as pilhas de exemplares nos corredores para que os demais interessados pudessem buscá-los. Certo dia, um dos primeiros editores passou pelo corredor, olhou os exemplares empilhados e não conseguiu evitar um comentário que soava mais ou menos assim: «Mas nós trabalhamos tanto para a *Pandaemonium*!... Agora vai tudo para o lixo?» Não soube o que fazer, ou dizer, a não ser dar-lhe um abraço. Não, não ia tudo para o lixo – muitos alunos e outros interessados vieram buscar os exemplares – tampouco aquele era o final de um trabalho imenso. Mas sem dúvida sinalizava uma mudança importante: definitivamente, não conseguíamos mais coordenar a circulação física da revista e, agora, não havia mais por que fazê-lo, pois há alguns anos a edição virtual tornara-se um dos principais critérios de avaliação dos periódicos pela CAPES.

E não se tratava apenas das avaliações institucionais: ao longo dos anos, o Brasil tornou-se signatário de quase todos os acordos internacionais das políticas de acesso aberto e a USP também passou a incentivar a discussão sobre o tema em diversas instâncias.⁷ Sem que percebêssemos, os novos desenvolvimentos sociais

⁷ Para informações sobre o tema, recomendo o site da própria USP: <<http://www.acessoaberto.usp.br/>> (18/06/2015)

e institucionais colocaram a *Pandaemonium* em um âmbito mais amplo de discussão, em que o problema principal não era apenas editar uma revista brasileira na área de Estudos Germanísticos, mas considerar o alcance de tal empreitada para a democratização do acesso à informação, para o crescimento da área como um todo e para circulação dos estudos realizados no Brasil no âmbito internacional.

Os novos desenvolvimentos, embora tenham alterado profundamente o cotidiano de edição da revista e também possuam sérias implicações, me entusiasmaram, e nada disso me pareceu contraditório com os ideais expressos no primeiro número da revista, em 1997: a escolha do título, *Pandaemonium Germanicum*, da peça de Jakob Michael Reinhold Lenz, escrita em 1775, indicava uma clara mensagem de admiração por certos escritores e textos, mas também o distanciamento necessário para evitar sua idealização, um grande grau de ironia do periódico com relação a si mesmo e aos conhecimentos alcançados.⁸ Aceitar os desafios da editoria da *Pandaemonium* no contexto atual significa manter a mesma atitude: por um lado, admirar e buscar o que pode ser bom para o periódico e para a Área; por outro, manter uma certa distância para não sermos absorvidos pelo torvelinho das novidades tecnológicas e das avaliações internacionais. Os avanços tecnológicos, por exemplo, exigem uma estrutura organizacional e financeira estáveis, de que ainda não dispomos; o aumento no número de submissões

⁸ Diz a o texto da Apresentação: “Lenz, como representante do *Sturm und Drang*, personifica o sentimento *anti-establishment* e anti-autoritário. A ironia de sua peça, bem como do movimento em geral, implica um certo distanciamento do autor de si mesmo, de sua época, das instituições consagradas. É exatamente este espírito que deverá nortear a revista: aberta às mais diferentes manifestações sem advogar autoridade, pautada por um distanciamento auto-crítico em relação à tarefa de trabalhar no campo da germanística.” (HEISE et. al. 1997: 3).

também implica imensa disponibilidade de tempo dos editores e dos pareceristas brasileiros e estrangeiros, o que sobrecarrega os colegas. Mesmo assim – e ainda há que se trabalhar muito para isso –, os desdobramentos atuais aumentam as possibilidades de que as pesquisas brasileiras sejam melhor conhecidas e de que os Estudos Germanísticos, sobretudo os realizados fora dos países de língua alemã, possuam um instrumento acessível para a sua divulgação.

Nesse mesmo sentido deu-se a entrada da revista na Coleção SciELO, em agosto de 2011. O processo foi relativamente simples: tendo assumido a coordenação geral da revista a partir de 2009, verifiquei que a *Pandaemonium* já respondia a quase todos os critérios exigidos pela SciELO, o que era fruto do trabalho feito pelos docentes da Área de Alemão até aquele momento. Faltava uma ou outra pequena adaptação, como passar a editar um número por semestre, ao invés de um número anual, inserir algumas informações em cada volume e sistematizar uns poucos procedimentos. As adaptações foram feitas ao longo de três semestres e, no final de 2010, pudemos solicitar a inclusão na Coleção SciELO. A resposta positiva veio no semestre seguinte. Em 2014, não sem alguma dificuldade, abandonamos o nosso método quase artesanal de gerenciamento dos artigos, que acontecia inteiramente por email, e começamos a utilizar um sistema eletrônico (ScholarOne) para administrar as informações.

Apesar do gerenciamento eletrônico dos artigos, ainda conseguimos preservar um relacionamento atencioso com nossos autores e pareceristas, mas talvez tenhamos perdido uma parte muito agradável e rica do trabalho, que eram nossas reuniões de editoria para selecionar os pareceristas dos artigos e ter uma visão mais completa de cada número. Porém, o número de submissões de artigos desde a entrada da *Pandaemonium* na SciELO cresceu de tal maneira que tornou impossível administrar as informações apenas

pelo email. Hoje recebemos entre 20 e 25 submissões de artigos originais por volume, o que significa uma correspondência com ao menos 60 pessoas. Os números da *Pandaemonium* podem não impressionar quando comparados a periódicos de outras áreas, que recebem centenas de artigos para avaliação, ou a outros periódicos das áreas de Letras, Linguística e Tradução. Mas chamam a atenção quando se pensa no caráter específico que a revista possui dentro da área de Letras, Linguística e Tradução. Se o primeiro número da revista já possuía mais de 200 páginas e, ao longo de seus 18 anos, alguns volumes alcançaram quase 300 páginas de artigos, hoje editamos dois números por ano com cerca de 250 páginas cada um. Os números indicam que a área dos Estudos Germanísticos cresceu⁹ e que a revista está mais conhecida fora do Brasil. E talvez também mostrem, como se mencionou acima, a importância de um espaço de divulgação de pesquisas de qualidade que se organize de forma mais acessível que as tradicionais e caríssimas revistas de Germanística editadas em países de língua alemã. Neste ano de 2015, a *Pandaemonium* passará a fazer parte também da *Redalyc* (Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal) e espera alcançar assim uma circulação ainda maior.

A *Pandaemonium Germanicum* chegou até seus 18 anos sem perder o ímpeto com que foi fundada e agora precisa enfrentar talvez seu desafio principal: acompanhar o estado da arte da edição dos periódicos acadêmicos em nível internacional, com grande flexibilidade e abertura para novas adaptações, sem perder o trabalho artesanal que deu à revista suas características principais e sua qualidade acadêmica e humana.

⁹ Segundo dados da ABEG, Associação Brasileira de Estudos Germanísticos, hoje há cerca de 130 pesquisadores (em diversos níveis) e docentes ligados à área de estudos. Cf. <<http://germanistik-brasil.org.br/>> (18/06/2015)

Referências Bibliográficas

Acesso Aberto na USP. Disponível em <<http://www.acessoaberto.usp.br/>> (18/06/2015).

ABEG – Associação Brasileira de Estudos Germanísticos. Disponível em: <<http://germanistik-brasil.org.br/>> (18/06/2015).

HEISE, Eloá/ BLÜHDORN, Hardarik/ NOMURA, Masa/ BOLLE, Stefan Wilhelm. Apresentação. In: *Pandaemonium Germanicum*, n. 1, 1997, pp. 5-7. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/62601/65389>> (18/06/2015).

Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germanísticos. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pg/index>> (16/06/2015) e na Coleção SciELO: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1982-8837&lng=en&nrm=iso> (16/06/2015)

Redalyc. Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/home.oa>> (19/07/2015).

PARTE II

Uma história em curso

Uma oficina de teatro entre a universidade e a favela

Willi Bolle¹

Introdução

Esta é uma retrospectiva sobre um trabalho de teatro que realizei durante seis anos (2009-2014) com um grupo de professores e alunos de uma escola pública de ensino médio no bairro de Terra Firme, na periferia de Belém de Pará. Os textos que nos serviram de base são de Dalcídio Jurandir (1909-1979), um escritor paraense que apresenta num ciclo de dez romances (1941-1978) as condições de vida e a cultura cotidiana dos habitantes da Amazônia, principalmente das camadas populares (cf. BOLLE 2012). Os espaços de ação desse “Ciclo do Extremo Norte” são, nas três obras iniciais, a ilha de Marajó; nos seis romances seguintes, a metrópole Belém, sobretudo seus subúrbios; e no volume final, o Baixo Amazonas. Os enredos e problemas apresentados

¹ Professor de Literatura Alemã no Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 1977. Email: willibolle@yahoo.com

passam-se nos anos 1920; de lá para cá, no entanto, as estruturas na periferia e as condições de vida de seus moradores mudaram tão pouco que os nossos atores identificam-se com as situações apresentadas naqueles romances, que os estimulam a refletir sobre a sua experiência cotidiana.

O meu contato com o grupo de Terra Firme iniciou-se a partir do Fórum Social Mundial de 2009, realizado em Belém. Naquele momento eu já havia realizado algumas adaptações cênicas de obras narrativas, e em 2007/2008 tinha estudado detalhadamente o romance *Belém do Grão-Pará* (JURANDIR 1960/2004, cf. BOLLE 2009), cuja ação se passa nos bairros centrais de Belém, onde residem as pessoas das classes média e alta. Abriu-se, então, a oportunidade de conhecer a periferia da cidade por meio de um diálogo com seus habitantes e com base nos cinco romances de Dalcídio Jurandir que têm como cenário os subúrbios e as favelas: *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os habitantes* (1976) e *Chão dos Lobos* (1976).²

Começamos a nossa oficina teatral com uma adaptação cênica do romance *Passagem dos Inocentes* (276 p.) em forma de um script com uma seleção de dez cenas. Apresentamos essa nossa primeira peça ou leitura teatral em novembro de 2009 na Escola Dr. Celso Malcher na Terra Firme. Recebemos um convite de apresentá-la também na Universidade da Amazônia (UNAMA), em Belém, o que ocorreu em abril de 2010, havendo em seguida uma discussão com os espectadores. Assim iniciou-se um diálogo entre um público acadêmico e habitantes da favela ou da “periferia”, como eles costumam dizer. Essa forma de trabalho e de diálogo – que é muito necessária na sociedade brasileira, mas que infelizmente acontece muito pouco – nós praticamos até hoje: em

² Ver os dados completos nas Referências bibliográficas.

2011, com a apresentação de uma montagem conjunta dos dois romances *Primeira manhã* e *Ponte do Galo*; em 2012, com uma adaptação de *Os habitantes*; e em 2013, com uma versão cênica de *Chão dos Lobos*. Durante esse nosso trabalho de teatro, o número dos participantes, dos locais de apresentação e dos espectadores cresceu. De 5 professores e 4 alunos, no início, passamos para 5 professores e 11 alunos; aos primeiros locais de apresentação acrescentaram-se, em 2013, a Universidade Federal do Pará; em 2012 e 2014, a Feira Pan-Amazônica do Livro, em Belém; e em setembro de 2014, a Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, por ocasião do Congresso Internacional de Estudos Germanísticos, onde tivemos um público de cerca de 500 espectadores.

1 Questões de método: práxis e teoria

O trabalho teatral realizado durante esses anos – as adaptações cênicas, a organização das montagens e a própria motivação dos participantes – exigiu, antes de mais nada, uma série de procedimentos práticos, empíricos, para poder acontecer. Os participantes são atores e atrizes leigos, que apresentam no palco as suas experiências cotidianas, assumindo com isso uma tarefa voluntária, além de seus compromissos profissionais. A posteriori, sentimos a necessidade de refletir sobre a nossa práxis teatral e de completá-la com uma estrutura teórica, explicitando os métodos usados e fazendo um balanço: O que foi conseguido e o que pode ser melhorado? Fazemos isso sobretudo com o intuito de transmitir para outros potenciais interessados um método que para nós foi estimulante e bem-sucedido. Ao mesmo tempo, queremos também contribuir para a divulgação da obra de Dalcídio Jurandir, esse autor da Amazônia, que até hoje ocupa apenas um lugar à margem da literatura brasileira. Para alcançar esses objetivos, parece-nos muito

apropriado situar as nossas atividades em relação à teoria e à práxis teatrais de Bertolt Brecht, que são mundialmente conhecidas, e de “revelá-las” à luz de suas concepções.

Uma primeira comparação do projeto literário e político de Dalcídio Jurandir com o trabalho teatral de Brecht já nos faz enxergar alguns elementos comuns. Existe uma afinidade entre os dois autores quanto à sua percepção das estruturas sociais. Tanto a sociedade alemã quanto a brasileira – segundo o seu diagnóstico, que se concentra principalmente sobre os anos 1920 – são marcadas por fortes antagonismos de classes. Ambos os autores criticam o sistema dominante burguês-capitalista e expressam a sua simpatia para com as camadas de baixo. Ambos se engajaram em prol dos valores do socialismo e do marxismo, sem contudo subordinar-se à estética ortodoxa. Existe entre eles uma diferença óbvia quanto à preferência pelos gêneros artísticos: Dalcídio é romancista, Brecht sobretudo dramaturgo. Aqui, no entanto, essa diferença pode ser relativizada, uma vez que o objeto da nossa análise são as adaptações cênicas dos romances do autor brasileiro.

A principal afinidade entre o trabalho teatral de Brecht e a nossa oficina teatral com textos de Dalcídio está na confecção de dispositivos de aprendizagem que visam a emancipação social e a educação para a cidadania. Por meio dos textos de ambos os autores podemos resgatar uma dupla tradição: a do romance de formação, representado pelo paradigma goetheano *O anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, e o ideal de formação da *paidéia*, desenvolvido na Grécia antiga. Esse conceito não se referia apenas à educação das crianças e dos jovens, mas também à sua continuidade: a formação de cidadãos para uma *pólis* democrática (cf. JAEGER 1973). A ideia foi retomada pelos pensadores do Iluminismo, na medida em que a concepção da *paidéia* foi explicitamente incorporada ao projeto da “en-cyclo-pédie”.

O *ciclo* romanesco de Dalcídio Jurandir pode ser lido como uma espécie de enciclopédia da Amazônia. Seus dois eixos de composição são o *roman-fleuve* (com o rio Amazonas como referência geográfica) e a *paidéia*, ou seja, os anos de aprendizagem de Alfredo, um jovem de uma família pobre, dos seus dez aos seus vinte anos. Diferentemente do romance de formação de Goethe, o entorno social do protagonista em Dalcídio Jurandir desloca-se da sociedade burguesa para as camadas populares. O componente da *paidéia* ou dos *anos de aprendizagem*, contido nessa obra, foi realçado por nós através de uma cantiga popular com a qual começam todas as nossas apresentações teatrais. Enquanto o protagonista ocupa no palco o primeiro plano, os demais atores e atrizes cantam em coro no fundo: “ – Que ofício dá pra ele? / Mando tiro, tiro lá / – O ofício de aprendiz / Mando tiro, tiro lá... ”.

Também a fonte da estética de Brecht pode ser localizada na *paidéia*, uma vez que ele advoga uma “pequena pedagogia” e uma “grande pedagogia”, com os meios de um trabalho teatral concebido explicitamente em função de uma transformação social. Seus objetivos “pedagógicos”, também no sentido político, manifestam-se da forma mais expressiva nas suas “peças didáticas” ou “peças de aprendizagem”. Existe uma relação com os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister, na medida em que este aspirou formar-se como uma “pessoa pública”. Ora, o teatro burguês – que na época de Goethe e de Schiller ainda se concebia como um espaço público de formação política – degenerou a partir da segunda metade do século 19, tornando-se uma instituição convencional de consumo. Reagindo contra essa situação, Brecht criou um teatro novo, revolucionário, concebido como uma instituição de aprendizagem, um laboratório de pesquisa, um lugar de discussão e de exercícios de comportamentos transformadores da sociedade. A função dos atores é redefinida: as peças devem incentivá-los a

viver processos de aprendizagem. Também o papel do público é repensado: as peças apresentam situações sociais a serem avaliadas criticamente, ou seja, o espectador é estimulado a transformar-se num participante ativo.

Com base nos projetos artístico-políticos de Dalcídio Jurandir e de Bertolt Brecht, e dentro da tradição da *paideia* e do romance de formação, transformamos os *episódios* de aprendizagem mais significativos do protagonista e de outras personagens em *cenas* de aprendizagem. Ao fazê-lo, estamos conscientes de que a nossa dramatização de romances de Dalcídio não os transforma automaticamente em elementos do “teatro épico”, no sentido brechtiano. Contudo, o fato de se configurarem cenas com caráter de aprendizagem faz com que as diferenças em relação ao trabalho teatral de Brecht se transformem frequentemente em afinidades.

Apresentaremos agora, organizados em torno de seis temas, uma seleção de cenas do nosso trabalho teatral na periferia de Belém: são recortes que, apoiando-nos em Brecht, chamamos de “cenas de aprendizagem”. O que é fundamental nessa prática teatral é também a postura ou o *gestus* subjacente à obra de Dalcídio Jurandir: não apenas falar *sobre* os habitantes da favela, mas falar *com* eles e lhes dar a palavra.

2 Iniciação ao mundo da favela

As favelas de Belém localizam-se nos bairros periféricos, nas *baixadas* em torno dos bairros centrais, situados em terrenos mais altos, onde residem as pessoas abastadas e de classe média. Em consequência das migrações ao longo do século 20, quando centenas de milhares de moradores do interior da Amazônia se mudaram para a cidade grande, por necessidade e com a expectativa de encontrar melhoria de suas condições de vida, a população aumentou

enormemente. Enquanto a cidade contava em 1960 com cerca de 360.000 de habitantes, vivem hoje (2015) na Grande Belém mais de dois milhões de pessoas, das quais 54% nas favelas, o que representa a maior percentagem entre as cidades brasileiras. Como testemunha da explosão demográfica, que se iniciou nos anos 1960 e levou no globo inteiro, mas sobretudo no “Terceiro Mundo” à formação de megacidades que transformaram a nossa Terra num *Planeta Favela* (cf. DAVIS 2006), Dalcídio Jurandir mostra em seus romances que as favelas não são ocorrências secundárias ou apenas regionais, mas fenômenos que dizem respeito à humanidade.

Acompanhando a experiência do protagonista, o romance *Passagem dos Inocentes* mostra o que espera um recém-chegado na favela. Alfredo está com 14 anos e viaja pela segunda vez da ilha de Marajó a Belém, para continuar aqui os seus estudos. Seu guia na cidade é Leônidas, o irmão de dona Celeste, uma parente do pai de Alfredo, que disse, lá no Marajó, que o rapaz poderia hospedar-se na sua casa em Belém. Com relação a essa moradia, Alfredo, que durante sua primeira estadia na cidade esteve hospedado numa família de classe média, nutre grandes expectativas: “Como será essa casa? Alta? De platibanda? Telha francesa? Soalho de madeira preta e branca? Sacada?” Essas expectativas, no entanto, são desmontadas a cada passo. Em primeiro lugar, o rapaz, que chega no crepúsculo da noite e no meio do chuvisco, estranha a falta de iluminação. As ruas não têm asfalto nem calçadas e estão imundas por causa das quantidades de lixo; em alguns pontos, o caminho encharca e os sapatos ficam presos na lama. “É por aqui? Por essa boca aí dentro?”, pergunta Alfredo, assustado. “Sim, é por aqui, é aí dentro, nesta passagem, que a Celeste mora e onde tu também vais morar”, lhe responde o seu guia. No meio dos barracos passam cachorros e gatos e ouve-se o estrilar dos grilos e o coaxar dos sapos, mas o pior são os inúmeros carapanãs que atacam Alfredo e contra

os quais ele procura se defender. Esse mergulho na atmosfera da favela provoca nele um efeito de choque, o que o faz exclamar com muita raiva: “Quer saber de uma coisa, Leônidas? Eu quero que a dona Celeste, a casa dela e esta cidade, que tudo isto vá pras profundas! Esta passagem nos leva direto para os Covões!”

Essa reação emocional será retomada pelo romancista em *Chão dos Lobos*, onde ele mostra Alfredo, agora já com 18 anos, vivendo num quarto alugado num “renque de palhoças” chamado emblematicamente de “Não-Se-Assuste”. Enquanto em *Passagem dos Inocentes* foram descritas sobretudo as características externas da favela, são focalizados agora os contatos do protagonista com os moradores.

Complementando essas experiências feitas no palco, o jovem Wallace Gonçalves, que representou o personagem de Alfredo, me introduziu através de uma caminhada ao mundo real da favela. Nessa volta tiramos também uma série de fotos para uma conferência que Wallace deu em maio de 2012 na Universidade de São Paulo sobre a nossa oficina teatral. Saíndo da escola, que naquela época ainda estava abrigada num prédio junto à igreja, na praça central de Terra Firme, começamos a andar pela rua principal, geralmente congestionada de trânsito e que é também uma grande feira; em seguida entramos pelas ruas laterais, das quais somente algumas estão asfaltadas, e que depois se bifurcam num labirinto de caminhos de terra, passando por casas e barracos; caminhando ao logo de um enorme muro coberto de arame farpado e atravessando um córrego totalmente poluído, chegamos de volta à escola. Na passagem pelo prédio da Unidade Integrada ProPaz, meu guia comentou que Terra Firme até recentemente era um dos bairros mais perigosos de Belém, e que temporariamente havia um toque de recolher. Nos últimos tempos, no entanto, a criminalidade diminuiu, graças ao intenso trabalho social dessa

unidade policial recém-criada, que cuida sobretudo das crianças e dos adolescentes, incentivando-os a frequentar as escolas em vez de ficarem vagabundeando pelas ruas.

3 Entre o ginásio e a escola da rua

O sistema escolar, a educação e a formação são temas centrais na obra de Dalcídio Jurandir, que durante algum tempo foi também inspetor escolar. Esses temas são altamente relevantes no Brasil atual, onde existe uma enorme discrepância entre a importância do país como oitava potência econômica do mundo e o seu ranking no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), onde em 2014 ocupava apenas o 79º lugar entre 187 países, atrás da Jordânia e da Sérvia. Os déficits crônicos no sistema educacional são o maior empecilho para um desenvolvimento melhor do país. Numa conferência proferida em 2013, o escritor Milton Hatoum chamou a atenção para as consequências negativas da negligência em relação às escolas públicas, desde os anos 1960, em prol das instituições particulares. “Os membros da classe mais alta das comunidades rurais em geral não desejam a transformação social”, pois “a educação das camadas mais baixas ameaçaria sua posição dominante”, já diagnosticara nos anos 1950 o antropólogo Charles WAGLEY (1988: 268-269) num estudo sobre a Amazônia. É justamente nessa região que se encontram até hoje em dia as piores escolas do Brasil.

Nos dois romances *Primeira manhã* e *Ponte do Galo*, que juntamos na nossa adaptação cênica, porque têm em comum o tema da educação, trata-se da experiência de Alfredo no ginásio. Ele está com 15 a 16 anos e o fato de ele, vindo de família pobre, ter conseguido passar no exame de admissão, representa um feito especial. Ele tem a expectativa de que essa escola lhe proporcionará

uma sólida formação como base para sua futura profissão e também para a ascensão social. No entanto, sua experiência real com o ginásio, desde a “primeira manhã”, é para ele uma grande decepção.

Tomemos como exemplo a aula de português. “Surge, perriante em pompa, heril a forma egrégia”, declama a professora. Quando ela se dá conta de que com essa verbosidade não consegue motivar os alunos, ela escolhe um texto mais simples: “Amai a choupana pobre, mas feliz, onde gorjeia a infância gárrula no descuido da felicidade rural”. Ora, esse idílio pastoral burguês é desmentido pelas condições de vida dos pobres. As aulas ministradas segundo tais padrões caracterizam-se por conteúdos abstratos e tarefas mecânicas de decorar, sem nenhum compromisso com a realidade social e a curiosidade dos jovens, especialmente também quanto às questões de amor e de sexo. Diante dessa situação, o protagonista volta-se para formas alternativas de saber.

Um dia, Alfredo reencontra o professor Moquém, que o preparou para os exames. É o único entre os professores que lhe abre o olhar para aquilo que não se ensina na escola e lhe dá conselhos para a vida. Assim, quando os dois vêm passar na rua uma moça atraente, o professor comenta: “Prepare-se, mas é para as provas com aquela que ali passa. Essa é a lição que te dou, o mais só são letras e algarismos.” Em seguida, Alfredo experimenta várias atrações e seduções que lhe oferece a “escola da rua”. Ele é convidado por duas mulheres casadas para acompanhá-las num passeio no crepúsculo. E o encanto da rua e da noite como um espaço misterioso e erótico se lhe apresenta também quando encontra uma jovem coquete, que parece interessar-se por ele, mas depois o abandona.

A contrapartida a esses momentos de sedução foram na nossa montagem três cenas nas quais a “escola da rua” é desmitificada. Assim, no final da nossa peça, Alfredo tem uma conversa com a

sua mãe, que lhe relata que na sua vila no Marajó foi nomeado para prefeito de polícia um rematado bandido e assassino. Numa situação dessas, só existe uma saída para todos aqueles que não pertencem à camada dos privilegiados: “Meu filho, desforra de pobre é estudar!”.

A confecção e a apresentação da constelação dialética das cenas que acabamos de descrever – 1) A decepção com as aulas convencionais; 2) A alternativa da “escola da rua”; 3) A sua desmitificação – foi para todos os participantes uma *peça de aprendizagem*, no sentido pleno da palavra, e ao mesmo tempo, no sentido de BRECHT (1998: 106-116), um “teatro de diversão”. As cenas, que representam situações típicas do cotidiano de professores e alunos, os estimularam a refletir sobre tais situações. O caráter cômico das aulas incentivava-os a desconfiar de uma pedagogia que se propõe martelar o saber nas cabeças. Também a queixa do professor Moquéim de que o Estado, havia mais de três meses, estava em atraso com o seu pagamento, foi um motivo de reflexão, sendo que a nossa apresentação, em 2011, ocorreu num momento em que os professores das escolas públicas de Belém se defrontaram com a mesma situação frustrante. Discutimos tudo isso também com os nossos espectadores. E além disso, uma tarefa que mesmo para os especialistas em educação não é nada fácil a ser resolvida: Como é que esses dois tipos diferentes de saber – a transmissão de conhecimentos científicos básicos e as respostas aos problemas práticos da vida cotidiana e das relações humanas – podem ser integrados de forma produtiva?

4 Jogo de detetive

Às apresentações teatrais é inerente um elemento lúdico, como o indica a expressão alemã “Theater spielen”. Na tradição do

lema de Horácio *prodesse et delectare*, Brecht procurou combinar o fator lúdico com o prazer da descoberta e da aprendizagem. Na nossa adaptação dos romances *Primeira manhã* e *Ponte do Galo* e depois também em *Os habitantes*, elaboramos uma constelação lúdica e de aprendizagem que estimula a observação das relações sociais, em forma de uma trama de detetive que abrange várias cenas. A base para isso é um caso misterioso de exclusão social, o da moça Luciana, que é narrado ao longo desses três romances. Durante a sua terceira estadia em Belém, Alfredo está hospedado numa casa que um fazendeiro do Marajó, o coronel Braulino Boaventura, mandara construir para a sua filha caçula Luciana. Essa casa seria a moradia dela, enquanto frequentasse o ginásio em Belém. Mas isso nunca aconteceu.

Por que eu posso morar nessa casa se, no fundo, ela era destinada a Luciana?, pergunta-se o protagonista. No início da nossa montagem de *Os habitantes*, ele resume para o público a história daquela moça, assim como lhe foi contada pela mulher que cuida da casa. A ida ao ginásio foi negada a Luciana pela sua mãe, dona Jovita, que sempre a tratou com excessiva severidade. Uma noite, dona Jovita descobriu sua filha num tabocal atrás da fazenda. Ela tocou fogo no tabocal e arrancou a filha de lá; deu-lhe uma surra de sair sangue e trancou a moça, nua em pelo, no quarto das selas, onde ela ficou só a bolacha e água. No terceiro dia, a moça conseguiu escapar e fugiu para Belém. Mas logo mais ela desapareceu na “Babilônia” daquela grande cidade, sem deixar rastro. Onde se encontra Luciana agora e como ela está?, pergunta-se Alfredo. Profundamente entediado com as aulas no ginásio, ele se propõe como aprendizagem alternativa tentar esclarecer o caso *misterioso* de Luciana, ou seja, aquilo que a palavra inglesa *mystery* designa como uma trama policial, a ser desvendada por meio de um trabalho de detetive. As perguntas que Alfredo se coloca são

passadas também aos espectadores, para incentivá-los a refletir sobre as estruturas sociais.

O maior desejo de Luciana foi frequentar o ginásio; mas em vez disso, ela parece ter se desencaminhado para a prostituição. Como será que isso aconteceu? Quais eram, em geral, as possibilidades para uma jovem, vinda do interior e sem apoio nenhum, de sobreviver na grande cidade, sem ter que se prostituir? Por que Luciana foi tratada por sua mãe com tamanha crueldade? Será que esta queria castigar a filha por ter nascido como fruto de um caso extraconjugal que ela, Jovita, tivera com um vaqueiro? E o seu marido, o fazendeiro, porque viaja com tanta frequência a Belém? Será que é por causa de uma interminável questão jurídica em torno de umas terras no Marajó? Ou isso é apenas um pretexto para ele poder manter um caso com uma prostituta? E qual é, nessa história, o papel de Graziela, a irmã mais velha, que sempre sentiu muita inveja de Luciana? Por que, a todo momento, ela tem a impressão de ouvir a voz de acusação da caçula? A isso acrescenta-se a incriminação que o advogado do fazendeiro dirige a Graziela: “O que será que vocês fizeram com a pequena? Ela foi atirada às feras!” Quando Alfredo observa, no final, como um corpo é carregado para fora do hospital – tudo leva a crer que se trata de Luciana – surge a suspeita de que os membros daquela família cometeram um crime contra a moça.

A família não é, portanto, nesses três romances de Dalcídio, um lugar de aconchego e amor entre as pessoas, mas pelo contrário, um campo de lutas acirradas por posses e dinheiro, status e ascensão social. Com a nossa adaptação cênica desses episódios queríamos ativar um elemento detetivesco também em nossos espectadores. A partir das situações apresentadas, eles deveriam observar também o seu próprio contexto social e refletir em que medida se trata de casos isolados ou de estruturas típicas.

O teatro como jogo de detetive, cena diante de um tribunal e laboratório de pesquisa – de tudo isso o nosso trabalho com os três referidos romances tinha um pouco. No sentido brechtiano de um laboratório de pesquisa fizemos também uma sondagem na realidade fora do teatro. Seguindo a indicação topográfica do romancista quanto à zona de meretrício onde Luciana desapareceu, descobrimos a sede do Gempac, o Grupo de Mulheres Prostitutas da Área Central de Belém. Um dia fomos lá e conversamos longamente com uma das mulheres. O que nos fez tomar essa iniciativa foi o exemplo do próprio Dalcídio Jurandir, que conversava com todo tipo de pessoas do povo, e as incorporou nos seus romances. E também o exemplo de Walter Benjamin, que destacou na sua obra principal, nas *Passagens Parisienses* (1927-1940), a outrora desprezada figura da prostituta como uma personagem-chave para se compreender o fenômeno da metrópole moderna. Chegamos a cogitar a inserir um breve depoimento de uma das mulheres do Gempac na nossa montagem teatral. Assim, a nossa experiência de aprendizagem com os textos literários seria complementada por pedaços de uma pesquisa antropológica urbana. Ora, infelizmente, nos dias próximos ao nosso espetáculo, a casa das mulheres prostitutas esteve fechada.

5 Carnavalização

Um dos rituais teatrais mais populares é o carnaval, especialmente no Brasil. Com base em várias passagens textuais sobre o carnaval, espalhadas pelo romance *Os habitantes*, montamos um conjunto de cenas carnavalescas, que esclarecem na medida do possível a história misteriosa de Luciana. Essas cenas são a resposta às investigações de Alfredo como detetive. Por insistência da mãe de Luciana, toda a família viajou para Belém, pois é aqui, junto às

autoridades, que dona Jovita quer desvendar, com base num maço de cartas, o caso do seu marido com a prostituta. Dessa amante ele costuma receber cartas de extorsão, sendo Luciana incriminada como a autora das cartas. A tentativa de “desagravo conjugal”, no entanto, acaba sendo frustrada, porque é boicotada pelo coronel Braulino e o seu esperto advogado; só resta, então, à família voltar para o Marajó. Apenas Graziela permanece em Belém, para divertir-se durante o carnaval, justamente na casa que tinha sido construída para servir de moradia para Luciana.

É aqui, no ambiente da nossa encenação carnavalesca, que Graziela resolve fazer a sua confissão. Na atmosfera da festa, em que as convenções sociais estão suspensas e todo o mundo se vale da proteção pelas máscaras, ela revela como conseguiu vencer e aniquilar a sua irmã Luciana, sua arquirrival na luta pelo apoio por parte dos pais, por bens materiais, status social e amantes. Enquanto Graziela se prepara para a festa, ela tem a impressão de ouvir a voz de Luciana, acusando-a de “Cachorra!” Com perfeita presença de espírito, Graziela lhe responde ao pé da letra, isto é: de forma *cínica* (a palavra é derivada do grego *kyon*, *kynos* = “cachorro”). Ela veste uma máscara de cachorra e late de volta: “Desta vez, você acertou. É o que eu sou e o que eu quero ser: uma cachorra!”

Nos seguintes segmentos de cena, Graziela recebe na casa sucessivamente três amantes. Esse tipo de comportamento por parte de uma jovem mulher da sociedade era totalmente tabu segundo as regras vigentes; especialmente para Graziela e Luciana, que eram severamente vigiadas pela mãe. Com o seu plano de morar naquela casa na capital, Luciana – assim como a invejosa Graziela – visava não apenas frequentar o ginásio, mas também queria viver ali, livre do controle dos pais, todos os desejos de uma adolescente. O que o destino lhe negou, sua rival Graziela acabou conseguindo plena-

mente, e ela o diz na cara de Luciana: “Enquanto você preferiu o espalhafato, eu sempre me dei respeito. Ninguém me acusa de uma inconveniência pública. Recebo em minha casa, de lustre aceso, as visitas”. Além disso, por ser carnaval, ela e os amantes entram em cena protegidos pelas máscaras: o comandante como leão, o primo como leopardo, e o advogado como tigre.

A cada um desses visitantes, Graziela confessa uma parte de seus sentimentos e atos. Diante do comandante ela admite que sempre teve muita inveja de Luciana e que queria a casa em Belém para si. Ao receber o primo, ela rememora o encontro clandestino de ambos atrás da fazenda, quando ele “a fazia de égua debaixo do tabocal”. Mas aí ela percebeu que foram espionados por Luciana e, de fato, na manhã seguinte, ela leu no rosto da irmã a chantagem: “Não vou revelar nada, Graziela, mas só se você concordar que a casa que papai está construindo em Belém é só para mim.” Muito esperta, Graziela armou então uma cilada. Em vez de ela mesma ir ao tabocal para o próximo encontro com o primo, conseguiu motivar Luciana de ir para lá – fazendo ao mesmo tempo um sinal para a mãe. O resultado já conhecemos: Luciana é brutalmente castigada e daí em diante riscada da família. No terceiro encontro, que é de Graziela com o advogado, ocorre um desentendimento. Ele acaba revelando que as cartas de extorsão endereçadas ao pai dela, que sempre teve que pagar para manter clandestino o seu relacionamento com a prostituta de Belém, não foram escritas por Luciana, como Graziela sempre afirmou, mas sim, por ela própria. A cena de carnaval, portanto, além da confissão de Graziela, contém também o seu desmascaramento.

Fazendo um retrospecto sobre a nossa cena de carnaval, e pensando também no efeito brechtiano de estranhamento e na sua crítica da empatia, nós nos perguntamos que tipo de moral queríamos transmitir com a apresentação da história de Luciana.

Será que os atores e os espectadores devem identificar-se somente com a vítima? Ou existiria também um outro tipo de aprendizagem a partir da representação do mal através do jogo de máscaras? Uma peça emblemática como o *Misántropo*, de Molière, nos faz lembrar que o mascaramento e o disfarce, juntamente com todo tipo de mentiras e a simulação ou hipocrisia (do grego *hypócrisis* = “arte de atuar”), fazem parte dos comportamentos e costumes sociais.

Por isso, numa nova encenação de *Os habitantes*, optaríamos por um desfecho mais dialético, terminando com a cena do carnaval: “Beldade, agora Deus te salve”, são as palavras finais de Graziela para Luciana. “Te deu uma fome canina pelo mundo, por esta cidade. E, então, o mundo te engoliu. Lá vai o rabeção, de quem é a culpa? Que descanse a sua alma”. Na atmosfera do carnaval, Graziela e seus amantes passam, então, a dançar e a pular ao som do rufo, pistão e trombone, e cobrindo-se de confete. Ou seja: Em vez de terminar a nossa apresentação com o luto de Alfredo por Luciana e a sua ruptura com a família dela (ele sai daquela casa), escolheríamos um final cínico, em que a última palavra não seria dada em forma de uma atitude moral correta, mas de um mascaramento social. O espectador seria obrigado, assim, a encontrar a moral adequada a essa história através de suas próprias reflexões. Ele poderia se perguntar, por exemplo, se Luciana – a despeito de todas as maldades que os familiares cometeram contra ela – não foi corresponsável pela sua queda: por causa de sua ingenuidade, sua tendência para o espalhafato, e também pela chantagem que fez (se for verdadeira a versão que Graziela nos contou...). Esse tipo de trabalho teatral teria alguma semelhança com o efeito brechtiano de estranhamento; contudo, aqui seria mais apropriado falar de um efeito de carnavalização.

6 Tentativas de evasão

A rotina da vida cotidiana na favela, como mostram vários episódios nos romances de Dalcídio Jurandir, não abre para os habitantes nenhuma perspectiva para um futuro melhor. Assim, algumas personagens fazem tentativas de evasão. Nas nossas montagens focalizamos três exemplos.

Em *Passagem dos Inocentes*, a principal personagem acaba sendo dona Celeste, em cujo barraco está hospedado Alfredo. Juntamente com o marido, ela mudou-se da ilha do Marajó para a periferia de Belém, o que acarretou uma piora de sua qualidade de vida. Embora tenha ao seu lado o filhinho Belerofonte, isso não é suficiente para lhe fazer esquecer as frustrações no casamento e o tédio insuportável do cotidiano. Assim, ela se refugia na recordação de um baile do tempo quando tinha dezoito anos. No meio da noite, enquanto o filho dorme e o marido está roncando, dona Celeste se levanta, vai para a sala diante do espelho, põe o vestido daquele tempo e começa a dançar, reentrando na atmosfera daquele baile. A festa aconteceu num navio que tinha atracado na sua cidade. No auge da festa, ela sentiu-se enlaçada pelo braço do capitão, o navio desatracou e eles partiram para dentro da noite e do labirinto fluvial do rio Amazonas, passando por “arraiais embandeirados”, por “vilas cheirando a febre e a baunilha”, por portos de lenha e castanhais, enquanto ouviam “o urro dos bois na maromba”, o grito das araras e “o silêncio dos caçadores no matao”. Cada vez mais eles penetraram nas profundezas da selva, e a moça, meio sequestrada, meio consentindo, teve a impressão de que pudessem se realizar os seus mais íntimos desejos.

Ora, esse tipo de entrega dos personagens às suas fantasmagorias costuma ser desmontado, nos romances de Dalcídio Jurandir. É o que acontece também na nossa encenação. A dança

e o sonho de dona Celeste são bruscamente interrompidos pelo grito do marido, que incentiva o filho Belerofonte a “matar a quimera”. No contexto da favela, essa retomada da ação da mitologia grega significa que o menino cavalga no porco chamado Pégaso e, levando consigo o vestido que simboliza a lembrança daquele baile, rasga-o em mil pedaços.

Dona Celeste faz ainda uma segunda tentativa de evasão. Todas as quartas-feiras ela sai para passear no centro da cidade, nos bairros onde moram as pessoas abastadas. Esse passeio solitário de uma senhora casada provoca fofocas e fantasias eróticas entre as vizinhas que, no fundo, têm inveja de dona Celeste. Alfredo, que sente despertar em si uma curiosidade de detetive, segue clandestinamente os passos de dona Celeste, tentando desvendar o mistério. No meio do caminho, porém, a sua investigação é interrompida por uma manifestação de operários e suas mulheres. Eles protestam contra o descaso dos políticos para com os problemas da cidade: o acúmulo de lixo nas ruas, que traz a praga das moscas e doenças que causam a morte de muitas crianças. Esse tipo de desmontagem dos sonhos e desejos individuais dos protagonistas por meio de uma ação política coletiva, é um dos procedimentos da estética da interrupção, tanto em Dalcídio Jurandir quanto em Bertolt Brecht.

Por outro lado, os sonhos de uma personagem podem também se tornar um estímulo para refletir sobre a situação da sociedade, como bem observou um dos atores, Francivaldo Araújo, na discussão com o público:

Vocês podem reparar que a dona Celeste passeia só pelas avenidas importantes de Belém. Mas ao mesmo tempo, ela mora na baixada. Isso, de ela morar na baixada, nos dá um grande orgulho. Não só porque o romance se passa na baixada, mas também porque nós, que interpretamos esse texto, moramos lá. Somos protagonistas e falamos do nosso próprio

bairro, de nossa própria realidade. Então, o passeio dela, vocês reparam que é só nas avenidas grandes. Não é porque a gente mora na baixada, que a gente não possa passear, não possa sair de lá e ir para lugares melhores. Não é porque a gente não tem uma condição de vida boa que a gente não possa sonhar como a dona Celeste sonha. Ela sonha alto. Mesmo morando na baixada, ela pode ter o sonho de um dia estar desfilando nessas avenidas importantes, cheia de glamour, cheia de prosperidade, toda, toda. Isso é também um ponto muito gratificante nessa parte do teatro, do Dalcídio Jurandir. É isso que vem na nossa cabeça. Que os sonhos não são só para os que têm dinheiro, os sonhos são para todos.

Um terceiro tipo de evasão é apresentado na nossa montagem de *Chão dos Lobos*. Trata-se da situação de uma professora viúva e empobrecida, dona Nivalda, que dá aulas numa escola da periferia e costuma estar ocupada com a correção dos trabalhos de seus alunos até altas horas da noite – uma situação, aliás, bastante semelhante com a realidade vivida pela professora que interpretou a personagem. Quando, de tanto corrigir, dona Nivalda se sente extenuada, ela coloca o maço de provas de lado, põe um chapéu elegante e começa a recordar o tempo em que era recém-casada e vivia numa cidade no médio Amazonas. Nessa mesma noite, ela recebe a visita de uma amiga de lá, Dona Enilda. Ao som das músicas do gramofone, ambas relembram os bailes no melhor clube daquela cidade, cuja frequência era reservada às mulheres da classe alta:

Você se lembra ainda da Romilda? Ela era ardente no dançar e profunda no beber. Ou da Ritinha, cuja especialidade era se agarrar no escuro com os pilotos. [...]

Sim, e tinha também a Ivanilda, que só namorava homem casado. Quando ela dançou com aquele ginecologista, a esposa dele seguia o par pelo salão: Olhe aí, tu não vai me tomar o meu marido, safada! (cf. JURANDIR 1976b: 131-134)

Como se vê, a saudade daquele tempo mistura-se com a evocação de vários retratos satíricos. “O que será que aconteceu àquelas moças? Que fim elas tiveram?”, pergunta dona Enilda na hora de se despedir. É uma deixa para dona Nivalda, novamente sozinha, refletir sobre o seu próprio presente: “E que fim tivemos eu o meu marido?” Depois que ele morreu, em consequência de um tumor, “eu fui enterrá-lo em primeira classe, e eu me enterrei aqui no subúrbio”. Apesar dessa situação, o humor satírico com o qual foram apresentadas as diversas tentativas de evasão daquelas outras mulheres e as gargalhadas a seu respeito não deixam de trazer para dona Nivalda um certo alívio. Assim como existe, segundo Walter BENJAMIN (1994: 269), uma cura através da narração, há também na prática teatral cenas com efeito curativo.

7 Considerações finais: O teatro como lugar de socialização e a continuidade da oficina teatral

Durante as suas andanças pela favela, em *Chão dos Lobos*, Alfredo reencontra um antigo conhecido da ilha de Marajó, o operário seu Almerindo, que organizava festas populares, muito apreciadas pela comunidade local. Almerindo, no entanto, teve que sair de lá e migrou para Belém “com a família nas costas”, acabando por conseguir um modesto trabalho. Apesar das dificuldades, ele não perdeu o ânimo e o bom humor, em que conta também o fato de a sua filha ter conseguido reunir no subúrbio uma irmandade. O que liga essas pessoas são rituais teatrais como os *cordões-de-pássaro* e encenações do *boi-bumbá*. Através de duas cenas, nas quais Alfredo participa dos ensaios para essas apresentações, aprendemos a conhecer esse “teatro que o povo cria” (cf. MOURA 1997).

Nessas formas de teatro popular da Amazônia trata-se de uma tradição e de rituais através dos quais o povo mantém a me-

mória de sua identidade e de sua história cotidiana. A origem dos cordões-de-passáros remonta aos costumes dos indígenas, e a do boi-bumbá, aos movimentos de resistência dos escravos. Hoje em dia essas formas de teatro são sobretudo eventos de socialização. É o que pude observar em junho de 2012 *in loco*. Numa apresentação de boi-bumbá no teatro do Curro Velho, em Belém, a cena final foi realizada de forma muito original. A ressurreição do Boi não se deu nem pela atuação do padre, nem da macumbeira e nem do pajé indígena, e sim, graças à união desse grupo de teatro que manteve o compromisso com a tradição cultural. No dia seguinte, acompanhei no bairro de Terra Firme o desfile de um boi-bumbá, o Marromzinho, através das ruas e dos becos da favela. Como me explicou uma das professoras do nosso grupo, os organizadores fazem participar desse desfile também um grupo de crianças, justamente porque esse tipo de ritual é uma forma muito adequada para elas se integrarem desde cedo na vida da comunidade. Foi, aliás, o mesmo grupo que nos emprestou generosamente o seu boi para a nossa apresentação.

Uma qualidade semelhante de convívio eu experimentei durante toda a nossa oficina teatral. A elaboração das adaptações cênicas, os ensaios e as apresentações no palco foram experiências de aprendizagem, experimentação e descobertas coletivas. Como os alunos observaram várias vezes, eles tiveram dessa forma pela primeira vez um diálogo verdadeiro com seus professores. O nosso trabalho teatral, a meu ver, nos aproximou também do objetivo de integrar a educação formal com uma preparação para os desafios do convívio social. Um fator especialmente importante foi o diálogo dos nossos atores da periferia com os espectadores da universidade. Essa forma de comunicação social, que é bastante rara, aconteceu, como explicou um dos nossos atores, graças às possibilidades mágicas do *medium* teatral.

Depois de termos encenado todos os cinco romances de Dalcídio Jurandir que se passam na periferia de Belém, a repercussão positiva nos anima a refletir qual seria a melhor forma de dar continuidade a essa oficina teatral. À guisa de conclusão apresentamos aqui alguns planos e desejos: 1) Publicar os textos das adaptações cênicas, juntamente com os relatos das experiências teatrais, de modo que esse trabalho possa ser retomado, divulgado e aperfeiçoado por todos os interessados; 2) incorporar o trabalho teatral ao planejamento pedagógico da escola Dr. Celso Malcher, com a criação de uma base institucional, de preferência em colaboração com o departamento de teatro da universidade. Essa proposta foi repetida várias vezes pelo público; 3) um dos principais desafios para a continuação do diálogo entre a periferia e a universidade é que os alunos que visam estudar na universidade consigam passar no exame vestibular. Nesse sentido, relembramos uma observação do aluno que interpretou o personagem de Alfredo: “Na periferia vocês vão encontrar uma série de jovens sonhadores, que se propõem como objetivo ingressar na universidade. Pois um estudo na universidade é para um jovem da favela o único caminho através do qual ele pode ter sucesso na vida.”³

³ Meus agradecimentos a todos os participantes da nossa oficina teatral. Aos professores Anna Carolina de Abreu, Marinilce Coelho, Moisés do Nascimento, Nelson Fonseca, Rosana Passos, Rosane de Lioila, Rosineide Brandão e Waldinei do Carmo de Souza (coordenador do grupo). Aos alunos Ana Daniele Pantoja, Ângelo Araújo, Cristiane Silva, Francivaldo Araújo, Gabriela Gomes, Gilvan Capela Jr. (um obrigado especial pela confecção dos cenários!), Isabelle Silva, Keterson Pereira, Lucas Ferreira, Marcele Melo, Milene Araújo, Natália Cavalcante, Nayra Campos, Thainara Socorro e Wallace Gonçalves da Silva. E também a Francisco Batista, que me pôs em contato com o grupo.

Pelo apoio às montagens agradeço a Regina Guimarães, ex-diretora da escola Dr. Celso Malcher, aos professores da UNAMA Célia Jacob, Francisco Cardoso e Neusa Pressler, aos professores da UFPA Marinilce Coelho e Agenor

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. Conto e cura [Narrar e curar]. In: *Obras escolhidas II*. Trad. Rubens R. Torres Filho e José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Ed. Brasiliense, 4. ed. 1994, p. 269. (1. ed. brasileira 1987; 1. ed. alemã 1972)
- BOLLE, W. Uma enciclopédia mágica da Amazônia? O ciclo romanesco de Dalcídio Jurandir. In: Leão, Allison (org.). *Amazônia: literatura e cultura*. Manaus: UEA Eds., 2012, pp. 13-37.
- BOLLE, W. Belém, porta de entrada da Amazônia. In: Castro, Edna (org.). *Cidades na Floresta*. São Paulo: Annablume, 2009, pp. 99-147.
- BRECHT, Bertolt. Vergnügungstheater oder Lehrtheater? In: *Berliner und Frankfurter Ausgabe*. Suhrkamp, vol. 22.2, 1998, pp. 106-116.
- DAVIS, Mike. *Planeta Favela*, São Paulo: Boitempo, 2006.
- JAEGER, Werner. *Paideia: Die Formung des griechischen Menschen*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 4. ed. 1973. (1. ed. 3 vols. 1933/1944/1947)
- JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão-Pará*. 2. ed. Belém: EdUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004. (1. ed. 1960)
- JURANDIR, Dalcídio. *Passagem dos Inocentes*. 2. ed. Belém: Falangola, 1984. (1. ed. 1963)
- JURANDIR, Dalcídio. *Primeira manhã*. 2. ed. Belém: EdUEPA, 2009. (1. ed. 1967)
- JURANDIR, Dalcídio. *Ponte do Galo*. São Paulo: Martins, 1971.
- JURANDIR, Dalcídio. *Os habitantes*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976a.
- JURANDIR, Dalcídio. *Chão dos Lobos*. Rio de Janeiro: Record, 1976b.

Sarraff Pacheco, à Secretaria da Cultura do Pará, e ao Prof. Paulo Astor Soethe (UFPR). Agradeço também ao CNPq pelo apoio ao conjunto da pesquisa.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *O teatro que o povo cria*. Belém: Secult, 1997.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1988. (1. ed. 1953)

Da inesperada potencialidade da literatura brasileira de expressão alemã

Celeste Ribeiro de Sousa¹

A literatura *stricto sensu*, criada pelo grupo étnico dos imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil, marginalizada até o presente, sob a pecha de anacronismo, merece ser revisitada. Para fazê-lo, recorro ao respaldo de Ezra Pound em *How to read* (1968), pois elevadas potenciações de significado num texto tornam-no atemporal. Também evoco o amparo de Boris Fausto em *Fazer a América* (1999), que acena com a esperança no iminente interesse acadêmico pelos fenômenos das imigrações estrangeiras no Brasil, e valho-me dos argumentos de Wander Melo Miranda em *Nações literárias* (2010), que me levam a considerar esta literatura como uma nação literária brasileira, gerada no seio maior da cultura heterogênea do país, e, portanto, digna de revisão, já que todos os cânones são construções culturais e sujeitos a revisões.

¹ Professora Sênior de Literatura Alemã no Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 1980. Email: celeste@usp.br

Embora os textos críticos já publicados sobre esta produção (quase todos os textos em alemão, à exceção de 4 Mestrados² e 4 Doutorados³, que neles se apoiam) emitam sentenças assaz negativas sobre as obras analisadas, baseadas em *corpora* aleatórios, não podem essas sentenças ser consideradas conclusivas, pois essa produção permanece *in totum* desconhecida.

Para sanar tal lacuna, o Grupo de Pesquisa Interuniversitário RELLIBRA (Relações linguísticas e literárias Brasil-Países de língua alemã) – www.rellibra.com.br –, fundado em 1993, junto ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da USP e credenciado no CNPq⁴, deu início em 2006 a um novo projeto

² *A narrativa literária no Anuário do Correio Serrano após 1948: temas*, de Celeste Ribeiro de SOUSA (1979-USP); *Saudade e esperança. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*, de Valburga HUBER (1979-UFRJ); *A máscara cai. Wolfgang Ammon no contexto da literatura teuto-brasileira*, de Ingrid Assmann de FREITAS (1989-UNESP/Assis); *Onde o sabiá canta e a palmeira farfalha. A poesia em língua alemã publicada nos anuários sul-riograndenses (1874-1941)*, de Imgart BONOW (1991-PUC/RS).

³ *A poesia alemã no Brasil. Tendências e situação atual*, de Marion FLEISCHER (1967-USP); *A (re)construção do retrato do Brasil*, de Ingrid Assmann de FREITAS (1997-UNESP/Assis); *A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul*, de Imgart GRÜTZMANN (1999-PUC/RS); *A ponte edênica: da literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer*, de Valburga HUBER (2000-USP).

⁴ No âmbito deste Grupo de Pesquisa RELLIBRA, desenvolveram-se vários projetos: 2 Iniciações Científicas, 5 Mestrados, 8 Doutorados e 1 Pós-Doutorado: *A recepção de Kafka em São Paulo: levantamento bibliográfico, parte 1*, de Eduardo Manoel de BRITO (1999-IC-USP); *A recepção de Kafka em São Paulo: levantamento bibliográfico, parte 2*, de Maria Célia Ribeiro SANTOS (1999-IC-USP); *Willy Keller: um tradutor alemão de literatura brasileira*, de Karola Maria ZIMBER (1998-M-USP); *A imagem do sertão na tradução alemã de “Grande Sertão: veredas” de J. G. Rosa*, de Fábio Chiqueto BARBOSA (1999-M-USP); *Friedrich Dürrenmatt: imagens da Suíça, do estrangeiro e do Brasil*, de Rogério Silva ASSIS (2000-M-USP); *Da borboleta à lagarta: um estudo do silêncio em “A metamorfose” de Franz Kafka*, de Maria Célia Ribeiro SANTOS (2004-M-USP);

de pesquisa, de caráter coletivo, com o título “Literatura brasileira de expressão alemã”, sediado em <<http://martiusstaden.org.br/conteudo/detalhe/69/rellibra>>. Este projeto, contudo, também abre espaço para as obras de exilados e viajantes de língua alemã no Brasil, pois tenta centrar informações sobre os textos literários produzidos sobre o Brasil por falantes de alemão, que aqui estiveram. Trata-se de um macroprojeto composto de microprojetos, com 2 objetivos precípuos: tornar possível aos brasileiros, que não leem alemão, o acesso a esse material, através de traduções, sobretudo, e a formação de um banco de dados, a partir do qual possam ser elaborados artigos críticos, como, por exemplo, “Uma narrativa safe em tempos de censura. Da literatura da imigração alemã”⁵, que enfoca *Ein Weihnachtsmärchen* (Conto de uma noite

A exceção e a regra” de Bertolt Brecht. *A exceção como regra: uma leitura*, de Susana Campos de Albuquerque MELLO (2009-M-USP); *A ponte edênica: da literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer*, de Valburga HUBER (2000-D-USP); *Iconofilia e iconoclastia em “Mundos dos Milagres: um encontro brasileiro” de Hugo Loetscher*, de Jael Glauce da FONSECA (2004-D-USP); *O romance “O tigre azul” como forma estética do pensamento histórico de Alfred Döblin*, de Alceu João GREGORY (2004-D-USP); *O Brasil de “S. Bernardo” de G. Ramos em tradução alemã*, de Karola Maria Augusta ZIMBER (2004-D-USP); *Quando a ficção se confunde com a realidade. As obras “In der Strafkolonie”/“Na Colônia Penal” e “Der Process”/“O Processo”, de Franz Kafka, como filtros perceptivos da ditadura civil-militar brasileira*, de Eduardo Manoel de BRITO (2006-D-USP); *Contos populares e discurso no currículo da educação bilíngue alemão-português, no Brasil*, de Maria Suely Oliveira GOLDSTEIN (2009-D-UNICAMP); *O poder do livro didático e a posição do professor no ensino de alemão como língua estrangeira*, de Dörthe UPHOFF (2009-D-UNICAMP); *Orquestrando ecos do passado. Walter Kempowski e “Das Echolot”*, de Valéria Sabrina PEREIRA (2011-D-USP); *Alemão para brasileiros: (re) vendo imagens*, de Ruth BOHUNOVSKY (2007-PD-UNICAMP).

⁵ Sousa, Celeste Ribeiro de. Uma narrativa safe em tempos de censura. Da literatura da imigração alemã In: *Sibila*. Poesia e crítica literária. São Paulo, 1 abr. de 2013. <<http://sibila.com.br/mapa-da-lingua/uma-narrativa-safe-em-epoca-de-censura/9374>>.

de Natal), um conto de Robert Weber, de 1924, que de espírito natalino não tem nada. Para contemplar esta linha crítica, também são organizadas anualmente uma ou duas mesas-redondas, cuja programação encontra-se disponível no mencionado *site*.

Cada microprojeto coleta e sistematiza produções literárias por autor, invariavelmente disseminadas por diferentes jornais e “Kalender”, ou mesmo brochuras. Entre os miniprojetos (bancos de dados) concluídos e disponíveis no site acima indicado, na opção [Recuperação de autores e obras], estão aqueles referentes aos seguintes autores: Matthaeus BRAUN (1872-1954); Anna BROCKES (1852-1940); Charlotte Wollermann FISCHER (1902-1987); Gertrud GRIMM (1905-?); Elly HERKENHOFF (1906-2004); Alfred REITZ (1886-1951); Juanita SCHMALENBERG BEZNER (1908-1988); Hilda SIRI (1918-2007); Robert WEBER (1895-1975). Em desenvolvimento, encontram-se os seguintes: Wolfgang AMMON (1869-1938); Ulrich BECHER (1910-1990); José Antonio BENTON (1894-1986); Julia ENGELL-GÜNTHER (1819-1910); Otto FENSELAU (1855-1937); Carlos FOUQUET (1897-1980); Friedrich GERSTÄCKER (1816 -1872); Otto GRELLERT (1908-1993); Gertrud GROSS-HERING (1879-1968); Heinrich Eduard JAKOB (1889-1967); Maria KAHLE (1891-1975); Richard KATZ (1888-1968); Willy KELLER (1900-1979); Karl von KOSERITZ (1830-1890); Georg KNOLL (1861-1940); Luiz KUCHENBECKER (1897-1969); Margret KUHLMANN (1892-1984); Karl NASCHOLD (1866-1924); Liti Belinha RHEINHEIMER (1941-); Wilhelm ROTERMUND (1843-1925); Wilhelm WUSTROW (1854-1941).“. Restam muitos outros autores por pesquisar, conforme se pode aquilatar pela lista disponível no *site* apontado, mantendo-se o macroprojeto aberto a todos os interessados. Descerra-se aqui uma excelente seara para Iniciações Científicas.

A produção literária dos imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil é vasta e rica, dando ensejo a ser abordada de várias perspectivas, como se pode ver no mencionado *site* do projeto⁶. Os textos podem ser examinados a partir de sua poeticidade, que merece reavaliação (JAKOBSON 1970); podem igualmente ser investigados a partir da imagologia, uma abordagem promissora: que imagens de Brasil estão registradas nesses textos? (SOUSA 2004). Podem ser analisados da perspectiva memorialística: o que é lembrado? O que é silenciado? Por quê? (GALLE & SCHMIDT 2010). O viés (pós)colonial permanece intocado: como estão configuradas as relações (pós)coloniais ambíguas entre alemães e brasileiros? (LÜTZELER 1997 e SANTOS 2004). Trata-se de material para ser trabalhado e analisado em Mestrados e Doutorados.

Esses autores, para além de terem escrito prosa (romances, novelas, contos), poesia, teatro e ensaio, dedicaram-se também à tradução de muitas obras da literatura brasileira canônica para a língua alemã, tendo como alvo o público leitor das colônias. O estudo crítico dessas traduções (BRITTO 2012), por exemplo, constitui igualmente tema para Mestrados e Doutorados: a análise e interpretação do significado amplo das escolhas feitas tanto no plano linguístico (poeticidade) quanto no plano cultural, social e mesmo político, certamente, revelarão inéditas facetas de aculturação e de talento poético.

Um dos textos mais traduzidos, a título de exemplo, foi a “Canção do exílio” de Gonçalves DIAS, muito provavelmente porque a experiência do exílio, qualquer que seja o seu cariz, marca a ferro e fogo a alma de qualquer imigrante, é um traço identitário

⁶ Leia-se igualmente: SOUSA, Celeste Ribeiro de. “Literatura brasileira de expressão alemã”. In: *Revista Sibila*, de 12 de dez. de 2009. Disponível em <<http://sibila.com.br/mapa-da-lingua/literatura-brasileira-de-expressao-alema/3295>>.

que o define. Na tradução desta “Canção”, os imigrantes alemães acham um duplo vínculo com os brasileiros: de um lado, partilham a vivência de um “banimento”, de outro, participam de uma mesma literatura/cultura – a brasileira – em 2 línguas. A versão apresentada abaixo foi composta por Juanita SCHMALENBERG e publicada junto com outras traduções numa antologia, intitulada *Wo die Palme tief...*, provavelmente em 1936.

<p><i>Lied des Verbannten</i> Juanita SCHMALENBERG</p>	<p><i>Canção do exilado</i> Tradução ao pé da letra</p>	<p><i>Canção do exílio</i> Gonçalves DIAS</p>
<p>Wo die Palme tief Ihre Flächen neigt, Wo der Sabiá Seine Lieder geigt, Aller Vögel Sang Schmelzender ertönt Und der Blumen Glanz Süss'rer Duft entströmt, Wo der Wälder Schoss Tausendfach bewegt Und das Leben selbst Heiss're Liebe trägt – Die ich Heimat nenne, Ewig teure Flur, Ach, noch einmal nur, Unter Sternenschimmer Möcht'ich träumend gehn, Ragend in den Äther Stolze Palmen sehn Und den Liedern lauschen Die die Nacht dort singt Schönheit, die wie keine Mir das Herz bezwingt!</p>	<p>Onde a palmeira intensa Seus leques inclina Onde o sabiá Seus cantos gorjeia O canto das aves derretendo ecoa E o esplendor das flores doce olor evola onde o seio dos bosques se move em mil modos E a própria vida Carrega intenso amor – Que chamo de pátria, caras várzeas eternas, Ah, mais uma só vez, Sob o brilho d'estrelas Em sonho quero percorrer, altaneiro pelo éter, ver palmeiras altivas, Escutar as modinhas, Que a noite lá canta Beleza inigualável que Meu coração domina! Não para morrer, Esta é minha súplica,</p>	<p>Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores. Minha terra tem primores Que tais não encontro eu cá; Em cismar – sozinho à noite –, Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Não permita Deus que eu morra,</p>

Eher nicht zu sterben, Dieses ist mein Flehn, Götter, wollt mich hören Schenkt ein Wiedersehn! (SCHMALENBERG s/d: 7-8)	Deuses, escutai-me Concedei um regresso! (RIBEIRO DE SOUSA)	Sem que desfrute os primores Que não encontro por cá; Sem qu'inda aviste as palmeiras, Onde canta o Sabiá.
---	---	---

A segunda versão do poema, no meio, feita pela autora deste texto, intitulada “tradução ao pé da letra”, uma tradução de uma outra tradução tem por objetivo simplesmente mostrar que aquilo a que chamamos tradução de Juanita SCHMALENBERG do poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, não é bem uma tradução; é muito mais uma recriação, no fundo, um outro poema, inspirado pelo original brasileiro. Mesmo na tradução “ao pé da letra”, há passagens impossíveis de transpor à língua portuguesa sem que o ritmo do poema seja pesadamente afetado e, algumas vezes, nem se encontra no vernáculo a palavra adequada. Por exemplo, o advérbio “tief” carrega em si a ideia de “profundo”, a imagem das folhas das palmeiras pendidas, viradas para baixo. O verbo “geigen” significa “tocar violino” e reproduz a imagem sonora do canto mavioso. E das rimas nem se fala. Enquanto SCHMALENBERG, apesar da extrema dificuldade em resgatar a singeleza e leveza das rimas originais, consegue recuperar algumas e dar ao poema recriado um ritmo igualmente ágil, a “tradutora ao pé da letra”, para não se afastar da letra, não o logra. De fato, os dois poemas distinguem-se já a partir da estrutura gráfica. A tradução de Juanita SCHMALENBERG não mantém as duas quadras e as duas sextilhas, é um só bloco. O título também apresenta suas diferenças. Na versão alemã é “Lied des Verbannten” [Canção do exilado], não “Lied der Verbannung” [Canção do exílio]. O poema de Gonçalves DIAS, estruturado em 4 estrofes (2 quadras e 2 sextilhas) de versos de sete sílabas (redondilhas maiores), é sustentado pela oposição

geográfica e paisagística entre uma “minha terra/lá” e um “aqui/cá”. Um dos polos dessa oposição (Brasil) é caracterizado pela presença das palmeiras, do sabiá, do céu, de várzeas, de bosques, de pássaros e de primores diferentes, e por comparativos de superioridade de estrelas, de flores, de vida, de amores, de prazer. Termina com a súplica do regresso. O outro polo da oposição (Portugal – Coimbra, 1843) é, por assim dizer, silenciado, reduzido ao simples advérbio de lugar “aqui/cá”. Não há comparação possível entre as duas terras, de modo que até poderíamos afirmar que os comparativos de superioridade “mais estrelas”, “mais flores”, “mais vida”, “mais amores”, “mais prazer”, na verdade, são superlativos dando forma a emoções e sentimentos. A terra do eu do poema é superlativa em singelas imagens de beleza visual e sonora e em cadência melódiosa, uma beleza que impregna e determina o ser do eu lírico, que, uma vez dela afastado/exilado, tende a enfraquecer e até morrer. É uma apologia dos elementos naturais do Brasil, uma afirmação da nacionalidade. O poema de Juanita SCHMALENBERG, em cadência melódica semelhante ao original, mas constituído de 27 versos corridos de 5 sílabas (redondilhas menores), um só corpo (o do exilado), não oferece contrastes entre o lá e o cá; apenas uma bela e comprida descrição da pátria do eu lírico, que ele anseia por rever. Poderia ser a canção da “exilada” Juanita, de quando estudava na Alemanha, querendo voltar ao Brasil. Uma apologia do Brasil sem a negação da Alemanha. Conforme Marion FLEISCHER, que lhe investigou a obra,

considerando-se o fato de a futura escritora voltar para o nosso país aos dezenove anos de idade, poder-se-ia supor que sua personalidade viria a ser moldada principalmente pelas influências étnicas e culturais brasileiras. Tal, entretanto, não se verificou. A herança dos antepassados europeus, conservada através do cultivo constante de sua língua, e

uma forte ligação afetiva ao meio brasileiro, coadunam-se perfeitamente na figura de Juanita Schmalenberg, paradigma da bipolaridade a dominar a maior parte dos escritores teuto-brasileiros. (FLEISCHER 1967: 10).

Juanita SCHMALENBERG nasceu no Rio de Janeiro em 01 de dezembro de 1908. Seus pais eram alemães, oriundos de Westfalen. Cedo viajou para a Alemanha, para lá, sobretudo, em Berlim e em Düsseldorf, continuar a receber formação escolar. Voltou ao Brasil em 1927. Estudou música em Berlim, Genebra e no Rio de Janeiro. Foi colaboradora do jornal *Correio da manhã*, do Rio de Janeiro, de outros jornais brasileiros e estrangeiros e também de *Kalender* como o *Serra-Post Kalender* e o *Rotermund-Kalender*. Alguns de seus trabalhos foram traduzidos para o espanhol e publicados no Uruguay. Depois de casada, passou a ter o nome de Juanita Schmalenberg Bezner. Faleceu em 14 de janeiro de 1988 em Santa Cruz do Timbó – Santa Catarina. Deixou uma obra composta por narrativas, poemas, ensaios e outras traduções (Casimiro de Abreu, Castro Alves, Euclides da Cunha, Gustavo Barroso, Luiz Edmundo, Érico Veríssimo, Fagundes Varela, Machado de Assis, Menotti del Picchia, Olavo Bilac, Raymundo Correa, Ronald de Carvalho, Tobias Barreto). O levantamento e a sistematização de todas estas traduções e demais escritos da escritora constituem um miniprojeto de pesquisa já concluído e disponível em <<http://www.martiusstaden.org.br/conteudo/detalhe/192/juanita-schmalenberg-benzer>>.

Para atizar a curiosidade e o interesse dos eventuais leitores, deixo, nos anexos abaixo, alguns poucos exemplos das muitas traduções, de autoria de outros poetas, passíveis de investigação.

Referências Bibliográficas

- BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. São Paulo: Memorial/EDUSP, 1999.
- FISCHER, Charlotte Wollermann. “Viehtreiben am Himmel”. In: *Serra-Post-Kalender*, Ijuí: Ulrich Löw, 1953, p. 228.
- FLEISCHER, Marion. *A poesia alemã no Brasil*. São Paulo: FFCL-USP, 1967.
- GALLE, Helmut & SCHMIDT, Rainer (orgs.). *A memória e as ciências humanas. Um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2010.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística, poética e cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- LÜTZELER, Paul Michael. *Der postkoloniale Blick*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.
- POUND, Ezra. How to read. In: *Literary essays of Ezra Pound*. New York: A New Directions Book, 1968.
- RIBEIRO DE SOUSA, Celeste. A obra de Machado de Assis em tradução alemã. In: *Língua e Literatura* v. 15, n.18, São Paulo, FFLCH/USP, 1990, pp. 55-59.
- RIBEIRO DE SOUSA, Celeste. *Do cá e do lá. Introdução à Imagologia*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2004.
- RIBEIRO DE SOUSA, Celeste. Literatura brasileira de expressão alemã. In: *Revista Sibila*, de 12 de dez. de 2009. Disponível em <<http://sibila.com.br/mapa-da-lingua/literatura-brasileira-de-expressao-alema/3295>> (15/06/2015).
- RIBEIRO DE SOUSA, Celeste. Carlote Wollermann Fischer: vida e obra. Disponível em: <<http://www.martiusstaden.org.br/conteudo/detalhe/134/charlotte-wollermann-fischer-1902-1987>> (16/06/15).

RIBEIRO DE SOUSA, Celeste. Hilda Siri: vida e obra. Disponível em: <<http://www.martiusstaden.org.br/conteudo/detalhe/102/hilda-siri-1918-2007>> (16/06/15).

SANTOS, Boaventura de Sousa, *Gramática do tempo*. São Paulo: Cortez, 2004.

SCHMALENBERG, Juanita. Lied des Verbannten. In: SCHMALENBERG, Juanita. *Wo die Palme tief...* São Paulo, edição privada da autora, s/d, pp. 7-8.

SCHMALENBERG, Juanita. Via – Lactea. In: *Intercâmbio*. Rio de Janeiro, 1940, cadernos 7-9, pp. 294-295.

SCHMALENBERG, Juanita. Sterne und Glühwürmleine. Aus den “Gedichten des Lasters und der Tugend”. In: *Intercâmbio*, Rio de Janeiro, 1940, p. 173.

SCHMALENBERG, Juanita. Der Wuensche Kreis. In: *Serra-Post-Kalender*, Ijuí: Ulrich Löw, 1957, p. 36.

SCHMALENBERG, Juanita. Gebet. In: *Intercâmbio*, 1940, pp. 38-39. Também in: *Serra-Post-Kalender*, Ijuí: Ulrich Löw, 1963, pp. 135 e 137.

SCHMALENBERG, Juanita. Vaterland In: *Serra-Post-Kalender*, Ijuí: Ulrich Löw, 1971, pp. 32-33.

SIRI, Hilda. Die Zeit. In: *Die Serra-Post*, Ijuí, 29.12.1951, p. 3.

SIRI, Hilda. Die Tauben. In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí: Ulrich Löw, 1955, p. 130.

Anexos

Gebet

Juanita Schmalenberg

Wenn in den kühlen Schleiern
Der Nacht die Erde ruht,
Dann steigt ein grosses Beten
Empor aus Tal und Flut.

Entzünden sich die Kerzen
Der zarten Glühwürmlein,
Ihr Ave singt die Lilie
Und Höhlen stimmen ein.

Im Waldesgrund ein Schluchzen,
Das ist des Sturmes Pein,
Kopfüber stürzen Meere
Sich in den Sand hinein!

Die Wolken auf den Knien
In Klöstern, still und fern,
Durch ihre Hände rinnen
Wie Perlen Stern um Stern!

Die Açucena faltet
Die Hände wie ein Kind,
Die Palme löst die Flechten,
Der Huri gleich gesinnt.

Von einsamen Lianen
Tönt leiser Tropfen Fall,
Wie Rosenkränze flüstern
Zu Herzen voller Qual.

Der Sturm im Kreis die Berge
Mit mächt'ger Stimme füllt,
Das ist der Organiste
Der seine Orgel spielt!

Die Grotten und die Felder
In demütigem Bann,
Des Panthers wilde Lichter
Beten den Mondschein an.

Rezas

Castro Alves

Na hora em que a terra dorme
Enrolada em frios véos,
Eu ouço uma reza enorme
Enchendo o abismo dos céos.

Acendem os bentos círios
Dos vagalumes subtís,
"Ave" murmuram os lírios,
"Ave" dizem os covis!

Nos boqueirões há soluços,
Tem remorso o vendaval ...
O mar se atira de braços
Co'as barbas pelo areial.

As nuvens ajoelhadas
Nos claustros ermos e vãos
Passam as costas doiradas
Das estrelas – pelas mãos.

A açucena, por creança
Junta os dedos... reza e ri!
A palmeira larga a trança...
Reza nua como a huri!

Pelos cipós solitários
Gota a gota o orvalho cáe,
Como as bagas do rosário
Da filha que chora o pai!

A ventania que emboca
Pela serra colossal
É organista que toca
Nos sifões da catedral!

Que fanatismos divinos,
Nas lapas do campo alvar,
Da onça os olhos felinos
Dizem rezas ao luar!

Phosphoreszierend Funken
An des Gestades Nacht –
Als Büsser tausend Larven
Auf treuer Seelen Wacht.

Erzengel und Dämonen
In Frömmigkeit geeint,
Der Wasserfall am Boden
Schlägt an die Brust und weint!

In Liebe und Entsetzen
So betet die Natur,
Die Nester bei den Hütten,
Die Krater ob der Flur!

Allein – indess Choräle
Das weite All durchziehn,
Gibt sich der Mensch dem Schläfe
Im Schoss der Schöpfung hin!
(In: SCHMALENBERG 1963: 135 e 137)

Via – Lactea
Juanita Schmalenberg

Wie die Wälder der Urzeit, die düsteren Gründe,
Vor den Schritten der Menschen in Keuschheit bewahrt,
Wo das Echo des brüllenden Tigers verharrt
Und kein Sonnenstrahl öffnet die Wirrnis gelinde.

So verschlossen und einsam, dass Liebe nicht finde
Durch die Wildnis des Herzens, so trübe und hart
Ersah einst ich dein Leben, im Dunkel erstarrt,
Wie die Wälder der Urzeit, die düsteren Gründe...

Heut – heut glühet der Wald wie von himmlischem Segen,
Ertönt aus den Zweigen ein festlicher Sang,
Da entfalten sich Blumen und Nester sich regen.

Wenn das Morgenrot streicht seine Wipfel entlang
Und wie stäubendes Gold auf den sandigen Wegen
Liegt die Sonne der Liebe, die nie ihn durchdrang!
(In: SCHMALENBERG 1940: 295)

Há luzes fosforescentes
Acesas pelos marneis...
São as larvas penitentes
Rezando pelos fiéis.

Monstro e anjo a noite grupa
No pedestal da oração...
Quem sabe se a catadupa
Bate nos peitos do chão?

Reza tudo que tem boca,
Cheio de graça ou terror...
O ninho junta da tica,
A cratera ao pé da flor!

Só enquanto a reza enorme
Rebôa pela amplidão,
Como Loth ... o Homem dorme
No colo da criação!⁷
(In: SCHMALENBERG 1963: 134 e 136)

Via – Lactea
Olavo Bilac

Como a floresta secular, sombria,
Virgem do passo humano e do machado,
Onde apenas, horrendo, ecoa o brado
Do tigre, e cuja agreste ramaria

Não atravessa nunca a luz do dia,
Assim também, da luz do amor, privado,
Tinhas o coração ermo e fechado,
Como a floresta secular, sombria...

Hoje, entre os ramos, a canção sonora
Soltam festivamente os passarinhos,
Tinge o cimo das árvores a aurora...

Palpitam flores, estremeçam ninhos...
E o sol do amor, que não entrava outrora,
Entra dourando a areia dos caminhos!
(In: SCHMALENBERG 1940: 294)

⁷ Os textos em português foram citados de acordo com as revistas em que as traduções foram publicadas

Vaterland
Juanita Schmalenberg

Vaterland! In dem Mark deiner Bäume,
Gluten und Schatten, Düften und Tau, Circulo!
All deinen Säften fühl'ich mich kreisen –
Bis zu des Himmels siegendem Blau!

Von deinen Kronen, deinen Lianen,
Von deiner Nester wonniger Ruh,
Von deiner Früchte Reifen und Ahnen –
Dir will ich singen, Vaterland, du!

Jauchzen und weinen mit dir, deinen Tagen,
Selig dich preisen in Blüte und Ruhm,
Sterben, so man dir Wunden geschlagen –

Wachen für dich noch im Grabe, um
Tief in dem Schosse der Erde zu tragen
Mit deinen Leiden, dein Heldentum!
(In: SCHMALENBERG 1940: 33)

Sterne und Glühwürmleine
Juanita Schmalenberg

Gott der Herr am Firmamente
Felte an dem Mond und sang,
Und die goldnen Splitter flogen
Da und hier und dort entlang!
In des Äthers blauen Schleiern
Hing manch Stücklein, klein und gross,
Doch unendlich viele sanken
In der Erde tiefen Schoss...
Ihre Spuren sind geblieben
Lichter rätselhafter Schein,
Heissen an dem Himmel Sterne,
Auf der Erde Glühwürmlein!
(In: SCHMALENBERG 1940: 173)

Pátria
Olavo Bilac

Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
E sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho!
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
E subo do teu cerne ao céu de galho em galho!

Dos teus lichens, dos teus cipós, da tua fronde,
Do ninho que gorgoeja em teu doce agasalho,
Do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,
De ti, – rebento em luz e em cânticos me espalho!

Vivo, choro em teu pranto; e, em teus dias felizes
No alto, como uma flor, em ti, pompeio e exulto!
E eu, morto, – sendo tu cheia de cicatrizes,

Tu golpeada e insultada, – eu tremerei sepulto:
E os meus ossos no chão, como as tuas raízes,
Se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto!
(In: SCHMALENBERG 1940: 32)

Astros e vagalumes
Menotti del Picchia

Deus, no azul do firmamento,
Limava a lua a cantar
Jogando às nuvens e ao vento
Lascas brancas de luar.
E desse azul fresco e fundo,
Rolaram no etéreo véu:
Umás – caíram no mundo
Outras – caíram no céu.
Deixando seus claros rastros,
Banhados de estranhos lumes,
Nos céus – se fizeram astros,
E na terra – vagalumes.
(In: SCHMALENBERG 1940: 173)

Der Wuensche Kreis

Juanita Schmalenberg

“Waer’ ich der Stern, der golden dort erschimmert,
Im Blau des Himmels ew’ger Kerze Licht!“
Fliegt durch die Nacht ein Gluehwuermlein bekuemmert
Und hoert den Stern nicht, der zum Monde spricht:
„Haett’ ich die Strahlen dein – koennt’ ihnen gleichen,
Die von der Griechen hehrer Saeulenpracht
Bis zu der Gothik Fensterboegen reichen!“
Indess der Mond zur Sonne bitter sagt:
„Elend, du! Was ward nicht mit gegeben
Die maecht’ge Helle, deiner Fueelle Sein!“
Und auf der Sonne Lider steht ein Beben –
„Zu schwer die Goetterkrone, die da mein!
Erdrueckend ist’ s im ew’gen All zu schweben –
Was schufst du, Gott, mich nicht ein Gluehwuermlein...“
(In: SCHMALENBERG 1940: 14)

Die Zeit

Hilda Siri

Ich komme, vergehe, ich bin die Zeit,
ohn’ Anfang, ohn’ Ende, noch Ziel.
Auf meinen Schwingen fluechten das Leid,
das Glueck, das eitle, irdische Spiel.

Geschaeflig eil’ ich von Sekunden
zu Minuten, die nicht stille stehn.
Aus des Alltags wechselvollen Stunden
werden Jahre, kommen und vergehn.

Keiner haelt Schlaege des Schicksals auf
und niemand hemmt den Gang der Zeit.
In meinem ruhig, stetig, stillen Lauf
reih’ ich Jahrhunderte zur Ewigkeit.

Wirke! Unwiederbringlich ist der Augenblick
und kurz bemessen ist des Lebens Frist.
In deinem Streben liegt des Lebens Glueck
nuetze die Stunde, die im Werden ist!
(In: SIRI 1951: 3)

Círculo vicioso

Machado de Assis

Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
- Quem me dera que fosse aquela loura estrela,
que arde no eterno azul, como uma eterna vela!
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:
- Pudesse eu copiar o transparente lume,
Que, da grega coluna á gótica janela,
contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!
Mas a lua, fitando o sol, com azedume:
- Mísera! tivesse eu aquela enorme, aquela
claridade imortal, que toda a luz resume!
Mas o sol, inclinando a rutila capela:
- Pesa-me esta brilhante aureola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbela...
Porque não nasci eu um simples vaga-lume?
(In: SCHMALENBERG 1940: 15)

O tempo

Olavo Bilac

Sou o Tempo que passa, que passa,
Sem princípio, sem fim, sem medida!
Vou levando a Ventura e a Desgraça,
Vou levando as vaidades da Vida!

A correr, de segundo em segundo,
Vou formando os minutos que correm...
Formo as horas que passam no mundo,
Formo os anos que nascem e morrem.

Ninguém pode evitar os meus danos...
Vou correndo sereno e constante:
Desse modo, de cem em cem anos,
Formo um século, e passo adiante.

Trabalhai, porque a vida é pequena,
E não há para o Tempo demoras!
Não gasteis os minutos sem pena!
Não façais pouco caso das horas!
(In: BILAC 1949)

Die Tauben

Hilda Siri

Die ersterwachte Taube hebt die Fluegel,
es daemmert rosig kaum der junge Tag.
Noch eine... hundert lassen ihren Schlag,
fliegen entgleitend ueber Tal und Huegel.

Zu ihrem Nest keh'r'n alle Tauben wieder
in Scharen; wenn der Tag zur Neige geht,
und kuehl die erste Abendbrise weht ...
Gurren, flattern und plustern ihr Gefieder.

Den Tauben gleich, die frueh ihr Nest verliessen,
fliegen die Traeume, die im Herzen spriessen
einer nach dem anderen leicht hinaus.

Im Morgen unserer Jugend sie entschweben
und fliehn ... Zum Abend Tauben heimwaerts streben ...
Doch Traeume kehren nicht zurueck nach Haus.
(In: SIRI 1955: 130)

Viehtreiben am Himmel

Charlotte Wollermann Fischer

Gerad'so wie die rote Kuh:
Den Kopf hoch vorgestreckt,
Das Kaelbchen ihr zur Seite
Und wirklich ganz erschreckt,
so steigt der Mond auf ueberm Huegel,
mit einem Sternlein dicht daneben,
Als waer's ein kraeftig Kaelbchen eben.
Und auf dem Himmelskamp dort oben
Zieh'n andre Sterne her zu Hauf'
Lauter Kaelbchen und Rinder...
Der Mond – die scheue rote Kuh –
Versteckt sich hinter der Wolkenwand,
Als sei sie ins Gebuesch gerannt,
Und laesst das Kaelbchen allein.
Nun aber, nur ein wenig drauf,
Auf seinem Pferdchen reitend,
Das im Trab die Zuegel schuetzelt,
Taucht der Heil'ge Joseph auf.
Erst umkreist er seine Herde
Von Sternen, – ist das ein Gewimmel,
Als ging' gleich das Viehtreiben los
Auf der Weide dort am Himmel!...
(In: FISCHER 1953: 228)

As pombas

Raimundo Correa

Vai-se a primeira pomba despertada ...
Vai-se outra mais ... mais outra ... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada ...

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Ruffando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada ...

Também dos corações, onde abotoam
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem ... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais ...
(In: SIRI 1955: 130)

Rodeio no céu

Vilmar Campos Bindé

Bem como a vaca barrota:
de cabeça levantada,
com o terneiro ao lado
e mesmo bem espantada,
a Lua surgiu na coxilha,
tendo uma estrelita ao lado
- terneira bem viçosa.
E, no campo lá do céu
surgiram outras estrelas
- terneiras e novilhas...
A Lua – barrota chucrona –
embrenhou-se numas nuvens
- capão cheio de cipó –
deixando a filhota só.
Ah, mas dali bem pouquito,
montado em seu cavalito,
que vinha atirando o freio,
apareceu São José.
E, repontando a sua tropa
de estrelas, que era um mundaréu,
logo parou rodeio
na invernoada lá do céu!...
(In: FISCHER 1953: 228)

A convergência entre a literatura de expressão alemã e as artes

Claudia Dornbusch¹

Introdução

A linha de pesquisa Germanística Interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da USP, com o projeto Literatura e Mídia, vem buscando abarcar trabalhos² que tenham como foco entender a cultura alemã a partir de seus produtos artísticos, verificando em que medida refletem uma espécie de *Zeitgeist* da contemporaneidade e de períodos históricos específicos, mais especificamente em seu diálogo intercambiante.

¹ Professora de Literatura Alemã do Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 1987, aposentada, atuante na pós-graduação no Programa de Língua e Literatura Alemã e no Programa de Estudos da Tradução. Email: claudia.dornbusch@gmail.com

² Ao final deste artigo apresentaremos uma seleção das dissertações, teses e monografias defendidas no âmbito desse projeto nos últimos anos.

Mas não apenas em nível de pós-graduação esta preocupação com um viés interdisciplinar de estudos se faz presente. Também na graduação, em projetos de TGI e de Iniciação Científica, a crescente demanda por orientações nesse sentido vem corroborar a necessidade de aprofundar estudos que reflitam sobre a polifonia das manifestações artísticas. Sendo assim, a Área de Alemão oferece, há algum tempo, uma disciplina optativa livre na graduação que tematiza as relações entre a literatura de expressão alemã e o cinema.

Nesse sentido, desde o fim da década de 90 do século passado, observamos a produção de trabalhos (teses, dissertações e monografias) que se aprofundam na conversa entre a literatura e o cinema, a fotografia, a pintura, a música e a dança. Por se tratar de abordagem comparada, norteador-se a partir de teorias de mais de uma área do conhecimento (Letras e Artes, com suas áreas específicas, além de Filosofia), a complexidade inicial acaba por se tornar profícua, concretizando a tão almejada interdisciplinaridade.

Em nível de pós-graduação, nesse contexto foram oferecidas disciplinas que versavam sobre relações interdisciplinares, tais como: a) Entre o *Gregório* do autor medieval Hartmann von Aue, sua releitura por Thomas Mann na obra *O Eleito* e a versão de Bia Lessa no filme *Crede-Mi*; b) Literatura, cinema e quadrinhos a partir de núcleos temáticos; c) Literatura e cinema em diálogo interdisciplinar e intercultural; d) A representação da ausência no cinema e na literatura alemães após a queda do Muro de Berlim; e) A pintura como base para o cinema.

À guisa de ilustração, comentaremos aqui alguns exemplos de abordagens possíveis na linha de pesquisa acima referida, a partir de trabalhos defendidos na Área de Alemão, destacando questões como o estudo do roteiro cinematográfico enquanto texto dramático, algo bastante recente na área de Letras, além de análises que enfocam a questão da ausência (termo de cunho estético-filosófico)

na literatura e no cinema alemães a partir da reunificação alemã, abordagem esta que resultou em uma tese de livre-docência na Área, bem como a relação entre pintura e literatura a partir de uma leitura filosófica, além de outras análises possíveis, evidenciando a riqueza desta linha de pesquisa.

1 Literatura e cinema

Longe de associar literatura e cinema aos estudos comparativos de fidelidade, de resto há muito tempo ultrapassados e pouco pertinentes hoje em dia, indagamos que narrativas de mundo e que soluções interpretativas ajudam a esclarecer o mundo em que vivemos hoje. Nesse sentido, cinema e literatura interagem, mas cada um com os seus meios específicos, não descartando a coletividade de produção. Ouçamos, para tanto, as palavras em tom de provocação do cineasta Peter Greenaway:

Um objeto concebido e percebido por meio de palavras vai permanecer assim. E se este for mesmo de fato o caso e ele funcionar com palavras, por que perder tempo e paciência e dinheiro fazendo a conversão? (GREENAWAY 2001: 9)

Porque não se trata de conversão, mas de um novo produto, inspirado eventualmente por uma fonte literária. Então, sem abrir mão das especificidades da literatura, analisam-se aspectos temáticos, tropos, aspectos de filmes cinematográficos que em algum momento cruzam a área de estudos das Letras. Por ser uma arte pictórica e cinética, o cinema pode servir como veículo de tradução e interpretação de substratos literários, que se utilizam da linguagem verbal. No entanto, os roteiros, prévios à realização do filme, constituem textos concebidos para se transformarem em imagens, não tão distantes de um texto dramático, que servirá

de base para uma realização cênica. Por esse motivo, os estudos literários se debruçam sobre o texto dramático e as artes cênicas, sobre o produto realizado no teatro. No entanto, ambos se dão as mãos em busca de um diálogo profícuo. Justamente a junção destas formas de interpretar o mundo e permitir um novo olhar sobre os produtos estéticos irá se configurar como uma abordagem voltada aos tempo hodiernos.

Nesse contexto, um dos objetos de estudo que vem suscitando interesse é o estudo roteiro no contexto das Letras, sendo aqui entendido como texto dramático. No entanto, este enfoque é ainda recente em nossa área de estudos. Destaco aqui a dissertação de mestrado de Fernanda Rios de Melo, que versava sobre o caráter trágico dos personagens centrais em *Gegen die Wand* [Contra a Parede, 2007], filme de Fatih Akin, a partir do estudo de seu roteiro.

Um dos primeiros trabalhos concluídos na área no contexto do projeto Literatura e Mídia data de 2001, pesquisa de iniciação científica que analisa a relação entre a obra *Traumnovelle* de Schnitzler e o filme *Eyes Wide Shut* de Stanley Kubrick, destacando a relevância da obra do autor austríaco para a interpretação cinematográfica de Kubrick, focando em determinados traços da sociedade contemporânea, recorrendo aos conceitos de alteridade, recepção e realidade/ficção.

Além disso, debruçam-se os trabalhos sobre temas específicos, tais como a representação da morte em obras das duas artes, ou ainda sobre questões de montagem na lírica de Trakl e no cinema de Murnau. Talvez o Expressionismo seja uma das correntes de cunho mais multimidiático do início do século XX e por isso suscitou tantas relações entre as artes. Pintores que eram também diretores e músicos, escritores que sentiam os recursos literários esgotarem-se como forma de expressão (cf. Döblin), necessitando recorrer a outras formas estéticas de expressão.

Antes do Expressionismo, o Romantismo alemão (diferente do francês e do inglês) foi um dos ápices da cultura de língua alemã, com caráter revolucionário, também multimídia *avant la lettre*. Pensemos apenas nos poemas musicados por Schumann, Schubert e outros, na mistura de gêneros na literatura, na prevalência da fantasia e da liberdade onírica em busca da expressão do Eu, antecipando Freud e que certamente se refletem até hoje em filmes e obras literárias (cf. Ingo Schulze com seu estilo à la E.T.A. Hofmann; filmes da *Escola de Berlim*, etc.). Os ecos românticos não apenas no Expressionismo alemão, mas também em produtos recentes do cinema, principalmente nos filmes da chamada *Escola de Berlim*, espécie de *nouvelle vague* alemã, são analisados em outro trabalho de TGI a partir do estudo do filme *Sehnsucht* de Valeska Grisebach, retomando conceitos de Novalis, Schlegel e outros.

Há ainda questões estruturais da literatura refletidas no cinema, tais como o *Bildungsroman* como elemento central na elaboração de *road-movies* de cineastas como Wim Wenders, o que resultou em um trabalho de TGI, que analisava 3 filmes de Wenders a partir das definições de *Bildung*, *Bildungsroman* e *road movie*.

Poesia e cinema aparentemente não evidenciam um elo automático, mas uma dissertação elucidada essa questão, a partir do filme *Asas do Desejo*, do mesmo Wim Wenders, que abre com um poema sobre o ser criança. O substrato teórico se fundamenta em questões filosófico-estéticas, além de estudar a relação do texto escrito sendo transformado em imagem de texto *in progress*, em texto-imagem.

2 Literatura e fotografia

Sabidamente, a fotografia é parte integrante da chamada „sétima arte“, uma vez que os fotogramas de uma película de filme

são frames congelados de um instante cinematográfico, de uma imagem em movimento. Captura de um instantâneo, prenúncio de morte, como sabemos desde a *Câmara Clara* de Barthes, a fotografia pode ser comparada à construção de retratos na literatura, na medida em que enquadramento e ambientação fazem parte da construção dos personagens.

Além disso, cada época é detentora de um repertório próprio de imagens, às quais recorre na construção de sua compreensão do mundo, ao tornar visível aos pósteros momentos congelados no tempo. Buscando interpretar o repertório imagético do Barroco de expressão alemã, por exemplo, e recorrendo ao potencial interpretativo de um leitor hodierno, munido do repertório imagético atual, Antonio Jackson Brandão apresentou uma tese de doutorado bastante ousada, correndo o perigo do anacronismo, a partir do que pode ser considerado „fotográfico“. Parte o autor de uma extensa digressão sobre o conceito de imagem ao longo dos tempos, para cunhar um termo próprio, o da „iconofotologia“.

Em um mundo repleto de imagens como o nosso e em que a representação de um objeto ou de uma pessoa por vezes substitui o representado e se torna o novo real para quem vê, trabalhamos frequentemente com teóricos da semiótica e da antropologia, tais como Dietmar Kamper e Hans Belting, evidenciando a chamada estética da ausência. Reportamo-nos à antropologia da imagem, com a imagem entendida também como texto em seu sentido mais amplo. Se pensarmos nos fotogramas acima mencionados, o cinema, na verdade, é a arte do desaparecimento (Cf. LEHMANN/WEIBEL 1994), já que quando um novo fotograma surge, o anterior desaparece, para dar vez ao que o segue.

Essa nossa época da substituição do real pelo virtual engendra outras questões que transcendem a compreensão puramente literária, envolvendo questionamentos de ordem antropológica, cultural,

filosófica e estética. Nesse sentido, buscamos entender o que evidencia a perda do referente original e quais as consequências deste fato para a formação de identidade. Em que espaços circulamos? Quais os espaços formadores de identidade? A multiplicidade de imagens produz vazios? Cegueira pelo excesso de luz, de imagens?

Para nos apoiar em questões com estas, recorremos a estudos de autores como Marc Augé, com seu já tradicional texto sobre os *não-lugares*, além de Bernhard Waldenfels, que traz uma abordagem filosófica para as questões de alteridade e de lugares de alteridade. Estudando os textos de Waldenfels, contribuímos também para a sua divulgação no Brasil, uma vez que parece ser amplamente desconhecido, talvez por nunca ter sido traduzido para o português. Ambos podem ser facilmente utilizados na análise de filmes, textos literários e imagens fotográficas quando se trata de abordar questões como silenciamento, esvaziamento, não-comunicação, espaços do vazio e as formas pelas quais se dá essa sensação de isolamento, desterro e desamparo, que pela frequência em que é tematizada em várias obras de arte (literárias, cinematográficas, fotográficas, etc.) parece representar uma marca idiossincrática deste início de século XXI.

Lembremos aqui apenas da exposição fotográfica de Wim Wenders apresentada no MASP de São Paulo a partir de imagens que o próprio diretor (também artista plástico e fotógrafo) capturou para seus filmes, sempre retratando espaços destituídos de pessoas, ermos, desolados, evidenciando uma estética da melancolia. A mencionar também a importância da imagem fotográfica em seu viés dúbio nas obras de W.G. Sebald, ressignificando o papel da fotografia na literatura.

3 Literatura e pintura

Quando se fala em pintura e literatura, logo se evocam tanto a expressão de Horácio, *ut pictura poesis*, quanto o *Laocoonte* de Lessing, este do século 18, referências fundamentais que não serão aqui retomadas. Muito tempo se passou desde então e as teorias sofreram atualizações e adaptações.

Durante muito tempo, a chamada *écfrase*, *ecfrase* ou ainda *ekphrasis*, entendida como uma espécie de descrição de imagens, vivificando as mesmas, transformando-as em narrativas vivas, traduzindo imagens em palavras, era considerada gênero literário. O exemplo clássico é a descrição do escudo de Aquiles feita por Homero, iniciando com o centro do escudo e avançando para as camadas externas.

O mesmo vale para pinturas ou esculturas, como evidenciam, em tempos mais recentes, os textos de Rilke sobre estátuas como a do anjo na Catedral de Chartres ou sobre pinturas de Cézanne ou esculturas de Rodin. As pinturas parnasianas de Ludwig von Hofmann (1861-1945) inspiraram obras de Thomas Mann, como passagens da obra *A Montanha Mágica*, interação esta analisada sob o prisma de teorias estético-filosóficas, com auxílio de Giorgio Agamben e Merleau-Ponty.

Ainda no âmbito da pintura e retomando o Expressionismo, há um trabalho bastante original de mestrado defendido na Área de Alemão em que a autora, Cristina Caliolo, analisa a importância da cor azul em seu valor simbólico nos poemas de Georg Trakl, buscando elos associativos com os azuis do Romantismo alemão, seja para transgredi-los, seja para modificá-los ou reforçá-los. Auxiliam como base teórica os textos „cromáticos“ de Kandinsky, conceituações de Novalis e luminares do Expressionismo, além de especialistas em Trakl e no Romantismo.

Também na pintura, diferentes intérpretes observam a presença de uma transcendência pictórica em direção à morte, a exemplo das pinturas de Caspar David Friedrich, com cemitérios ermos, natureza sem pessoas ou seres humanos diminutos diante da enormidade da força natural (cf. LEHMANN/WEIBEL 1994), além das já emblemáticas janelas abertas para o mundo de fora, com personagens de costas para o mundo de lá.

Lembremos ainda como quadros inspiram textos, a exemplo da *Bilha Quebrada* (1811) de Heinrich von Kleist, peça surgida a partir de uma aposta pela qual os três autores concorrentes escreveriam uma peça literária cada um (uma sátira, uma comédia e uma narrativa) a partir do quadro *Le juge ou la cruche cassée* de Jean Jacques le Veau. Kleist acabou vencendo a contenda com *A Bilha Quebrada*. Vemos aí tanto questões de éfrase quanto de construções de poder a partir da tematização do sistema jurídico corrupto. O prefácio à peça, escrito por Kleist, é um belo exemplo de éfrase, já que tenta descrever a situação de base, sensações, jogos de poder e expressões faciais que julga ver no quadro e que darão ensejo ao desenvolvimento do conflito da peça. Nesse sentido, pode ser analisado também a partir de teóricos da crítica genética.

4 Conclusão

Pudemos aqui traçar apenas um panorama superficial das possibilidades de pesquisa no projeto Literatura e Mídia a partir de trabalhos já realizados e possíveis desdobramentos e novos caminhos. A seleção dos trabalhos mencionados, inclusive os citados na bibliografia, baseou-se na pertinência estrita aos capítulos elencados, a saber: a relação da literatura com o cinema, a fotografia e a pintura. Por fugir do escopo espacial do presente texto, abdicamos

de apresentar outras possibilidades, tais como as relações entre literatura e música, literatura e dança, literatura e arquitetura.

O que parece ter ficado evidente também é um *spacial turn* no lugar do *pictorial turn*, buscando também entender o local de onde se escreve e se pesquisa. Em que espaços circulam os personagens? São espaços de desamparo, de autodefinição, de busca de identidade? E o que refletem sobre o mundo de hoje? Como este mundo é narrado em suas obras de arte? Que temas incomodam? A fundamentação para responder a tais perguntas pode ser buscada a partir de um leque teórico bastante vasto, como vimos. Teorias e conceitos do âmbito da filosofia como os de Waldenfels, ou ainda de Nietzsche e mesmo antropológicas, como as de Kamper e Augé (espaço e lugar).

Observando os trabalhos realizados e verificando se há tendências de pesquisa evidentes, podemos afirmar o seguinte:

- a) Os estudos de roteiro no âmbito das Letras consolidaram-se como uma área crescente de interesse de pesquisa, abrindo várias possibilidades de enfoque;
- b) Há um grande interesse em estudar obras contemporâneas, na medida em que refletem a polifonia artística dirigida ao público atual, verificando em que fontes essas obras bebem e de que forma constroem espaços de silenciamento, desamparo, vazio e ausência;
- c) Há uma tendência a incluir questões do âmbito da filosofia na abordagem estética interdisciplinar. Nesse sentido, muito procurados são os filósofos adeptos da fenomenologia e de teorias da percepção, tais como Bernhard Waldenfels e Merleau-Ponty. No caso de Waldenfels, as pesquisas que se utilizam de seus escritos adquirem caráter de ineditismo na área de Letras, por ser um filósofo amplamente desconhecido no Brasil.

- d) A antropologia associada a questões semióticas concernentes à conceituação da imagem acabaram por se revelar profícuas para uma análise interdisciplinar de narrativas cinematográficas, fotográficas e literárias (entre outras), caso de Belting, Kamper e Augé.
- e) Teóricos como David Bordwell, que analisa a narrativa cinematográfica a partir de conceitos usados na teoria literária, ajudam a estabelecer pontes iniciais, que poderão e deverão ser aprofundadas e ampliadas.
- f) A estética da ausência, largamente estudada nas artes plásticas, na Área de Alemão pela primeira vez aplica-se também à literatura, empreendimento ousado e interdisciplinar por natureza, que já percebeu vários desdobramentos em trabalhos diversos e promete consolidar-se como especificidade de estudos.

Cabe lembrar que as pesquisas realizadas podem se ocupar tanto com obras de expressão alemã refletidas em produtos artísticos de outras nacionalidades (Schnitzler/Kubrick, p.ex.) quanto o inverso, a saber: obras estrangeiras que resultaram em produtos artísticos de expressão alemã (Cézanne/Rilke).

Verificamos que a análise do texto literário abriu-se para o diálogo com outras áreas, acompanhando a produção de muitas dessas obras, multimidiáticas por natureza. Buscando também bases teóricas atualizadas e pertinentes aos objetos de estudo, a Área de Alemão da USP procura manter-se ativa no diálogo interinstitucional e internacional. Nos últimos 15 anos, pudemos vivenciar o crescente interesse pelo projeto de Literatura e Mídia/Germanística Interdisciplinar, o que significa atualizar o escopo de estudos e abrir-se à pluralidade teórica – não significando um vale-tudo conceitual – mostrando ser um caminho viável a ser trilhado.

Referências Bibliográficas

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara. Nota sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. (original francês de 1980)
- BELTING, HANS. *Bild-Anthropologie. Entwürfe für eine Bildwissenschaft*. München: Fink, 2001.
- BORDWELL, David. *Narration in the fiction film*. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.
- DORNBUSCH, Claudia S. 1989 e as consequências: as representações da ausência no cinema pós-muro: *Pandaemonium Germanicum (Online)*, 2011, n.17, pp. 25-49.
- DORNBUSCH, Claudia S.; HOFF, Dagmar V. . Mundos artísticos em diálogo: literatura de expressão alemã e cinema. In: *ALETRIA*, 2001, n. 8, Belo Horizonte: UFMG, pp. 09-12.
- GREENAWAY, Peter. 105 anos de texto ilustrado. In: *ALETRIA*, 2001, n. 8, Belo Horizonte: UFMG, pp. 25-30. Trad. Myriam Ávila. Publicado originalmente em inglês, em *Zoetrope Magazine*, v. 5. n. 1, New York, 2001. [Greenaway aceitou o convite para participar do número de *ALETRIA* e a editora Samantha Schnee, da *Zoetrope*, autorizou a tradução e a publicação do texto.]
- KAMPER, Dietmar. *Ästhetik der Abwesenheit*. München: Wilhelm Fink, 1999.
- LEHMANN, Ulrike; WEIBEL, Peter (orgs.). *Ästhetik der Absenz. Bilder zwischen Anwesenheit und Abwesenheit*. München/Berlin: Klinkhardt & Biermann, 1994
- SIEGMUND, Gerald. *Abwesenheit. Eine performative Ästhetik des Tanzes*. Bielefeld: transcript-Verlag, 2006.

WALDENFELS, Bernhard. *Phänomenologie des Fremden*. Topographie des Fremden – Studien zur Phänomenologie des Fremden 1, Frankfurt a.M.: Suhrkamp 1997.

WALDENFELS, Bernhard. *Grenzen der Normalisierung*. Studien zur Phänomenologie des Fremden 2, Frankfurt a.M.: Suhrkamp 1998.

Dissertações, teses e monografias (seleção):

BERKELMANS, Paulo. *A narrativa, a história e a morte em Vielleicht ist es sogar schön e Good bye, Lenin!* Um diálogo entre a literatura e o cinema alemães. 2012. Tese (Doutorado em Letras (Língua e Literatura Alemã)).

BOTELHO, Rodrigo. O roteiro de Berlin, Alexanderplatz e a alteridade. Início: 2013. Tese (Doutorado em Letras (Língua e Literatura Alemã)).

BRANDÃO, Antonio Jackson. *Iconofotologia do Barroco alemão*. 2008. Tese (Doutorado em Letras (Língua e Literatura Alemã)).

CALIOLO, Cristina. *Azuis românticos em Georg Trakl*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras (Língua e Literatura Alemã)).

CASARINI, Hugo. *O Eleito de Thomas Mann e Crede-Mi de Bia Lessa – relações intertextuais*. 2011. TGI.

GONÇALVES, Jacqueline Brizida. Hans Staden: as narrativas literária e cinematográfica em contraste. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras (Língua e Literatura Alemã)).

HAMBURGER, Antonio Gitahy. *Sehnsucht – o Cinema e o Romântico*. Um estudo sobre *Sehnsucht*, filme de Valeska Grisebach, seu diálogo com o romântico e a “Escola de Berlim”. 2012. TGI.

MELLO, Fernanda Rios de. *Gegen die Wand, de Fatih Akin*: traços trágicos nos personagens Cahit e Sibel. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras (Língua e Literatura Alemã)).

NICOLAU NETTO, Michel. *Linguagem literária e linguagem cinematográfica: Eyes Wide Shut e Traumnovelle*. 2001. Iniciação Científica.

PEDRO, Elisandra de Souza. *Estratégias narrativas em O Tambor*: O diálogo entre a literatura e o cinema. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras (Língua e Literatura Alemã)).

RIBEIRO DE BARROS JR., Antonio Walter. *O idílio árcade*: literatura e pintura em Thomas Mann e Hoffmann. 2008. Tese (Doutorado em Letras (Língua e Literatura Alemã)).

SALOMÃO, Priscila Casagrande. *As metáforas do belo e a estética do feio*. 2010. Iniciação Científica.

SATO, Julio. *A imagem e a palavra em Handke e Wenders*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras (Língua e Literatura Alemã)).

SHIMA, Claudia Tiyoko. “*Caligarismos*” em *Hinkemann*: Descobrimo Ernst Toller. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras (Língua e Literatura Alemã)).

TIMOTEO, Irana. Os filmes de Wim Wenders e o Bildungsroman. 2013. TGI.

O real a partir da literatura: ou das relações entre literatura e conhecimento

Helmut Galle¹
Juliana P. Perez²

*Und das sollte die Kunst zuwege bringen: daß uns, in
diesem Sinne, die Augen aufgehen.*

(Ingeborg Bachmann)

Em um discurso de março de 1959, Ingeborg Bachmann faz uma forte defesa da literatura: o escritor deveria dizer a verdade, “abrir os olhos” aos leitores, fazê-los perceber a dor humana,

¹ Professor de Literatura Alemã do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 2001. Email: hgalle@usp.br.

² Professora de Literatura Alemã do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 2009. Email: julianaperez@usp.br

compreender os sentimentos, as ações, as esperanças, os desafios de um determinado momento histórico.³ Tal defesa foi incomum até mesmo para o contexto da época, no qual se procuravam novos caminhos para a literatura na dura realidade do pós-guerra, porque a escritora criava uma forte ligação entre três questões complexas: a literatura, a realidade e a possibilidade de conhecer e compreender o real por meio do texto literário.

O texto de Bachmann insere-se em uma tradição de reflexões que atribuem à literatura um valor cognitivo próprio. Tais concepções são um fenômeno histórico-cultural que pode se tornar tema de pesquisas específicas, como se mostrará mais adiante.⁴ Mas a

³ “So kann es auch nicht Aufgabe des Schriftstellers sein, den Schmerz zu leugnen, seine Spuren zu verwischen, über ihn hinwegzutäuschen. Er muß ihn, im Gegenteil, wahrhaben und noch einmal, damit wir sehen können, wahr machen. Denn wir wollen alle sehend werden. Und jener geheime Schmerz macht uns erst für die Erfahrung empfindlich und insbesondere für die der Wahrheit. Wir sagen sehr einfach und richtig, wenn wir in diesen Zustand kommen, den hellen, wehen, in dem der Schmerz fruchtbar wird: Mir sind die Augen aufgegangen. Wir sagen das nicht, weil wir eine Sache oder einen Vorfall äußerlich wahrgenommen haben, sondern weil wir begreifen, was wir doch nicht sehen können. Und das sollte die Kunst zuwege bringen: daß uns, in diesem Sinne, die Augen aufgehen. [...] Wie wird gefühlt und was gedacht und wie gehandelt? Welche sind die Leidenschaften, die Verkümmierungen, die Hoffnungen...?” (BACHMANN 1978/ IV: 275).

⁴ “Zu den *individuellen Funktionen* [der Literatur] gehören alle Funktionen, die dem Leser oder auch Verfassen von Literatur mit Bezug auf den Einzelnen zugeschrieben werden. Traditionellerweise sind dies vor allem kognitive und moralische, emotive, therapeutische und unterhaltende Funktionen. Neben der bereits angesprochenen Katharsisfunktion, die unter individueller Perspektive zu den therapeutischen Funktionen gerechnet werden kann, zählt die Aufgabe bzw. das Potential von Literatur, eine besondere Form der Erkenntnis zu liefern, zu den oft vorgebrachten Bestimmungen von Literatur. Diese spezifische Erkenntnis kann mit der Annahme eines besonderen Wahrheitszuganges des Autors begründet werden, der sich nur im literarischen Werk manifestieren könne, oder auch mit formalen Besonderheiten der Literatur, z. B. mit ihrer

pergunta pelas relações entre literatura, realidade e conhecimento, se não pode ser facilmente respondida em termos positivos ou negativos, tampouco pode ser abandonada por ser demais complexa.

A convicção de que tais relações podem e devem ser problematizadas anima vários estudos sobre literatura de língua alemã desenvolvidos na USP nos últimos anos. Que o estudo dos nexos entre literatura e conhecimento seja desejável para os estudos literários atesta a afirmação de Axel GELLHAUS, feita no âmbito de um encontro sobre *Neuroästhetik*, em 2010:

A questão da função cognitiva da literatura não é um tema amplamente discutido nem sequer nos Estudos Literários, tanto menos é de se supor que nas Ciências da Cognição já estabelecidas haja consciência dos aspectos cognitivos dos textos literários. São admitidas a função da literatura como meio de entretenimento e como instrumento de uma didática – desde a Antiguidade –, a função como meio de comunicação social, há algumas décadas e, mais recentemente, também como meio de articulação do emocional (FU Berlin: *Languages of Emotion*). O conceito pós-estruturalista de *Episteme* (*épistémè*), que às vezes também é aplicado à literatura, não contribuiu para uma formulação precisa de suas funções cognitivas. Na verdade, o aspecto de sua relevância para o conhecimento [*Erkenntnis*] foi tratado pela Estética filosófica por mais de dois séculos, mas o patamar que a arte como órgão de conhecimento atingiu no início do século XIX, na filosofia idealista de Schelling, nunca mais foi alcançado nem mesmo na Estética. (GELLHAUS 2012: 3)

Fiktionalität, die das spielerische Einnehmen von Einstellungen ermöglicht, mit ihren spezifischen sprachlichen Möglichkeiten oder ihrer sinnlich-anschaulichen Darstellungsweise.“ (JANNIDIS/ LAUER/ WINKO 2009: 24).

No texto de Gellhaus, trata-se do fenômeno da literatura em geral, mas a questão também possui uma dimensão histórica evidente: em contextos diversos, modifica-se a percepção do que seja literatura e os conceitos de conhecimento e realidade, conseqüentemente se altera a relação que tais ideias estabelecem entre si.

Antes que se apresentem aqui possíveis abordagens do problema, deve-se esclarecer que a ideia de que a literatura tenha algo a dizer sobre o real e possua, portanto, um potencial cognitivo específico, não implica um conceito ingênuo de realidade, tampouco a aplicação de um conceito pré-determinado e específico de saberes [*Wissen*] que, por exemplo, também seriam proporcionados pelas ciências. A realidade não coincide – ao menos não totalmente – com o que o senso comum considera real, tampouco se limita ao que é pesquisado pelas disciplinas científicas e, embora não seja acessível em sua totalidade, também não pode ser reduzida a mero fenômeno discursivo. Assim, em contraposição às correntes filosóficas das décadas passadas, que declararam quaisquer referências a uma realidade ingênuas e obsoletas, atualmente há uma ampla revalorização do real na filosofia (Cf. AVANESSIAN 2013; GABRIEL 2013 e 2014; FERRARIS 2014; MEILLASSOUX 2014), nas humanidades (cf. HAAS/ WISCHERMANN 2015, e os projetos *Faktales und fiktionales Erzählen* 2012 e *Das Reale in der Kultur der Moderne* 2010), e na teoria literária (cf. KRUMREY/ VÖGLER/ DERLIN/ GOSLAR 2014; KNALLER/ MÜLLER 2011; KLEIHUES 2008; HORSTKOTTE/ HERRMANN 2013).

A pesquisa da função cognitiva da literatura tampouco abandona a análise das estruturas literárias da narrativa e da poesia, os recursos da retórica e a interação do texto verbal com outros códigos semióticos. Ao contrário, a observação dos elementos formais deve ter um lugar tão importante quanto a análise do mundo ali

representado, uma vez que é o conjunto de forma e conteúdo que provoca o impacto cognitivo.

Cabe observar ainda que a ênfase dada a aspectos epistemológicos da literatura não significa a subvalorização das abordagens de cunho sociológico que determinaram fortemente os estudos literários e também grande parte dos trabalhos escritos sobre literatura de língua alemã na Universidade de São Paulo.⁵ Mesmo que não sejam o foco principal das pesquisas, os aspectos sociais da literatura são considerados quando se discutem questões como a história recente da Alemanha, a memória coletiva e individual, o surgimento de gêneros literários híbridos ou os parâmetros que definem um texto como ficcional ou factual.

Como desejam mostrar as reflexões que se seguem, que abordam pesquisas já realizadas e projetos futuros, as relações entre literatura, conhecimento e realidade representam um campo importante de estudos sobre a literatura de língua alemã.

*

Do ponto de vista teórico, o campo vai da conceitualização do problema em estudos filosóficos e literários até a tentativa de formulação de novas teorias a respeito das referências linguístico-literárias à realidade. Nos últimos anos, por exemplo, desenvolveu-se na

⁵ A respeito das relações entre Literatura e Sociedade, vale a pena recordar a síntese feita por Gerhard LAUER: „Das Fach Literaturwissenschaft unterscheidet meist zwischen einer Soziologie der Literatur, deren methodischer Zugang zum gesellschaftlichen Phänomen „Literatur“ vor allem genuin soziologische Methoden nutzt, um die Produktion, Distribution und die Rezeption von Literatur zu untersuchen, und einer Literatursoziologie, die mit eher literaturwissenschaftlichen Methoden entweder soziale Thematiken in der Literatur beschreibt oder die sozialen Voraussetzungen der Literatur aufzuzeigen versucht.“ (LAUER 2009: 400).

Alemanha um amplo debate sobre as relações entre literatura e outros saberes, *Literatur und Wissen*. (Cf. BORGARDS/ NEUMEYER/ PETHES/ WÜBBEN 2013; KLAUSNITZER 2008; KÖPPE 2011). E a complexidade das questões continua a determinar vivos debates entre posições céticas e concepções nas quais a literatura questiona modelos habituais de conhecimento.

Entretanto, ainda mais instigante é o fato de a própria literatura ter oferecido respostas variadas ao problema do conhecimento e de haver poucos estudos que as examinem. É interessante recordar que o século 18 é o período em que as correntes racionalistas da filosofia concluem um percurso iniciado séculos antes e passam a determinar não apenas um modo de pensamento, mas a própria concepção moderna de conhecimento, a qual, grosso modo, se caracteriza por delimitar o que pode ser conhecido “racionalmente”. Não por acaso, é também nesse momento que a «literatura» ganha um contorno mais específico e pretende ganhar autonomia em relação a outras formas textuais.⁶ Mas já a partir do final do século 18, diversos escritores procuraram diluir as fronteiras entre a filosofia e a literatura e passaram a conceber esta como uma forma de racionalidade na qual é suspensa uma rígida oposição entre razão e sentimento, emoção e cognição.

A partir de então, encontram-se textos literários em que a questão do conhecimento é diretamente abordada ou metaforicamente configurada. Um projeto de pesquisa da USP, em

⁶ “Eine historische Verwendung des Begriffs ‘Literatur’ sieht sich mit einer Fülle von Schwierigkeiten konfrontiert. Ein erstes Problem stellt der Umstand dar, dass die westliche Welt von der Antike bis ins 18. Jahrhundert kein Abstraktum kennt, das dem modernen Begriff von Literatur vergleichbar wäre. Das, was unter der Perspektive eines modernen Literaturbegriffs zusammensteht, existiert unverbunden nebeneinander.” (JANNIDIS/ LAUER/ WINKO 2009: 13).

andamento,⁷ fará um exame de textos paradigmáticos de quatro períodos nos quais muitos escritores se confrontaram com o problema do conhecimento: a) o período do romantismo, sobretudo da primeira e da última fase; b) o chamado “realismo poético”; c) as primeiras décadas do século 20 e d) o período do pós-guerra. Certamente as profundas transformações histórico-sociais de cada um desses períodos levaram os escritores a refletirem sobre as condições de possibilidades da literatura e seu papel na cultura como um todo, o que torna tais textos particularmente interessantes para a pesquisa. Tal reflexão pode se dar de forma programática, em ensaios e discursos, pode estar documentada em escritos biográficos (diários, cartas e anotações pessoais) ou pode estar inscrita na própria forma literária, seja ela um poema, um conto, uma peça de teatro ou um romance.

Uma investigação ainda mais longa e sistemática, que deveria ser conduzida por um grupo de pesquisa, poderia estudar não apenas textos paradigmáticos, mas mapear detalhadamente as poéticas (compreendidas aqui de modo amplo, como o conjunto dos textos referentes à literatura)⁸ de língua alemã nas quais a questão do conhecimento não apenas é problematizada, mas conscientemente integrada à definição de literatura. Tais estudos poderiam oferecer uma nova compreensão do fenômeno da lite-

⁷ *Configurações do conhecimento na literatura de língua alemã nos séculos 19 e 20*, projeto de Juliana P. Perez (2015-2018).

⁸ “Als Poetiken bezeichne ich Theorien [...] über literarische und nicht-literarische Texte, und zwar unabhängig von den Gattungen und Genres, in denen sie niedergelegt sind: unabhängig davon, ob sie sich in Rhetorik, Ästhetik, gelehrter, wissenschaftlicher und didaktischer Poetik, Stilistik, Essayistik, in Rezensionen, in Briefen oder in literarischen Gattungen wie der Lyrik finden.” (POTT 2004: 5)

ratura e do problema do conhecimento de forma geral.⁹ Pesquisas sobre a lírica de língua alemã, nesse panorama, não apenas seriam de grande interesse, mas ganhariam novo fôlego porque cada um dos poemas poderia ser visto como uma documentação de um processo cognitivo particular.

Seja qual for o gênero escolhido para trabalhos individuais, seria possível compartilhar as seguintes perguntas de pesquisa, que pretendem ser respondidas, em parte, pelo projeto já mencionado: a) como são configurados processos cognitivos ou questões relativas ao conhecimento nos textos literários escolhidos?; b) como se relacionam as configurações literárias do conhecimento e as reflexões poetológicas de seu autor? Trata-se de uma questão constante ou de um questionamento pontual?; c) é atribuído à literatura um potencial cognitivo específico? Se for, de que tipo de conhecimento se trata?; d) é possível identificar relações entre a configuração do conhecimento e a filosofia do período em questão?

O pequeno discurso de Ingeborg Bachmann, *Die Wahrheit ist dem Menschen zumutbar*, mencionado no início deste artigo, poderia servir de exemplo para o que se propõe aqui.¹⁰ Bachmann faz o seu discurso por ocasião da entrega do *Hörspielpreis der Kriegsblinden*, em 1959. A questão do conhecimento não é abordada de forma direta, mas está ligada ao problema da *verdade* – mais um conceito complexo –, uma verdade que pode ser exigida “da pessoa”. No contexto do discurso, a verdade pode ser exigida “da

⁹ Um início desse trabalho pode ser visto no grupo de estudos que se reuniu regularmente, durante todo o ano de 2014, para discutir o tema a partir de diferentes textos da filosofia e da literatura. O grupo foi formado pelo professor Márcio Suzuki (Filosofia/FFLCH/USP), e pelas alunas Laura Moosburger e Nataschka Polycarpo Martiniuk.

¹⁰ Uma versão estendida desta análise foi apresentada no âmbito das *Lunch Lectures* da Universidade de Stuttgart, em julho de 2015.

pessoa” [*dem Menschen*], do ser humano, porque esta é a tarefa do escritor, e pode ser colocada diante da pessoa porque esta deseja, exige saber a verdade. Bachmann, como se sabe, obteve o doutorado em filosofia – o que exclui de uma interpretação a hipótese de que a autora tenha sido ingênua com relação aos termos que utilizava. Ao contrário.

No período em que Bachmann escreve seu discurso, ela não é mais vista como uma jovem poetisa talentosa, cujos poemas encantaram os leitores dos primeiros anos da década de 50, mas já havia se tornado uma escritora reconhecida: dois anos antes, ela recebera o renomado prêmio literário da cidade de Bremen, e poucos meses depois será convidada a inaugurar as “Poetik-Vorlesungen” da Universidade de Frankfurt. Trata-se aqui de uma definição consciente de sua posição como escritora, o que dá ao breve texto de Bachmann o caráter de síntese de sua reflexão poetológica.

Logo no parágrafo de abertura do texto, Bachmann ressalta o desejo de todo escritor de ser ouvido e a surpresa por perceber que suas palavras podem ser notadas num momento de dor, justamente quando a literatura teria pouco a oferecer.¹¹ Assim, a escritora já questiona a possibilidade de que a literatura produza algum efeito do ponto de vista social, fundamental para os defensores da

¹¹ “Der Schriftsteller – und das ist in seiner Natur – wünscht, sich Gehör zu verschaffen. Und doch erscheint es ihm eines Tages wunderbar, wenn er fühlt, daß er zu wirken vermag – um so mehr, wenn er wenig Tröstliches sagen kann vor Menschen, die des Trostes bedürftig sind, wie nur Menschen es sein können, verletzt, verwundet, und voll von dem großen geheimen Schmerz, mit dem der Mensch vor allen anderen Geschöpfen ausgezeichnet ist. Es ist eine schreckliche und unbegreifliche Auszeichnung. Wenn das so ist, daß wir sie tragen und mit ihr leben müssen, wie soll dann der Trost aussehen und was soll er uns überhaupt? Dann ist es doch – meine ich – unangemessen, ihn durch Worte herstellen zu wollen. Er wäre ja, wie immer er aussähe, zu klein, zu billig, zu vorläufig.” (BACHMANN 1978/IV: 275)

littérature engagée. A questão aqui não é a da possível influência da literatura na sociedade, mas o desafio que a experiência da dor coloca para a literatura. No parágrafo seguinte, Bachmann entra no terreno do conhecimento: o escritor agora recebe uma tarefa que se realiza em duas etapas: *wahrhaben*, reconhecer, admitir algo, e *wahrmachen*, realizar, tornar real por meio da arte. No trecho já citado anteriormente se afirma:

So kann es auch nicht Aufgabe des Schriftstellers sein, den Schmerz zu leugnen, seine Spuren zu verwischen, über ihn hinwegzutäuschen. Er muß ihn, im Gegenteil, wahrhaben und noch einmal, damit wir sehen können, wahrmachen. Denn wir wollen alle sehend werden. Und jener geheime Schmerz macht uns erst für die Erfahrung empfindlich und insbesondere für die der Wahrheit. (BACHMANN 1978/ IV: 275)¹²

A questão do conhecimento não está aqui em primeiro plano, porém, ela é configurada por meio do problema da dor. E talvez, para Bachmann, não se possa separar o conhecimento da experiência da dor.

Os verbos utilizados, que criam um jogo de palavras com „Wahrheit“, verdade, também chamam a atenção, pois *wahrhaben* e *wahrmachen* implicam um forte aspecto volitivo. O escritor está inteiramente envolvido no processo de conhecimento, pois ele pre-

¹² “Portanto, a tarefa do escritor não pode ser negar a dor, apagar seus vestígios, ignorá-la. Ele deve, ao contrário, admiti-la, e, mais uma vez, para que possamos ver, torná-la real. Pois todos nós queremos ver. E só aquela dor secreta nos torna sensíveis à experiência e, em especial, à experiência da verdade. Dizemos de forma muito simples e certa, quando chegamos a esse estado, lúcido, dolorido, no qual a dor se torna frutífera: os meus olhos se abriam. Não o dizemos porque percebemos uma coisa ou um evento externo, mas porque compreendemos o que não conseguimos ver. E é isso que a arte deve possibilitar: que, nesse sentido, nossos olhos se abram.”

cisa *admitir, reconhecer* a dor, para só então recriá-la poeticamente e dar ao leitor a possibilidade de *ver*. Nesse sentido, a literatura só leva o leitor ao conhecimento porque o momento da escrita já é parte de um processo de conhecimento que, porém, possui um forte caráter *ético*.

Não se pode deixar de notar que, através do pronome *wir*, Bachmann se coloca tanto do lado do escritor quanto do leitor. A diferença entre eles é mantida, mas a distância que separa o autor genial de seu leitor comum desde o século 18 é anulada.

“Denn wir wollen alle sehend werden.” („Pois todos nós queremos ver.“), diz Bachmann, numa frase ousada, pois a escritora tem diante de si um público em grande parte formado por cegos de guerra. O aspecto performativo da frase não pode ser ignorado: ela mostra que a escritora que atribui à literatura uma tarefa tão alta também está à altura de realizá-la e, portanto, também considera o sofrimento específico de seu público. É essa busca de coerência que permite a Bachmann passar para o uso metafórico do verbo *ver*.

Trata-se de um processo de transformação – “wir wollen sehend werden” –, que dificilmente pode ser traduzido pela expressão “queremos ver”. A ideia de transformação implica que o estado mais comum é o de cegueira, e a ideia de continuidade dada pelo *sehend* revela que o ver deve ser compreendido como tensão, não como ponto de chegada.

O fato de que a dor seja apresentada aqui como instrumento para a experiência da verdade não significa um discurso moralista sobre a necessidade de sofrimento na vida, mas a indicação de um “estado” [*Zustand*] no qual se compreende *mais* do que antes: o momento em que a pessoa enxerga, em que os olhos se abrem:

Wir sagen sehr einfach und richtig, wenn wir in diesen Zustand kommen, den hellen, wehen, in dem der Schmerz fruchtbar wird: Mir sind die Augen aufgegangen. Wir sagen

das nicht, weil wir eine Sache oder einen Vorfall äußerlich wahrgenommen haben, sondern weil wir begreifen, was wir doch nicht sehen können. Und das sollte die Kunst zuwege bringen: daß uns, in diesem Sinne, die Augen aufgehen. (BACHMANN 1978/ IV: 275)¹³

No texto de Bachmann, a verdade não é uma abstração filosófica, mas a experiência de compreender algo.

Tampouco é retomado aqui o princípio aristotélico da catarse, pois o “público” não se purifica nem se liberta do sofrimento: aliás, a arte o faz retornar à dor. Como se afirma no início, a arte não oferece sublimação, transcendência ou consolo.

Nos próximos parágrafos de seu discurso, Bachmann comenta a peça radiofônica premiada naquela ocasião. Trata-se de uma trágica história de amor, em que a mulher acaba por morrer em um atentado terrorista; no contexto da peça, o amor estático vivido pelo casal não tem lugar na sociedade dos anos 50. A autora caracteriza o caso como um *Grenzfall*, um caso-limite que deveria ser levado em consideração, pois aqui a reflexão sobre a dor humana ganha mais uma nuance. Agora a dor deve ser compreendida como a tensão entre o limite e o desejo pelo ilimitado.

Innerhalb der Grenzen aber haben wir den Blick gerichtet auf das Vollkommene, das Unmögliche, Unerreichbare, sei es der Liebe, der Freiheit oder jeder reinen Größe. Im Widerspiel des Unmöglichen mit dem Möglichen erweitern wir unsere Möglichkeiten. Daß wir es erzeugen, dieses

¹³ “Dizemos de uma forma muito simples e certa, quando chegamos a esse estado, lúcido, dolorido, no qual a dor se torna frutífera: os meus olhos se abriam. Não o dizemos porque percebemos uma coisa ou um evento externo, mas porque compreendemos o que não conseguimos ver. E é isso que a arte deve possibilitar: que, nesse sentido, nossos olhos se abram.”

Spannungsverhältnis, an dem wir wachsen, darauf, meine ich, kommt es an; daß wir uns orientieren an einem Ziel, das freilich, wenn wir uns nähern, sich noch einmal entfernt. (id.: 276)¹⁴

Em geral, os estudiosos de Bachmann identificam nessa passagem a formulação da utopia. Porém aqui parece haver mais uma concepção de presente que uma orientação ao futuro, pois a tensão deve ser *criada* pelo escritor para que surja agora uma possibilidade de expansão ou de crescimento. De certa forma, é difícil evitar a impressão de uma retomada de ideias do primeiro romantismo. Mas quando se recorda que o “deus de Manhattan” é o autor do atentado terrorista e que ele mesmo também não tem resposta sobre seu ato, percebe-se que o projeto romântico foi inteiramente abandonado, ainda que tenha deixado suas marcas.

Quando enfim o título do discurso – *Die Wahrheit ist dem Menschen zumutbar* – é esclarecido, torna-se mais claro que a verdade de que se trata não é um ponto de chegada inalterável, mas sempre precisa ser reconquistada.

Wie der Schriftsteller die anderen zur Wahrheit zu ermutigen versucht durch Darstellung, so ermutigen ihn die anderen, wenn sie ihm, durch Lob und Tadel, zu verstehen geben, daß sie die Wahrheit von ihm fordern und in den Stand kommen wollen, wo ihnen die Augen aufgehen. Die Wahrheit

¹⁴ “Dentro dos limites, porém, orientamos nosso olhar para o perfeito, o impossível, inalcançável, seja o amor, a liberdade ou outra grandeza pura. No contraste do impossível com o possível expandimos nossas possibilidades. Tudo depende de criarmos essa relação tensa na qual crescemos, de nos orientarmos rumo a um objetivo que, naturalmente, se distancia quando dele nos aproximamos.”

ist nämlich dem Menschen zumutbar. (BACHMANN 1978, IV: 277)¹⁵

Não é possível comentar aqui outros aspectos do texto. Mas seria possível dizer que a configuração do conhecimento, em Bachmann se dá através da estratégia principal de utilizar motivos tradicionais com um sentido modificado. Assim, as metáforas do olhar ganham uma nuance volitiva – é preciso querer ver, admitir, se esforçar para ver. O aspecto volitivo, que implica a liberdade humana e, portanto, um *ethos*, justifica a compreensão do ver como uma transformação, uma tensão ou luta contra uma cegueira metafórica interior.

A verdade aqui não é uma abstração a ser alcançada pela reflexão filosófica, mas é compreendida apenas no momento que é preparado pela dor e no qual a dor (como caso-limite e contradição) se repete. Nesse sentido, verdade e dor são constitutivas da literatura.

Se é assim, para Bachmann o conhecimento seria não apenas a tarefa mais própria da literatura, mas também a condição de sua possibilidade. Porém, cabe uma última observação: em nenhum ponto no texto se utilizam as palavras conhecimento, conhecer, reconhecer, saber, ou outras palavras do mesmo campo semântico. A ausência de tais palavras reforça a hipótese de que não há, para Bachmann, um conhecimento em abstrato. O momento da verdade, que em outro texto une poesia e música (Cf. *Musik und Dichtung*, BACHMANN 1978/IV) e que se deseja fazer ouvir, é sempre um momento de dor. Isso significa que, em Bachmann, o conhecimento é uma questão existencial.

¹⁵ “Como o escritor procura encorajar os outros à verdade por meio da representação, assim os outros o encorajam, quando, pelo elogio ou pela crítica, fazem-no entender que exigem a verdade e querem chegar ao estado em que seus olhos se abrem. Pois a verdade pode ser exigida dos homens.”

*

Se a análise das poetologias é um dos eixos importantes para uma abordagem da função cognitiva da literatura, outro é o próprio aspecto da ficcionalidade, sendo a ficcionalidade, junto com a poeticidade, uma das duas características fundamentais da literatura em geral (Cf. GENETTE 1992). Os estudos de ficcionalidade também se relacionam à questão do conhecimento, na medida em que podem discutir a função específica da representação de mundos imaginários para a compreensão do mundo real. A questão, que intriga o mundo desde Platão, tornou-se cada vez mais premente a partir do momento que a literatura perdeu o prestígio público que possuía entre 1750 e 1945. A cultura iluminista ocidental do século 18 colocou a literatura e as artes em uma posição elevada e até superior com respeito à percepção da verdade, mas essa posição está se perdendo em tempos que valorizam cada vez mais o fato e a informação. Nesse contexto, a pesquisa sobre a contribuição específica da ficção está avançando em várias frentes, que se descrevem a seguir.

a) O eixo central é a discussão sobre as vertentes teóricas atuais que procuram definir a ficcionalidade. Na USP, realizaram-se um congresso com participação de renomados especialistas das Américas e da Europa¹⁶ e várias disciplinas de pós; Helmut Galle também publicou vários artigos, além de ter participado de eventos dedicados ao tema. Vários dos projetos específicos já realizados por docentes e alunos de pós-graduação, mesmo que não tenham um desenho exclusivamente teórico, gravitam em torno dessa temática. A cooperação internacional com os especialistas, particularmente

¹⁶ “Ficção em contextos históricos e culturais”, USP 2013.

com Remigius Bunia, tem sido um fator importante para seguir nesta linha de pensamento.

b) Entre os gêneros literários mais atingidos pelas dúvidas que permeiam a ficcionalidade encontra-se a escrita do eu. Com subgêneros como o diário, as memórias, a autobiografia, o romance autobiográfico, a autoficção, o testemunho e o relato de viagens, a escrita do eu é uma constante tanto na literatura moderna como nos debates teóricos das últimas décadas. A autobiografia tem sido tema de uma série de publicações, várias disciplinas de pós, de projetos de doutorado e mestrado; foi tratada também em um congresso internacional e um livro organizado por Helmut GALLE com outros docentes do Departamento (GALLE/ OLMOS/ KANZEPOLSKY/ IZARRA 2009). Em 2011, defendeu-se uma tese de livre docência sobre os aspectos teóricos do gênero autobiográfico, baseada em estudos sobre a memória, o sujeito e a narrativa (cf. GALLE 2011). No campo da literatura contemporânea é especialmente a autoficção – por muitos definida como gênero de pacto ambíguo entre ficcional e factual – que desafia autores e críticos e ocupa um espaço central nas pesquisas atuais do programa.

c) Na representação do holocausto, o problema da ficcionalidade adquiriu um lugar de destaque. Por um lado, a experiência dos sobreviventes fez surgir um novo gênero no qual os autores procuram aproximar-se aos campos de extermínio, a um mundo no qual as regras do convívio humano são invertidas. Por outro lado, sua representação, e particularmente a representação ficcional, foi censurada por Adorno e outros críticos como inadequada e imoral, gerando disputas que acompanharam as últimas décadas, nas quais a literatura sobre o holocausto tem crescido. Sendo um tema que ocupa a memória coletiva alemã de maneira crucial e, ao mesmo tempo, a coloca em contato com outras literaturas modernas, a literatura do holocausto e o testemunho representam um tema

central para a pesquisa sobre a relação entre literatura e realidade. O estatuto híbrido do testemunho entre discurso autobiográfico e ficcional é um dos eixos dessa pesquisa; outro é constituído pela representação dos perpetradores em ficções e memórias. Num terceiro recorte importante analisam-se os poemas que giram em torno da guerra e do genocídio.

d) Desde a queda do muro de Berlim e as transformações do campo literário da Alemanha unificada, a literatura contemporânea tornou-se um campo de estudos que, internacionalmente, começou a receber muito mais atenção dos germanistas do que as épocas “emblemáticas” (*Goethezeit* e *Klassische Moderne*). É, de fato, um campo rico e multifacetado que recebe também mais atenção por parte dos leitores como da crítica. De 1999 a 2009, três autores de língua alemã foram agraciados pelo Prêmio Nobel de Literatura. Muitos dos novos romancistas, dramaturgos e poetas destacam-se por combinar legibilidade e experimentação, criando formas híbridas mediante colagens de documentos, tessituras intermediais que integram imagem e texto, narrativas baseadas em pesquisas historiográficas, vertentes atuais do realismo e “pactos” ambíguos como as já mencionadas autoficções. Esses fenômenos constituem uma constelação excepcional de objetos de pesquisa para quem se interessa pelas possibilidades da literatura de constituir conhecimento da realidade contemporânea: uma realidade que é vivida por autores, leitores e críticos que se apoiam na literatura como meio de uma melhor compreensão dessa mesma realidade sem saber, por certo, como isso acontece. Para pesquisar a literatura contemporânea nesses e em outros aspectos, criou-se um grupo de pesquisa (CNPq) do qual participam docentes e alunos de várias universidades brasileiras e, ocasionalmente, estrangeiras.¹⁷ Os

¹⁷ “Transformações da ficção: novas tendências na literatura alemã contemporânea”, 2012, USP.

projetos individuais são apresentados e discutidos regularmente em eventos organizados pelo programa e seus integrantes em vários formatos.¹⁸

Em resumo, a questão da ficcionalidade é fundamental para a compreensão das relações entre literatura e realidade e continuará a nortear diversos projetos como um denominador comum que também cria interfaces com a pesquisa internacional.

*

Em geral, quando se pensou a dimensão cognitiva da literatura coube à reflexão filosófica diferenciar de forma abstrata o campo da literatura dos outros sistemas de conhecimento, como na *Poética* de Aristóteles, que atribuiu à poesia o acesso a um grau mais universal da verdade do que à história. As teorias estéticas sobre a verdade própria da arte em geral e da literatura em particular desenvolvidas ao longo dos séculos, contribuíram muito para o entendimento da questão; não obstante carecem, até hoje, de uma comprovação de base empírica. Tais teorias podem ser coerentes em si e convincentes para quem escreve e lê literatura, porém, elas não descrevem o que de fato acontece nos processos cognitivos vinculados à recepção de um poema ou romance. Não havia meios para tanto e tampouco era esta sua intenção. Nem mesmo os teóricos da estética da recepção se ocuparam do leitor real, mas trataram das “estruturas apelativas” dos textos que norteariam virtualmente a leitura. É claro que o estudo desse lado da

¹⁸ 1º Simpósio de Literatura Alemã: “Literatura contemporânea”. USP 2013. – Seção 5 “Zurück zur Wirklichkeit” no XIV Congresso da Associação Latino-americana de Estudos Germanísticos – ALEG, Universidad de Guadalajara 2010. – Seção 6 “Metamorfoses do narrador” no XV Congresso da Associação Latino-americana de Estudos Germanísticos – ALEG. UFPR 2014.

literatura era limitado à especulação subjetiva e levantamentos estatísticos pela simples falta de metodologias mais sólidas. Os grandes avanços das neurociências realizados durante as últimas décadas, no entanto, permitem não somente recolher novos dados sobre a percepção em si e o processo da leitura em geral. Através de grandes equipes interdisciplinares, alguns centros de pesquisa agora podem investigar sistematicamente as maneiras como a “informação” do texto literário é processada pelo cérebro humano e integrada ao seu sistema cognitivo. Embora esse tipo de pesquisa implique inúmeros esforços, seja lenta e cara e, por enquanto, seja bastante rudimentar, é um caminho importante para apresentar as bases empíricas do entendimento da literatura como função epistemológica do ser humano. De alguns anos para cá, existe a oportunidade de relacionar diversas suposições e teorias sobre a literatura, elaborados pelos pesquisadores de Letras, com pesquisas que investigam percepções e ações humanas nas suas bases biológica e psicológica, assim como dentro do seu contexto social e histórico. A questão polêmica, por exemplo, sobre a diferença do processo de leitura de textos ficcionais e fatuais pode receber novos argumentos a partir de estudos interdisciplinares que focalizam os processos que ocorrem no cérebro do leitor e resultam em uma mudança de seu mapa da realidade e suas atitudes diante dela (cf. ALTMANN/BOHRN/ LUBRICH/ MENNINGHAUS/ JACOBS 2012).

Concretamente, essa vertente será utilizada em um futuro projeto que visa compreender melhor qual o efeito de diferentes recursos literários na ficcionalização de um assunto real, no caso, uma narrativa relacionada ao holocausto. A matéria em si é carregada de assuntos históricos, éticos, filosóficos e psicológicos que dificilmente são enfrentados com indiferença por qualquer leitor. A interpretação do texto pode levar a certas hipóteses sobre o livro como: uma tentativa de relativização da culpa do perpetrador me-

diante uma representação que omite os crimes e se aproxima a ele pelo olhar ambíguo de um parente próximo. O interessante é que, no caso dessa narrativa, há diversas versões do texto, resultantes dos experimentos de autor durante o processo criativo. Cada variante utiliza estruturas diferentes para representar o acontecimento. É possível analisar, com as ferramentas da teoria literária, os recursos utilizados para criar uma ficção a partir de relatos jornalísticos e dados históricos e, a partir disso, prever como cada uma das variantes orienta ou até determina a percepção dos leitores. Ao mesmo tempo, o teste empírico, desenhado, realizado e avaliado por uma equipe de pesquisadores de várias disciplinas, pode completar a investigação e levar a novas hipóteses sobre o funcionamento de recursos narrativos específicos.

Para os docentes e pós-graduandos do Programa de Letras-Alemão, um projeto com esse recorte é possível através da cooperação com a Universidade de Berna e a Universidade Livre de Berlim. Como se mencionou, a última foi sede de um dos projetos pioneiros na pesquisa empírica sobre a literatura – o chamado Cluster de Excelência “Languages of Emotion” (<<http://www.loe.fu-berlin.de/>>) e ainda mantém estruturas e laboratórios para realizar a parte empírica do projeto, embora vários dos pesquisadores hoje trabalhem em outros institutos – como a Universidade de Berna, onde agora há um núcleo dedicado a esse tipo de pesquisas que exige a interação entre pessoas com expertise em vários campos: a literatura do holocausto, a crítica genética, a narratologia, a psicologia, a neurociência e a estatística. Os resultados podem contribuir substancialmente para o entendimento das maneiras como diferentes formas de ficcionalização podem influenciar a imagem que os leitores têm da realidade.

*

A investigação das relações entre a literatura e o conhecimento do real não aconteceu apenas como um desenvolvimento natural dos estudos germanísticos no Brasil e nos países de língua alemã. Essa reflexão surge em um momento no qual os estudos literários em geral precisam, ao mesmo tempo, aprofundar seu caráter interdisciplinar e defender suas características específicas. Olhar o real a partir da literatura pode ser um campo de estudos tão moderno quanto a neuroestética ou tão antigo quanto a filosofia grega. E é justamente por ter essa dimensão que ele nos parece um campo muito profícuo para os estudos germanísticos no Brasil.

Referências Bibliográficas

ALTMANN, Ulrike/ BOHRN, Isabel C./ LUBRICH, Oliver/ MENNINGHAUS, Winfried/ JACOBS, Arthur M. Fact vs fiction – how paratextual information shapes our reading processes. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, v. 9, 2012, pp. 1-8.

AVANESSIAN, Armen (Hg.). *Realismus jetzt. Spekulative Philosophie und Metaphysik für das 21. Jahrhundert*. Berlin: Merve, 2013.

BACHMANN, Ingeborg. Die Wahrheit ist dem Menschen zumutbar. In: *Werke. Essays. Rede. Vermischte Schriften*. [Hg. C. Koschel, u.a.] München, Zürich: Pieper, 1978, pp. 275-277.

BORGARDS, Roland/ NEUMEYER, Harald/ PETHES, Nicolas/ WÜBBEN, Yvonne (Hg.). *Literatur und Wissen*. Ein interdisziplinäres Handbuch. Stuttgart: Metzler, 2013.

FERRARIS, Maurizio. *Manifest des neuen Realismus*. Frankfurt am Main: Klostermann, Vittorio, 2014.

GABRIEL, Marcus (Hg.). *Der neue Realismus*. Berlin: Suhrkamp, 2014.

GABRIEL, Markus. *Warum es die Welt nicht gibt*. Berlin: Ullstein, 2013.

GALLE, Helmut/ OLMOS, A. C./ KANZEPOLSKY, A./ IZARRA, L. Z. *Em primeira pessoa. Abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Anna Blume, 2009.

GALLE, Helmut. *O gênero autobiográfico: Possibilidade(s), particularidades e interfaces*. FFLCH-USP, 2011.

GELLHAUS, Axel. Aspectos cognitivos da literatura. In: *Pandaemonium Germanicum* (online), São Paulo, v. 15, n. 19, 2012, pp. 1-16. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-88372012000100002&lng=en&nrm=iso>. (10/07/2015).

GENETTE, Gérard. *Fiktion und Diktion*. München: Wilhelm Fink, 1992.

HAAS, Stefan/ WISCHERMANN, Clemens. (Hg.). *Die Wirklichkeit der Geschichte: Wissenschaftstheoretische, mediale und lebensweltliche Aspekte eines (post) konstruktivistischen Wirklichkeitsbegriffes in den Kulturwissenschaften*. Stuttgart: Steiner, Franz, 2015.

HORSTKOTTE, Silke/ HERRMANN, Leonhard. (Hg.). *Poetiken der Gegenwart: Deutschsprachige Romane nach 2000*. Berlin, Boston: de Gruyter, 2013.

KLAUSNITZER, Ralf. *Literatur und Wissen. Zugänge – Modelle – Analysen*. Berlin: de Gruyter, 2008.

KLEIHUES, Alexandra (Hg.). *Realitätseffekte: Ästhetische Repräsentationen des Alltäglichen im 20. Jahrhundert*. Paderborn: Fink, 2008.

KNALLER, Susanne/ MÜLLER, Harro (Hg.). *Realitätskonzepte in der Moderne: Beiträge zu Literatur, Kunst, Philosophie und Wissenschaft*. Paderborn: Fink, 2011.

KÖPPE, Tilmann (Hg.). *Literatur und Wissen. Theoretisch-methodische Zugänge*. (linguae & litterae, Publications of the School of Language & Literature, Freiburg Institute for Advanced Studies, Bd. 4) Berlin/New York: de Gruyter, 2011.

KRUMREY, Birgitta/ VOGLER, Ingo/ DERLIN, Katharina/ GOSLAR, Tim-Florian (Hg.). *Realitätseffekte in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur: Schreibweisen nach der Postmoderne?* Heidelberg: Winter, 2014.

LAUER, Gerhard. Einleitung. Soziale und institutionelle Aspekte des Phänomens Literatur. In: WINKO, Simone / JANNIDIS, Fotis / LAUER, Gerhard (Hrgs.). *Grenzen der Literatur*. Zu Begriff und Phänomen des Literarischen. Berlin, New York: De Gruyter, 2009, pp. 399-402.

MEILLASSOUX, Quentin. *Nach der Endlichkeit*: Versuch über die Notwendigkeit der Kontingenz. Zürich: Diaphanes, 2014.

POTT, Sandra. *Poetiken. Poetologische Lyrik, Poetik und Ästhetik von Novalis bis Rilke*. Berlin, New York: de Gruyter, 2004.

Winko, Simone/ JANNIDIS, Fotis/ LAUER, Gerhard (Hrgs.). *Grenzen der Literatur*. Zu Begriff und Phänomen des Literarischen. Berlin, New York: De Gruyter, 2009.

Sites de Projetos

Das Reale in der Kultur der Moderne. 2010. *Graduiertenkolleg (Universität Konstanz)*. Disponível em: <<http://www.uni-konstanz.de/reales/>> (10/07/2015)

Faktuales und Fiktionales Erzählen. 2012. *Graduiertenkolleg (Albert-Ludwigs-Universität Freiburg)*. Disponível em: <<http://www.grk-erzaehlen.uni-freiburg.de/>> (10/07/2015)

Ficção em contextos históricos e culturais, 2013. Simpósio. (Universidade de São Paulo). Disponível em: <<https://fictionality.wordpress.com/>> (18/07/2015)

Literatur und Erkenntnis/Literatura e conhecimento. 2010. Grupo de Pesquisa registrado no CNPq. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7145229204704571>> (19/07/2015).

Max Planck Institut für Empirische Ästhetik. Disponível em: <<http://www.aesthetics.mpg.de/>> (10/07/2015).

Transformações da ficção: novas tendências na literatura alemã contemporânea. 2012. Grupo de Pesquisa registrado no CNPq. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6933750463325967>> (19/07/2015)

1985-2015: A recepção do Funcionalismo alemão e a consolidação da tradução na Área de Alemão da USP

João Azenha Junior¹

Introdução

Este artigo de revisão tem por objetivo resgatar três décadas de relações estabelecidas entre a Área de Alemão da USP e universidades alemãs dedicadas à pesquisa e ao ensino da tradução. Procura-se demonstrar que tais relações, mediadas principalmente pela agência alemã DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), mas também por agências de fomento brasileiras e pelo Instituto Goethe (IG) de São Paulo, acabaram por constituir, de fato, uma via importante para a recepção brasileira das ideias do Funcionalismo alemão preconizadas particularmente pelo que se

¹ Professor Titular de Estudos Tradutológicos no Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 1990. Email: azenha@usp.br.

convencionou chamar, na historiografia da tradução, de a “Escola de Heidelberg”.

Embora SNELL-HORNBY (2006) observe que a língua alemã e, em especial, a escrita acadêmica alemã tenham sido responsáveis por uma recepção parcial, muitas vezes enviesada da reflexão alemã sobre tradução pelo mundo anglófono, um intervalo de apenas dez anos separa o surgimento da obra seminal de REISS E VERMEER (1984), pedra angular do Funcionalismo em tradução, e a defesa de uma tese de doutorado no interior da Área de Alemão da USP (AZENHA 1994), cujo embasamento teórico foi todo respaldado nessas novas ideias. Além disso, o contato com essa vertente alemã dos Estudos da Tradução alterou radicalmente o ensino de tradução em nível de especialização já a partir de meados da década de 1980 (AZENHA 1996), gerou numerosos trabalhos de grau entre os orientandos da Área, até culminar na ementa mesma da linha de pesquisa em tradução no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã, bem como em dois de seus três projetos de pesquisa.

Desenvolvimentos análogos na graduação também atestam o enraizamento e a aclimação desse processo de recepção e de incorporação de novas ideias sobre a tradução desenvolvidas na Alemanha. Tais desenvolvimentos resultaram no deslocamento da tradução para o interior do currículo da graduação por meio de um elenco de disciplinas que fazem parte hoje da grade curricular e representam uma alternativa efetiva de focalização do currículo de alunos interessados em transpor a interface com a pós-graduação, de um lado, e aqueles que, de outro, pretendem ingressar no mercado de trabalho de tradução, sem a obtenção de um título acadêmico em nível de pós-graduação.

Este estudo está estruturado em três partes. A primeira parte explora sucintamente o momento anterior ao início das três

décadas aqui abordadas, com ênfase no modo como a concepção de tradução se espelhava em obras publicadas sobre o tema no Brasil. A segunda parte focaliza os primeiros contatos, no interior da área de alemão da Universidade de São Paulo (USP) com as ideias dos teóricos funcionalistas alemães e ressalta a importância de parcerias, em especial com o DAAD e o Instituto Goethe (IG) de São Paulo. A terceira parte fala da consolidação e dos desdobramentos desses contatos para a pós-graduação, primeiramente, e também para a graduação.

Por fim, cumpre ressaltar que tendo o autor deste artigo ele mesmo acompanhado o desenrolar das relações e eventos aqui referidos, primeiramente como aluno nos anos de 1981 e 1982 e, a partir de 1990, como docente, o relato adquire por vezes um tom testemunhal apresentado em primeira pessoa.

1 O momento anterior

Os primeiros cursos de formação de tradutores surgem no Brasil a partir de fins dos anos de 1960. São eles, por ordem de surgimento: o curso da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, fundado em 1969, o da Faculdade Ibero-Americana de São Paulo, criado em 1972 e o da Universidade de São Paulo, instituído em 1978². O espaço que separa o momento de constituição desses cursos e o que se praticava de tradução e se refletia sobre ela no Brasil até então pode ser entendido como o caminho que levou ao reconhecimento de que somente a institucionalização de

² Sobre o Curso de Tradução da Universidade de São Paulo e suas diferentes configurações ao longo de quase três décadas, ver artigo intitulado “O Curso de Especialização em Tradução da USP (1978-2006): histórico e desdobramentos”, neste volume.

um espaço de formação de jovens tradutores seria capaz de vencer uma separação historicamente consagrada entre teoria e prática, entre talento inato e formação acadêmica.

Até o momento em que surgem esses cursos, e também durante os primeiros anos de seu funcionamento, o que se tem no Brasil em termos de publicação de e sobre tradução são obras que procuram sistematizar experiências da prática de traduzir – uma praxiologia, portanto –, bem como articular as reflexões nelas contidas com as pesquisas desenvolvidas até então, no Brasil e no exterior, no campo dos estudos linguísticos de base contrastiva e de literatura comparada. Aliás, *Tradução: ofício e arte*, título do livro de ROSENTHAL (1976), também pode ser visto como síntese não apenas do modo como a tradução era considerada nas décadas anteriores, mas também como confirmação da separação entre as duas faces de uma mesma moeda: a prática do ofício, de um lado, e a arte de traduzir literatura (em especial, lírica), de outro.

Nesse sentido, as obras publicadas nesse momento anterior à criação dos primeiros cursos de formação são, em sua maioria, manuais de tradução e obras de referência, os quais enfocam questões específicas envolvidas na tradução de uma dada tipologia textual num par de línguas específico. Alguns autores que figuram nesse cenário, bem como suas obras principais, são, entre outros: Paulo RÓNAI (*Escola de Tradutores* [1952], *Guia Prático da Tradução Francesa* [1975] e *A tradução vivida* [1976]), Brenno SILVEIRA (*A arte de traduzir* [1954]), Geir Campos (*Como fazer tradução* [1986]) e Delton de MATOS (*Estudos de Tradutologia* [1981], *Cultura e Tradutologia* [1983]), além de Waldívia Marchiori PORTINHO que, em 1983, organiza uma coletânea de artigos dedicados exclusivamente a questões de tradução técnica – *A tradução técnica e seus problemas* –, na qual estão presentes contribuições de tradutores como Waltensir Dutra, o próprio Paulo Rónai,

Benjamin B. Fraenkel, Marco Aurélio de Moura Matos, Armando de Salmont Campbell, Hugo Toschi, Mario Camarinha da Silva, Daniel da Silva Rocha e Mário Galvão.

Não é de se estranhar, portanto, que, até os anos de 1960, a formação de tradutores seja praticamente inexistente, pois os tradutores ou eram formados na escola da prática, do ofício de traduzir, ou então – para a tradução de literatura – o pressuposto era a formação em Letras. Não é de se estranhar, também, que, no momento em que, ao longo da década de 1960, um decreto do Ministério da Educação autoriza as Faculdades de Artes a ampliarem seus cursos de língua e a atuarem na formação de tradutores, o ponto de partida para a aquisição de uma habilidade tradutória no interior das universidades tomasse por base o conhecimento da língua estrangeira e da língua vernácula como fundamento sobre o qual seria erigida essa formação.

Assim, ainda sobre essa divisão entre teoria e prática, entre linguagens técnicas e literatura, Paulo RÓNAI assim se manifesta:

O tradutor literário está inclinado a considerar a sua profissão como arte; seu colega técnico, a sua como ciência. *Mas nenhuma arte dispensa hoje o aprendizado*; o ter nascido com talento não substitui o estudo consciente. Por outro lado, o cientista que, além de criar, deseja *comunicar-se com os outros*, precisa saber manipular a língua de maneira mais eficiente, isto é, *apropriar-se de um estilo*, que representa a dimensão estética da linguagem. (RÓNAI 1983: 1; grifos meus)

É bem verdade que o comentário de Rónai reconhece e confirma a divisão mencionada acima. No entanto, a isso o erudito acrescenta a necessidade de um “aprendizado” capaz de burilar o “talento” do tradutor de literatura e estende, para além das belas artes, como condição para a comunicação nas ciências e nas tec-

nologias, o conhecimento sobre como “manipular a língua”, sobre como “apropriar-se de um estilo”.

Suas observações, como vemos, colocam a necessidade do aprendizado e do domínio da língua em ambos os lados da dicotomia clássica mencionada acima: tradução técnica vs. tradução literária. Além disso, a reflexão de Rónai parece estar em sintonia não apenas com a necessidade que ele vê na formação de uma nova geração de tradutores, mas também com os avanços que já se faziam presentes em áreas afins às Letras, sobretudo a teoria da comunicação. Nessa reivindicação, que associa prática de traduzir (literatura ou não) com formação de tradutores, estavam contidos alguns aspectos centrais de uma nova vertente dos Estudos de Tradução, de orientação linguística e estilística, cujas bases já se vinham anunciando desde fins dos anos de 1970: os Estudos Funcionais da Tradução que, desde o seu surgimento, acompanham de perto as mudanças de paradigmas dos Estudos Linguísticos (em especial, a Pragmática) e as evoluções dos Estudos Culturais.

Delton de MATTOS³, na Nota do Editor à sua coletânea de artigos intitulada *Estudos de Tradutologia* (1981), confirma a recepção desses impulsos que partem da Europa:

³ O autor foi professor junto à Universidade de Heidelberg, Alemanha, e também atuou como docente junto à Área de Alemão da USP. Da coletânea de artigos mencionada faz parte um texto de Katharina REISS, coautora, juntamente com Hans VERMEER, da obra fundadora do Funcionalismo alemão (1984), ao qual Mattos se refere como “o resumo de conferências proferidas na Universidade de Brasília em agosto do ano passado [1980]”. Não fica claro, porém, se as conferências foram proferidas por ele, Mattos, ou se pela própria autora. Um exame mais aprofundado do papel de Mattos como mediador entre as ideias funcionalistas alemãs e a recepção dessa nova vertente entre nós ainda está para ser realizado.

No momento em que o ensino da tradução começa a desenvolver-se nas universidades brasileiras, seguindo os passos do que ocorre principalmente na Europa, temos a satisfação de oferecer aos estudiosos do assunto, e ao público em geral, uma amostra representativa da complexidade dos seus problemas, bem como dos rumos tomados até agora pelas investigações a respeito. [...] Aos poucos se distanciam os tempos em que era possível referir-se ao “professor de tradução” com uma ponta de ironia e desprezo, evidentemente por desconhecimento do importante trabalho didático, que vem sendo realizado nos últimos anos pelos grandes institutos europeus (MATTOS 1981: 7).

Tanto para os primeiros movimentos desses novos impulsos que se desenvolviam na Europa, quanto para os programas de formação de tradutores que se esboçavam entre nós, a base da competência tradutória continuava sendo o domínio da língua estrangeira.

No entanto, a fim de caminhar *pari passu* com as evoluções de áreas afins, esse domínio da língua não mais poderia se restringir à sua dimensão sistêmica, mas teria de abranger, antes, o domínio do uso linguístico. Em outras palavras, considerada a língua em sua função de transporte, de suporte para uma mensagem capaz de atingir um grupo de destinatários, o modelo de competência tradutória que começava a se esboçar deveria incluir, necessariamente, para além das diferenças entre os sistemas linguísticos envolvidos, outras condicionantes associadas a características próprias das culturas envolvidas: o receptor, a função da tradução na cultura de chegada, as convenções dessa mesma cultura, entre outras tantas. Essa seria, inclusive, a condição mesma capaz de vencer o hiato tradicionalmente consagrado entre teoria e prática, entre tradução técnica e literária.

Nesse sentido, um estudo pioneiro de AUBERT (1978)⁴ dialoga com a tradição anterior, recupera em sua fundamentação teórica vertentes da linguística estrutural e, já em fins da década de 1970, propõe uma reflexão mais abrangente que sublinha a necessidade de uma formação com características específicas para tradutores. Na conclusão de seu artigo, o teórico afirma:

O pleno êxito da tradução depende, como foi visto, não só de ter o tradutor acesso a um saber linguístico e extralinguístico bastante extenso, mas também, da existência efetiva de correspondências e equivalências entre as línguas *e culturas de partida e de chegada*, o que nem sempre se verifica. [...] A despeito destas restrições, quer nos parecer que o esboço feito dos processos de expressão do conteúdo e da definição de uma unidade operacional de tradução se justificam na medida em que levam a uma *conscientização dos diversos aspectos do ato tradutório*. Assim, com base nas reflexões e propostas apresentadas, o tradutor, face a qualquer problema específico de tradução, deverá poder identificar a natureza e a extensão da dificuldade, e saber por que caminhos deverá procurar a solução adequada. (AUBERT 1978: 95; grifos meus)

As observações de Aubert apontam para um perfil de tradutor que está muito além daquele que (apenas) conhece a língua de partida e de chegada, desvinculadas essas de seus respectivos ambientes culturais. Como consequência disso, a demanda por uma formação, se quisesse preservar a especificidade do traduzir, teria de, necessariamente, contemplar em seu programa outras variáveis e condicionantes e rever a noção de língua a partir

⁴ Uma resenha mais detalhada desse estudo, com ênfase inclusive para a nomenclatura da linguística estrutural aplicada à tradução, extrapolaria os limites deste artigo.

da perspectiva do traduzir e em suas múltiplas configurações de uso.

Contudo, algum tempo seria ainda necessário até que essa nova forma de se considerar o ensino de língua para a formação de tradutores assumisse um formato descolado, por assim dizer, da tradição anterior. É o que veremos a seguir, em especial no exemplo de como essas demandas foram sendo paulatinamente assimiladas pelo ensino de tradução no interior da Área de Alemão da USP.

2 A primeira década da recepção

Conforme mencionado no item anterior, o Curso de Especialização em Tradução (doravante CETRAD) da Universidade de São Paulo foi criado em 1978, primeiramente como modalidade da graduação nos anos de 1979 e 1980.⁵ Não temos registro de que algum aluno do curso de alemão tenha frequentado o curso nessa modalidade e tenha obtido, assim, um diploma correspondente a esse breve formato que o curso assumiu.

A partir de 1981, o CETRAD passa a curso extracurricular, vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão. Registros extraídos do Livro de Ponto do curso no interior da Área de Alemão dão conta de que a maior parte do conteúdo ministrado pelos docentes à época eram basicamente conteúdos de língua⁶. Até 1992, quando o CETRAD se transformou em curso de pós-graduação *lato sensu*, a disciplina de língua alemã era oferecida nos quatro

⁵ Informações mais detalhadas sobre o CETRAD encontram-se no artigo “O Curso de Especialização em Tradução da USP (1978-2006): histórico e desdobramentos”, de João Azenha Jr., neste mesmo livro.

⁶ Uma página dos registros desse Livro de Ponto encontra-se reproduzida na seção Anexos deste volume.

semestres do curso e era responsável por quase 50% da carga horária total (primeiramente de 1240hs, passando depois a 720hs), juntamente com as disciplinas de tradução comentada, também oferecidas em todos os semestres, e predominantemente voltadas para a tradução de literatura. A ênfase no ensino de língua tinha um propósito bem definido:

Em 1980, o Curso de Tradução da USP era entendido como um apêndice do curso de graduação em Letras e tinha um público composto exclusivamente por estudantes provenientes da área de Letras. Naquele momento, sua função era a de preencher as lacunas deixadas pela graduação, sobretudo no que respeita ao estudo mais aprofundado da gramática da língua estrangeira e da leitura e compreensão de textos nessa mesma língua. O Curso de Tradução era visto, portanto, como uma ponte, um elo necessário entre a graduação e a pós-graduação [...]: fazia-se tradução para se melhorar o desempenho em língua, para se ler com maior facilidade os textos das extensas listas de livros obrigatórios [para o ingresso na pós]. (AZENHA 1996: 76)

A partir de meados da década de 1980, algumas alterações foram introduzidas no CETRAD e levaram a uma modificação paulatina no ensino de língua e nos procedimentos didáticos da tradução comentada: em primeiro lugar, a mudança do perfil do público-alvo que, de um alunado formado exclusivamente por alunos de Letras-Alemão, passou a ser aberto a um público diversificado, admitido mediante aprovação numa prova de proficiência em alemão. Em segundo, o contato com teorias emergentes, no plano da linguística e da teoria literária fundamentalmente, permitiram a adoção do texto em substituição à sentença como unidade de trabalho em tradução:

O ponto de partida passou a ser o texto, apresentado como algo inserido num contexto, numa situação de comunicação determinada e sob um pano de fundo cultural determinado. O estudo de uma estrutura e de suas virtuais possibilidades de emprego, tal como previstas em gramáticas, deixou de ser o núcleo da aula e cedeu lugar à discussão sobre os efeitos provocados pelo emprego de um determinado recurso sintático-estilístico num determinado texto e num determinado contexto. (AZENHA 1996: 79)

Em terceiro lugar, e como decorrência das duas alterações anteriores, as aulas de tradução comentada adquirem o contorno de oficinas de tradução e passam a enfatizar o trabalho de tradução enquanto crítica, deixando para trás a dicotomia “certo vs. errado”, sancionada pelo professor, e passando a revelar os bastidores do trabalho de tradução. Para isso foi fundamental o ingresso de profissionais de tradução, muitos deles com larga experiência, no Curso. Essa abertura para outras condicionantes do processo de tradução, somadas a eventos de parceria descritos a seguir, foram decisivas para a adoção da perspectiva funcionalista como direção teórica preponderante na pesquisa e no ensino de tradução.

Em 1990, já como docente da Área de Alemão, defendi minha dissertação de mestrado intitulada “*A história do Mago Merlin: comunicação e intertextualidade numa tradução narrativa*”. A dissertação, orientada pelo Prof. Dr. Francis Henrik Aubert junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, traz à discussão questões atinentes aos aspectos comunicativo e intercultural no exemplo de uma tradução realizada para uma editora de São Paulo. Um exame das referências bibliográficas dá conta de que, já em 1990, teóricos fundadores da chamada “Escola de Heidelberg” estavam presentes no trabalho: AMMANN (1989), HOLZ-MÄNTTÄRI (1988), HÖNIG E KUSSMAUL (1984), REISS E VERMEER (1984)

e VERMEER (1986, 1989). Este foi, muito provavelmente, se não o primeiro, pelo menos um dos primeiros trabalhos de grau a serem defendidos no Brasil como fruto do contato com as obras fundadoras do Funcionalismo. E isso só se tornou possível graças à inclusão de uma disciplina de tópicos de teoria no CETRAD, para cujo programa se pôde ter acesso àqueles novos conhecimentos produzidos na Alemanha sem a mediação de uma outra língua de divulgação, já que, à época, muito pouco das obras fundadoras do Funcionalismo tinha sido publicado em qualquer outra língua.

Outros fatores vieram somar-se, então, na preparação do terreno para a recepção gradual, mas sistemática, das ideias funcionalistas entre nós. Em 1990, Hans Vermeer, juntamente com a leitora de português em Heidelberg, Jazely Nunes, participou do IV Encontro Nacional de Tradutores, intitulado “A tradução: alvos e ferramentas”, realizado na USP de 1 a 6 de abril de 1990. Durante o evento, que reuniu em São Paulo professores, pesquisadores e tradutores do Brasil e do exterior num total de mais de mil participantes, Vermeer proferiu uma conferência plenária intitulada “Aplicação de princípios da teoria da recepção à teoria da tradução” e participou de duas mesas-redondas dedicadas à formação do tradutor e a linhas de pesquisa em tradução. Da mesma forma, Jazely Nunes participou de mesas-redondas e ministrou uma oficina sobre estratégias didáticas da tradução comentada. Foi uma oportunidade e um momento importantes para a difusão das ideias funcionalistas trazidas a nós pelo seu mentor e uma de suas assistentes, de quem recebemos alguns exemplares dos livros recém-publicados na Alemanha.

No ano seguinte, 1991, tivemos uma vez mais a visita de Vermeer, desta vez para a tentativa de celebrar um acordo entre a USP e a Universidade de Heidelberg voltado à formação de intérpretes para o par de línguas alemão-português. O objetivo

do acordo era o de formar catorze intérpretes que, quando de seu retorno ao Brasil, atuariam como multiplicadores junto a universidades brasileiras na formação de intérpretes para alemão. Decisiva para a viabilização do acordo foi a iniciativa de Ruth Mayer, que conseguiu a adesão de várias empresas alemãs de São Paulo para o financiamento da infraestrutura de trabalho dos intérpretes formados, em especial para a criação de um laboratório de treinamento de intérpretes.

Por razões que não cabe discutir aqui, o acordo acabou não se realizando, mas a vinda de Vermeer, acompanhado por sua assistente, Margret Ammann, e também pela leitora de português, Jazely Nunes, rendeu importantes encontros de trabalho, além de palestras que, mais uma vez, divulgaram as ideias do Funcionalismo alemão de forma mais acessível do que aquela expressa nas obras de meados dos anos de 1980.

Na esteira desses eventos, cabe mencionar a importante atuação do Instituto Goethe (IG) de São Paulo, cuja direção pedagógica, à época, estava a cargo de Heidrun Brückner. Essa parceria, inédita até então, representou um importante passo no sentido de uma aproximação efetiva entre os a formação de professores de alemão como língua estrangeira e professores de tradução para essa língua. Dentre os eventos organizados pelo IG com essa finalidade, cumpre mencionar o “Seminar Z8 – Übersetzer in München”, de que o autor deste artigo teve a oportunidade de participar nas versões dos anos de 1992 e 1994.

Os encontros do “Z8” reuniam tradutores e professores de tradução de várias partes do mundo para um encontro de 15 dias em Munique, durante os quais os participantes trocavam experiências didáticas levadas a cabo em suas instituições de origem e trabalhavam juntamente com professores que atuavam na formação de tradutores e intérpretes na Alemanha. A se destacarem

aqui foram os contatos, nos dois eventos, com Christiane Nord, nome intrinsecamente atrelado ao surgimento do Funcionalismo na Alemanha e pesquisadora responsável, em grande medida, pela divulgação das ideias funcionalistas no ambiente anglófono até os dias de hoje.

A atuação de Christiane Nord nesses cursos que envolviam tradutores e professores de tradução para o par de línguas alemão/português foi de fundamental importância para a divulgação mais rápida das ideias funcionalistas nos países de origem dos participantes, seja no plano da pesquisa de pós-graduação em tradução, àquela altura ainda bastante incipiente, ao menos entre nós, seja na estruturação de cursos para a formação de tradutores e na definição de estratégias didáticas, pois Nord e seus colegas de Heidelberg já dispunham àquela época de larga experiência na formação de tradutores voltada ao mercado de trabalho.

Não resta dúvida de que o trabalho intenso com Christiane Nord naqueles encontros organizados pelo IG de São Paulo foi decisivo para a recepção e acolhida imediatas das ideias funcionalistas entre nós. Afinal, a proposta funcionalista vinha perfeitamente ao encontro dos anseios por uma formação específica para tradutores e por uma mudança de paradigma no modo como o trabalho com a língua estrangeira (nesse caso, o alemão) deveria ser conduzido na aula de tradução. Além disso, consideradas as heranças da tradição brasileira brevemente descritas no início deste estudo, a adoção de uma perspectiva funcionalista na pesquisa e nas aulas de tradução parecia ser o caminho mais curto para se vencer o hiato entre teoria e prática, entre língua de especialidade e literatura.

O contato estreito com Nord naqueles dois eventos resultou em visitas da teórica à Área de Alemão da nossa Universidade, ocasião em que ela teve oportunidade de ministrar palestras, participar de uma banca examinadora e ministrar aulas em cursos de

pós-graduação. Em todas essas ocasiões, localizadas basicamente entre os anos de 1995 e 2005, ela teve oportunidade de traduzir e retraduzir os princípios do Funcionalismo, a cada vez com mais clareza, em exposições recheadas de exemplos, o que – aos poucos – foi deixando para trás o caráter hermético que marcou as primeiras publicações na Alemanha.

Durante os encontros de Munique, o autor deste artigo conheceu também Frank G. Königs, que atuava no Herder Institut de Leipzig e na Universidade de Bochum. Como à época eu trabalhava na redação da minha tese de doutorado, consegui um auxílio do DAAD para realizar pesquisas tanto na Universidade de Bochum quanto na Universidade de Heidelberg. Nas duas universidades, aprofundi meus conhecimentos sobre novas abordagens teóricas alemãs para a tradução, divulguei as diretrizes de nossa formação de tradutores e travei conhecimento, pela primeira vez, com outro nome de importância para a arquitetura do projeto funcionalista: Peter Schmitt.

O contato com a obra de Schmitt, na verdade uma expansão das ideias funcionalistas para o ambiente da tradução de linguagens técnicas, forneceu toda a fundamentação teórica para a minha tese de doutorado, intitulada *Aspectos culturais na produção e na tradução de textos técnicos de instrução alemão/português: teoria e prática*. A tese, escrita sob a orientação de Ruth Mayer, da Área de Alemão, resultou de um esforço não apenas para fazer dialogarem teoria e prática de tradução, mas também para trazer ao interior do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã a vertente “tradução” não mais como área subsidiária para trabalhos de linguística ou de literatura, mas como uma terceira vertente autônoma de pesquisa. O trabalho, defendido em 1994, dez anos depois de ter sido publicada na Alemanha a obra seminal de REISS e VERMEER (1984), *Grundlegung einer allgemeinen*

Translationstheorie, portanto, traz resenhados na sua fundamentação teórica os conceitos centrais desenvolvidos pelos fundadores do Funcionalismo alemão em seus primeiros dez anos de existência.

No ano seguinte, 1995, um convite do Instituto Goethe de São Paulo reúne novamente o autor deste artigo e Frank G. Königs, desta vez para o seminário “Fernstudienbrief – Übersetzen”. Do encontro, realizado no Instituto Goethe de São Paulo e também na UNICAMP, resulta um livro, publicado em formato apostilado: *Brasilianische Fassung des Fernstudienbriefs Übersetzen*. Em sete capítulos está registrado, então, o estado da arte no tocante a procedimentos didáticos e à moldura teórica desses procedimentos para o ensino de tradução e a formação de tradutores em fins do século 20. Juntos, a tese e o livro são o resultado dessa primeira década de recepção das ideias funcionalistas alemãs e representam as bases para os desdobramentos posteriores que garantiram definitivamente um espaço institucional para a tradução na Área de Alemão.

Mas não apenas isso. Os elos desse processo garantiram, também, a presença da Área de Alemão da USP no cenário internacional das discussões sobre didática da tradução: em 1997, do autor deste artigo foi convidado para participar do Seminário “Übersetzen und Dolmetschen/Übersetzungs- und Dolmetschdidaktik”, promovido mais uma vez pelo Instituto Goethe, desta vez de Munique. De um encontro que reuniu cerca de quinze tradutores e professores de tradução de todo o mundo, resultou o manual *Handbuch Didaktik des Übersetzens und Dolmetschens*, organizado por Ulrich Kautz e publicado pela editora iudicium em parceria com o Instituto Goethe⁷. Fechava-se, assim, um primeiro ciclo de contatos, du-

⁷ Apesar de o seminário ter se realizado em 1997, o livro dele resultante só foi publicado em 2002.

rante o qual foram lançadas as bases para os desenvolvimentos que definiram o espaço institucional da tradução na Área de Alemão.

3 Consolidação e desdobramentos

Os anos que se seguiram a essa primeira década de recepção foram anos em que se procurou consolidar a presença da tradução na pós-graduação. Para isso, o CETRAD, já sob o formato de pós-graduação *lato sensu* e que só viria a ser descontinuado em 2004, foi um importante incentivador de trabalhos em nível de pós-graduação: muitos dos alunos egressos do curso de especialização ingressaram na pós-graduação a fim de desenvolverem, no nível de mestrado, anteprojetos de pesquisa surgidos ao longo do curso.

As primeiras dissertações de mestrado realizadas sob o impulso dessa mirada comunicativa e funcional começaram a ser defendidas já a partir de 1996 e levaram a um aumento considerável no número de trabalhos envolvendo a tradução, até então restritos basicamente ao gênero “tradução comentada”. A listagem apresentada a seguir faz um recorte nos trabalhos de grau defendidos na Área de Alemão a partir de 1996⁸, em cujo título se encontram as palavras-chave “tradução”, “tradutor” e “adaptação”:

⁸ Os dados apresentados foram extraídos do Sistema Janus da Pós-graduação da FFLCH-USP e referem-se aos trabalhos defendidos até 24/06/2015. Para as dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas anteriormente a 1996 no domínio da tradução na Área de Alemão, confira a publicação *Área de Alemão: Língua, Literatura e Tradução*, publicada pela Editora Humanitas em 1996.

Dissertações de mestrado (21)

Título: “Fatores Extratextuais e suas Influências na Tradução de um Contrato de Transferência de Tecnologia do Alemão para o Português”. *Aluno:* Izilda JOÃO. *Orientador:* Masa Nomura. Data da Defesa: 27/11/1996.

Título: “Da Revolução Sexual ao Sexo Seguro: Trajetória da Adaptação Transcricativa de uma Peça de Teatro”. *Aluno:* Susanne Gabriele Brigitte Umnirski GATTAZ. *Orientador:* Ruth Cerqueira de Oliveira Röhl. Data da Defesa: 10/12/1996

Título: “Fatores Condicionantes da Tradução da Interface do Usuário de um Software: Alemão/Português”. *Aluno:* Christiane Michaela BALLUFF. *Orientador:* Masa Nomura. Data da Defesa: 22/10/1997.

Título: “Willy Keller: Um tradutor alemão de literatura brasileira”. *Aluno:* Karola Maria Augusta ZIMBER. *Orientador:* Celeste Henriques Marquês Ribeiro de Sousa. Data da Defesa: 04/03/1998.

Título: “Tradução para Teatro: O Tradutor na Fronteira das Disciplinas: Análise da Tradução, Adaptação Dramatúrgica e Montagem Cênica de ‘Sturm und Drang’, de Friedrich Klinger”. *Aluno:* Alexandre KRUG E SILVA. *Orientador:* Ruth Cerqueira de Oliveira Röhl. Data da Defesa: 22/03/1999.

Título: “A Imagem do Sertão na Tradução Alemã de Grande Sertão: Veredas”. *Aluno:* Fábio Luís Chiqueto BARBOSA. *Orientador:* Celeste Henriques Marquês Ribeiro de Sousa. Data da Defesa: 09/04/1999.

Título: “Quatro Metáforas e uma Tarefa: Leitura da Concepção Benjaminiana de Tradução à Luz de sua Natureza Metafórica”.

Aluno: Mauricio MENDONÇA CARDOZO. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 11/08/1999.

Título: “A tradução técnica no meio empresarial: um estudo descritivo de caso”. *Aluno:* Monika Palkoski SCHEFFELMEIER. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 03/04/2001.

Título: “Traduzir para a criança: uma brincadeira muito séria”. *Aluno:* Renata de Souza Dias MUNDT. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 03/07/2001.

Título: “Tradução Anotada e comentada de *A Arte de Tocar Instrumentos de Teclado*, de Friedrich Wilhelm Marpurg”. *Aluno:* Stéfano PASCHOAL. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 03/10/2001.

Título: “A tradução de metáforas na ‘Quinta Elegia de Duíno’, de Rainer Maria Rilke”. *Aluno:* Rósula Kelly Medrado ALMEIDA PASSOS. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 16/09/2002.

Título: “Tradução técnica e fraseologia: por um estudo integrado”. *Aluno:* Rosemary ZANATTA. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 07/04/2005.

Título: “Metamorfoses de Kafka: imagens do autor e da obra no paratexto de edições brasileiras de *A metamorfose*”. *Aluno:* Celso Donizete CRUZ. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 19/09/2005.

Título: “A questão da ambientação na tradução anotada e comentada de *Der Prinz und der Bottelknabe oder Erzähl mir vom Dow Jones*, de Kirsten Boie”. *Aluno:* Cristiana Busatto BERÉA DE OLIVEIRA. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 09/03/2009.

Título: “Distribuição e tradução das formas verbais do português e do alemão em prosa literária”. *Aluno:* Sandro FIGUEREDO. *Orientador:* Maria Helena Voorsluys Battaglia. Data da Defesa: 17/11/2009.

Título: “Tradução anotada de *Der blinde Geronimo und sein Bruder* de Arthur Schnitzler segundo a abordagem de Jiří Levý”. *Aluno:* Mariana RIBEIRO DE SOUZA. *Orientador:* Tinka Reichmann. Data da Defesa: 11/05/2012.

Título: “Um encontro com Anna Seghers: tradução, insubordinação, criatividade e a presença do *fremd*”. *Aluno:* José Rodrigo da Silva BOTELHO. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 10/09/2012.

Título: “Um outro olhar sobre a literatura brasileira: Clarice Lispector em tradução alemã”. *Aluno:* Thales Augusto Barretto de CASTRO. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 29/07/2013.

Título: “Estudos funcionais da tradução: rupturas e continuidades”. *Aluno:* Marcelo Victor de Souza MOREIRA. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 03/04/2014.

Título: “Peça de aprendizado pós-moderna. Tradução e análise da peça *Vale das facas voadoras*, do dramaturgo e diretor alemão René POLLESCH”. *Aluno:* Alexandre Ferreira Dal Farra Martins. *Orientador:* Tercio Loureiro Redondo. Data da Defesa: 06/05/2014.

Título: “Tradução parcial comentada da sátira polêmica. *Dritte walpurgisnacht*, de Karl Kraus”. *Aluno:* Renato ZWICK. *Orientador:* Tinka Reichmann. Data da Defesa: 19/12/2014.

Teses de doutorado (12)

Título: “Hipertradução: perspectivas para a tradução multilíngue e multimídia”. *Aluno:* Edson Luiz de OLIVEIRA. *Orientador:* Masa Nomura. Data da Defesa: 18/11/1996.

Título: “Aspectos Lingüístico Culturais na Tradução dos Objetos Etnográficos no Vol. I de ‘Vom Roroíma Zum Orinoco’ de Theodor Koch Grünberg”. *Aluno:* Cristina Camargo ALBERTS FRANCO. *Orientador:* Marion Fleischer Livramento. Data da Defesa: 08/05/2000.

Título: “Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural”. *Aluno:* Meta Elisabeth ZIPSER. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 05/08/2002.

Título: “O Brasil de São Bernardo de Graciliano Ramos em tradução alemã”. *Aluno:* Karola Maria Augusta ZIMBER. *Orientador:* Celeste Henriques Marquês Ribeiro de Sousa. Data da Defesa: 28/04/2004.

Título: “Solidão e encontro. Prática e Espaço da crítica de tradução literária”. *Aluno:* Mauricio MENDONÇA CARDOZO. *Orientador:* Irene Teodora Helena Aron. Data da Defesa: 03/06/2004.

Título: “A recepção da tradução alemã de *Grande Sertão: veredas* e a perspectiva da Weltliteratur de Goethe”. *Aluno:* Fábio Luís CHIQUETTO BARBOSA. *Orientador:* Eloa di Pierro Heise. Data da Defesa: 25/02/2005.

Título: “Procedimentos e tendências da tradução na Alemanha no século XVII”. *Aluno:* Stéfano PASCHOAL. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 26/03/2007.

Título: “Vício e verso: as histórias ilustradas de Wilhelm Busch no sistema literário brasileiro”. *Aluno:* Gerson Luis POMARI. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 11/03/2009.

Título: “Tradução e sensibilidade. *Die Judenbuche* de Annette von Droste-Hülshoff e suas traduções”. *Aluno:* Magdalena NOWINSKA. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 30/03/2012.

Título: “O trabalho do tradutor: em busca de uma teoria para a prática”. *Aluno:* Celso Donizete CRUZ. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 17/09/2012.

Título: “Tradução como sobrevivência: no exemplo de *Sobre a concepção das afasias um estudo crítico*, de Sigmund Freud”. *Aluno:* Emiliano de Brito ROSSI. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 30/11/2012.

Título: “Traduzindo a tradução de Brecht no Brasil. Estudo do caso brasileiro da recepção à obra de Brecht”. *Aluno:* Adriano ROPERO. *Orientador:* João Azenha Junior. Data da Defesa: 29/08/2014.

No período compreendido entre 1996 e 2015, portanto, foram 21 dissertações de mestrado (ca. 19,3% do total de trabalhos defendidos) e 12 teses de doutorado (ca. de 21% do total). Em média, a subárea de tradução foi responsável, na Área de Alemão, por cerca de 20% dos trabalhos defendidos em nível de mestrado e de doutorado, apesar de contar com apenas dois docentes em dedicação exclusiva a essa subárea.

Os impulsos recebidos até meados dos anos de 1990, como vimos, foram responsáveis pela inserção e manutenção no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã de uma linha de pesquisa sobre tradução, hoje desdobrada em três projetos. A

ementa da linha e de dois de seus projetos⁹ deixa clara a consolidação da vertente funcionalista e cultural dos Estudos da Tradução, seja em sua interface com a literatura, seja no domínio das linguagens de especialidade, seja, ainda, na tipologia “tradução comentada” que, ao longo dos anos, deixou de se restringir à apresentação de uma tradução de obra inédita para, além disso, incorporar ao trabalho uma discussão teórica:

Linha de pesquisa:

A tradução como transferência cultural: metodologias de pesquisa, construção de aportes teóricos e perspectivas interdisciplinares

Projetos:

1. *Literatura de expressão alemã em tradução brasileira e vice-versa: apresentação e estudo crítico da recepção.*

Este projeto abarca tanto a apresentação de tradução brasileira, comentada e anotada, para obra literária de expressão alemã inédita no Brasil, quanto o estudo da recepção de obra literária de expressão alemã traduzida ao português do Brasil ou da recepção de obra literária brasileira vertida ao alemão. Em ambos os casos, os trabalhos conjugam aportes teóricos e metodológicos extraídos dos Estudos da Tradução, dos Estudos Culturais e da Teoria Literária.

2. *Textos de especialidade em tradução: condicionantes históricas, linguísticas e culturais*

⁹ Disponível em <<http://d1m.fflch.usp.br/alemao/48>>. Último acesso: 13/07/2015>.

Neste projeto são realizados estudos das condicionantes de textos de especialidade, tendo em vista suas diversas interfaces com as respectivas áreas de especialidade, culturas, gêneros textuais e convenções linguísticas, e as consequências para a tradução. As bases teóricas e metodológicas são oriundas dos Estudos da Tradução, da Linguística Textual, da Linguística dos Textos de Especialidade e das áreas de especialidade envolvidas, por exemplo, a História, a Psicologia, o Direito ou a área da Saúde.

3. *Estudos descritivos, teoria da tradução e filosofia da linguagem: fundamentos e relações mútuas.*

Este projeto visa a explorar as relações entre teoria e prática nos estudos da tradução, em suas mais diversas variantes (escrita, oral ou audiovisual; técnica, literária ou científica etc.). Pano de fundo é a discussão contemporânea sobre a relação entre concepção de linguagem e teorização da prática tradutória concreta. Os aportes teóricos vêm sobretudo dos Estudos Descritivos, da Hermenêutica e da Filosofia da Linguagem, em diálogo com disciplinas como Pragmática, Linguística Textual e Estudos culturais.

Os três projetos não apenas confirmam a perspectiva do Funcionalismo e da vertente cultural dos Estudos da Tradução, como também garantem às linguagens de especialidade um espaço institucional de pesquisa *pari passu* com as pesquisas no âmbito da literatura e têm como centro de interesse as relações entre teoria e prática de tradução. Nesse sentido, é possível dizer que os elos que constituem essa cadeia de eventos e que marcam a evolução e

a institucionalização da tradução na Área de Alemão resultaram, também, numa conciliação entre os domínios da prática e da teoria, que estavam dissociados até meados dos anos de 1980, como vimos na primeira seção deste estudo.

Mas as consequências dos contatos sistemáticos com professores e universidades alemãs no âmbito da tradução também tiveram desdobramentos para o nível de formação da graduação.

Até o ano de 2006, quando a última turma do CETRAD foi formada, depois de o curso ter sido extinto por uma resolução da Reitoria da USP em dezembro de 2004, a tradução, cujo espaço institucional havia sido até então predominantemente extracurricular¹⁰, passa a integrar o currículo da graduação de alemão como opção de direcionamento do currículo, ao lado das subáreas de língua /linguística e literatura.

Nesse sentido, a tradução na graduação de alemão passou a contar com uma disciplina obrigatória (FLM 0305 – Introdução à Prática de Tradução do Alemão), quatro disciplinas optativas eletivas (FLM 0290 – Tradução Comentada do Alemão I, FLM 0291 – Tradução Comentada do Alemão II, FLM 0637 – Tradução: Análise Contrastiva Alemão/Português e FLM 0639 – Tradução: Teoria e Prática (Alemão/Português)), além de um elenco de disciplinas optativas livres, que são oferecidas na medida da disponibilidade dos docentes responsáveis por elas¹¹ (FLM 0699 – Introdução à Tradução Oral [alemão/português] e FLM 0405 – Tradução Comentada do Alemão III). Ainda como opção para os interessados em tradução nesse nível de formação,

¹⁰ À exceção de algumas poucas disciplinas optativas livres que eram esporadicamente oferecidas no nível da graduação.

¹¹ Para um detalhamento dessas disciplinas, confira o texto sobre a graduação na Área de Alemão, na Parte I (Os passos de uma história) deste volume.

há três outras disciplinas que, contudo, não são específicas para o currículo de alemão: FLM 0306 – Projetos de Tradução I, FLM 0307 – Projetos de Tradução II e FLM 0206 – Introdução aos Estudos Tradutológicos.

Também para a graduação, portanto, a vertente funcional e cultural dos Estudos da Tradução provou-se de grande valia, sobretudo no que respeita (1) à sistematização de uma análise textual relevante para a tradução (NORD 1988), (2) à inclusão de uma tarefa de tradução determinante da função do texto traduzido e (3) ao estabelecimento de parâmetros de correção e de crítica como decorrência dos dois itens anteriores.

Quanto ao primeiro, a eleição do texto-em-situação, ancorado culturalmente, como unidade de tradução tem como benefícios, entre outros, o abandono do item lexical isolado como dificuldade de tradução e o conseqüente deslocamento da ênfase para a sintaxe e para os elementos de conexão responsáveis pela arquitetura do sentido. A experiência mostra que tal deslocamento de ênfase tem colaborado em grande medida para o estudo aprofundado, por parte dos estudantes, de fenômenos linguísticos específicos do alemão, aos quais não se tinha chegado ainda na progressão do livro didático. Nessa fase de análise e de recepção do texto a ser traduzido, portanto, a aula de tradução tem trabalhado cooperativamente com a aula de alemão como língua estrangeira.

No que respeita ao segundo, a inclusão de uma tarefa de tradução determinante da função do texto traduzido altera substancialmente as condições que pautavam a aula de tradução duas décadas atrás. Ao se definir um *Skopos* para a tradução em sala de aula, toda a atividade de tradução fica direcionada e as opções são escolhidas em função desse direcionamento e não, como acontecia antes, em função do que se esperava “intuitivamente” de um texto

traduzido: sua acuidade em função de um sentido supostamente intrínseco ao texto a ser traduzido.

Quanto ao terceiro, o estabelecimento de parâmetros de correção e de crítica, decorrente dos dois itens anteriores, desloca do professor para o estudante a construção de uma linha argumentativa para dar sustentação (ou não) às suas soluções de tradução. De depositário das chaves para o certo e o errado, o professor passa, então, a gerenciar e a monitorar as discussões levadas a cabo em classe a partir de versões divergentes.

Por fim, as transformações aqui sucintamente descritas ao longo de três décadas tiveram como principal contribuição acompanhar de perto e transformar em atitudes mudanças ocorridas no domínio da tradução rumo à constituição de um campo disciplinar específico, que reivindica para os jovens tradutores o desenvolvimento de habilidades específicas. Do ideário do Funcionalismo, a Área de Alemão recobrou conceitos e procedimentos que, aplicados à didática, talvez sejam os grandes responsáveis pela renovação constante dessa vertente de estudos e de seus desdobramentos, ainda em expansão. Mas essa hipótese careceria, ainda, de ser investigada por pesquisas a serem desenvolvidas tanto na graduação (por trabalhos de Iniciação Científica), quanto na pós-graduação (por dissertações de mestrado e teses de doutorado).

Referências Bibliográficas

ALFARANO, Regina H. E. e RÖHL, Ruth C. de O. (org.). *Anais do IV Encontro Nacional de Tradutores. A tradução: alvos e ferramentas*. São Paulo, de 1 a 6 de abril de 1990.

AMMANN, Margret. *Grundlagen der modernen Translationstheorie – Ein Leitfaden für Studierende*. Heidelberg: Editora da Universidade, 1989.

AUBERT, Francis Henrik. Reflexões sobre o ato tradutório. In: GUIMARÃES, EDUARDO R. J. (ed.) *Sobre semântica*. Uberaba (MG): Publicação do Instituto de Letras das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, 1978. pp. 86-96.

AZENHA JR., João e KÖNIGS, Frank G. *Brasilianische Fassung des Fernstudienbriefs Übersetzen*. São Paulo: Instituto Goethe, 1994.

AZENHA JR., João. Um curso de tradução, dois momentos, algumas reflexões. In: COSTA, LUIS ANGÉLICO DA (org.). *Limites da Traduzibilidade*. Salvador: EDUFBA, 1996. pp. 75-82.

AZENHA JR., João. „A história do Mago Merlin“: comunicação e intertextualidade numa tradução narrativa. Dissertação de Mestrado (não publicada). São Paulo: FFLCH-USP, 1990.

AZENHA JR., João. Aspectos culturais na produção e tradução de textos técnicos de instrução alemão-português: teoria e prática. Tese de Doutorado (Tomos I e II). São Paulo: FFLCH-USP, 1994.

CAMPOS, Geir. *Como fazer tradução*. São Paulo: Vozes, 1986.

FISCHER, Eliana G. et al. (org.). *Área de Alemão: Língua, Literatura e Tradução*. São Paulo: Humanitas, 1996.

HOLZ-MÄNTTÄRI, e VERMEER, Hans J. (ed.). TEXTconTEXT n.3/4, vol. 3. Heidelberg: Julius Groos Verlag, 1988.

HÖNIG, Hans G. e KUSSMAUL, Paul. *Strategie der Übersetzung. Ein Lehr- und Arbeitsbuch*. Tübingen: Gunter Narr, 1984.

KAUTZ, Ulrich. *Handbuch Didaktik des Übersetzens und Dolmetschens*. Munique: Iudicium, 2002.

MATTOS, Delton de (ed.). *Cultura e tradutologia*. Brasília: Thesaurus, 1983.

MATTOS, Delton de. *Estudos de Tradutologia 1*. Brasília: Kontakt, 1981.

NORD, Christiane. *Textanalyse und Übersetzen. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse*. Heidelberg: Groos, 1988.

PORTINHO, Waldívia Marchiori (org.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo: Editora Álamo, 1983.

REISS, Katharina e VERMEER, Hans J. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1984.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*, 2a. edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981 (1a. edição 1976).

RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*, 4a. edição. Rio de Janeiro: Educom, 1976 (1a. edição 1952).

RÓNAI, Paulo. *Guia prático de tradução francesa*, 2ª. edição. Rio de Janeiro: Educom, 1975.

RÓNAI, Paulo. Problemas gerais da tradução. In: PORTINHO, Waldívia Marchiori (org.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo: Editora Álamo, 1983. pp. 1-16.

ROSENTHAL, Erwin Theodor. *Tradução: Ofício e Arte*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976.

SILVEIRA, Brenno. *A arte de traduzir*. São Paulo: Melhoramentos, Editora da UNESP, 2004 (1ª edição: 1954).

SNELL-HORNBY, Mary. *The Turns of Translation Studies. New paradigms or shifting viewpoints?* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2006.

VERMEER, Hans J. *Esboço de uma teoria da tradução*. Porto: Edições Asa, 1986.

VERMEER, Hans J. *Skopos und Translationsauftrag*. Heidelberg: Editora da Universidade, 1989.

A Área de Alemão da USP como fórum de discussão sobre as traduções brasileiras para a obra de Sigmund Freud

Pedro Heliodoro Tavares¹

Em se tratando do fato de que o autor deste texto é um professor da Área de Alemão da Universidade de São Paulo e também coordenador de tradução de uma coleção de obras de Sigmund Freud, o leitor poderia pensar que este trabalho visaria tratar das pesquisas e atividades por mim desenvolvidas relativas à temática da tradução das obras de Freud, ou das relações entre Psicanálise e Estudos da Tradução. Não é este o caso. Na verdade, justamente o que contribuiu em muito para a minha aproximação da Área de Alemão da USP foi o fato de acompanhar, à distância, o quão fundamental ela foi, e segue sendo, para o estabelecimento de um

¹ Professor de Língua Alemã do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 2011. Email: pedrohmbt@hotmail.com

incomparável centro de discussão e pesquisa sobre as traduções para a obra deste autor tão singular, um autor que dificilmente pode ser incluído em alguma série ou encerrado em determinado campo.

No Brasil, país entre os quais Freud tem o maior número leitores e seguidores, contava-se até 2010, ano da entrada de sua obra para o domínio público, apenas com duas edições de traduções indiretas de sua obra, traduções duramente criticadas. Isso, aliado ao fato de Freud circular entre diferentes estilos e áreas do conhecimento, gerou um debate importantíssimo sobre os possíveis rumos para as traduções de seus escritos, bem como para a recepção e compreensão de sua obra. O debate passou a ser travado de forma centralizada por dois dos pioneiros quanto às traduções diretas de seus escritos para o português, dois competentes tradutores de visões divergentes: Paulo César de SOUZA, que coordena a tradução das *Obras Completas* para a editora *Companhia das Letras*, de São Paulo, e Luiz Alberto HANNES, coordenador da mais recente tradução da *Editora Imago* do Rio de Janeiro, editora que detinha os direitos sobre a obra do fundador da Psicanálise.

Enquanto o primeiro fez de sua crítica sua tese de doutorado em Língua e Literatura Alemã na USP, sob a coordenação do professor Stefan Wilhlem (Willi) Bolle, o segundo organizou, à guisa de preparo para o seu projeto, o maior fórum sobre tradução de Freud já realizado no Brasil no âmbito da reunião da ALEG – Associação Latino-Americana de Estudos Germanísticos em 2003, reunião promovida por esta mesma Área de Alemão e realizada entre as cidades de São Paulo, Paraty e Petrópolis. Além disso, entre os professores da Área, João Azenha Jr. foi consultor de teoria da tradução para a coleção coordenada por Hannes e Claudia Dornbusch, uma das quatro tradutoras que compôs sua equipe. Mais recentemente, os outros dois projetos de tradução surgidos

após a entrada para o domínio público são conduzidos por outros dois tradutores diretamente relacionados à Área. Renato ZWICK, que concluiu em 2014 seu mestrado no Programa de Língua e Literatura Alemã, sob a orientação da Prof. Tinka Reichmann, vem elaborando todas as traduções publicadas pela editora L&PM de Porto Alegre. Quanto a mim, Pedro Heliodoro TAVARES, coordenador em conjunto com Gilson IANNINI, professor de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto, que também realiza atualmente estágio de Pós-Doutorado na USP, a coleção *Obras Incompletas de Sigmund Freud* publicada pela *Editora Autêntica* de Belo Horizonte. Quer dizer, ainda que os quatro projetos de traduções sejam desenvolvidos a partir de editoras sediadas em quatro diferentes capitais de estados brasileiros, envolvendo profissionais de todas as regiões do país, em todos os casos, a Área de Alemão da USP acaba sendo o ponto de encontro para esses tradutores, psicanalistas e/ou teóricos da tradução.

Mas, afinal, por que tanto debate em torno de um único autor? Michel FOUCAULT, em seu texto de 1967 publicado nos *Cahiers de Royamont*, intitulado *Nietzsche, Freud, Marx*, alia o criador da Psicanálise, justamente, aos dois autores com os quais o autor francês mais se ocupou ao longo de sua obra. A tríade seria composta por se tratarem de pensadores que apresentam diferentes “técnicas de interpretação”. Seriam fundadores de outra relação da linguagem com suas representações, “fundaram novamente a possibilidade de uma hermenêutica” (FOUCAULT 1967: 42). Constituiriam espécies de espelhos que nos rodeiam e nos fazem enxergar, para além do narcisismo puro, também nossas falhas e nossas próprias feridas narcísicas. “Eles não deram um sentido novo a coisas que não tinham sentido. Na realidade, eles mudaram a natureza do signo e modificaram a maneira pela qual o signo em geral podia ser interpretado.” (id.: 42).

Autor *sui generis*, reunido por vezes aos grandes nomes da Psicologia, da Neurologia, da Filosofia, da Crítica Cultural, da Literatura, dos teóricos das Religiões entre outras modalidades do saber, Sigmund Freud criou com seus escritos uma nova modalidade de conhecimento e prática, a Psicanálise, mas também, segundo Michel Foucault, uma nova *discursividade*. No Brasil, contudo, contava-se até recentemente com traduções fortemente criticadas não somente quanto à qualidade das versões em si, mas também pelo viés ideológico subjacente. Se edições estrangeiras já foram taxadas de inculcarem um papel demasiadamente biologizante ou filosófico, no Brasil adiamos o debate quanto aos vieses de tradução para o início do século 21, às vésperas da entrada de sua obra para o domínio público.

Retornando a Michel Foucault, em outro texto seu, *O que é um Autor?*, Freud é novamente apresentado, ao lado de Karl Marx, como um pensador ou escritor que cumpre uma função muito específica e diferenciada em relação à grande maioria dos demais: ambos seriam, em suas palavras, autores “fundadores de discursividade”.

Esses autores têm em particular o fato de que eles não são somente autores de suas obras, de seus livros. Eles produziram alguma coisa a mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos. Nesse sentido, eles são bastante diferentes, por exemplo, de um autor de romances que, no fundo, é sempre o autor de seu próprio texto. Freud não é simplesmente o autor da *Traumdeutung* ou de *O chiste*: [...] eles estabeleceram uma possibilidade infinita de discursos. [...] eles não tornaram apenas possível um certo número de analogias, eles tornaram possível (e tanto quanto) um certo número de diferenças. Abriram espaço para outra coisa diferente deles e que, no entanto, pertence ao que eles fundaram. (FOUCAULT 1969: 280).

A noção de autoria aqui não se limita aos textos, mas estende-se ao discurso. Eis um ponto fundamental para pensarmos a migração de seu vocabulário do campo exclusivamente médico-cientificista para o de um novo saber clínico por ele criado tendo a Literatura, a Antropologia, a Filosofia, a História das Religiões, entre outros aliados para a sua constituição. Tendo usado para a formação de seu saber terminologias de origens mais diversas: mitologia (narcisismo, complexo de Édipo), sociologia (pulsão gregária), antropologia (totem, tabu, horda), medicina (afecção, etiologia), entre outros, tais conceitos sofrem em seu uso um processo de *anassemia*, noção introduzida por Nicholas ABRAHAM (apud DERRIDA 2000: 109) para demonstrar os novos sentidos de que um vocábulo comum se reveste ao ser introduzido na teoria psicanalítica. Nesse sentido, aliás, Foucault nos adverte de o quanto a descoberta ou o resgate de um novo texto de um autor como Freud tem um peso completamente distinto para a sua compreensão do que no caso de outros autores, não-fundadores de discursividade.

Não há nenhuma probabilidade de que a descoberta de um texto desconhecido de Newton ou de Cantor modifique a cosmologia clássica ou a teoria dos conjuntos. [...] Em compensação, o reexame dos textos de Freud modifica a própria psicanálise. [...] a reedição de um texto como o Projeto de Freud corre sempre o risco de modificar não o conhecimento histórico da Psicanálise, mas seu campo teórico. (FOUCAULT 1969: 285).

Coordenando uma nova coleção de escritos do autor em questão percebemos justamente algo desta ordem no processo de tradução de um texto de Freud até o então inédito no Brasil, seu primeiro livro: *Sobre a Concepção das Afasias – Um Estudo Crítico*, de 1891. Trata-se de um livro *sui generis*, que permanece no Brasil e em grande parte do mundo como uma espécie de texto “apócrifo”

(TAVARES in: FREUD 2013: 7), visto que não figura nas mais conhecidas compilações de suas obras ditas *completas*. Vale lembrar que a tradução que utilizamos é fruto do trabalho de tese de Emiliano de BRITO ROSSI (2012), orientado por João Azenha Jr., também no Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Alemã.

Escrito ainda pelo Freud neurologista, é um livro anterior à fundação da Psicanálise, mas certamente que prepara o seu terreno. Trata-se, logo, de um texto de rupturas, por um lado, mas de inícios, por outro, e também por esse motivo foi o escolhido para abrir a coleção ao lado de outro importante escrito de Freud: seu derradeiro *Compêndio de Psicanálise* [*Abriss der Psychoanalyse*] de 1939². Com o primeiro e o último trabalho de Sigmund Freud, não somente apresentamos “o alfa e o ômega” de seu pensamento, como apontamos também para as origens e transformações de seu vocabulário teórico fundamental.

Oriundo das problemáticas neurológicas, gradativamente ele vai se revestindo de novos sentidos, à medida que a atenção às estruturas físico-biológicas – nas quais se supunha poder “localizar” a linguagem – dão lugar às abstrações estruturais que fazem da própria linguagem o substrato para a compreensão do psiquismo. Se *Sobre a concepção das afásias* nos aporta a noção de um “*aparelho*” de linguagem através do conceito apresentado na palavra composta *Sprachapparat*, o último livro de Freud, que condensa o essencial de sua obra e vocabulário teórico, tem como título do capítulo de abertura: *O Aparelho Psíquico* [*Der Psychische Apparat*], por vezes também referido pela composição *Seelenapparat*, ou *aparelho anímico*.

Quanto a tais relações entre o vocabulário inaugural de *Sobre a Concepção das Afásias* e o derradeiro, do *Compêndio*, percebe-se

² Volume publicado ao final de 2014.

no primeiro texto a origem neurológica do conceito de **associação** [*assoziieren*], inicialmente relacionado às comunicações nervosas, mas posteriormente utilizado para nomear o método clínico da **livre associação** de ideias através da fala. Está ali também a **transferência** [Übertragung] dos impulsos nervosos, posteriormente resignificada para tratar da relação substitutiva do analisante perante o analista. Da mesma forma, estão ali presentes o **estímulo** [Reiz], e suas **excitações** [Erregungen], como perturbações fisiológicas posteriormente relacionadas às **pulsões** [Triebe] e suas **moções** [Regungen]. Vemos ali igualmente de modo inaugural a **representação de palavra** e **representação de objeto** [Wortvorstellungen e Objektvorstellung]; a **via** [Bahn] nervosa e o respectivo verbo **trilhar/facilitar** [bahnen], “abrindo o caminho” para o conceito posterior de **trilhamento** ou **facilitação** [Bahnung].

Talvez o exemplo mais instrutivo de “migração dos conceitos” se refira ao verbo *besetzen* e seu respectivo substantivo derivado *Besetzung*. No *Estudo* vemos a tradução por **ocupar** e **ocupação**, para o que é tão evidente na morfologia da palavra alemã relacionada ao verbo *setzen* [sentar/assentar]. Freud descreve inicialmente como “a **ocupação** de um território livre” o processo neurológico da aquisição linguística. Curiosamente, porém, esse termo foi introduzido no Brasil através do neologismo **catexia** a partir de *cathexis* da edição inglesa, sendo posteriormente difundida a opção por **investimento**, possível interpretação do conceito pelo viés econômico de leitura.

Pois bem, Freud dedicou sua carreira intelectual e sua obra escrita à construção de um campo do saber, de uma Ciência, como ele se referia a Psicanálise, e parece de elevada importância a renovação de uma discussão a respeito da sua terminologia, de seu vocabulário especializado, no momento atual, quando suas obras entraram para o domínio público e finalmente temos a oportuni-

dade de ver surgir as primeiras versões diretas³ de seus escritos para a língua portuguesa. Ao mesmo tempo, sabemos que a discussão em torno do vocabulário freudiano envolve aspectos muito mais complexos do que a mera identificação de um conjunto de termos técnicos. Ao lermos um texto desse autor nos confrontamos, para muito além de um *pensée pensée*, das típicas exposições objetivas e inequívocas do pensamento científico, com um *pensée pensante* de um mestre da escrita, da crítica, da reflexão (MAHONY 1987). Os escritos de Freud refletem uma experiência de um saber em formação e em constante revisão, a partir do qual nem sempre é simples um posicionamento sobre quais vocábulos devem ser elevados à categoria de **conceito**.

Raramente um escrito do criador da psicanálise pode ser lido como um mero texto técnico-descritivo, o que até hoje faz com que seus leitores se aproximem de sua obra também pela via da Literatura, da Ensaística ou da Crítica Cultural. Walter MUSCHG, em seu histórico ensaio *Freud als Schriftsteller* [Freud como escritor] declara que o escritor Freud não poderia ser separado do cientista (1930: 303) e nesse sentido faz coro com a impressão de outros grandes nomes da literatura e da cultura de expressão alemãs. Quer dizer, através de sua refinada prosa, Freud supera em muito o objetivismo formal dos cientistas ou filósofos com suas articulações terminológicas, o que também não implica dizer que o autor estaria descomprometido com um rigor intelectual e que deveria ser relegado simplesmente ao plano da beletrística. Se muitos justificam a aproximação de Freud da literatura, e com

³ As duas compilações disponíveis da obra de Freud em língua portuguesa ao longo do séc. XX foram elaboradas de modo indireto partir do francês (Editora Delta) e do inglês (Editora Imago).

isso quase que um decorrente afastamento do científico, por ele ter sido o agraciado com o *Prêmio Goethe* em 1930.

Mas voltemo-nos aqui aos dois grandes debatedores mencionados ao início do trabalho que fizeram da USP e da nossa Área de Alemão um centro de debate para as traduções de Freud, começando por Luiz Aberto Hanns para, em seguida tratarmos de Paulo César de Souza⁴.

Através de uma resenha de Vera Lúcia COLUCCI (2000: 177-9) ficamos a par de certos dados biográficos interessantes sobre esse tradutor. Filho de pais alemães, Luiz Alberto Hanns cresceu bilíngue, frequentando uma escola alemã em São Paulo e tendo a oportunidade de vivenciar muito precocemente e intimamente os contrastes entre as duas línguas.

À idade adulta, foi por 15 anos responsável por uma escola de língua alemã, produzindo material didático e tabelas de gramática contrastiva para alunos alemães e brasileiros, em que explorava os significados e conotações de termos em ambas as línguas. Após o curso de Administração de Empresas, na Fundação Getúlio Vargas, realizou mestrado em Economia. Só depois viria a cursar Psicologia na Universidade de São Paulo, quando então começa seus grupos de estudos com alunos de psicologia desejosos de ler Freud no original. As dificuldades e particularidades da apreensão do texto freudiano pelo leitor de língua portuguesa percebida nestes grupos levou-o à produção de uma apostila

⁴ Boa parte do que segue foi previamente exposto com no livro “Versões de Freud – Breve panorama crítico das traduções de sua obra” (Rio de Janeiro: 7Letras, 2011), fruto de minhas pesquisas de Pós-Doutorado desenvolvido junto à PGET/UFSC.

de termos da teoria, que tempos mais tarde se transformaria no *Dicionário comentado do alemão de Freud* (id.: 177)

A tradução coordenada por Hanns intitula-se *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* e foi organizada, tal qual a *Studienausgabe* alemã, em nove eixos temáticos: *A Vida Sexual; Compulsão, Paranóia e Perversão; Conferências de Introdução à Psicanálise; Escritos sobre Fenômenos Diversos da Psicologia; Escritos sobre Técnicas Clínicas em Psicanálise; Histeria e Medo; Neuroses Infantis; Questões da Cultura e da Sociedade e as Origens da Religião* e, finalmente, os *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, com os quais a publicação teve seu início.

Se a separação por temas segue praticamente à risca o modelo da *Studienausgabe* [Edição de Estudos], a diferença está no fato de que, enquanto a edição alemã dispõe de um único volume por tema, na de Hanns os temas deveriam vir distribuídos em 35 volumes. Contamos somente com a publicação dos três primeiros, relativos aos *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (2004, 2006 e 2007). Diferentemente do que ocorre com as edições de Souza e Zwick até o momento, a edição da *Imago* não é elaborada por uma só pessoa. Além do coordenador do projeto, colaboraram nesses três volumes também as tradutoras Helga Araújo (Instituto Goethe), Elza Maria Susemihl (Psicanalista), Maria Rita Salzano (UNICAMP), além de Claudia Dornbusch (USP), já mencionada. Essa colaboração com outros especialistas vai muito além, conforme veremos, se for considerada a participação direta e indireta dos vários profissionais da psicanálise e dos estudos germanísticos com quem o coordenador da edição travou contato prévio. Entre esses colaboradores, Hanns destaca a valorosa contribuição de dois importantes teóricos da tradução: Susanna Kampff Lages, da *Universidade Federal Fluminense*, além do já mencionado

João Azenha Junior. Em entrevista a nós concedida, Hanns fez questão de frisar a importância da consultoria prestada por Azenha Jr.

A entrada do nome do psicanalista paulista Luiz Alberto Hanns nos debates sobre a tradução de Freud certamente foi ocasionada pela elaboração de seu *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*, lançado em 1996 pela mesma *Editora Imago*. Bem que se pode especular o quanto interessava à editora, tão duramente acusada por suas falhas na única edição disponível das obras completas de Freud em português, redimir-se perante o público através de um léxico tão valioso.

A proposta do referido dicionário é bastante diversa de tantos outros léxicos especializados na terminologia psicanalítica como os já citados *Vocabulaire de la Psychanalyse*, de Laplanche e Pontalis ou o *Dictionnaire de la Psychanalyse* de Roudinesco e Plon. Ao invés de procurar uma acepção técnica para centenas de verbetes, Hanns concentra-se sobre apenas 40 vocábulos, procurando resgatar a especificidade deles na língua alemã e seus usos na escrita freudiana. Sendo antes um psicanalista bilíngue do que um teórico da tradução ou mesmo um tradutor profissional, a Hanns parece interessar familiarizar o leitor brasileiro de Freud com sua língua de expressão mais do que com uma suposta terminologia ou jargão desenvolvido pelo psicanalista vienense.

Cada entrada do dicionário é organizada, portanto, levando-se em consideração os mais variados aspectos metodológicos envolvidos, tais como as especificidades da língua alemã; influência de outras tradições terminológicas (francesa e inglesa); demarcações de denotações e conotações; conotações pessoais em Freud; etimologia; termos correlatos, derivados e compostos; leitura contrastiva entre as línguas; registros de leitura (literária, psicanalítica e linguística); estabilidade de emprego e evolução na

conceituação, polissemia e contraexemplos (id.: 33-44). Tamanha sofisticação e minúcia fazem com que a análise de tão poucos vocábulos (40, ao total) ocupe praticamente o equivalente em volume de páginas (cerca de 500) ao referido *Vocabulaire*, de Laplanche e Pontalis, com suas mais de 300 entradas.

Tratamos aqui desse dicionário não somente como uma curiosidade intelectual sobre o tradutor, mas por entender o quanto sua publicação nos mostra certos rumos para a tradução por ele realizada. Neste mesmo sentido, podemos falar de outras publicações suas que parecem quase que invariavelmente retomar, pela via da minúcia e do rigor exaustivo, as especificidades do alemão na terminologia ou no estilo freudianos. Caso mais patente disso é sua tese de doutorado em Psicologia Clínica, orientada por Renato Mezan, na *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, intitulada *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Mais do que meramente os aspectos clínicos, a tese trata novamente de uma profunda reflexão sobre o termo *Trieb* e suas especificidades na língua de Freud.

Mas, voltando agora mais diretamente à nova tradução da *Imago*, muito provavelmente em virtude do sucesso do dicionário de Hanns, o psicanalista surge como o nome mais cotado para o projeto, iniciado em 2002. A partir daí vemos o início de um exaustivo e rigoroso trabalho tão digno do que Hanns já demonstrara em publicações anteriores. Desde que aceitou tal incumbência, o tradutor parece ter se proposto um trabalho grandioso (e talvez utópico), sem comparações na história das traduções de Freud. Procurou estabelecer um diálogo com psicanalistas das mais diversas correntes (representadas por Freud, Lacan, Klein, Bion, Winnicott), tais como Renato Mezan, Jurandir Freire, Joel Birman, Thereza Pinheiro, Luís Cláudio Figueiredo, Luiz Carlos Junqueira, Chaim Katz e Sonia Alberti, entre outros. Quanto aos

três últimos citados, eles figuram na edição colaborando com notas específicas sobre Binet, Griesinger, Bion e Lacan.

Tal atitude parece já nos mostrar uma busca (sempre faltosa) por conciliar as disputas entre as diferentes escolas psicanalíticas. No entanto, não deixa de ser um intento louvável. O passo adiante foi o contato com germanistas. Stefan Wilhelm (Willi) Bolle, professor da *Área de Alemão* da USP – que já havia participado da banca de doutorado de Hanns, além de ter sido também o orientador de tese de Paulo César Souza – foi a ponte para a organização de um importante “evento dentro de um evento”.

Como vimos ao início do texto, por ocasião do *Blickwechsel – XI Aleg-Kongress* (XI Congresso da Associação Latino-Americana de Estudos Germanísticos), realizado em 2003, Hanns incumbiu-se da organização de uma das dez seções deste megaevento intitulada *Freud als Herausforderung: Übersetzung und Wirkung des Werks* [O desafio Freud: A tradução de sua obra e os impasses do tradutor]. Felizmente temos acesso aos anais desse evento publicados posteriormente pela *Edusp* (2005) em três volumes que ultrapassam a marca de 1500 páginas.

Proposta inicialmente como um tema para a seção de trabalhos envolvendo tradução, a proposta teve tamanho sucesso que gerou uma seção à parte. A convidada para abrir os trabalhos foi a eminente estudiosa dos manuscritos freudianos e coeditora das *Gesammelte Werke* Ilse Gubrich-Simitis que, não podendo comparecer por motivos de doença, foi representada pelo próprio Hanns. Seguiu-se com uma mesa temática intitulada *Diretrizes para uma nova tradução de Freud – uma reforma da terminologia Psicanalítica?*, formada pelos convidados Joel Birman, Luís Carlos Menezes, Renato Mezan e Sérgio Paulo Rouanet. Na sequência, foram apresentados outros trabalhos inscritos, André Medina

Carone, Paulo César de Souza e, inclusive, um de nossa autoria⁵ (cf. HANNS 2003: 323-8).

Ponto alto para a discussão foi o *Workshop* que deu fechamento à *Seção 6* do Congresso: lado a lado, Luiz Alberto Hanns e Paulo César de Souza procuraram “abrir a caixa preta” de seus procedimentos de tradução a partir de excertos do texto freudiano original. Desde então tornaram-se públicas as divergências de pensamento e estilo entre estes dois importantes tradutores que, até certo ponto, polarizam as discussões sobre a tradução de Freud no Brasil.

Nesse evento, houve a oportunidade de se debater e expor desafios e possíveis impasses inerentes à nova tradução. Esses impasses foram elencados pelo próprio Hanns após os debates:

- Apresentar um Freud o mais literal possível, preservando a estrutura da frase alemã, e formulações que embora compreensíveis, são próprias do alemão, mesmo à custa de gerar um texto às vezes estranho *ou* recriar o elegante estilo da prosa freudiana, preservando o sentido das ideias, mesmo que alterando a construção das frases e substituindo certas expressões e locuções idiomáticas, guiando-se pela fidelidade à fluência e legibilidade.
- Traduzir os termos psicanalíticos segundo seu percurso na obra, associando cada termo alemão a um determinado termo em português, de modo que se identifiquem as recorrências de palavras que interligam vários textos; *ou* considerar que as redes semânticas dos idiomas não se recobrem e deixar que um mesmo termo alemão corresponda a

⁵ Apesar de infelizmente não termos podido comparecer ao congresso, nosso trabalho intitulado “Else e Dora”, inscrito para o evento, foi incluído nos anais do congresso.

diferentes palavras do português, ditado pelo contexto local da frase, preservando a liberdade com a qual Freud em certos momentos empregava os termos.

- Optar por uma das “linhas” de psicanálise que tradicionalmente se opõem na babel da terminologia psicanalítica (a tradução dos termos depende da escola que se siga); *ou*, apesar das rivalidades, introduzir inovações semântico-conceituais.
- Traduzir os termos psicanalíticos como “jargão” (e aí seguir a tendência inglesa que os dota de uma cientificidade de cunho médico-biologizante empregando palavras e neologismos greco-latinos, ou as tendências psicanalíticas francesas que dialogam com a filosofia, empregando termos que corresponderiam aos conceitos psicológicos derivados das matrizes filosóficas sobre as quais Freud teria se apoiado); *ou*, pelo contrário, utilizar a linguagem e o tom coloquial adotados no texto original e “desconceitualizando” grande parte dos assim denominados termos psicanalíticos. (HANNIS 2003: 4, grifos nossos).

Não sem hesitação iniciamos a exposição quanto aos atuais tradutores brasileiros de Freud por Hannis e não pelo trabalho de Paulo César de Souza. É difícil estabelecer um critério sobre a anterioridade de um ou de outro. Hannis de fato teve antes oficialmente publicadas suas traduções pela editora que, em 2004, ainda detinha os direitos sobre a obra. Entretanto, para que façamos justiça, é preciso dizer que Souza, muito antes de Hannis, já se ocupava com a reflexão sobre a efetiva tradução de textos freudianos. Antes das traduções que comercialmente só puderam ser veiculadas a partir de 2009, alguns textos do psicanalista vienense traduzidos por Souza foram publicados em periódicos da *Sociedade Brasileira de Psicanálise*.

Paulo César de Souza já entrou para o debate sobre as traduções de Freud em 1985, quando juntamente com Marilene Carone, publicou importantes artigos nos quais não somente criticava a edição oficial disponível, como debatia possíveis alternativas às versões vindouras. Na sequência, a partir de um expediente de ilustração de suas teses com o artigo “Freud como Escritor”⁶, publicado na *Folha de São Paulo*, Souza apresenta, em 1989, sua primeira tradução paradigmática do autor. Trata-se de *A Transitoriedade* [*Vergänglichkeit*], breve ensaio no qual as estratégias estilísticas do psicanalista para envolver o potencial leitor [são ressaltadas] foram evidenciadas por seu tradutor-comentador.

Muito diferentemente do percurso de Hanns pela Administração, Economia e finalmente a Psicologia e a Psicanálise, Paulo César de Souza, esteve sempre muito mais ligado às Humanidades, às Artes e às Letras. Natural de Salvador, Bahia, onde atualmente reside e trabalha, licenciou-se e realizou seu mestrado em História pela UFBA. Sua dissertação tratando da Revolta da Sabinada foi publicada pela *Editora Brasiliense* em 1987. O livro teria sido “acusado” por um professor de filosofia de parecer mais um romance que um texto acadêmico (SOUZA 1999b). A crítica foi bem recebida pelo tradutor, pois sabia que tanto Freud quanto Nietzsche, seus principais temas de trabalho, sofreram “reprimendas” semelhantes. Reprimendas, essas, que poderiam ser interpretadas *a posteriori* como críticas elogiosas.

Quanto ao seu envolvimento com a língua alemã o tradutor esclarece:

⁶ Título equivalente ao célebre ensaio *Freud als Schifftsteller*, do crítico literário suíço Walter MUSCHG (1930) e de *Freud as a Writer*, do professor canadense Patrick MAHONY (1987). Ambos são comentados no artigo em questão.

Comecei a estudar alemão aos 17 anos de idade, no *Instituto Goethe* de Salvador. Eu já tinha bons conhecimentos de inglês e francês, e alguns dos autores que mais me interessavam eram de língua alemã. Lembro de ter comprado a biografia de Freud escrita por Ernest Jones no mês em que teve início o curso, em agosto de 72. Também já procurava ler Nietzsche. Meu envolvimento com a cultura alemã sempre esteve associado a esses autores. Depois ganhei bolsas para estudar no *Goethe* da Alemanha. Mas sempre por períodos pequenos, semanas ou meses. Também fiz cursos e pesquisas em outros países, como Inglaterra, Itália, Áustria e Canadá, mas nunca por mais de seis meses. (SOUZA 1999: 27)

Durante a juventude, Souza foi professor de línguas e, antes de se tornar um tradutor autônomo, trabalhou como editor na *Brasiliense*, chegou a atuar no filme “O Cinema Falado”, de Caetano Veloso (de quem é grande amigo e interlocutor), mas começou fundamentalmente a ganhar notoriedade intelectual como articulista-colaborador do jornal *Folha de São Paulo*. Sua primeira publicação foi nesse periódico paulista, escrevendo justamente sobre as traduções de Freud. Da compilação de seus artigos escritos para a *Folha* resultou boa parte do material de três dos seus cinco livros autorias (os outros dois são fruto da dissertação e da tese, como veremos).

Antes de se dedicar sistematicamente à tradução de Freud e de Nietzsche, Souza chegou a traduzir do francês *O Diabo no Corpo*, de Raymond Radiguet, além de *Poemas 1913-1956* e *Histórias do sr. Keuner*, de Bertolt Brecht. Seu políglotismo e elevadíssima erudição também lhe possibilitaram traduzir com êxito poemas avulsos de autores de expressão inglesa (Eliot), espanhola (Borges), italiana (Leopardi), além da língua alemã e da francesa. Alguns desses poemas aparecem compilados com outros textos, entrevistas

e trocas epistolares em seu livro *Sem Cerimônia* publicado em 1999 pela Editora Oiti de Salvador.

A grande consagração como tradutor, no entanto, veio a partir das traduções de Friedrich Nietzsche, propostas ao início da década de 90 à Companhia das Letras de São Paulo. Mesmo sem ser uma unanimidade entre os estudiosos do pensador alemão quanto à terminologia empregada pelo tradutor, a indiscutível qualidade de seu texto rendeu-lhe o segundo⁷ Prêmio Jabuti de melhor tradução literária, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Como nos explicou em entrevista recentemente concedida (junho de 2011), desde a década de 90 o tradutor alternava um ano traduzindo Nietzsche e publicando-o, e um ano traduzindo Freud e guardando seu trabalho à espera do vencimento dos direitos de autor.

Dado o enorme sucesso do trabalho com a transposição da obra de Nietzsche, foi um passo esperado que, com a entrada da obra em domínio público em 2009, a Companhia das Letras aceitasse em 2008 a proposta de publicar as *Obras Completas* de Sigmund Freud, a cargo de Souza. A coleção foi concebida em 20 volumes⁸, que dispõem em ordem cronológica uma compilação muito semelhante à da *Standard* inglesa ou das *Gesammelte Werke* alemãs, quanto ao que foi selecionado ou excluído⁹.

Certamente que, quando comparada à edição coordenada por Hanns, a velocidade impressiona, mas vários fatores colaboram para essa diferença. Em primeiro lugar, como vimos, Souza já tinha

⁷ O primeiro foi auferido em virtude de suas traduções da obra de Bertolt Brecht para a Editora 34, de São Paulo.

⁸ Dezenove volumes de textos e um de índices e bibliografia.

⁹ Não fazem parte da coleção os textos estritamente médicos ou neurológicos ou outros sem relação direta com a Psicologia e a Psicanálise.

boa parte do material pronto. Trabalhando sozinho até recentemente, sem outros tradutores ou consultores, poderia se supor a necessidade de mais tempo, mas certamente que se “economiza” o tempo dos debates, conciliações e argumentações. Esse é de fato um fator de grande diferença: enquanto Hanns procurou consultar e conciliar dezenas de opiniões e colaboradores, a tradução de Souza é centralizada em sua pessoa, ainda que recentemente, outros tradutores tenham entrado para o projeto.

Mas um aspecto que marca a grande e fundamental diferença do trabalho de Hanns para o de Souza, diz respeito ao caráter ideológico dado à edição: enquanto a primeira é um esforço coletivo de se refazer Freud em português em suas diversas dimensões e a partir de diferentes visões, a segunda é a obra de um **autor-tradutor** que visa recriar, ao seu próprio modo e estilo, um **escritor** mais que um **psicoterapeuta**. Se o trabalho de Hanns é marcado por um vasto e detalhado paratexto, na edição de Souza este é intencionalmente reduzido. Salvo poucas notas em referência a “termos-problema” e suas dificuldades de tradução, nas quais certas soluções de edições estrangeiras são apresentadas, o “aparato” de comentários da edição da Companhia das Letras se resume a quatro páginas de introdução redigidas pelo tradutor e reproduzidas ao início de cada volume.

Quer dizer, enquanto os esforços de Hanns se concentram muito mais na fidelidade ao autor pela atenção à sua **língua de partida** (o alemão) e suas implicações teórico-metodológicas, Souza, que escreve com indiscutível maestria em língua portuguesa, parece se fidelizar mais à **língua de chegada** e, conseqüentemente, às intenções estético-literárias de seus potenciais leitores. O grande preço de tal decisão, veremos, será a acusação de uma falta de fidelidade às ideias ou aos conceitos-chave do autor traduzido.

Para lembrarmos um clássico dos estudos da tradução, Friedrich Schleiermacher, em seu *Sobre os diferentes métodos de tradução* [Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens], vemos que todo tradutor tende a se deparar com um impasse: “ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá ao seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro” (2010: 57). Enquanto Schleiermacher e seus seguidores optam pela primeira, Souza claramente segue a segunda opção. Entre os tradutores de Freud, os franceses da PUF foram os mais radicais na primeira das opções e serão duramente criticados por Souza. Hanns, procurando o meio termo, parece ter tido maior sucesso no privilégio dado ao autor que ao leitor.

A questão aqui, de fato, não é simples. Freud foi um grande escritor da cultura de expressão alemã. O diálogo da Psicanálise com a Literatura é algo valioso e foi inaugurado pelo próprio Freud a partir de inúmeros trabalhos seus. A opção por uma tradução literária de Freud em si não teria algo necessariamente problemático, desde que não se perca de vista o fato de que seus textos servem à elaboração de uma empresa teórica.

Em uma entrevista, ainda na década de 90, Souza chegou a manifestar sua intenção de elaborar uma coletânea de traduções intitulada: *Os Escritos de Freud sobre Literatura e Linguagem – Tradução e Análise* (1999: 22). Foi na verdade fruto de um projeto apresentado ao CNPq com fins de obtenção de uma bolsa de pós-doutorado. O projeto acabou sendo recusado sob a alegação de que a “formação do candidato” seria “inadequada à proposta”.

E que formação teria sido a adequada? De psicanalista, de germanista, de teórico da tradução? Cabe lembrarmos aqui o fato de que Souza, apesar de ter iniciado sua formação acadêmica pela

História, doutorou-se em 1996 na Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo. Três anos depois o texto foi publicado pela Editora Ática com o título *As Palavras de Freud – O Vocabulário Freudiano e suas Versões*. O livro, sem alterações consideráveis, veio a ser reeditado pela Companhia das Letras em 2010, sendo lançado junto com os três primeiros volumes da tradução.

A tese desenvolvida na Área de Alemão da USP contou com a arguição de Renato Mezan (orientador de Hanns), Izidoro Blikstein, Antonio Medina Rodrigues e de Luís Claudio Figueiredo¹⁰ na composição da banca de defesa. Trata-se inegavelmente de um marco nas discussões sobre as traduções de Freud. Nesse sentido, rivaliza em importância com o dicionário de Hanns. Não por acaso, Hanns foi o autor da mais importante resenha sobre o livro de Souza (*Existe uma Língua Freudiana?* 1999), ao passo que Souza resenhou o *Dicionário* de Hanns e acabou incluindo sua apreciação crítica (*Perto da Palavra, Longe do Texto* 1997) como um anexo na publicação de sua tese.

Souza inicia a tese passando em revisão vários estudiosos da **terminologia** de Freud, tais como Pörsken e Goldschmidt, mas também e principalmente do seu **estilo** como escritor: Muschg, Schönau, Roustang, Holt, Mahony¹¹. Em seguida, fará a apreciação crítica da *Standard Edition* inglesa, o que constitui o segundo capítulo, fazendo o mesmo no terceiro capítulo quanto às *Œuvres Complètes* da PUF que à época publicara seus primeiros volumes.

¹⁰ Note-se que três dos cinco membros compõem as bancas de defesa de tese tanto de Souza em 1996 (Língua e Literatura Alemã – USP) quanto de Hanns em 1999 (Psicologia Clínica PUC-SP).

¹¹ Patrick Mahony, aliás, foi o coorientador de Souza no período de Doutorado Sanduíche em que estagiou na Universidade de Montreal, no Canadá.

A grande originalidade do trabalho está em elaborar a crítica às traduções a partir de palavras especialmente problemáticas do vocabulário freudiano. Enquanto trata de *Ich*, *Es*, *Besetzung*, *Verdrängung* e *Vorstellung*, como seções do capítulo referente à *Standard*, faz uso de *Angst*, *Nachträglich*, *Verneinung*, *Verwerfung* e *Zwang* para compor o capítulo referente às *Œuvres Complètes*. O último termo, *grand finale*, é justamente o *Trieb*, que será também aqui abordado.

O título da tese pode ser enganoso e suscitar a ideia de uma supervalorização de um vocabulário técnico de Freud. O contrário é sugerido. Souza tende na verdade a radicalizar na ideia de uma imprecisão geral do uso de certas palavras que a tradição (sobretudo a francesa) elevou à categoria de conceito. Se pensarmos o momento em que o trabalho surgiu (década de 90) é muito claro o quanto ele representa um contraponto às grandes expectativas por uma versão “fiel” ao significante proposta pelo grupo de Laplanche e tão almejada, sobretudo pelos psicanalistas lacanianos brasileiros.

Souza também se preocupa muito com a fidelidade, lemos no prefácio da edição atual que “O [seu] objetivo [...] é oferecer os textos com o máximo de fidelidade ao original, sem interpretações ou interferências de comentaristas ou teóricos posteriores da psicanálise” (SOUZA in FREUD 2010: 10). Mas, se remontarmos a uma declaração sua em *Sem Cerimônia*, quanto ao binômio fidelidade X traição em relação à tradução, “É preciso ver o que se entende por ‘trair’. [...] Num regime ditatorial envolvido numa guerra, pode ser necessário trair a pátria. Quer dizer, a gente trai em nome de uma fidelidade maior” (1999b: 28). Seria a “pátria” de sua metáfora o movimento psicanalítico que arrogaria para si a fidelidade à lei freudiana e ao “texto sagrado” em questão? A “guerra” seria, portanto, a ele declarada?

Tal especulação poderia ser reforçada por certas afirmações polêmicas de Souza que, não somente valorizam o caráter literário de Freud em detrimento do clínico, mas vão além: chegam a colocar em descrédito a eficácia da clínica freudiana, motivo fundamental da sua escrita. Quanto a sua relação com a clínica psicanalítica, o tradutor teria mencionado certa vez os benefícios que dela colheu: “Fiz também sete anos de psicanálise; não me curaram, mas ajudaram a ser escritor. É preciso, antes de tudo, ser escritor” (id.: 30). Por certo é descabido associar a Psicanálise a uma noção concreta ou médica de **cura**, o que não é de fato sua proposta. Freud, modestamente, almejava a retirada do sujeito de uma “miséria neurótica” para alçá-lo a uma infelicidade banal e comum do cotidiano. Nesse sentido pode causar certo estranhamento o descrédito de SOUZA expresso a seguir:

Com essas traduções eu procurei resgatar para o leitor brasileiro um grande ensaísta da língua alemã que teve enorme influência sobre as ideias e os costumes do século XX. Mas *já não me iludo com as pretensões científicas da psicanálise nem com sua eficácia terapêutica*, que têm demonstrado ser muito pouca (ver, sobre essas questões, as obras de Allen Esterson, Malcolm Macmillan e J. Van Rillaer, entre muitos outros; falo também por experiência pessoal, pois fiz sete anos de análise nos anos 80 e 90, três vezes por semana). (Entrevista concedida em junho de 2011, *grifo nosso*)

Certamente se pode lamentar a frustrante experiência do tradutor com sua análise pessoal. Não pensamos aqui que necessariamente um bom tradutor precise acreditar ou ser partidário das ideias do autor que traduz, desde que, ao seu modo, procure ser-lhe “fiel”. Souza é de fato muito fiel ao Freud “escritor”, tão maltratado pelos que só o veem como teórico ou clínico. Para esses “mais do que o conhecimento do alemão, o que tem faltado é a misteriosa arte de construir frases, de ordenar e combinar os termos numa

estrutura precisa e harmoniosa” (SOUZA 1999: 270). Entretanto, o que por vezes parece ser o caso em Souza é uma necessidade de marcar uma posição polêmica, e não só contrária às escolas psicanalíticas e a certa terminologia difundida e estabelecida no vocabulário freudiano brasileiro.

Quanto a Souza e seu projeto de tradução, parece que poderíamos muito bem inverter o que consideramos os pontos mais e menos elevados no tocante à edição de Hanns. Tradutor experiente que é, circulando mais pela literatura e pela ensaística do que pelas discussões metodológico-científicas, Souza nos traz de modo brilhante e inédito para a língua portuguesa um autor que faz jus ao título do livro de Juan-David NASIO¹²: *O prazer de ler Freud*. Seu Freud é simples, acessível, claro e elegante. Quando marcamos a comparação com o texto de Hanns, na seção anterior, não o fizemos para demonstrar as deficiências de um, mas, sobretudo para destacar as qualidades do outro.

No tocante ao tratamento das questões conceituais, concordamos com a sua necessária ênfase no fato de que muitos psicanalistas quiseram ser “mais reais que a realidade¹³”, encontrando precisão e sutilezas inexistentes no texto freudiano. No entanto, partindo de tão importante premissa e querendo marcar uma posição de afastamento, Souza incorre no perigo de ceder justamente no que dá título à sua tese: *n’As Palavras de Freud*. Afinal, “aquele que cede

¹² Psicanalista argentino radicado em Paris, professor aposentado da Université Paris VII.

¹³ Como nos coloca Uwe PÖRSKEN, em citação de seu *Zur Terminologie der Psychoanalyse* (Sobre a terminologia da Psicanálise) feita por Souza em sua tese, “Os discípulos/alunos se comportam de modo mais terminológico que seu mestre!” (Die Schüler verhalten sich [...] terminologischer als ihrer Lehrer!” (apud SOUZA 1999: 261)

nas palavras, acaba cedendo nas ideias”. Eis, sem dúvidas, uma das maiores lições do mestre vienense.

O debate promovido por Hanns e Souza vem sendo renovado na Área após a passagem de ambos. Ele contou no ano de 2011 com uma apresentação minha do trabalho intitulado “Freud, a língua alemã e suas traduções” no âmbito da VIII Jornada de Língua Alemã promovida pela nossa Área. Em 2012 contamos também com as participações dos pós-graduandos Renato Zwick, David Farah, assim como a do tradutor e professor da UNIFESP André Medina Carone, filho da pioneira quanto à crítica de tradução envolvendo a obra de Freud no Brasil, Marilene Carone, na IX Jornada de Língua Alemã debatendo os desafios de traduzir o autor em foco. Na mesa intitulada *Traduções de Freud*, por mim coordenada, André Carone apresentou o trabalho “O tempo presente”; Zwick, mestrando na Pós-Graduação de Alemão à época, apresentou a comunicação “A Carta a Romain Rolland, de Sigmund Freud: apresentação, comentários e leitura da tradução”, enquanto o mestrando David Farah encerrou os trabalhos do dia com seu texto “Subjetividade e causalidade encontram o Dr. Freud – Um estudo de caso dos conectores oracionais sintáticos causais em *Das Ich und das Es*, de 1923”.

Também no ano de 2012 a *Revista Pandaemonium Germanicum* da nossa Área dedicou um dossiê ao tema *Freud e as Letras* na revista de Número 20. Com texto de abertura de Tercio Redondo, a revista apresentou artigos envolvendo as relações da obra de Freud com a Germanística. Colaboraram, entre outros, a professora Kathrin Rosenfield (UFRGS), Josef Christian Aigner (PsyKo-Áustria), Verlaine Freitas (UFMG), André Carone (UNIFESP), além de mim mesmo. Vale destacar que alguns dos referidos artigos estão entre os mais acessados entre todos os números da revista. Por fim, foi para mim uma grande oportunidade

poder ministrar até o momento duas disciplinas de Pós-graduação no Programa de Língua e Literatura Alemã e perceber o quanto a temática encontrou o interesse dos pós-graduandos, gerando diferentes frutos, tais como artigos em revistas acadêmicas, além de diversas exposições em reuniões científicas. A disciplina ministrada em 2011 teve como título “Linguagem e subjetividade – O caso paradigmático de Sigmund Freud e a língua alemã”, já a seguinte, ministrada em 2013 teve como título simplesmente “Tradução e Psicanálise”.

Graças a esse importante debate que teve USP como palco desde o referido Congresso da ALEG de 2003, podemos hoje pensar em novos trabalhos de tradução para a obra de Freud que aliem as qualidades identificadas em cada um dos projetos acima abordados. Foi esta, fundamentalmente, a nossa intenção com a proposta das *Obras Incompletas de Sigmund Freud* e, de certo modo, parecem ser também a de outros trabalhos que vêm surgindo após a entrada da obra para o domínio público. Todos estes trabalhos serão, assim o entendemos, de algum modo tributários desses importantes personagens aqui referidos: Luiz Alberto Hanns, Paulo César de Souza, Willi Bolle, João Azenha Jr, Claudia Dornbusch, Tercio Redondo, Renato Zwick, Emiliano de Brito Rossi e Tinka Reichmann, pessoas direta ou indiretamente ligadas à nossa aniversariante Área de Alemão da USP.

Referências Bibliográficas

COLUCCI, Vera Lúcia. Resenha de A teoria pulsional na clínica de Freud. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. III, n. 4, dezembro de 2000.

DERRIDA, Jacques. Eu – A psicanálise – Introdução à tradução – A casca e o ovo (de Nicolas Abraham). Trad. de Maria José Coracini. In: *Alfa – Revista de*

Linguística. Volume Especial: Tradução Desconstrução e Pós-Modernidade. São Paulo: Editora da UNESP, n. 44, 2000, pp. 189-195.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, Freud, Marx. In: *Ditos & Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1967/2000.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Ditos & Escritos III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Trad. Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969/2001.

FREUD, Sigmund. *Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados (Edição bilingue)*. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FREUD, Sigmund. *Sobre a concepção das afasias – Um estudo crítico*. Trad. Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HANNS, Luiz Alberto. *Existe uma língua freudiana?* (Resenha de “As Palavras de Freud” De Paulo César de Souza). In: *Revista Percurso*, n. 22, primeiro semestre de 1999.

HANNS, Luiz Alberto. Freud als Herausforderung: Übersetzung und Wirkungen des Werks. In: BOLLE, Willi/ GALLE, Helmut (Orgs). *Blickwechsel – XI. ALEG-Kongress 2003 – Akten: Band 1*. São Paulo: EdUSP, 2005.

HANNS, Luiz Alberto. *O Desafio Freud: A tradução de sua obra e os impasses do tradutor ou Os critérios adotados na nova tradução da Obra de Sigmund Freud*. In BOLLE, Willi/ GALLE, Helmut (Orgs). *Blickwechsel – XI. ALEG-Kongress 2003 – Akten: Band 1*. São Paulo: EdUSP, 2005a.

MAHONY, Patrick. *Freud as a Writer*. Nova Iorque: Yale University Press, 1987.

MUSCHG, Walter. *Freud als Schriftsteller*. In: *Die Zerstörung der deutschen Literatur*. Berna: Diogenes, 2009.

ROSSI, Emiliano de Brito. “A Tradução como sobre-vida: no exemplo de Sobre a concepção das afasias – um estudo crítico, de Sigmund Freud”. 2012. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã) – Universidade de São Paulo.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Sobre os diferentes métodos de tradução. Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens*. Trad. de Celso Braidia. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). *Antologia Bilíngue – Clássicos da Teoria da Tradução. Volume 1 – Alemão-Português*. 2ª. Edição. Florianópolis: UFSC/NUPLIT, 2010.

SCHÖNAU, Walter. *Sigmund Freuds Prosa – Literarische Elemente seines Stils*. Gießen: Psychosozial-Verlag, 2006.

SOUZA, Paulo César de. *As palavras de Freud – O vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Ática, 1999.

SOUZA, Paulo César de. *Freud como escritor*. in *Freud, Nietzsche e Outros Alemães*. Rio de Janeiro: Imago, 1989/1995.

SOUZA, Paulo César de. *Sem cerimônia*. Salvador: Editora Oiti, 1999b.

TAVARES, Pedro Heliodoro. *Versões de Freud – Breve panorama crítico das traduções de sua obra*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

A Dimensão Linguística nos 75 anos da Área de Alemão do DLM/FFLCH-USP

Maria Helena V. Battaglia
Eliana Fischer
Eva M. F. Glenk
Selma M. Meireles¹

Introdução

A Área de Língua e Literatura Alemã do Departamento de Letras Modernas da FFLCH/USP destaca-se no contexto da Germanística brasileira não somente por suas reflexões e atividades no que concerne ao ensino e aprendizado do Alemão como língua estrangeira, mas também por valorizar e fomentar pesquisas e práticas referentes à dimensão linguística do idioma. Este artigo procura traçar um panorama dos temas, dos estudos e dos estudiosos envol-

¹ Professoras de Língua e Linguística Alemã da Área de Alemão do Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 1983, 1982, 1989 e 1987 respectivamente. Emails, pela ordem: mhvbattaglia@hotmail.com, elianafischer@uol.com.br, spoelten@usp.br e selmadlm@yahoo.com

vidos com essa dimensão linguística de pesquisa, bem como suas relações com pesquisadores e instituições nacionais e estrangeiras que contribuíram para delinear o atual status da Área de Alemão no cenário brasileiro. Para compilar os dados apresentados abaixo foram utilizados relatórios anuais do Programa feitos para a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), bem como foram consultados os Sistemas Jupiter da Graduação e Janus da Pós-Graduação da FFLCH-USP, a Plataforma Lattes do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa) e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (www.teses.usp.br).

1 Graduação

O curso de Bacharelado em Letras – Habilitação: Alemão faz parte do Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP, juntamente com os bacharelados em espanhol, francês, inglês e italiano, estando assim sujeito às diretrizes curriculares do Departamento. Apesar de a cidade e o Estado terem recebido vários imigrantes falantes do alemão, as escolas públicas de São Paulo não costumam oferecer o idioma entre suas matérias obrigatórias ou mesmo complementares. Dessa forma, os alunos ingressantes da Área de Alemão da USP não apresentam, em sua quase totalidade, conhecimentos prévios da língua alemã, à exceção de alguns alunos oriundos de escolas particulares alemãs e suíças, estes com níveis elevados de proficiência, o que traz problemas para a uniformidade das turmas.

Tal situação tem consequências fundamentais no planejamento do currículo do curso: faz-se necessário levar os estudantes, em quatro anos, a um nível de proficiência tal que lhes permita não apenas comunicar-se em alemão, mas também a fazê-lo com um certo grau de correção gramatical e variação estilística. Além

disso, em se tratando de um Bacharelado, é necessário que os mesmos estejam aptos a compreender as estruturas da língua e a ler, entender e discutir textos literários e científicos em alemão. Tais objetivos parecem muito ambiciosos, principalmente ao se levar em conta a grade geral dos Bacharelados em Letras, que compreende várias matérias obrigatórias além daquelas dedicadas especificamente ao alemão.

Esse fato já foi amplamente discutido na Área, inclusive aventando-se a possibilidade de exigir aos ingressantes um determinado nível básico de conhecimento da língua. No entanto, optou-se por não fazê-lo, por dois motivos: a já mencionada ausência de aulas de alemão nos ensinos fundamental e médio, o que não permite pressupor tais conhecimentos, e o relativo sucesso histórico em levar estudantes que iniciaram seus estudos sem quaisquer conhecimentos do alemão a atingir níveis elevados de proficiência, que lhes permitiram seguir carreira em vários ramos de atividades, em especial como tradutores, professores de alemão como língua estrangeira ou mesmo docentes universitários.

Tal opção tem sido levada adiante nestes 75 anos da Área de Alemão especialmente através de dois expedientes: uma elevada carga de disciplinas dedicadas à língua alemã, tanto obrigatórias como optativas, e a integração consequente da perspectiva linguística nas aulas, desde os primeiros níveis.

O Bacharelado em Letras – Alemão conta atualmente com cinco semestres obrigatórios da disciplina denominada “Língua Alemã”, na qual os estudantes são introduzidos ao idioma através de aulas interativas com apoio de manuais didáticos de alemão como língua estrangeira e materiais diversos selecionados e/ou produzidos pelos docentes. Historicamente, a disciplina chegou a estender-se por oito semestres, sendo, ao longo dos anos, diferenciada e adaptada à evolução do curso e às demandas do Departamento,

o que determinou sua restrição ao tamanho atual, sem prejuízo do seu conteúdo.

Para permitir o rápido desenvolvimento dos estudantes no idioma, os primeiros semestres do curso (após o ano básico) são dedicados completamente à língua alemã. Nos quatro primeiros semestres de alemão, a disciplina de Língua Alemã tem atualmente seis aulas por semana – número que se mantém desde a década de 1990, mas já chegou a contabilizar oito aulas semanais nos dois primeiros semestres, o que levou a um significativo aumento na proficiência dos estudantes. Infelizmente, em razão de um certo “engessamento” institucional por parte da universidade e mesmo do MEC, o número de aulas desses primeiros semestres teve de ser reduzido, e várias disciplinas obrigatórias passaram a ser optativas, o que, no entanto, não levou a uma diminuição da carga horária geral oferecida pela Área.

Desde os primeiros semestres, procura-se ministrar o maior tempo possível das aulas em língua alemã, de modo que, a partir do quinto semestre, as aulas sejam ministradas basicamente nesse idioma e os estudantes sejam incentivados também a se comunicarem o máximo possível em alemão. Tal postura, também utilizada nas aulas de literatura, propicia um ambiente de “imersão total” que contribui sobremaneira para o rápido desenvolvimento das habilidades de compreensão e expressão por parte dos estudantes, possibilitando a abordagem de conteúdos complexos e temas acadêmicos.

Assim, as aulas de língua alemã, embora acompanhando o desenvolvimento dos métodos e técnicas do ensino de alemão como língua estrangeira, sempre incluíram e priorizaram a conscientização de conceitos e conteúdos linguísticos desde as primeiras aulas. Isto é possível através da diferenciação do material didático utilizado, a partir de textos e exercícios complementares específicos

selecionados e propostos pelos docentes durante todo o curso. O foco principal é a conscientização das estruturas gramaticais da língua como recurso para possibilitar a compreensão e uso crescente de uma vasta gama de variações, como é encontrada no cotidiano acadêmico.

Inicialmente, as aulas da disciplina Língua Alemã eram ministradas por praticamente todos os docentes da Área, independentemente de suas pesquisas na Pós-graduação. A partir da década de 1970, com o surgimento da linha teórica da linguística do alemão, a disciplina foi paulatinamente assumida por docentes especialistas nessa área de estudos, que integravam às aulas aspectos de suas pesquisas. Como um exemplo, podemos citar aqui o oferecimento, na década de 1980, de uma especialização do 4º semestre da disciplina “Língua Alemã” denominada “tradução”, mas que, na verdade, apresentava os primeiros conceitos de técnicas de recepção de texto e questões de linguística textual, como coesão e coerência.

Tal percurso levou a uma paulatina especialização e diversificação do conteúdo abordado, com a transformação, na década de 1990, dos sétimo e oitavo semestres da disciplina “Língua Alemã” nas disciplinas “Introdução à Linguística Alemã I e II”, com vistas a preparar os estudantes para uma possível futura pós-graduação. Em um esquema de módulos, são abordados conceitos fundamentais da fonética/fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, linguística do texto e pragmática direcionados à língua alemã, com base em textos científicos e exercícios selecionados pelos docentes. Outra especialização em direção à linguística foi o desmembramento, na mesma década, de duas aulas dos terceiro e quarto semestres da disciplina “Língua Alemã” nas disciplinas “Produção e Recepção de Textos em Alemão I e II”, nas quais são trabalhados técnicas e conceitos de linguística textual, visando também preparar os

alunos para a leitura de textos literários e científicos em alemão, bem como a redação acadêmica no idioma.

Fora tais modificações curriculares, o contato especializado com a língua é permanentemente incentivado através do oferecimento de disciplinas optativas que abordam tópicos diversificados, tais como “Fonologia e Fonética da Língua Alemã”, “Gramática do Alemão”, “Tópicos de Linguística Alemã”, “Introdução à Gramaticalização da Língua Alemã”, “Leitura e Produção de Textos Acadêmicos em Alemão”, “Conversação em Alemão”, “Aspectos de Língua e Cultura Alemãs”, entre outras. Nas duas últimas décadas, as aulas de língua alemã têm recebido uma contribuição crescente de docentes com pesquisas no campo da tradução e didática do alemão como língua estrangeira, o que resultou no oferecimento de disciplinas diferenciadas, como por exemplo: “Tradução: Análise Contrastiva Alemão/Português” e “Língua Alemã, Subjetividade e Cultura”.

Outro exemplo da integração entre a atuação dos docentes em nível de Pós-Graduação e o Bacharelado é a constante e sempre crescente orientação de atividades de pesquisa já na graduação, abordando temas diversificados pertinentes às linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação, através de trabalhos de IC (Iniciação Científica, muitos dos quais realizados com bolsas de estudo FAPESP, CNPq e RUSP) e, mais recentemente, de TGI (Trabalho de Graduação Individual) e no âmbito do programa “Ensinar com Pesquisa” da Reitoria de Graduação da USP.

A subárea de Língua Alemã procura, dessa forma, desenvolver constantemente o Bacharelado, adaptando seu currículo e suas técnicas didáticas a uma formação básica abrangente e de qualidade na língua alemã, como base para o ingresso na pós-graduação.

2 Pós-Graduação e Pesquisa

2.1 Pós-Graduação

Desde 1971 o Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã titulóu 74 doutores e 146 mestres. Destes foram 17 doutorados e 46 mestrados dedicados a questões de língua/linguística alemã.

Como já comentado no texto sobre a Pós-Graduação neste mesmo volume, somente em 1971-72 foram defendidos os primeiros trabalhos no Programa de Língua e Literatura Alemã voltados para a Língua Alemã, 20 anos após o primeiro em Literatura. Durante muito tempo, apenas os professores Ruth Mayer e Sidney Camargo orientavam trabalhos na subárea. Com o anúncio de suas aposentadorias, abriu-se em 1989 uma vaga específica para a orientação de trabalhos em linguística do alemão, e Masa Nomura, anteriormente na UNESP, juntou-se à USP para assumir sozinha a orientação de novas pesquisas na subárea de língua e linguística até a vinda de Hardarik Blühdorn como leitor do DAAD em 1994, merecendo especial destaque pela sua atuação. Masa Nomura foi responsável pela formação de dois doutorados na Área, bem como de diversos docentes de Língua Alemã em outras universidades e de vários pesquisadores em nível de Pós-Graduação e Iniciação Científica, e posteriormente foi responsável pela consolidação do Grupo de Pesquisa da Gramática Constrastiva junto ao CNPq, que coordenou por muitos anos.

Em 1997, quatro docentes da Área defenderam seus doutorados com temas linguísticos e juntaram-se a Masa Nomura e Hardarik Blühdorn na orientação de trabalhos linguísticos ou com viés para ensino e aprendizagem do alemão como língua estrangeira. Atualmente são seis os docentes que atuam nesse âmbito dentro da Pós-Graduação.

2.2 Pesquisas

2.2.1 O Grupo de Pesquisas da Gramática Contrastiva

Os primeiros trabalhos defendidos no Programa de Língua e Literatura Alemã voltados para a Língua Alemã destacam-se pelo seu caráter contrastivo com as teses de Ruth Mayer e Sidney Camargo, em que comparam o sistema vocálico e consonantal do alemão e do português. Embora as pesquisas em língua não ficassem restritas a análises contrastivas, esses trabalhos são os precursores da linguística contrastiva na Área de Alemão.

Com a presença de Hardarik Blühdorn surgiu, em 1998, a ideia de reunir os docentes e suas pesquisas, pós-graduandos e graduandos para formar um grupo de pesquisa e elaborar uma Gramática Contrastiva Alemão – Português, nos mesmos moldes de outras gramáticas que já existiam para o Alemão.

A futura Gramática Contrastiva Alemão-Português foi subdividida em capítulos e cada um dos docentes participantes se tornou responsável por um capítulo, de acordo com sua área de pesquisa. Dessa maneira, Selma Meireles assumiu o capítulo de Fonética/Fonologia, Maria Helena Battaglia, o Verbo, Hardarik Blühdorn, o Substantivo, Eliana Fischer, as Partículas, Masa Nomura e Eva Glenk, o Texto e Eva Glenk e Maria Helena Battaglia, Análise de erros.

O grupo mantinha colóquios regulares semestrais, com apresentação de seminários dos participantes e discussão das pesquisas e de textos teóricos fundamentais para o projeto. Contou ainda com a presença de professores de linguística da Alemanha e de outras universidades do Brasil que, em suas passagens pela USP, proferiam palestras no grupo de pesquisa.

Em setembro/outubro de 1999, Jürgen Schmidt-Radefeldt, da Universidade de Rostock, veio proferir uma palestra. Ele

estava também organizando uma gramática contrastiva alemão-português, mas com a variante do português europeu. Desde então houve um grande intercâmbio de informações entre os grupos de pesquisa, que culminou com a organização de um simpósio na Universidade de Rostock em fevereiro de 2001, com a presença de três professoras da Área de Alemão da USP (Masa Nomura, Selma Meireles e Eliana Fischer) e professores do grupo de Rostock, além de convidados do Porto, de Braga, de Berlim e Leipzig.

Nos tópicos a seguir serão apresentados trabalhos que foram desenvolvidos no âmbito da Gramática Contrastiva Alemão – Português, mas que nem sempre partiram da análise contrastiva, uma vez que para contrastar duas línguas é preciso também analisar cada uma em separado.

2.2.1.1 *Fonética e Fonologia*

As pesquisas realizadas no âmbito do Grupo da Gramática Contrastiva sobre fonética e fonologia concretizaram-se em um TGI (Trabalho de Graduação Individual), em três trabalhos de Iniciação Científica e em dois mestrados e um doutorado, orientados por Selma Meireles.

As duas pesquisas de Iniciação Científica, realizadas com Bolsa FAPESP e concluídas em 2003, retomaram os doutorados pioneiros da Área sobre fonologia como base para uma pesquisa empírica realizada junto a aprendizes brasileiros de alemão como língua estrangeira, com o título *Recepção oral e produção escrita – um estudo sobre o aprendizado da língua alemã por alunos de graduação em Letras/Alemão da Universidade de São Paulo – Vogais e Consoantes*. Os resultados obtidos foram publicados como um capítulo da coletânea organizada por NOMURA e BATTAGLIA em 2008.

O TGI intitulado *Estudo Linguístico Comparativo sobre Onomatopeias em Histórias em Quadrinhos: Português / Alemão* obteve menção honrosa no 18º SIICUSP – Simpósio de Iniciação Científica da USP em 2010 e foi publicado sob a forma de artigo no número 18 da revista *Pandaemonium Germanicum*. O tema foi posteriormente retomado e ampliado, dando origem à dissertação de mestrado intitulada *Criação e uso de onomatopeias em língua alemã: proposta de estudo com a utilização de quadrinhos*, defendida em 2014.

Os demais trabalhos abordaram dois aspectos ainda muito pouco explorados comparativamente para o par de línguas alemão-português: prosódia e entoação. A pesquisa de Iniciação Científica *Acento e Ritmo em Sintagmas Nominiais Complexos em Português e Alemão* foi realizada em 2001 com apoio do CNPq, enquanto o mestrado intitulado *A entoação em sentenças interrogativas do alemão e do português*, defendido em 2003, parte da análise acústica de um corpus de sentenças interrogativas para investigar sua entoação final em ambas as línguas. A tese de doutorado *O acento primário em alemão e sua aquisição por falantes de português brasileiro* (2015) apresenta uma breve visão comparativa entre os sistemas das duas línguas, cotejando-a com os resultados de um estudo empírico com aprendizes brasileiros. Tanto os mestrados como o doutorado encontram-se disponíveis na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP.

Um trabalho desenvolvido na área de Fonética e Fonologia, que não é filiado à Gramática Contrastiva, é uma pesquisa no âmbito do canto erudito, orientada por Eva M. F. Glenk, que resultou na dissertação de mestrado *Processos fonológicos em fronteiras de palavras no Canto Erudito em Alemão*, elaborada com apoio do CNPq e defendida em 2012.

2.2.1.2 *Verbo*

O tópico do Verbo recebeu contribuições de vários docentes da Área, mas como Maria Helena V. Battaglia havia desenvolvido várias pesquisas no âmbito do Verbo, ela coordenou o grupo que pesquisava os tópicos relacionados ao tema, incluindo não somente os tempos verbais, mas todos os itens relevantes para uma gramática desse gênero, descrevendo os tempos verbais a partir das formas, ou seja, dos aspectos morfológicos, e de seu emprego, isto é, dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Entre as pesquisas realizadas no âmbito da Gramática Contrastiva relacionadas ao Verbo destacamos a tese de doutorado *Os tempos verbais do passado do alemão e do português* de Maria Helena V. BATTAGLIA. Nessa tese, é feita uma análise contrastiva dos tempos verbais do passado do alemão e do português, destacando as características inerentes aos tempos verbais do passado do alemão e do português como o tempo e o aspecto/*Aktionsart*, além de outras características como o regionalismo, a economia e a frequência, descrevendo semelhanças e diferenças no uso dos tempos verbais do passado no par de línguas alemão-português. Os resultados da pesquisa foram apresentados nas Semanas de Língua, no congresso da ALEG em Concepción – Chile com auxílio financeiro da FAPESP e no Grupo de Trabalho Interdepartamental sobre o estudo dos tempos verbais com participação de Heinz Vater, José L. Fiorin, Ângela Rodrigues e Hardarik Blühdorn (org.). A pesquisa sobre os tempos verbais do passado resultou em dois artigos publicados na revista *Pandaemonium Germanicum* e um capítulo de livro. Em seguida, desenvolveu uma pesquisa contrastiva sobre o tempo verbal do futuro no alemão e no português com apresentação de resultados parciais em Semanas/Jornadas de Língua, Congressos, que resultaram na publicação de um artigo

na revista *Pandaemonium Germanicum* (2002) e trabalho completo em anais do congresso da ALEG (2003).

Na graduação, ela orientou duas pesquisas de IC e três trabalhos de TGI relacionadas ao verbo. Uma, sobre a voz passiva, *Análise contrastiva da voz passiva em alemão e em português*, que foi realizada com bolsa FAPESP (2001) e apresentada na Semana de Língua e no Grupo de Pesquisa da Gramática Contrastiva; outra sobre regência verbal, que resultou na publicação do artigo “Os verbos ser e estar em oposição a *sein* do alemão” publicado na revista *Pandaemonium Germanicum* (1998) em coautoria com a orientadora. Em seguida, a orientanda aprofundou o tema na dissertação de mestrado com o título *Usos dos verbos ser e estar do português em contraste com usos do verbo sein do alemão*, defendida em 2005. As pesquisas realizadas como TGI ocorreram no ano de 2005 sobre a valência sintática e semântica do verbo, a saber: *A valência dos verbos de movimento sem meio de locomoção*; *O campo semântico do verbo arbeiten: sua valência e correspondentes em português e A valência dos verbos ficar e bleiben*.

Ainda sob sua orientação foi defendida em 2009 a dissertação de mestrado intitulada *Distribuição e tradução das formas verbais do português e do alemão em prosa literária*. A pesquisa contou com bolsa da CAPES e teve como objetivo verificar, em traduções de textos literários, como os autores lidam com as diferenças de uso dos tempos verbais e que soluções apresentam em suas traduções.

Uma pesquisa também relacionada ao tópico ‘Verbo’, é o estudo do modo verbal subjuntivo/*Konjunktiv* em português e em alemão, orientado por Eva M. F. Glenk. Iniciado em 1998 como trabalho de IC intitulado *Subjuntivo vs. Konjunktiv*, recebeu bolsa FAPESP por dois anos consecutivos e foi publicado na revista *Pandaemonium Germanicum* 5, em 2001, como “O modo subjuntivo no português do Brasil e no alemão”, pela orientanda

em coautoria com a orientadora. A pesquisa foi aprofundada, em seguida, com apoio da CAPES em uma dissertação de mestrado, *O emprego do modo subjuntivo no alemão e no português do Brasil: Primeiro panorama contrastivo e ênfase no emprego nas orações subordinadas substantivas*, defendida em 2004.

Cabe mencionar ainda dois trabalhos de IC relacionados a verbos de transporte orientados por Hardarik Blühdorn que resultaram em vários artigos como *Verbos de transporte e a focalização de lugares*; *O uso dos verbos alemães de transporte afixados com hin- e her-*; *O uso dos verbos de transporte no alemão e Zur Verwendung einiger Transportverben im Deutschen und im brasilianischen Portugiesisch*.

Eliana Fischer orientou ainda um trabalho de TGI em uma pesquisa intitulada *Estudo comparativo dos verbos de percepção visual no alemão e no português* em 2005 e outro sobre os verbos com prefixo *nach* em alemão em 2007.

2.2.1.3 Substantivo

O tópico voltado para o estudo do Substantivo foi coordenado por Hardarik BLÜHDORN, que realizou e publicou diversas pesquisas individuais ou em coautoria com colegas e orientandos, entre os quais destacam-se os artigos *Observações sobre o uso de totalizadores nominais no alemão e no português do Brasil e Lexicalização e deslexicalização. Observações sobre a erosão da língua exemplificadas no alemão e no português do Brasil*, ambos publicados na revista *Pandaemonium Germanicum* em 1999. Orientou ainda um trabalho de IC intitulado *Classificação de substantivos, número e contabilidade*, que resultou no artigo *Contabilidade de substantivos no português do Brasil* publicado em *Cadernos de Estudos Linguísticos* (2000).

2.2.1.4 *Partículas*

Eliana FISCHER fez seu doutorado em 1997 tendo como tema *Os verbos de conexão em alemão e português*, onde apresentou verbos que funcionam como conjunções para estabelecer relações no texto. Em 2003 apresentou o resultado de uma pesquisa contrastiva sobre os conectores finais intitulada *Finale Konnektoren im Deutschen und Portugiesischen* no XI Congresso da Associação Latino-Americana de Estudos Germanísticos na USP e, em 2006, foi aprofundar sua pesquisa num pós-doutorado no Institut für Deutsche Sprache, num trabalho conjunto com Hardarik Blühdorn. Os resultados da pesquisa foram apresentados no VI Congresso Brasileiro de Professores de Alemão em julho de 2006. A comunicação em alemão se intitulou *Zur Semantik und Pragmatik der finalen Konnektoren*.

Duas estudantes foram formadas por Eliana Fischer da iniciação científica ao doutorado com pesquisas contrastivas. Andrea RODSI fez IC com bolsa FAPESP sobre *As preposições temporais no alemão e no português* em 2000, defendeu o mestrado aprofundando o tema: *As preposições que estabelecem relações de tempo no português e no alemão*, em 2005, e passou das preposições para os conectores no doutorado em *Os conectores temporais do alemão e do português brasileiro: um estudo contrastivo dos conectores temporais que indicam concomitância wenn, als, während, quando e enquanto* em 2012. Flávia Cunha PIRILLO fez a IC com bolsa FAPESP sobre *Os verbos de movimento e seus argumentos espaciais preposicionados: um trabalho contrastivo alemão-português* em 2005, aprofundou a pesquisa no mestrado com *Os argumentos espaciais preposicionados selecionados por verbos de deslocamento: um trabalho contrastivo português-alemão* em 2009 e escreveu sobre *As preposições com interpretação causal em alemão e português sob o enfoque*

da gramaticalização: um trabalho contrastivo com recorte sincrônico em 2014.

Outro orientando iniciou sua pesquisa sobre conjunções causais no TGI com o trabalho *Relações causais em alemão: aliando oração e texto em 2009* e seguiu com o mestrado *Causalidade e aspectos cognitivos de sua codificação: Os conectores causais da língua alemã em 2014.*

Outras pesquisas sobre partículas foram a IC *Conjunções adversativas no alemão e no português em 1999*, os TGIs *As interjeições em alemão e português em 2004*, e *Os advérbios em alemão e português em 2004.*

Entre os trabalhos com partículas, destacam-se ainda duas dissertações de mestrado realizadas sob orientação de Maria Helena Battaglia, a primeira com o título *A partícula nur: um breve estudo*, defendida em 2004. Nessa pesquisa, procura-se verificar quais os sentidos da partícula ‘nur’ em diferentes contextos. A segunda, intitulada *A polissemia da preposição alemã über: um estudo com base na Semântica Cognitiva*, foi defendida em 2012 e realizada com bolsa do CNPq. Nessa pesquisa, é estabelecida uma rede semântica para descrever os usos da preposição *über* com base na rede semântica descrita em 2003 pelos autores Tyler e Evans para a preposição do inglês *over*. Selma Meireles orientou ainda o mestrado *Beziehungsweise e suas correspondências em português*, defendido em 2008.

2.2.1.5 *Linguística do texto: o texto sob enfoque cognitivo e pragmático*

Um dos subprojetos da Gramática Contrastiva é voltado para o texto. Dividiram a responsabilidade por esse Masa Nomu-

ra e Eva M. F. Glenk. Os trabalhos realizados pelas professoras e seus orientandos exploram aspectos cognitivos e pragmáticos, fundamentais para a produção e compreensão do texto, além de questões ligadas à tipologia de textos.

Masa Nomura orientou duas ICs voltadas para o texto: Textos de publicidade em contraste (alemão-português): análise linguístico-semiótica (2008) e Organicidade tópica em discursos de textos jornalísticos brasileiros e alemães (2002), e uma dissertação de mestrado, O link como fator de coerência em hipertextos noticiosos brasileiros e alemães (2007). Todos os trabalhos tiveram o apoio do CNPq.

Dois trabalhos de IC que abordam questões pragmáticas e discursivas do texto foram orientados por Eva M. F. Glenk: *Pedido e/ou sugestão em cartas de leitores* (1999-2000), e *Atos de fala 'circundantes' do ato de fala 'pedido e/ou sugestão' em cartas de leitores em português e em alemão* (2001), ambos com bolsa da FAPESP, além da tese de doutorado defendida em 2007 por Clélia BARQUETA: *O íntimo e o coletivo em dois mundos diversos: Análise comparativa dos discursos utilizados em peças publicitárias alemãs e brasileiras*, que teve apoio do programa PQI.

Esses questionamentos teóricos deram forma às disciplinas de pós-graduação *O texto: história e aplicação; Produção e recepção de textos científicos: teoria e prática*, credenciados e ministrados por Masa Nomura e *O Texto: Produto e Processo*, credenciada e ministrada duas vezes por Eva M. F. Glenk.

Os trabalhos ligados à temática do texto, publicados por Masa Nomura em periódicos, capítulos de livros e anais e apresentados em eventos científicos, tratam do gênero textual *abstract*, do texto como unidade de trabalho no ensino de línguas e de tradução e de tipos de textos na tradução; trabalhos de Eva M.

F. Glenk sobre o texto de um ponto de vista cognitivo, versam sobre a compreensão do texto, estratégias da produção de texto, os modelos cognitivos presentes no texto, a aplicação de conceitos linguísticos na produção e compreensão de textos e o texto do ponto de vista do gênero, todos apresentados em eventos científicos e publicados em anais.

Um trabalho que se insere no gênero textual *abstract* e tem a ver com texto e produção de texto é o artigo “Resumo: um processo consciente de (re)produção de texto” de autoria de Maria Helena V. BATTAGLIA, publicado na revista *Projekt*, v. 10 (1993). Em seguida à publicação, desenvolveu um projeto com alunos da disciplina de Língua Alemã IV sobre a elaboração de resumos de textos alemães extraídos da internet com base nas macro-regras de VAN DIJK (1980), cujos resultados foram apresentados no congresso da ABRAPA em Curitiba (1999), no FILE II – Fórum Internacional de Ensino de Línguas Estrangeiras em Pelotas (2002), com a comunicação *O texto como meio para a aprendizagem autônoma da língua estrangeira*, e na Semana de Língua Alemã (2006). Eliana Fischer orientou ainda uma tese que teve como tema a comparação entre o mestrado e o *Magister* na área de Germanística, mais especificamente sobre o tipo de texto “introdução acadêmica” (2011).

2.2.1.6 Análise de erros

O objetivo do projeto Análise de erros é investigar sistematicamente a produção de textos escritos por alunos de graduação, quanto a erros e acertos, com a finalidade de descrever padrões cognitivos, sua formação e seu papel na comunicação de forma comparativa entre alemão e português e nortear o trabalho da Gramática Contrastiva, assim como o currículo de Língua. O estu-

do de erros dos estudantes da língua alemã do curso de graduação da Área, realizado por Eva M. F. Glenk e Maria Helena Battaglia, foi apresentado em dois congressos – um latino-americano e outro internacional, em 1997 e 1998, e publicado nos seus anais. *Hallo, wie gehst du? Von der Notwendigkeit, das Curriculum den Bedürfnissen der Studenten anzupassen*, foi apresentado em 1997, no XI Congresso Internacional dos Professores de Alemão, e, sob o título *Die deutsche Sprache an der USP*, no IX Congresso Latinoamericano dos Germanistas em Concepción/Chile, em 1998. Um estudo preliminar, *Modelos cognitivos e sua importância no ensino de uma língua estrangeira*, fora apresentado em 1995, no IV Congresso de Linguística Aplicada em Campinas e publicado em seus anais. Seguiu-se uma pesquisa de IC, orientada por Eva M. F. Glenk de 1999 a 2000, *Análise de erros em trabalhos de aprendizes de alemão e português como línguas estrangeiras*. Essa pesquisa obteve o apoio da FAPESP e foi apresentado na IX Semana de Língua Alemã em 2001 com o título *Sem medo de errar. O erro na aprendizagem de alemão e português como línguas estrangeiras*.

Ao longo de 10 anos, o grupo de pesquisa teve forte atuação, que resultou em um número expressivo de trabalhos de IC e, nos últimos anos, também de TGI, mestrado e doutorado, bem como as livres-docências de Hardarik Blühdorn e Selma Meireles. Os resultados parciais foram apresentados em inúmeros seminários acadêmicos, simpósios e congressos e publicados em periódicos especializados, como *Pandaemonium Germanicum, Projekt*, entre outros, como capítulos na coletânea *Die kleineren Wortarten im Sprachvergleich Deutsch-Portugiesisch*, (organizado por Hardarik BLÜHDORN com Jürgen SCHMIDT-RADEFELDT, da Universidade de Rostock, e publicado pela Ed. Peter Lang em 2003) e no livro *Estudos Linguísticos Contrastivos em Alemão e Português*, organizado

por Masa NOMURA e Maria Helena V. BATTAGLIA em 2008, com apoio da FAPESP/CAPES e publicado pela Ed. AnnaBlume.

Com a volta de Hardarik Blühdorn para a Alemanha, Masa Nomura e Maria Helena V. Battaglia assumiram a coordenação do grupo (como coordenadora e vice coordenadora, respectivamente) e formalizaram o grupo de pesquisa, cadastrando-o junto à Pró-Reitoria de Pesquisa da USP e no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq.

Com a aposentadoria de Masa Nomura, o projeto inicial da Gramática é revisto e outros projetos de pesquisa ganham destaque, como, por exemplo, o projeto do *Dicionário Eletrônico de Construções Verbais Alemão Português*, que não deixa de ser contrastivo, porém tem ênfase maior em outras áreas da linguística como a fraseologia e lexicografia.

2.3 Outras pesquisas em grupo e individuais

2.3.1 Dicionário bilíngue e bilinguístico de construções com verbo-suporte e colocações verbais

Com base na tradição de quase 20 anos de estudos fraseológicos na Área, e com o campo do verbo sendo investigado paralelamente durante quase o mesmo tempo, fundou-se, depois de primeiras investigações meta-lexicográficas e uma estada pós-doutoral de Eva M. F. Glenk na Universidade de Leipzig em 2007, que teve como foco de estudo os fenômenos fraseológicos com vistas à sua descrição lexicográfica, o grupo de pesquisa *Dicionário bilíngue e bilinguístico de construções com verbo-suporte e colocações verbais*, coordenado por Eva M. F. Glenk e Maria Helena V. Battaglia.

Assim inicia-se em 2008 a investigação das construções com verbo-suporte e das colocações verbais numa abordagem

cognitiva e com enfoque lexicográfico, visando a elaboração de um dicionário dessas construções, de utilidade para aprendizes e usuários da língua alemã.

Desde então, percorrem-se caminhos investigativos com o envolvimento de alunos de graduação e pós-graduação, e da colega Eliana Fischer. Gramática das construções, princípios de gramaticalização e outras abordagens de linguística cognitiva norteiam as análises das construções verbais; estudos meta-lexicográficos acompanham a prática da lexicografia.

O levantamento das construções verbais e seu fichamento lexicográfico é feito por alunos da graduação que recebem bolsas no Programa Ensinar com Pesquisa. Até a presente data, foram 13 alunos de IC. A quase totalidade dos alunos apresentaram os resultados de suas pesquisas nas respectivas edições do SIICUSP – Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo (2011, 2012, 2014). Além disso, foi defendido um trabalho de TGI, em 2013, *Elaboração de um modelo de verbete lexicográfico para construções com verbo-suporte baseado em descrição e análise de usos*. Há um TGI em andamento. Dissertações de mestrado defendidas foram três: em 2003, *Colocações verbais no âmbito dos contratos sociais e estatutos: estudo contrastivo alemão-português*, em 2009, *As colocações verbais em três dicionários bilíngues e bilinguísticos de alemão-português* e, em 2010, *Descobrendo os caminhos já trilhados. Um glossário terminológico de formulaicidade alemão/português*, com apoio do CNPq.

Os resultados de pesquisa foram apresentados em diversos encontros científicos nacionais e internacionais por uma ou mais docentes integrantes do grupo, com apoio, sobretudo, do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico); p.ex., em congressos da IVG (Associação Internacional de Estudos Germanísticos), da ALEG (Associação Latino-americana de Estudos Germanísticos),

da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística), da ABRAPT (Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução); em diversos simpósios, como o Simpósio Internacional de Letras e Linguística e as Jornadas de Língua Alemã organizadas pela Área; em diversas mesas-redondas. Alguns títulos dos trabalhos apresentados são *A meio caminho entre lexicalização e gramaticalização: as construções com verbo-suporte*; *Construção com verbo suporte do ponto de vista lexicográfico*; *Mecanismos de gramaticalização: a reanálise nas construções com verbo-suporte do par de línguas alemão-português*; *A analogia como possível mecanismo da mudança na gramaticalização dos verbos-suporte do alemão e do português*; *Construções com verbo suporte no continuum da gramaticalização: um recorte sincrônico*. Foram publicados dois artigos em periódico e três capítulos de livro, p. ex., reflexões sobre a lexicografia bilíngue de expressões fraseológicas (*Probleme der zweisprachigen Phraseographie*), publicado em 2009 em coletânea na Alemanha.

As três docentes integrantes do grupo credenciaram e ministraram duas disciplinas de pós-graduação de conteúdo relevante para a pesquisa: *Construções Verbais Fixas: Construções com Verbo-suporte e Colocações*, em 2010 (Eva M. F. Glenk e Maria Helena V. Battaglia) e *Princípios da Gramática de Construções e da Gramaticalização aplicados à Língua Alemã*, em 2011, 2013 e 2015 (as três docentes). Na graduação, foi credenciada e ministrada a disciplina optativa *Introdução à Gramaticalização da Língua Alemã* em 2012.

2.3.2 Fraseologia – a convencionalidade linguística

A pesquisa fraseológica na área de alemão inicia-se na década de 1980 com as pesquisas de Sidney CAMARGO. O docente publicou, entre 1987 e 1996, quatro dicionários de expressões

idiomáticas do português, português-inglês, inglês-português (em coautoria com Martha STEINBERG) e alemão-português, *Wörterbuch metaphorischer Redewendungen Deutsch-Portugiesisch*, esse em coautoria com Herbert BORNEBUSCH. Além disso, teve vários artigos referentes à fraseologia publicados em periódicos e em anais. Destaca-se o seu trabalho *Expressões idiomáticas do alemão e do português*, publicado em 2003 na revista *Pandaemonium Germanicum* 7. Orientou quatro mestrados e dois doutorados, dos quais apenas um é voltado para a paremiologia, irmã da fraseologia.

Segue pesquisando nessa área Eva M. F. Glenk, orientanda de Sidney Camargo. Nesse campo de pesquisa, orientou três ICs com apoio do CNPq sobre fraseo-lexemas verbais (de 2001 a 2003 e de 2003 a 2004) e formas de tratamento em emails (de 2006 a 2007), respectivamente; dois TGIs, sobre *formas e fórmulas de tratamento em e-mails*, contrastando alemão e português, em 2007, e *Motivação metonímica em fraseologismos alemães que contêm a palavra 'rot'*, em 2015, além de uma dissertação de mestrado, realizada com apoio da CAPES e defendida em 2011, *O tratamento na Interação: formas e fórmulas usadas no estabelecimento e encerramento de contato em e-mails de língua alemã e de língua portuguesa*. Nas suas pesquisas, as pesquisadoras analisam diversos fenômenos fraseológicos – desde as expressões idiomáticas até as fórmulas de rotina, sob aspectos pragmáticos e cognitivos e refletem sobre contribuições teóricas e práticas para a fraseografia, como mostram trabalhos apresentados nas Semanas/Jornadas de Língua Alemã, em congressos nacionais e internacionais (IVG – Associação Internacional de Estudos Germanísticos, em Viena, Áustria, 2000; ALEG – Associação Latino-americana de Estudos Germanísticos, em Caracas, Venezuela, 2000; Europhras – Associação Europeia de Fraseologia, Loccum, Alemanha, 2002) e publicados em periódicos (1), como capítulos de livro (4) e em anais. Três disciplinas

de pós-graduação foram credenciadas e ministradas em diversas edições. Duas dessas disciplinas foram oferecidas em conjunto com professoras convidadas: a primeira, com Barbara Wotjak, especialista em Fraseologia da Universidade de Leipzig, Alemanha (2004), e a segunda, *Formulaicidade em Léxico, Texto e Interação*, com Karolin Moser, especialista em interação intercultural, da Universidade de Córdoba, Argentina (2008).

2.3.3 Grupo de Pesquisa em Paremiologia

O Grupo de Pesquisa em Paremiologia, cujo objetivo era o estudo intercultural do significado das parêmias (provérbios) das línguas Portuguesa, Inglesa, Espanhola, Francesa e Alemã através da análise contrastiva, foi fundado na década de 1980 e foi coordenado por Martha Steinberg, da Área de Inglês do DLM. Integrantes do grupo, representando as quatro línguas estrangeiras, eram os seguintes professores do Departamento de Letras Modernas: Martha Steinberg (inglês), Anna Sanchez (espanhol), Regina Rocha (francês) e Sidney Camargo e Eva M. F. Glenk (alemão). Um primeiro trabalho concluído em 1989 foi *Três grandes temas da sabedoria popular*; seguiram-se, entre outros, *O tema da morte em Paremiologia: Cultura e Tradução*, *A mulher na sabedoria popular: diversidades culturais* – este último apresentado no Congresso Internacional América 92: Raízes e Trajetórias, em 1992, em São Paulo.

Além dos trabalhos coletivos, apresentaram-se trabalhos individuais relacionados à temática. Na área de alemão, são esses, entre outros, *O provérbio 'détourné' em Elfriede Jelinek, Phraseologismen und Übersetzung (Fraseologismos e Tradução)*, *Sprichwörter im Text – ein Stein im Schuh des Übersetzers? (Provérbios no texto – uma pedra no sapato do tradutor?)*, apresentado no XIX Congresso Mundial

da Fédération Internationale des Professeurs des Langues Vivantes, em 1997, em Recife, e publicado no segundo número da revista *Pandaemonium Germanicum*, e, por fim, *Sprachliche und kulturelle Stereotype: Sprichwörter*, apresentado com o apoio da FAPESP no IX Congresso da Associação Latino-americana de Estudos Germanísticos (ALEG) em janeiro de 1998, em Concepción, Chile.

Houve três teses de doutorado defendidas no campo da pesquisa paremiológica por integrantes do grupo. Na área de alemão, essa foi a tese de Eva M. F. Glenk *A função dos provérbios no texto. Uma análise linguística de textos da obra de Elfriede Jelinek (Die Funktion der Sprichwörter im Text. Eine linguistische Untersuchung anhand von Texten aus Elfriede Jelineks Werken)*, 1996, sob orientação de Sidney Camargo. A tese foi publicada no ano de 2000 em Viena, Áustria, sob o mesmo título em alemão.

Em 2005, foi publicado, como síntese da pesquisa do grupo, o livro *Mulher, morte, dinheiro na sabedoria popular – uma coletânea de provérbios nas línguas alemã, espanhola, francesa, inglesa e portuguesa*.

2.3.4 Trabalho da Face e Interculturalidade

A partir do projeto da Gramática Contrastiva, o Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã estabeleceu uma linha de pesquisa voltada para estudos comparativos para o par de línguas alemão e português do Brasil, na qual incluíam-se projetos focando aspectos pragmáticos e culturais relacionados aos falantes desses idiomas, resultando em diversos trabalhos de mestrado, doutorado e livre-docência, além de vários artigos científicos, palestras e comunicações em eventos. Um dos campos de pesquisa nessa área foi o estudo do Trabalho da Face (na linha

anglo-americana de Goffman, Brown & Levinson e Watts, entre outros), comumente identificado com os conceitos afins de cortesia e polidez. Nesse campo, foram desenvolvidos estudos sobre estilo conversacional e a expressão linguística de desacordo por falantes alemães, como base para futuras investigações comparativas, destacando-se as teses de doutorado *A Dissensão e as Estratégias de Trabalho da Face em diálogos do alemão* (defendida em 1997) e de livre-docência *Negação sintática e pragmática: Um estudo a partir da prosódia e estrutura informacional em alemão* (2012), ambas de autoria de Selma MEIRELES. Outro campo explorado foi a pesquisa de características culturais específicas refletidas em textos jornalísticos, literários, de especialidades, fóruns na internet e até de canções, também com o intuito de disponibilizar material para investigações na área da interculturalidade, como as dissertações de mestrado *Funções comunicativas de partículas modais alemãs em fóruns de discussão na internet* (defendida em 2008), *A projeção da imagem política no discurso jornalístico: um estudo comparativo de revistas semanais de Brasil e Alemanha*. (2014, com apoio do CNPq), *Formas Linguísticas e Estereótipos: o Brasil em Guias de Viagem em Língua Alemã*. (2014, com apoio da Capes), e as teses de doutorado *Interação e conflito: uma abordagem investigativa de aspectos do trabalho da face e argumentação na peça "Das Leben des Galilei" de Brecht*. (defendida em 2010) e *A questão identitária alemã refletida em canções* (defendida em 2014), ambas com apoio do CNPq.

2.3.5 Alemão como Língua Estrangeira

Nos projetos da linha de pesquisa referente ao ensino e aprendizagem do alemão como língua estrangeira foram realizados, entre outros, estudos dedicados a estratégias de compreensão de textos orais e escritos (como na dissertação de mestrado *Estratégias em*

compreensão oral na aprendizagem do alemão como língua estrangeira, defendida em 2003 e na pesquisa de IC *Uso de estratégias de leitura em textos alemães por alunos dos CELs – SP*, realizada em 2003 com apoio do CNPq), desenvolvimento de materiais didáticos a partir de metodologias e materiais diversos (como nos mestrados *O uso do Freiarbeit no ensino de Alemão: um exemplo a partir do Perfekt*, de 2004, e *História em quadrinhos na aula de língua estrangeira: proposta de análise de adequação didática e sugestão de exercícios*, de 2008), bem como pesquisas referentes à investigação de processos cognitivos ligados à aprendizagem, na tese de doutorado *Aspectos do processamento cognitivo relacionado à produção em língua estrangeira e aprendizagem de falantes não-nativos de alemão: hipótese explicativa* (2008), cujos resultados foram publicados no ano seguinte em um artigo publicado em coautoria com a orientadora no número 14 da revista *Pandaemonium Germanicum*. Também foram realizadas diversas pequenas pesquisas sobre a didatização de itens específicos do alemão para aprendizes brasileiros (como a negação sintática, aspectos fonéticos, prosódico e entoacionais), divulgadas sob a forma de artigos e comunicações em eventos científicos. Outro trabalho relacionado ao ensino de alemão como língua estrangeira é o mestrado *A canção popular autêntica aplicada ao processo de ensino-aprendizagem da língua alemã*, orientado por Maria Helena V. Battaglia.

Eliana Fischer, que durante vários anos ministrou um curso de alemão instrumental no departamento de Filosofia da USP orientou também a dissertação de mestrado *Cursos de língua estrangeira para leitura: teoria e prática, com exemplos para o alemão*.

2.3.6 Participação no Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP

O atual *Observatório de Histórias em Quadrinhos* foi oficializado junto ao CNPq como Grupo de Pesquisa em 2007, mas já existia desde a década de 1990 na Escola de Educação e Artes da USP, reunindo acadêmicos, autores e interessados com a finalidade de discutir e divulgar literatura especializada e pesquisas diversas sobre quadrinhos, organizando colóquios mensais e jornadas internacionais bienais.

Devido ao seu interesse por essa linguagem sob uma perspectiva semiótica e cultural, Selma Meireles integra o grupo desde 2000, apresentando palestras e atuando em bancas de trabalhos de pós-graduação, assim como nos comitês científicos das jornadas.

Os impulsos recebidos no intercâmbio com os pesquisadores do grupo resultaram em diversas atividades junto à Área de Alemão, como o oferecimento de uma disciplina de Pós-Graduação (*Quadrinhos, Literatura e Cinema: a construção da metrópole*, juntamente com Claudia Dornbusch), a orientação de um TGI, de duas pesquisas de IC e de duas dissertações de mestrado abordando as histórias em quadrinhos como material para estudos linguísticos e didáticos do alemão, além da autoria de comunicações sobre onomatopeias sob um ponto de vista contrativo, bem como de um capítulo de livro sobre seu papel na linguagem dos quadrinhos.

3 Intercâmbios acadêmicos

3.1 Leitores do DAAD na Área de Alemão

A partir do convênio estabelecido entre a USP e o DAAD (Deutscher akademischer Austauschdienst), a Área de Alemão recebe continuamente leitores, professores doutores da Alemanha, para atuar junto à Área em nível de graduação, pós-graduação e extensão. A Área sempre se preocupou em selecionar leitores ora com ênfase em língua, ora em literatura, para que as duas subáreas fossem igualmente contempladas. A partir da década de 80 intensificou-se o trabalho na subárea de língua, que ainda carecia de professores doutores, com a vinda dos professores doutores Herbert Bornebusch, Hardarik Blühdorn, Goetz Kaufmann, Kristina Peuschel e Katja Reinecke.

Além de atuar como docentes na graduação e na pós-graduação, os leitores se empenham em convidar pesquisadores e professores ligados às linhas de pesquisa do Programa de Língua e Literatura, com o objetivo de alavancar as pesquisas dos pós-graduandos e promover o intercâmbio com pesquisadores da Alemanha e com professores de outras universidades do Brasil. São responsáveis também pela organização de um “Lehrerhandapparat”, isto é, um acervo de livros teóricos alemães de linguística, literatura, tradução, didática e metodologia, com verbas concedidas pelo DAAD e outras instituições alemãs de fomento à pesquisa como a Deutsche Forschungsgemeinschaft (DFG).

Na subárea de Língua Alemã, queremos destacar, entre os leitores, Herbert Bornebusch e Hardarik Blühdorn. Ambos foram de grande importância para a formação dos próprios docentes da Área, promovendo atividades determinantes para alavancar a pós-graduação em língua alemã, e cujo legado repercute até os dias de hoje na Área de Alemão como um todo.

Herbert Bornebusch esteve conosco no período de 1985 a 1989. Como leitor, atuou nas três esferas das atividades previstas, isto é, graduação, pós-graduação e extensão. Na graduação, participou do grupo que elaborou um livro especial para os alunos brasileiros que acompanhava o livro didático *Sprachbrücke* internacional, com informações interculturais e gramaticais em português, e que foi adotado primeiramente na disciplina optativa Introdução à Língua Alemã e, em seguida, nas disciplinas de Língua Alemã na graduação.

Na pós-graduação, sua maior contribuição foi a introdução da Linguística do Texto como disciplina de pós-graduação e como linha de pesquisa no Programa de Língua e Literatura. Paralelamente aos cursos de pós-graduação, coorientou docentes e pós-graduandos da área, realizando colóquios e convidando professores da Alemanha para realizar palestras, workshops, cursos de pós, entre outros.

Além da sua atuação na graduação e pós-graduação, sua presença foi muito marcante nas atividades de extensão, entre as quais destacamos a disciplina regular de língua instrumental para filósofos no curso de Filosofia da FFLCH, ministrada posteriormente por Eliana Fischer, e a Semana de Literatura Alemã, que teve sua primeira edição em 1986. A partir da boa receptividade da Semana de Literatura, também em língua decidimos criar a Semana de Língua Alemã, com a primeira edição em 1991 sob a coordenação de Masa Nomura.

Hardarik Blühdorn teve uma atuação ainda mais expressiva na subárea de Língua Alemã na graduação e na pós-graduação. Na pós-graduação, sua contribuição foi fundamental para a formação de docentes da Área no doutorado para atender a uma crescente demanda de pós-graduandos em língua, num período em que a Área contava com poucos orientadores, como já comentado aci-

ma. Entre 1994 e 1999, formou vários mestres e doutores com ênfase nas linhas de pesquisa de Gramática Contrastiva Alemão – Português e Ensino e Aprendizagem do Alemão como Língua Estrangeira, além de trabalhos de IC na graduação. Também foi responsável pela criação de uma revista da Área, a *Pandaemonium Germanicum*, a partir de trabalhos apresentados nas Semanas de Língua e Literatura (ver texto sobre a revista na Parte I). Durante o período em que foi leitor na USP, defendeu sua livre-docência intitulada *A codificação de informação espacial no alemão e no português do Brasil: adposições e advérbios como meios para especificar relações estáticas* no Programa.

Paralelamente às atividades de graduação e pós-graduação, realizou seminários e desenvolveu pesquisas com colegas de outros departamentos, como Letras Clássicas e Vernáculas e Linguística, e com docentes de outras universidades do Brasil. Na Área de Alemão, formou ainda o grupo de pesquisa de *Gramática Contrastiva Alemão-Português*, mencionado nesse capítulo.

Ao retornar para a Alemanha, tornou-se pesquisador do IDS (Institut für Deutsche Sprache), o que possibilitou manter o contato com a Área, orientando alunos de pós-graduação e docentes em pós-doutorado, desenvolvendo pesquisas com colegas da Área, e eventualmente dando palestras e ministrando disciplinas na pós-graduação como professor convidado da Área.

3.2 Institut für Deutsche Sprache

O *Institut für Deutsche Sprache* (IDS) em Mannheim, Alemanha, fundado em 1964, descreve-se como „a instituição central não-universitária para a pesquisa e documentação da língua alemã em seu uso atual e na história recente“ (www.ids-mannheim.de). Sua biblioteca, apresentada como “a maior biblioteca presencial

para a linguística germanística e em geral”, é ponto de encontro de pesquisadores de todo o mundo, os quais frequentemente elegem o IDS como o parceiro ideal para um estágio de intercâmbio científico. Esta foi a motivação para o início de uma longa relação entre a USP e o IDS.

Em 1991, Eliana Fischer fez pesquisas para seu doutorado sobre os verbos de conexão no IDS sob orientação do Prof. Dr. Werner Holly (com bolsa CAPES/DAAD), e retornou em 2006 num pós-doutorado para pesquisar juntamente com Hardarik Blühdorn sobre a semântica e pragmática dos conectores finais (bolsa FAPESP/DAAD).

Em 1992, Eva Glenk realizou grande parte de sua pesquisa bibliográfica preliminar para seu doutorado no IDS Mannheim, depois de ter passado nos acervos da *Freie Universität* de Berlim e de alguns institutos de pesquisa feminista, já que o objetivo da pesquisa orientada pela especialista em linguística do texto, Barbara Sandig, da Universidade de Saarbrücken, era o levantamento de obras sobre a linguística do texto e a escrita feminina. A estadia de dois meses foi fomentada pelo convênio DAAD-CAPES.

No mesmo ano, Masa Nomura realizou pesquisas de pós-doutorado no mesmo instituto.

Em 1993, Selma Meireles entrou em contato com Gerhard Stickel, então diretor do instituto e especialista em negação sintática em alemão, para organizar uma estadia de seis meses com o auxílio do DAAD a fim de realizar pesquisas para o seu doutoramento. O contato intensificou-se a partir de 2001, com o ingresso de Hardarik Blühdorn no quadro de pesquisadores do IDS. Desde então, ambos mantêm um constante trabalho conjunto no estudo da negação e da prosódia em alemão, incluindo um estágio pós-doutoral no IDS com apoio FAPESP em 2008.

Em 2003, Selma Meireles proferiu no IDS a conferência *Dissens und Höflichkeit – Deutscher Diskussionsstil aus brasilianischer Sicht*, expondo resultados de sua pesquisa de doutorado, e em 2005 foi convidada a participar do 41º Encontro Anual do IDS com a conferência *Leseverstehen aus der Perspektive des Nicht-Muttersprachlers*, na qual apresentou as diretrizes e exemplos concretos do trabalho realizado na disciplina de graduação “Produção e Reprodução de Textos em Alemão”. Quatro anos depois, em 2009, foi convidada a integrar o Conselho Científico Internacional (*Internationaler Wissenschaftlicher Rat*) do Instituto, no qual permanece até o presente como única representante da América do Sul.

Pós-graduandos da Área de Alemão da USP também dirigem-se ao IDS para realizar pesquisas e trocar experiências com especialistas de Mannheim, os quais vêm ao Brasil para proferir palestras e ministrar disciplinas de pós-graduação em conjunto com colegas brasileiros.

3.3 Convênios

A Área de Alemão mantém convênios com diversas universidades alemãs e austríacas, possibilitando o intercâmbio para pesquisa e para a realização de cursos de graduandos, pós-graduandos e docentes-pesquisadores.

Uma dessas universidades, o Herder-Institut da Universidade de Leipzig, Alemanha, se destaca pela intensidade dos contatos com a Área. Depois de uma participação da especialista em Fraseologia, Barbara Wotjak, professora titular daquela universidade, como professora visitante em um curso de pós-graduação da área em 2004, os contatos iniciais se intensificaram com a ida de Eva M. F. Glenk para um estágio de pesquisas pós-doutorais no Instituto

em 2007. Em 2009, firmou-se um convênio UNIBRAL CAPES-DAAD, que permitiu que vários estudantes de graduação da área de alemão frequentassem os cursos do Herder-Institut voltados para a formação de professores de alemão como língua estrangeira, em estadas de 6 meses cada. Em troca, a Área de Alemão recebeu estudantes daquela instituição em intercâmbio. O convênio foi mantido até 2012, e possibilitou diversos encontros científicos entre pesquisadores das duas instituições, que enriqueceram projetos mutuamente.

Maria Helena V. Battaglia participou do Programa de Germanística para Jovens Latino-americanos de março a junho de 1985 com bolsa do DAAD, junto à Universidade Georg August de Freiburg, Alemanha, coordenado por Hugo Steger, onde eram oferecidas disciplinas básicas de Linguística Alemã, Teoria Literária, Didática e Metodologia e Landeskunde (Cultura e Civilização). Em 1992 e 1993, recebeu bolsa sanduíche DAAD/CAPES para realizar sua pesquisa de doutorado sob orientação de Heinz Wilms. A bolsa teve duração de 6 meses em ambas as ocasiões. Nesse período, fez um levantamento bibliográfico para o tema da tese *Os tempos verbais do passado do alemão e do português* e iniciou a redação do capítulo teórico.

3.4 Professores visitantes na Área de Alemão

A Área conta com a vinda de professores visitantes, convidados a participarem de cursos de pós-graduação do Programa em Língua e Literatura Alemã e a proferirem palestras com o objetivo de apresentar novas tendências em pesquisas de campos investigados por pesquisadores do Programa ou, nos primórdios do Programa, para introduzir novas linhas de investigação. São esses, para a subárea de língua e linguística alemã: Hugo Steger,

de Freiburg; Heinz Wilms, de Hildesheim; Gabriele Diewald, de Erlangen-Nürnberg; Werner Holly, de Trier; Joachim Buscha, de Dortmund; Heinz Vater, de Köln; Barbara Wotjak, de Leipzig; Karolin Moser, de Córdoba, Argentina; Kristel Proost, do IDS-Mannheim.

Em sua maioria, são especialistas em Linguística do texto; Fraseologia; Interação e Gramática das Construções.

3.5 Atuação da Área em associações científicas nacionais e internacionais

O intercâmbio acadêmico-científico depende de associações de pesquisa, que congregam pesquisadores de diversas instituições, de diversas regiões, e até de diversos países.

Os docentes da Área têm atuação ativa não somente como membros dessas associações, mas como parte integrante de suas diretorias e, até, como seus fundadores.

A APPA – Associação Paulista de Professores de Alemão – foi fundada em 1989 por Ruth Mayer, e realizou seu primeiro congresso no mesmo ano na Universidade de São Paulo. Durante muito tempo, a diretoria da APPA foi integrada por professores da casa.

A ALEG – Associação Latino-americana de Estudos Germanísticos –, fundada em 1965 integra docentes universitários e pesquisadores de todos os países latino-americanos. Tem como dever organizar um congresso a cada três anos. Desses, até a presente data, sete foram realizados na Argentina (Mendoza, Córdoba, e Buenos Aires); dois, no México (Cidade de México, e Guadalajara); um, no Chile (Concepción); um, na Venezuela (Caracas); e um, em Cuba (Havana). No Brasil, o congresso da ALEG foi organizado, até o presente momento,

três vezes: em 1973, por Erwin Rosenthal, em 2003, pela equipe presidida por Willi Bolle, e, em 2014, em Curitiba, por Paulo Soethe.

No Congresso em Caracas, Venezuela, em 2000, Willi Bolle foi eleito presidente da Associação, e com ele, os outros membros da diretoria: Claudia Dornbusch, Eva Glenk, Masa Nomura e Helmut Galle, todos docentes da casa. Em 2003, essa equipe organizou o XI Congresso da ALEG, que, como congresso itinerante, teve lugar em Petrópolis, Paraty e São Paulo. Contou com quase 300 participantes de 21 países diferentes.

A ABEG – Associação Brasileira de Estudos Germanísticos – foi fundada em 2013 por Helmut Galle, que foi eleito presidente. A equipe é formada por docentes da casa e uma leitora: Juliana P. Perez, Tinka Reichmann, Eva Glenk e Katja Reinecke. O primeiro congresso será organizado por essa equipe em novembro de 2015, em São Paulo.

Este breve panorama da trajetória da subárea de Língua Alemã ilustra a dimensão que a pesquisa em língua alemã adquiriu dada a quantidade e diversidade de pesquisas sobre os mais variados temas, abordados sob a luz de diferentes enfoques teóricos, além das atividades realizadas na graduação, pós-graduação e extensão e os resultados atingidos ao longo dos 75 anos da Área de Alemão. Esperamos poder continuar contribuindo para a germanística nacional e internacional a partir de um olhar brasileiro.

Referências Bibliográficas

BATTAGLIA, Maria Helena; NOMURA, Masa (org.). *Estudos lingüísticos contrastivos em alemão e português*. São Paulo: Annablume – FAPESP, 2008.

BORNEBUSCH, Herbert, CAMARGO, Sidney. *Wörterbuch metaphorischer Redewendungen Deutsch-Portugiesisch*. São Paulo: EPU, 2000.

BLÜHDORN, Hardarik; SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (org.). *Die kleineren Wortarten im Sprachvergleich Deutsch-Portugiesisch*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2003.

BLÜHDORN, Hardarik. *A codificação de informação espacial no alemão e no português do Brasil; adposições e advérbios como meios para especificar relações estáticas*. São Paulo: Humanitas, 2001.

CAMARGO, Sidney, STEINBERG, Martha. *Dicionário de Expressões Idiomáticas Metafóricas Inglês-Português*. São Paulo: Mc Graw Hill, 1987.

CAMARGO, Sidney; STEINBERG, Martha. *Dictionary of Metaphoric Idioms English-Portuguese. Dicionário de Expressões Idiomáticas Metafóricas Inglês-Português*. São Paulo: EPU, 1990.

GLENK, Eva M. F. *Die Funktion der Sprichwörter im Text. Eine linguistische Untersuchung anhand von Texten aus Elfriede Jelineks Werken*. Wien: Edition Praesens, 2000.

GLENK, Eva M. F.; SANCHEZ, Anna; STEINBERG, Martha; ROCHA, Regina. *Mulher, morte, dinheiro na sabedoria popular*. São Paulo: Disal, 2005.

MEIRELES, Selma Martins. *Estratégias para manutenção de uma boa interação lingüística: Dissensão e trabalho da Face em diálogos do alemão*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999.

MEIRELES, Selma Martins. *Dissension and Face-work Strategies in German Dialogues*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2002.

A formação inicial de professores de alemão e a investigação de processos cognitivos da aquisição, da aprendizagem e do ensino de Alemão como Língua Estrangeira na Universidade de São Paulo

José da Silva Simões¹

A par da formação em Linguística Germanística, Literatura Alemã e Estudos da Tradução, a Licenciatura em Letras sempre representou uma de grandes possibilidades de atuação dos alunos egressos da formação na habilitação em Letras: Alemão. Este capítulo tem como um de seus objetivos principais a tarefa de (a) traçar um breve histórico de dois momentos da formação inicial de professores de Alemão como Língua Estrangeira (LE) na Área

¹ Professor de Língua Alemã e Licenciatura do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 2008. Email: jssimoes@uol.com.br

de Alemão da USP, – um que se estende até 2007 e outro que passou a vigorar na USP a partir de 2008, após a consolidação do novo Programa de Formação de Professores da Universidade de São Paulo (2004). Este capítulo também tem como objetivo (b) apresentar os projetos de pesquisa e as investigações desenvolvidas nas últimas duas décadas por docentes e alunos acerca dos processos cognitivos envolvidos na aquisição, aprendizagem e ensino de Alemão como LE ao longo das últimas duas décadas, com especial destaque para aprendizes brasileiros de alemão.

1 A formação inicial de professores de alemão do Ensino Básico na USP até 2007 e as possibilidades de formação continuada para egressos da graduação

1.1 A formação complementar de Licenciatura em Letras (Alemão) na FEUSP

Desde sua criação, o Curso de Letras da USP tem desempenhado um grande papel na formação inicial de professores do Ensino Básico. O Curso de Letras com habilitação em Alemão não foge a essa vocação.

Até 2007 vigorou na USP um programa de formação de professores em nível de Licenciatura em Letras, baseado na complementariedade do Curso de Bacharelado em Letras, ao qual estava atrelado:

a) um bloco de disciplinas didático-pedagógicas cursadas na Faculdade de Educação da USP (FEUSP): Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1.o e 2.o Graus; Psicologia da Educação I e II, Didática e Prática de Ensino de Alemão I e II e

b) um bloco de atividades de estágio com a carga horária de 400 horas, associadas às disciplinas de Didática e Prática de Ensino I e II, voltadas para a habilitação específica do aluno. Especificamente para os alunos da habilitação de Alemão na Licenciatura em Letras sempre foram oferecidas as disciplinas de Prática de Ensino de Alemão I e II, mais tarde renomeada como Metodologia do Ensino de Língua Alemã I e II.

Nessa versão anterior da Licenciatura em Letras (até 2007), o estágio era dividido em atividades de observação de aulas em escolas públicas – no caso específico do Alemão, em aulas de Inglês LE no Ensino Básico – e em atividades de docência, concretizadas na maioria das vezes sob forma de um minicurso da língua estrangeira específica ministrado pelos alunos da Licenciatura em Letras para alunos e outros membros da comunidade USP e supervisionado pelo docente de Prática do Ensino de Alemão I e II.

Essa primeira versão atendia em parte às *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica*, para os cursos de licenciatura em nível superior de graduação plena, conforme o Parecer CNE/CP nº 21, publicadas em 6 de agosto de 2001 e precisou ser reformulada na USP para se alinhar com as novas orientações curriculares do Conselho Nacional de Educação (CNE).

1.2 O *Referendariat Deutsch als Fremdsprache* do IPBA (1981-1997)

De posse do diploma de Licenciatura em Letras, os egressos do curso de Alemão já tinham habilitação reconhecida pelo Estado brasileiro para atuar como professores de alemão em escolas do Ensino Básico público e particular. Muitos dos egressos sempre foram absorvidos por escolas bilíngues particulares de São Paulo

como o Colégio Humboldt, o Colégio Visconde de Porto Seguro, Colégio Imperatriz Leopoldina, Colégio Benjamin Constant, Escola Utta (incorporada ao grupo do Colégio Benjamin Constant com esse nome entre 1997 e 2001 e desde julho de 2001 a unidade tem o nome de Colégio Johann Gauss).

Entre 1981 e 1997, uma associação de colégios bilíngues alemães de São Paulo e do Rio de Janeiro foi responsável por uma das modalidades mais importantes para a formação continuada de professores de alemão do Ensino Básico no polo entre São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1981 foi oferecido pela primeira vez o Referendariat Deutsch als Fremdsprache por aquele que viria a ser chamado de Instituto Pedagógico Brasil-Alemanha (IPBA). O curso foi inicialmente coordenado por Herbert Hanika (de 1981 a 1986) e depois por Heinrich Graffmann (a partir de 1987). Em suas primeiras versões, o curso era oferecido em dois anos complementares à Licenciatura em Letras e tinha como proposta o aprofundamento dos conhecimentos de didática e metodologia do ensino de Alemão LE (cf. HANIKA/ SPERLICH 1985).

Três docentes da Área de Alemão da FFLCH-USP são egressos dessa formação específica: Claudia Sibylle Dornbusch (1985-1986), Selma Meireles (1985-1986) e José da Silva Simões (1987-1988).

Subsidiado, em parte, pelas escolas alemãs de São Paulo e do Rio de Janeiro e, em parte, pelo governo da Alemanha, o IPBA existiu como tal até o ano de 1997. Em função de restrições orçamentárias decorrentes da reunificação da Alemanha (cf. DUNGEN 2011), a partir de 1998 o curso Referendariat Deutsch als Fremdsprache passou a ser sediado no Colégio Visconde de Porto Seguro de São Paulo no Zentrum für DaF-Lehrerausbildung. Inicialmente eram selecionados bienalmente 12 professores bolsistas de várias regiões do Brasil que posteriormente eram absorvidos

pelas escolas particulares não só de São Paulo e do Rio de Janeiro, mas também do sul do Brasil. Em função dos altos custos dessa formação continuada e dos cortes no subsídio oferecido pelo governo alemão, hoje nem todos os colégios bilíngues de São Paulo e do Rio de Janeiro podem absorver os gastos e o número de vagas caiu para cerca de 5 professores.

1.3 A formação continuada de professores: a experiência do *Alemão no Campus*

Entre 1997 e 2014 a Área de Alemão ofereceu cursos de alemão para a comunidade USP². Os cursos de extensão universitária *Alemão no Campus* estiveram sob a coordenação de três docentes da Área de Alemão: Eva Maria Ferreira Glenk (1997-2002), Maria Helena Voorsluys Battaglia (2002-2012) e José da Silva Simões (2012-2014). Distribuídos em 6 semestres (níveis A1 a B1 do *Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas*), os cursos eram ministrados por alunos do Programa de Pós-graduação de Língua e Literatura Alemã e exerceram grande papel na formação de professores de Alemão, uma vez que nos encontros com os seus coordenadores os monitores discutiam técnicas de aula e a didatização de materiais de ensino. Desse contexto emergem trabalhos importantes de pesquisa desenvolvidos em nível de iniciação científica (SCHÄFER 2013a e 2013b) e de pós-graduação (FERRARI 2010, 2012 e 2014; CUNHA 2012 e 2013).

² A este respeito, cf. o capítulo *A extensão: partilha de conhecimento*, de BATTAGLIA/GLENK, neste mesmo volume.

2 O novo Programa de Formação de Professores da USP e suas repercussões para a Licenciatura em Letras (Alemão) após 2007

Em 2001, o Conselho Nacional de Educação instituiu diretrizes curriculares nacionais (Parecer CNE/CP 009/2001) para a criação de um curso de licenciatura em nível superior, com graduação plena e voltado totalmente à formação de professores da Educação Básica. O Art. 7º. desse parecer instaura uma nova forma de articular os cursos de licenciaturas:

Art. 7º: A organização institucional da formação de professores, a serviço do desenvolvimento de competências, levará em conta que:

- a formação deverá ser realizada em processo autônomo, em curso de licenciatura plena, numa estrutura com identidade própria;
- será mantida, quando couber, estreita articulação com institutos, departamentos e cursos de áreas específicas;
- as instituições constituirão direção e colegiados próprios, que formulem seus próprios projetos pedagógicos, articulem as unidades acadêmicas envolvidas e, a partir do projeto, tomem as decisões sobre organização institucional e sobre as questões administrativas no âmbito de suas competências. (Parecer CNE/CP 009/2001)

A partir dessa nova orientação, a Universidade de São Paulo viu-se instada a revisar a estrutura de licenciatura complementar e a construir um novo modelo para as suas licenciaturas que viabilizasse a interface entre as unidades de origem e a FEUSP. Em 2004

consolidou-se uma nova estrutura curricular para esses cursos. O Programa de Formação de Professores da USP (Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo) prevê, a partir de então, os seguintes módulos: **Bloco I** – Formação Específica; **Bloco II** – Iniciação à Licenciatura: Disciplinas de Introdução aos Estudos da Educação e disciplina(s) de intersecção da área específica com a Educação Básica ou Profissional Técnica; **Bloco III** – Fundamentos Teóricos e Práticos da Educação e o **Bloco IV** – Fundamentos Metodológicos do Ensino.

O **Bloco I** equivale na USP às disciplinas do *Bacharelado* que compõem a formação básica específica para os futuros professores, habilitando-os nos conhecimentos específicos de sua área de atuação. O **Bloco II** está dividido hoje em duas frentes: um bloco de disciplinas de interface da *Licenciatura* oferecido na unidade origem e outro bloco de disciplinas oferecidas pela FEUSP. Essa ideia visa atender às orientações do Art. 7.º do Parecer CNE/CP 009/2001. Desse modo, também parte da carga horária de estágios do **Bloco IV** passou a ser supervisionada pelos docentes da unidade de origem dos formandos. Até 2007, essas novas disciplinas de interface a serem oferecidas pelas unidades de origem foram sendo acomodadas na estrutura curricular dos cursos da USP, antecipando a contratação de novos docentes previstos para ministrá-las.

A nova estrutura curricular da Licenciatura em Letras entrou em vigor a partir do segundo semestre de 2008, quando foram contratados 10 docentes especialistas para atuar nas disciplinas de formação inicial de professores FFLCH-USP. Cinco desses docentes foram atribuídos ao Departamento de Letras Modernas (DLM), sendo um deles concursado para a Área de Alemão, José da Silva Simões. A partir de 2012, Dörthe Uphoff passou a atuar também no **Bloco II** da Licenciatura em Letras, uma vez que tam-

bém é especialista na área de pesquisa de metodologia do ensino de Alemão LE.

2.1 As disciplinas obrigatórias da FEUSP, as disciplinas de interface e o estágio supervisionado na *Área de Alemão* da FFLCH na nova estrutura curricular da *Licenciatura em Letras* da USP

Para obter o diploma de Licenciatura em Letras, na FEUSP os alunos da habilitação em Alemão precisam cursar duas disciplinas eletivas do **Bloco II** (uma do bloco de Introdução aos Estudos da Educação e outra do bloco de Psicologia da Educação) e quatro disciplinas obrigatórias dos **Blocos III e IV**: Didática, Política e Organização da Educação Básica no Brasil e Metodologia do Ensino de Alemão I e II. A partir de 2008 os alunos cumprem 300 horas de estágio supervisionado atreladas às disciplinas dos **Blocos III e IV** da FEUSP. Em contrapartida, na FFLCH USP, os alunos da Licenciatura em Letras precisam cumprir 8 créditos em disciplinas de interface e 100 horas de estágio supervisionado por docentes do Curso de Letras. Os alunos podem optar por cursar qualquer uma das disciplinas oferecidas pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, pelo Departamento de Letras Modernas e pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada.

A disciplina de interface oferecida até o momento pela Área de Alemão é denominada FLM0640 – Aquisição-Aprendizagem de Alemão como Língua Estrangeira e tem como foco a discussão das principais teorias de aquisição, aprendizagem e ensino de língua alemã como língua estrangeira. Ministrada em língua alemã, a disciplina funciona como um insumo suplementar de língua para os formandos, que são confrontados com textos técnicos na língua

alvo. O programa dessa disciplina promove o acesso a um panorama das teorias mais recentes de aquisição de línguas estrangeiras e de metodologia do ensino do alemão e sua aplicação prática através da análise de materiais didáticos de diferentes gerações. A Área de Alemão dispõe de um pequeno acervo de livros didáticos de várias épocas, materiais que refletem as várias fases da história dos métodos de ensino de línguas estrangeiras: Método de Gramática e Tradução, Método Direto, Método Audiolingual e Audiovisual, Método Comunicativo e Intercultural até os materiais mais recentes orientados pelos princípios do assim chamado Pós-Método. Ao final do curso, os alunos apresentam uma monografia que toma como base a análise crítica de uma lição de um livro didático, na qual comentam os exercícios (*Übungen*) e as tarefas (*Aufgaben*), levando em conta os tópicos discutidos ao longo do curso.

2.2 O estágio supervisionado da Licenciatura em Letras na Área de Alemão

O novo modelo da Licenciatura em Letras prevê que o aluno cumpra 100 horas de estágio supervisionado por docentes da unidade de origem. Os alunos de Letras podem optar por desenvolver suas Atividades de Estágio sob a supervisão de vários docentes do curso. O estágio supervisionado idealizado pela Área de Alemão está subdividido em 4 blocos principais: a) encontros presenciais semanais de supervisão de estágio nos quais são discutidos conteúdos teóricos ligados à prática de ensino de Alemão LE e orientação para a execução de um trabalho final de curso apresentado pelos alunos unidade ou sequência didática de exercícios voltados para o ensino de uma habilidade ou técnicas didáticas específicas; b) atividades à distância orientadas através da Plataforma Moodle (STOA USP); c) estágio de observação de aulas de Alemão LE em

escolas particulares do Ensino Básico em São Paulo e nos cursos de extensão universitária *Alemão no Campus* (até 2014) e d) visita a plantões supervisionados por monitores bolsistas, nos quais são discutidas, organizadas e desenvolvidas parte das atividades de (a), (b) e (c).

O conteúdo teórico-prático das Atividades de Estágio da Área de Alemão compreende os seguintes tópicos: teorias de aquisição/aprendizagem de língua estrangeira e as correntes linguísticas subjacentes; teorias de referência de ensino/aprendizagem em Alemão LE; evolução dos métodos de ensino de Alemão LE: *O Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas (Gemeinsamer Europäischer Referenzrahmen)* e os *Parâmetros Curriculares Nacionais – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias* (Brasil); subsídios para a observação crítica de aulas de Alemão LE; habilidades comunicativas: ouvir e falar – compreensão e produção oral em Alemão LE; habilidades comunicativas: ler e escrever – recepção de texto e estratégias de leitura; tipologia de exercícios em aulas de língua estrangeira; formas de socialização em aulas de língua estrangeira; planejamento de aulas e de sequências didáticas; Alemão LE e as novas tecnologias; seleção e gradação de conteúdos e avaliação em aulas de Alemão LE.

O estágio supervisionado prático da Área de Alemão tem sido realizado através de visitas a escolas particulares bilíngues de São Paulo, tais como o Colégio Humboldt, o Colégio Visconde de Porto Seguro e a Escola Waldorf. Além dessas instituições, até 2014 os alunos tinham a possibilidade de observar aulas de Alemão LE nos cursos de extensão *Alemão no Campus*, permitindo assim uma reflexão bilateral sobre a prática de ensino de alemão através da interação entre os alunos da graduação e da pós-graduação.

2.3 Convênios com universidades estrangeiras e parcerias com centros de formação continuada

2.3.1 Convênio com o Herder Institut da Universidade de Leipzig (2009-2012)

Ao longo dos anos, a Área de Alemão tem estabelecido convênios com diversas universidades alemãs e também austríacas e suíças. Em 2008, a então coordenadora da Área de Alemão, Claudia Dornbusch (DLM-FFLCH-USP) e Erwin Tschirner (Herder Institut-Leipzig) articularam a instalação de um Projeto UNIBRAL (CAPES-DAAD) entre a Área de Alemão do DLM da FFLCH/USP e o Herder Institut da Universidade de Leipzig. O projeto teve duração de 4 anos, e esteve vigente entre 2009 e 2012.

Um dos objetivos desse convênio era o de possibilitar o intercâmbio de alunos das duas universidades e teve com foco principal a formação inicial de professores de Alemão como Língua Estrangeira. Para tanto, o Projeto UNIBRAL previa que os alunos de Leipzig cursassem um bloco de disciplinas da graduação na USP e os alunos da Área de Alemão da FFLCH-USP pudessem cursar disciplinas dos níveis Bachelor e Master do Herder Institut durante um semestre intercâmbio com bolsa CAPES-DAAD. Essa iniciativa de Claudia Dornbusch representou um momento decisivo na consolidação da Licenciatura em Letras na Área de Alemão, uma vez que o Herder Institut da Universidade de Leipzig sempre foi considerado um dos centros difusores da pesquisa sobre o ensino de Alemão LE, mesmo ainda antes da reunificação da Alemanha.

Entre 2009 e 2012, cerca de 20 alunos da habilitação de Alemão receberam um bolsa CAPES-DAAD para cursar um semestre de intercâmbio no Herder Institut de Leipzig. A maioria dos alunos bolsistas selecionados eram alunos do Curso de Licenciatura em Letras. Alguns desses intercambistas ingressaram

posteriormente no Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Alemã, pesquisando tanto sobre aspectos da aquisição, da aprendizagem e do ensino de ALE ou sobre questões ligadas à tradução.

Na contrapartida, também estiveram na USP cerca de 10 alunos do Herder Institut que cursaram disciplinas da Licenciatura em Letras (Alemão), como forma de complementar seu currículo de formação da Universidade de Leipzig. Uma das bolsistas alemãs, Margaretha Wolff, ocupou em seguida o cargo de assistente do DAAD.

Esse convênio também foi decisivo para a vinda para a USP de Kristina Peuschel como leitora do DAAD entre 2011 e 2013. Tendo sido aluna de Karen Schramm, do Herder Institut, Kristina Peuschel é especialista em Alemão LE e juntamente com os professores doutores José da Silva Simões e Dörthe Uphoff atuou como docente no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã junto à disciplina *Perspectivas atuais sobre o ensinolaprendizagem de alemão como língua estrangeira e seus desdobramentos para a aprendizagem e o ensino*, ministrada no primeiro semestre de 2013.

2.3.2 Parceria de formação continuada de professores de Alemão com o Instituto Goethe: o *Fernstudium Deutsch als Fremdsprache* (Instituto Goethe – Universidade de Kassel)

Entre abril de 2011 e agosto de 2012, juntamente com Renato Ferreira da Silva (Instituto Goethe), José da Silva Simões atuou como tutor do curso de Especialização a Distância em “Alemão como língua estrangeira” (*Fernstudium Deutsch als Fremdsprache*), oferecido pelo Instituto Goethe de Salvador (BA) e pelo Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia

(UFBA) em associação com a Universidade de Kassel. Esse curso de credenciamento binacional (Brasil-Alemanha), com sede na UFBA, e sob a coordenação de Jael Glauce FONSECA e Marlene HOLZHAUSEN (s/d), passou a ser oferecido em âmbito nacional a partir de 2003 e formou mais de 60 professores de Alemão LE em nível de especialização. O curso contava com uma carga horária de 360 horas e era dividido em módulos de encontros presenciais e atividades realizadas à distância pelos alunos, tomando como base as publicações da série *Fernstudium Deutsch als Fremdsprache* da Editora Langenscheidt.

Na edição de 2011-2012 foram discutidos 8 livros dessa série que ultrapassa os 30 volumes: Compreensão oral na Aula de Língua estrangeira; Ensino e Aprendizagem de Gramática; Alemão como 2º Língua Estrangeira; Alemão como Língua estrangeira: Introdução à Metodologia; Didática do Ensino de Literatura e Cultura alemã; Erros e Correções nas Expressões escrita e oral da Língua alemã; Alemão no Ensino fundamental; Planejamento de aulas de alemão.

A experiência do curso de especialização à distância oferecido pela UFBA incentivou não só a aluna Miriam de Castro Dutra Carvalho a ingressar no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã para pesquisar sobre o desenvolvimento da autonomia dos aprendizes em salas multisseriadas dos Centros de Estudos de Línguas (CEL) de São Paulo (CARVALHO, dissertação de mestrado em andamento), onde atua como professora do Ensino Básico, como motivou também o próprio tutor do curso Renato Ferreira da Silva a retomar seus estudos em pós-graduação, desenvolvendo pesquisas sobre a aquisição do acento lexical por aprendizes do alemão como língua estrangeira em nível de doutorado (FERREIRA DA SILVA, em andamento).

O Instituto Goethe de São Paulo também confere anualmente em torno de 12 bolsas de estudos para que alunos da habilitação de Alemão na formação de Licenciatura em Letras possam fazer cursos de língua em nível avançado para aprimorar seus conhecimentos da língua. Vários egressos da Licenciatura em Letras também, como eu mesmo, já receberam bolsas para fazerem cursos de atualização na Alemanha, voltados para a temática da didática e metodologia do ensino de Alemão LE.

3 A pesquisa sobre processos de aquisição, aprendizagem e ensino de Alemão LE na Área de Alemão da FFLCH-USP

No campo da formação inicial de professores de línguas, há atualmente um consenso sobre a necessidade de estimular uma perspectiva reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e facilite as dinâmicas de formação continuada. Depreende-se dessa discussão a necessidade de uma abordagem investigativa da prática e sugere-se que a atividade de pesquisa deve ocorrer durante todo o tempo de graduação, tendo como foco de investigação o processo de ensino/aprendizagem. A pesquisa acadêmica ligada aos processos de aquisição de linguagem desenvolvida nas últimas décadas tem mostrado como é importante incorporar achados de várias ciências análogas (Linguística, Psicologia da Aprendizagem, Psicolinguística) à prática docente. Nessa perspectiva, o raciocínio associado a essa prática é permitir que os alunos de cursos de língua estrangeira estejam mais conscientes dos processos envolvidos na aquisição e aprendizagem de línguas e que também desenvolvam estratégias de trabalho autônomo, tornando-se assim autores do próprio processo de aprendizagem. Acredita-se que a prática de professores de línguas

estrangeiras deve estar orientada não só para o desenvolvimento das capacidades linguísticas próprias da aprendizagem de línguas, mas também para o fortalecimento dos aprendizes no que se refere às motivações que os impulsionam.

3.1 A pesquisa sobre processos de aquisição, aprendizagem e ensino de Alemão LE na graduação: Iniciação Científica e Trabalho de Graduação Individual

Na Área de Alemão também se têm desenvolvido vários trabalhos de Iniciação Científica (IC) voltados para a pesquisa sobre processos de aquisição, aprendizagem e ensino de Alemão LE. Muitas dessas pesquisas têm sido financiadas pelos programas de incentivo à permanência estudantil na USP, tais como o Programa Ensinar com Pesquisa da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão e o PIBIC da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP. No Departamento de Letras Modernas oferece-se também ainda uma modalidade de IC vinculada à grade curricular dos alunos, o Trabalho de Graduação Individual (TGI).

Entre 2009 e 2015, os professores doutores José da Silva Simões e Dörthe Uphoff têm orientado vários estudos em nível de IC e de TGI que têm como foco a aprendizagem e o ensino de Alemão LE.

Em 2008, cadastrei o projeto *O aprendizado de uma língua estrangeira como veículo de inserção social: processo de ensino-aprendizagem e metodologias de ensino de alemão como língua estrangeira* no Programa Ensinar com Pesquisa (2009-2012), que tinha como objetivo principal o ensino de Alemão LE para alunos de comunidades em situação de vulnerabilidade social. No bojo desse projeto foram desenvolvidos vários trabalhos de IC de variada temática específica: o *Uso de textos jornalísticos em aulas de LE* (JESUS 2009 e

2010), as *Possibilidades do uso de jogos didáticos em aulas de Alemão LE* (REIS 2009 e 2010), a *Motivação de aprendizes de Alemão LE* (SCHÄFER 2009 e 2010), o *Papel da cultura no ensino/aprendizagem de língua estrangeira para criança* (HERRERA SILVA 2009 e HERRERA SILVA/SIMÕES 2010), a *Autonomia de aprendizes no ensino de Alemão LE* (TOPFSTEDT 2009 e TOPFSTEDT/SIMÕES 2010; DE ANGELIS/SIMÕES 2010), os *Desafios da diversidade etária no ensino de Alemão LE* (VALE 2009), o *Tratamento dado ao erro no processo de ensino-aprendizagem de Alemão LE* (VICTORINO 2009), *Dificuldades e alternativas no processo de ensino e aprendizagem do Alemão LE* (SILVA/SIMÕES 2010), a *Influência dos meios digitais no processo de ensino-aprendizagem de Alemão LE para jovens* (MELO/SIMÕES 2010), a *Importância das atividades orais no ensino de Alemão LE* (WITT/SIMÕES 2013) e também um TGI sobre o *Ensino de Alemão LE em um programa socioeducativo* (MOURA 2012). Outros trabalhos de IC orientados por mim investigaram tópicos específicos sobre a *Autonomia de aprendizes em aulas de Alemão LE* (SCHÄFER 2009, 2010, 2013a e 2013b), entre eles, dois TGI, um deles sobre a *Aquisição de conteúdo lexical através de ambiente virtual de aprendizagem* (MEDEIROS 2012) e o outro sobre a *Aquisição bilíngue de Alemão por crianças em contexto escolar* (CERVEIRA 2014).

Dörthe Uphoff tem orientado trabalhos de IC e TGI na área da *Análise de materiais de ensino de Alemão LE* (BERTÃO 2015; DEBIA 2013; SAFRA 2014) e tem um grande trabalho de pesquisa sobre a *História do ensino de alemão no curso de Letras da USP* do qual participam seus alunos de graduação (CASTRO 2013; REIS 2013 e SAFRA 2013). Além disso, seus alunos investigam processos específicos de *Percepção fonética por aprendizes brasileiros* (DORNELES, em andamento), a *Influência do inglês na aprendizagem de Alemão LE* (SILVA 2013 e 2014).

3.2 A pesquisa sobre processos de aquisição, aprendizagem e ensino no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã

As pesquisas sobre os processos cognitivos envolvidos na aquisição/ aprendizagem/ensino de Alemão LE desenvolvidas mais recentemente na FFLCH-USP (FERRARI 2012; CUNHA 2013 e GRÖNINGER 2013) e outras ainda em preparação (FERRARI; FERREIRA; CARVALHO; TEN KATHEN, em andamento) têm revelado resultados muito significativos que demonstram a relevância dessas investigações não só para essa língua estrangeira, mas também para outros idiomas, o que denota a importância da Área de Alemão da USP no cenário de investigação na área de Linguística Aplicada.

Os temas da aquisição, da aprendizagem e do ensino de Alemão LE estão abrigados na linha de pesquisa da pós-graduação *O Alemão como Língua Estrangeira: Ensino e Aprendizagem* nos seguintes projetos: (a) *Materiais didáticos e planejamento de curso*, sob responsabilidade de Dörthe Uphoff e com a colaboração de Paulo Sampaio Xavier de Oliveira; (b) *Processos de aquisição de línguas estrangeiras e seus desdobramentos para o ensino de alemão como língua estrangeira*, sob minha responsabilidade e com a colaboração de Dörthe Uphoff e (c) *O ensino do alemão para fins específicos*, sob responsabilidade de Eva M. F. Glenk com a colaboração de Dörthe Uphoff.

O estudo de processos de aquisição, aprendizagem e ensino de Alemão LE na Área de Alemão da USP não é recente. Nas últimas duas décadas, vários docentes orientaram trabalhos sobre essa temática, tais como as professoras doutoras Masa Nomura, Selma Meireles, Maria Helena V. Battaglia e também um dos leitores do DAAD, Hardarik Blühndorn. Exemplos desses antecedentes de pesquisa são os trabalhos sobre *Signos verbais e não-verbais no ensino de segunda língua* (CASTINO 1996), o uso de *Advérbios dêiticos espaciais*

na produção escrita de aprendizes de alemão como língua estrangeira em escolas teuto-brasileiras de São Paulo (CASTILHO DA COSTA 1999), o *Uso de verbos modais alemães e modalidade na produção escrita de aprendizes brasileiros* (EVANGELISTA 1999 e 2003), o *Uso de preposições espaciais do alemão na produção escrita de aprendizes brasileiros* (RANKE 1999 e 2004), o *Campo lexical de verbos de ensino e aprendizagem na língua alemã* (RODRIGUES 1999), as *Atividades de Freiarbeit em aulas de Alemão LE* (CHECCHETTO 2004), *Recepção oral e produção escrita por alunos de Letras/Alemão* (DUDALSKI e FIGUEIREDO 2003 e DUDALSKI / FIGUEIREDO / MEIRELES 2008), o *Uso de histórias em quadrinhos nas aulas de língua estrangeira* (RODRIGUEZ 2008), os *Aspectos do processamento cognitivo relacionado à produção em língua estrangeira e aprendizagem de falantes não-nativos de alemão* (STANICH 2008), e o papel da *Canção popular autêntica aplicada ao processo de ensino-aprendizagem da língua alemã como língua estrangeira* (ZACHIARDIS 2008).

Após a instalação do novo modelo de Licenciatura em Letras, aumentou o número de alunos interessados em pesquisar sobre a aquisição, a aprendizagem e o ensino de Alemão LE. Desde 2008 venho orientando vários trabalhos que se concentram em temas como a *Interferência do inglês na aprendizagem do alemão* (FERRARI 2010, 2012 e 2014), o *Emprego de estratégias de aprendizagem e de comunicação na produção textual em ambiente universitário* (FERRARI, tese de doutorado em andamento), a *Apreensão na comunicação oral* (FERREIRA, dissertação de mestrado em andamento), as *Possibilidades de uma abordagem interativo-natural em cursos de Alemão LE* (GRÖNINGER 2010 e 2013), a *Importância da autonomia do aprendiz em aulas de Alemão LE* (CARVALHO 2013 e sua dissertação de mestrado em andamento; TEN KATHEN, dissertação de mestrado em andamento), os *Recursos de polidez e interculturalidade nos materiais de Alemão LE* (CUNHA 2012 e 2013).

Os orientandos de pós-graduação de Dörthe Uphoff investigam o *Papel de materiais autênticos no ensino de línguas estrangeiras* (ANDRADE E SILVA 2015 e sua dissertação de mestrado em andamento), as *Possibilidades e benefícios do uso de textos de literatura infanto-juvenil em aulas de Alemão LE* (REIS 2015 e sua dissertação de mestrado em andamento), *Trabalhando como professor de alemão em um CEL: uma análise de necessidades* (SILVEIRA, dissertação em andamento) e o *Uso de textos de grupos marginais em aulas de língua alemã num contexto universitário* (WINTER DA SILVA 2015 e sua dissertação de mestrado em andamento).

Como forma de atender à demanda de pesquisa nessa área, Dörthe Uphoff e eu cadastramos disciplinas de pós-graduação tais como a disciplina FLM5379 – Subsídios para a Pesquisa dos Processos de Aquisição/Aprendizagem de Alemão como Língua Estrangeira e seus Desdobramentos para a Aprendizagem e o Ensino (2010), ministrada por mim em 2011.1, a disciplina FLM5442 – Perspectivas atuais sobre o ensino/aprendizagem de alemão como língua estrangeira e seus desdobramentos para a aprendizagem e o ensino (2012), ministrada juntamente com Kristina Peuschel, leitora do DAAD entre 2011 e 2013, a disciplina FLM5478 – O ensino de alemão como língua estrangeira na atualidade: doze princípios metodológicos em discussão (2013), ministrada em 2014.1 com Katja Reinecke, leitora do DAAD entre 2013 e 2015. Mais recentemente Dörthe Uphoff cadastrou a disciplina FLM5511 – A Língua Alemã nos Contextos do Plurilinguismo no Brasil e na Europa, que ministrou no primeiro semestre de 2015.

Considerações finais

O conteúdo deste capítulo e a lista de referências bibliográficas que o acompanha são o testemunho de um grande investimento que a Área de Alemão tem feito ao longo de décadas para não só tornar sólida a formação inicial dos graduandos em Licenciatura em Letras, mas também fomentar a pesquisa continuada em âmbito de graduação e pós-graduação na área específica da Linguística Aplicada à aquisição, à aprendizagem e ao ensino de Alemão como Língua Estrangeira. Este levantamento histórico-bibliográfico funciona também como um registro da sintonia que há entre o trabalho iniciado na graduação através de uma articulação orientada para a pesquisa-ação e o trabalho continuado em nível de pós-graduação. Essa mesma sintonia pode ser observada na atuação conjunta dos docentes para promover a interação entre alunos de graduação e pós-graduação, formando assim um ciclo que se autorenova a cada movimento.

Referências Bibliográficas

ANDRADE E SILVA, Mariana Kuntz de. Materiais autênticos, adaptados e semi-autênticos no Ensino de Línguas Estrangeiras: análise comparativa sob a perspectiva da Pedagogia do Pós-Método e da aprendizagem como Participação. In: *XI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA – Linguística Aplicada Para Além das Fronteiras*. Campo Grande, de 14 a 17 de julho de 2015. Orientadora: Dörthe Uphoff.

ANDRADE E SILVA, Mariana Kuntz de. *Materiais autênticos no ensino de alemão como língua estrangeira: reflexões sob a perspectiva da pedagogia do pós-método e da aprendizagem como participação*. Início: 2013. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado em andamento). Orientadora: Dörthe Uphoff.

BERTÃO, Letícia dos Santos Perussi. *A memória do holocausto e do nacional-socialismo nas aulas de língua alemã na graduação em Letras-Alemão*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015. (Trabalho de Graduação Individual). Orientadora: Dörthe Uphoff.

CARVALHO, Miriam de Castro Dutra. A importância da autonomia do aprendiz e do planejamento de aulas na prática pedagógica do ensino de alemão em turmas multisseriadas. In: *Projekt. Revista da Associação Brasileira de Professores de Alemão (ABRAPA)*. Curitiba: ABRAPA, v. 51, 2013, pp.3-9.

CARVALHO, Miriam de Castro Dutra. *A autonomia do aprendiz em turmas de alemão (únicas e multisseriadas) das escolas públicas do Estado de São Paulo*. Início: 2013. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado em andamento). Orientador: José da Silva Simões.

CASTILHO DA COSTA, Alessandra. *O uso de advérbios dêiticos espaciais na produção escrita de aprendizes de alemão como língua estrangeira em escolas teuto-brasileiras de São Paulo*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999. (Dissertação de Mestrado). Orientador: Hardarik Blühdorn.

CASTINO, Sonia Breitenwieser Alves dos Santos. *Signos verbais e não-verbais no ensino de segunda língua*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1996. (Dissertação de Mestrado). Orientadora: Masa Nomura.

CASTRO, Nadia Silva. *Lernziele für den DaF-Unterricht im Rahmen des Germanistikstudiums im Bundesstaat São Paulo*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013. (Trabalho de Graduação Individual). Orientadora: Dörthe Uphoff.

CERVEIRA, Katia Cristina Lehnert Portela. *O processo de construção do bilinguismo de crianças até 5 anos e práticas em educação bilíngue*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São

Paulo, 2014. (Trabalho de Graduação Individual). Orientador: José da Silva Simões.

CHECCHETTO, Marlene Aparecida Desidério. *“Freiarbeit” (“aula livre”) e o ensino-aprendizagem do “Perfekt”: uma experiência pedagógica com aprendizes brasileiros do alemão como língua estrangeira*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2004. (Dissertação de Mestrado). Orientadora: Selma Meireles.

CUNHA, Max Clark de Castro. *Recursos de polidez e interculturalidade nos materiais de DaF*. In: *Projekt – Revista da Associação Brasileira de Professores de Alemão (ABRAPA)*. Curitiba: ABRAPA, v. 50, 2012. pp. 40-45.

CUNHA, Max Clark de Castro. *Análise de estratégias de ensino/aprendizagem em materiais didáticos de alemão como língua estrangeira: perspectivas pós-comunicativas em contraste*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013. (Dissertação de Mestrado). Orientador: José da Silva Simões.

DE ANGELIS, Verônica/SIMÕES, José da Silva. *Estratégias de aprendizagem usadas por alunos de língua alemã: rumo à autonomia*. In: *18.o Simpósio Internacional de Iniciação Científica – USP*, 2010. São Paulo: Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo, 2010.

DEBIA, Deise Tott. *A passagem para as disciplinas de Literatura: uma análise de necessidades dos alunos de graduação em Letras/Alemão*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013. (Iniciação Científica). Orientadora: Dörthe Uphoff.

DORNELES, Jonatan Paulo Nascimento. *As consoantes nasais no alemão: os fatores influenciadores na percepção fonética por aprendizes brasileiros*. Início: 2014. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (Iniciação Científica em andamento). Orientadora: Dörthe Uphoff.

DUDALSKI, Reginaldo/FIGUEIREDO, Sandro. *Recepção oral e produção escrita – um estudo sobre o aprendizado da língua alemã por alunos de graduação*

em Letras/Alemão da Universidade de São Paulo. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2003. (Iniciação Científica) Orientadora: Selma Meireles.

DUDALSKI, Reginaldo/FIGUEIREDO, Sandro/MEIRELES, Selma. Recepção oral e produção escrita: um estudo sobre aprendizado da língua alemã por alunos de graduação em Letras. In: BATTAGLIA, Maria Helena Voorsluys; NOMURA, Masa, (orgs.). *Estudos linguísticos contrastivos em alemão e português*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008. Orientadora: Selma Meireles.

DUNGEN, Johannes von. *Vom Freund zum Partner – Die deutsch-brasilianischen Kulturbeziehungen im Wandel*. Stuttgart: ifa (Institut für Auslandsbeziehungen), 2011.

EVANGELISTA, Maria Cristina Reckziegel Guedes. *O uso dos verbos modais alemães na produção escrita de aprendizes brasileiros*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999. (Dissertação de Mestrado). Orientador: Hardarik Blühdorn.

EVANGELISTA, Maria Cristina Reckziegel Guedes. *A modalidade em redações escritas por aprendizes brasileiros de Alemão*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2003. (Tese de Doutorado). Orientador: Hardarik Blühdorn.

FERRARI, Bianca. Os desdobramentos de uma abordagem plurilíngua na aula de LE: a interferência do inglês na aprendizagem do alemão. In: *Encontro de Pós-Graduandos – EPOG 5*, São Paulo, 2010. Orientador: José da Silva Simões.

FERRARI, Bianca. *Alemão como segunda língua estrangeira para aprendizes brasileiros: a influência do inglês em um contexto de aprendizagem plurilíngua*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012. (Dissertação de Mestrado). Orientador: José da Silva Simões.

FERRARI, Bianca. A influência do inglês no processo de ensino/aprendizagem de alemão por aprendizes brasileiros de terceiras línguas: Abordagens e

métodos de investigação. In: *Pandaemonium Germanicum* (online), São Paulo, v. 17, n. 24, 2014, pp. 175-197. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/89854>>. (11/04/2015).

FERRARI, Bianca. *O emprego de estratégias de aprendizagem e de comunicação na produção textual em ambiente universitário: Abordagens e perspectivas de análise*. Início: 2013. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (Tese de Doutorado em andamento). Orientador: José da Silva Simões.

FERREIRA DA SILVA, Renato. *Aquisição do acento lexical por aprendizes do alemão como língua estrangeira*. Início: 2012. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (Tese de Doutorado em andamento). Orientadora: Selma Meireles.

FERREIRA, Jaqueline Garcia. *A apreensão na comunicação no ensino/aprendizagem de Língua Alemã como Língua Estrangeira*. Início: 2014. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado em andamento). Orientador: José da Silva Simões.

FONSECA, Jael Glauce/HOLZHAUSEN, Marlene. Especialização a Distância em “Alemão como língua estrangeira”: uma experiência brasileira. In: *ABRAPA*, s/d. Disponível em: <<http://www.abrapa.org.br/cd/pdfs/Holzhausen-S2-Marlene.pdf>> (20/07/2015).

GRÖNINGER, Nora. Perspectivas de um curso interativo: o natural approach num curso de alemão. In: *Encontro de Pós-Graduandos – EPOG 5*, São Paulo, 2010. Orientador: José da Silva Simões.

GRÖNINGER, Nora Paula Marie. *As mudanças nas crenças de aprendizes a partir de um curso interativo de alemão*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013. (Dissertação de Mestrado). Orientador: José da Silva Simões.

HANIKA, Herbert/SPERLICH, Rudolf. Erstmals in Brasilien: Referendariat Deutsch als Fremdsprache. In: *Deutsche Lehrer im Ausland*, v. 32, n. 2, 1985, pp. 31-34.

HERRERA SILVA, Karina. O papel da cultura no ensino/aprendizagem de língua estrangeira para crianças: dificuldades e estratégias. In: *Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo – SIICUSP* 17, São Paulo, 2009. Orientador: José da Silva Simões.

HERRERA SILVA, Karina/SIMÕES, José da Silva. O papel da cultura no ensino-aprendizagem de língua estrangeira para crianças: dificuldades e estratégias. In: *Anais do Congresso Internacional Aprendizagem Baseada em Problemas e Metodologias Ativas de Aprendizagem: Conectando pessoas, ideias e comunidades – PBL2010*. São Paulo: EACH-USP, 8 a 11 de fevereiro de 2010, texto apresentado pela aluna de Iniciação Científica (Programa Ensinar com Pesquisa 2009 – Pró-Reitoria de Graduação da USP).

JESUS, Jéssica Flavia Oliveira de. O papel da autonomia no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira em comunidades carentes. In: *Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo – SIICUSP* 17, São Paulo, 2009. Orientador: José da Silva Simões.

JESUS, Jéssica Flavia Oliveira de/ SIMÕES, José da Silva. A importância da autonomia no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira em comunidades carentes. In: *Anais do Congresso Internacional Aprendizagem Baseada em Problemas e Metodologias Ativas de Aprendizagem: Conectando pessoas, ideias e comunidades – PBL2010*. São Paulo: EACH-USP, 8 a 11 de fevereiro de 2010, texto apresentado pela aluna de Iniciação Científica (Programa Ensinar com Pesquisa 2009 – Pró-Reitoria de Graduação da USP).

MEDEIROS, Rafael. *Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e ensino de substantivos compostos na Língua Alemã*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012. (Trabalho de Graduação Individual). Orientador: José da Silva Simões.

MELO, Telma de Macedo/SIMÕES, José da Silva. A influência dos meios digitais no processo de ensino-aprendizagem de alemão como língua estrangeira para jovens: mecanismos e estratégias de uso. In: 18.o Simpósio

Internacional de Iniciação Científica – USP, São Paulo. São Paulo: Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo, 2010.

MOURA, Alexsandro Soares de. *Língua Alemã e sua relação com o saber em um programa socioeducativo*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012. (Trabalho de Graduação Individual). Orientador: José da Silva Simões.

RANKE, Cristina. *O uso das preposições espaciais do alemão na produção escrita de aprendizes brasileiros da UNESP de Assis*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999. (Dissertação de Mestrado). Orientador: Hardarik Blühdorn.

RANKE, Cristina. *O uso das preposições de espaço do alemão na interlíngua escrita de aprendizes brasileiros da Unesp de Assis*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004. (Tese de Doutorado). Orientador: Hardarik Blühdorn.

REIS, Elaine Rodrigues. Literatura infanto-juvenil e língua alemã: possibilidades e benefícios. Trabalho aceito para o *I Congresso da Associação Brasileira de estudos germanísticos*, São Paulo, 09 a 11 de novembro de 2015. Orientadora: Dörthe Uphoff.

REIS, Elaine Rodrigues Reis. *A história do ensino de alemão no curso de Letras da USP*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013. (Programa Ensinar com Pesquisa). Orientadora: Dörthe Uphoff.

REIS, Elaine Rodrigues/SIMÕES, José da Silva. Brincando em sala de aula: meios alternativos no ensino de língua alemã. In: *Anais do Congresso Internacional Aprendizagem Baseada em Problemas e Metodologias Ativas de Aprendizagem: Conectando pessoas, ideias e comunidades – PBL2010*. São Paulo: EACH-USP, 8 a 11 de fevereiro de 2010, texto apresentado pela aluna de Iniciação Científica (Programa Ensinar com Pesquisa 2009 – Pró-Reitoria de Graduação da USP).

REIS, Eliane Rodrigues. A influência de jogos no ensino de língua alemã. In: *Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo – SIICUSP 17*, São Paulo, 2009. Orientador: José da Silva Simões.

RODRIGUES, Felícia Maria Falcão. *O campo lexical dos verbos de ensino e aprendizagem na língua alemã*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999. (Dissertação de Mestrado). Orientador: Hardarik Blühdorn.

RODRIGUEZ, Daví Jaén. *História em quadrinhos na aula de língua estrangeira: proposta de análise de adequação didática e sugestão de exercícios*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008. (Dissertação de Mestrado). Orientadora: Selma Meireles.

SAFRA, Marcos Fernandes. *A história do ensino de alemão no curso de Letras da USP*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013. (Programa Ensinar com Pesquisa). Orientadora: Dörthe Uphoff.

SAFRA, Marcos Fernandes Safra. *Produção de materiais regionais para o ensino de alemão no Brasil*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2014. (Trabalho de Graduação Individual I). Orientadora: Dörthe Uphoff.

SCHÄFER, Anna Carolina. Aprendizagem do alemão como língua estrangeira e democratização do saber no Brasil. In: *Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo – SIICUSP 17*, São Paulo, 2009. Orientador: José da Silva Simões.

SCHÄFER, Anna Carolina. Aprendizagem do alemão como língua estrangeira e democratização do saber no Brasil. In: *Anais do Congresso Internacional Aprendizagem Baseada em Problemas e Metodologias Ativas de Aprendizagem: Conectando pessoas, ideias e comunidades – PBL2010*. São Paulo: EACH-USP, 8 a 11 de fevereiro de 2010, texto apresentado pela aluna de Iniciação Científica (Programa Ensinar com Pesquisa 2009 – Pró-Reitoria de Graduação da USP).

SCHÄFER, Anna Carolina. A gramática alemã sob a perspectiva de seus aprendizes: crenças discentes e estratégias de aprendizagem. In: *Pandaemonium Germanicum* (online), São Paulo, v. 16, n. 21, pp. 190-213, Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/64134>> (11/04/2015).

SCHÄFER, Anna Carolina. A relação entre crenças e autonomia do aprendiz: teoria, resultados empíricos e implicações didáticas In: *Projekt, Revista da Associação Brasileira de Professores de Alemão (ABRAPA)*, Curitiba: ABRAPA, 2013b, v. 51, pp. 31-36.

SILVA, Marina Grilli Lucas. *A influência do inglês na aprendizagem do alemão: transferência, interferência e usos das formas verbais do passado*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013. (Iniciação Científica). Orientadora: Dörthe Uphoff.

SILVA, Marina Grilli Lucas. *Ensino e aprendizagem de alemão no Brasil: o plurilinguismo na aula de alemão como terceira língua*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2014. (Iniciação Científica). Orientadora: Dörthe Uphoff.

SILVA, Nathaly Amanda Soares/SIMÕES, José da Silva. O processo de ensino e aprendizagem do alemão como segunda língua estrangeira: dificuldades e alternativas. In: *18º Simpósio Internacional de Iniciação Científica – USP*, 2010. São Paulo: Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo.

SILVEIRA, Raphael da. *Trabalhando como professor de alemão em um CEL: uma análise de necessidades*. Início: 2015. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado em andamento). Orientadora: Dörthe Uphoff.

SIMÕES, José da Silva. A formação de professores de alemão língua estrangeira: um modelo para a monitoria das atividades de estágio. In: *III Jornada das Licenciaturas: ressignificando a formação de professores*, 29 a 30 outubro de 2009, Espaço de Eventos da FMRP-USP, Ribeirão Preto/SP, 2009a.

SIMÕES, José da Silva. Manifestações de interlíngua em aprendizes de alemão como língua estrangeira. In: *XII SILEL – Simpósio Nacional de Letras e Linguística – II Simpósio Internacional de Letras e Linguística* do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, 19.11.2009, 2009b.

SIMÕES, José da Silva. Um projeto de iniciação científica aplicada: o aprendizado de línguas estrangeiras como veículo de inserção social. In: *III Jornada das Licenciaturas: ressignificando a formação de professores*, 29 a 30 de outubro de 2009, Espaço de Eventos da FMRP-USP, Ribeirão Preto/SP, 2009c.

SIMÕES, José da Silva. O ensino de alemão como língua estrangeira em plataformas virtuais: entre a intervenção didático-pedagógica e a pesquisa acerca dos processos de aquisição de língua estrangeira. In: *Colóquio Virtualidade e Ensino de Línguas*, 22 a 23 de abril de 2010, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, Campinas/SP, 2010.

SIMÕES, José da Silva. A pesquisa empírica de processos de aquisição, aprendizagem e ensino de alemão como língua estrangeira. In: *VIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)*. UFRN Natal/RN, 2013a. (Anais de Congresso).

SIMÕES, José da Silva. Rezeptions- (input) und Aneignungsprozesse (intake) im Fremdsprachenerwerb Deutsch als Fremdsprache durch brasilianische Lerner. In: *Internationale Tagung der Deutschlehrerinnen und Deutschlehrer*. Bolzano/Itália, 2013b. (Anais de Congresso).

SIMÕES, José da Silva/VALE, Alice Fátima Fonseca do. O aprendizado de uma língua estrangeira como veículo de inserção social: processo de ensino-aprendizagem e metodologias de ensino de língua estrangeira. In: *Congresso Internacional Aprendizagem Baseada em Problemas e Metodologias Ativas de Aprendizagem: Conectando pessoas, ideias e comunidades – PBL2010*. São Paulo: EACH-USP, 8 a 11 de fevereiro de 2010, texto apresentado pela

aluna de Iniciação Científica (Programa Ensinar com Pesquisa 2009 – Pró-Reitoria de Graduação da USP).

SIMÕES, José da Silva/FERRARI, Bianca/CUNHA, Max C. C. A pesquisa empírica de processos de aquisição, aprendizagem e ensino de alemão como língua estrangeira. In: *VIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2013. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

STANICH, Kelly. *Aspectos do processamento cognitivo relacionado à produção em língua estrangeira e aprendizagem de falantes não-nativos de alemão: hipótese explicativa*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008. (Tese de Doutorado). Orientador: Selma Meireles.

TEN KATHEN, Carla Leticia. *Estratégias de aprendizagem de ensino individualizado em alemão como língua estrangeira*. Início: 2014. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado em andamento). Orientador: José da Silva Simões.

TOPFSTEDT, Rachel Duarte. Refletindo sobre a autonomia no ensino de língua alemã com uma abordagem intercultural. In: *Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo – SIICUSP 17*, São Paulo, 2009. Orientador: José da Silva Simões.

TOPFSTEDT, Rachel/ SIMÕES, José da Silva. “Refletindo sobre a autonomia no ensino de língua estrangeira alemã em uma abordagem intercultural”. *Anais do Congresso Internacional Aprendizagem Baseada em Problemas e Metodologias Ativas de Aprendizagem: Conectando pessoas, ideias e comunidades – PBL2010*. São Paulo: EACH-USP, 8 a 11 de fevereiro de 2010, texto apresentado pela aluna de Iniciação Científica (Programa Ensinar com Pesquisa 2009 – Pró-Reitoria de Graduação da USP).

VALE, Alice Fatima Fonseca do. Diversidade etária e abordagem intercultural: processos de ensino-aprendizagem do alemão como língua estrangeira. In:

Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo – SIICUSP 17, São Paulo, 2009. Orientador: José da Silva Simões.

VICTORINO, Vânia Moraes. O tratamento dado ao erro no processo ensino-aprendizagem do alemão como LE: uma alternativa no processo de construção do conhecimento. In: *Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo – SIICUSP 17*, São Paulo, 2009. Orientador: José da Silva Simões.

WINTER DA SILVA, Christina. O uso de textos de grupos marginais, como moradores de ruas, no ensino da língua alemã num contexto universitário. Trabalho aceito para o *I Congresso da Associação Brasileira de estudos germanísticos*, São Paulo, 09 a 11 de novembro de 2015. Orientadora: Dörthe Uphoff.

WINTER DA SILVA, Christina. *Literatura dos sem-teto no ensino de alemão como língua estrangeira*. Início: 2015. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado em andamento). Orientadora: Dörthe Uphoff.

WITT, Marina Nakai/SIMÕES, José da Silva. A influência das atividades promovidas em aulas de língua alemã no aperfeiçoamento da habilidade da produção oral. In: *21º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, 2013. Disponível em <<https://uspdigital.usp.br/siicusp>>, (11/04/2015).

ZACHARIADIS, Carin Beatriz Carreira. *A canção popular autêntica aplicada ao processo de ensino-aprendizagem da língua alemã como língua estrangeira*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008. (Dissertação de Mestrado). Orientadora: Maria Helena Voorluys Battaglia.

A política linguística nos Congressos Brasileiros de Professores de Alemão (1989-2015)

Dörthe Uphoff¹

Introdução

Como observa Gilvan Müller de Oliveira, um dos fundadores do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), “[f]az pouco tempo que o termo ‘política linguística’ está circulando de maneira minimamente sistemática no Brasil” (OLIVEIRA 2007: 7). Na célebre definição de CALVET (2007: 11), a política linguística trata das “decisões referentes às relações entre as línguas e a sociedade”, sendo a implementação de suas

¹ Professora de Língua Alemã e Licenciatura do Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 2012. Email: dorthe@usp.br

medidas denominada de planejamento linguístico. Dessa forma, entra no escopo da política linguística qualquer ação consciente e coletiva que visa intervir na forma como se usa determinado idioma, além de manipular o espaço onde esse idioma é usado. ALTENHOFEN (2013: 103) cita como exemplos de medidas de política linguística a decisão de uma escola pela inclusão de uma segunda língua estrangeira no currículo, a decisão de uma faculdade sobre as línguas presentes nas provas de vestibular, como também a determinação de uma prefeitura de fixar placas de sinalização bilíngue, entre outras. O ambiente educacional constitui, provavelmente, a esfera mais importante de implantação de medidas de política linguística, mas outros âmbitos, como o espaço do trabalho e do lazer, também podem se tornar alvo de ações de política linguística.

No Brasil, o fomento ao plurilinguismo entrou na pauta das políticas oficiais apenas recentemente, impulsionado pelo programa “Ciência sem Fronteiras”, inaugurado em 2011, que tornou visível o fraco desempenho em línguas estrangeiras dos estudantes universitários e, em consequência, a pouca atenção que o ensino de idiomas tem recebido na educação básica. Nesse cenário, línguas adicionais, para além do inglês, têm enfrentado ainda mais dificuldades para ganhar espaço nas escolas regulares. A Lei de Diretrizes e Bases nº 9394, de 1996, resgatou a obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira, mas restringe essa obrigatoriedade a apenas uma língua a partir do Ensino Fundamental II, deixando a escolha dessa língua a cargo da comunidade escolar, que muito frequentemente opta pelo inglês. Além disso, a LDB prevê apenas duas horas/aula semanais como obrigatórias, quantidade insuficiente para um aprendizado efetivo, como qualquer professor de línguas sabe.

O governo alemão, por outro lado, costuma investir fortemente no ensino de alemão no exterior, tanto no segmento de cursos livres, através das numerosas filiais do Instituto Goethe ao

redor do mundo, quanto nas instituições de educação básica e superior de outros países, por meio de parcerias com o Departamento Central para Escolas no Exterior (“ZfA”) e o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (“DAAD”), que oferecem apoio material e orientação pedagógica às instituições locais, além de enviar docentes da Alemanha. Esse engajamento no ensino de alemão no exterior visa sobretudo promover o interesse pelo país e assim incentivar parcerias político-culturais e econômicas com outras nações.

O ensino de alemão no Brasil encontra-se, portanto, na intersecção dessas duas posturas diferentes para com a política linguística. Se no Brasil prevaleceu historicamente a “ideologia da língua única” (OLIVEIRA 2007: 7), que acabou estreitando também o espaço das línguas estrangeiras no sistema educacional, a Alemanha apresenta uma longa tradição em fomentar o ensino de sua língua nacional no exterior, esperando assim fortalecer os laços com outros países.

Essa constelação de forças durante muito tempo marcou também a orientação didático-metodológica do ensino e os caminhos da formação do professor de alemão no Brasil. Assim, STEINMÜLLER (2008) observa em uma plenária por ocasião do 7º Congresso Brasileiro de Professores de Alemão, no Rio de Janeiro, que havia, na área de Alemão como Língua Estrangeira, não só no Brasil, mas em muitos países ao redor do mundo, uma “hierarquia de fornecedor e recebedor” (“Hierarchie von Geber und Abnehmer”), que só recentemente começou a ser desconstruída.

Partindo desse entendimento do campo de forças que atua no ensino de alemão no Brasil, o presente artigo objetiva trazer uma análise de como questões concernentes à política linguística foram abordadas nas nove edições passadas do Congresso Brasileiro de Professores de Alemão, de 1989 a 2015, no intuito de reconstruir

quais os desafios políticos percebidos e discutidos pelos participantes dos congressos ao longo do tempo. Para isso, examinar-se-á os programas e anais dos referidos congressos, com atenção especial para as seções dos eventos que tratam da política linguística e da formação de professores de alemão no país.

1 O Congresso Brasileiro de Professores de Alemão: breve histórico

Os Congressos Brasileiros de Professores de Alemão (doravante CBPA) são organizados pela ABRAPA – Associação Brasileira de Associações de Professores de Alemão –, fundada em 1988 com o objetivo de congregar as associações estaduais já existentes no país, além de criar outras associações em regiões onde ainda não havia congregações desse tipo.

Como consta nos estatutos da ABRAPA, a associação tem por finalidade, entre outras, “promover o intercâmbio de experiências didáticas, resultados de pesquisa, material bibliográfico, etc.”, comprometendo-se, para isso, a “organizar encontros, seminários, simpósios e congressos a nível nacional ou internacional” (cf. APPA 1989: 132). Também interesses políticos figuram entre os objetivos da associação, especialmente o de “trabalhar pela promoção e maior desenvolvimento do ensino da língua alemã no sistema educacional brasileiro” (*ibid.*).

A Profa. Dra. Ruth Mayer, da Área de Língua e Literatura Alemã da USP, foi eleita como primeira presidente interina da ABRAPA, e de 30 de junho a 03 de julho de 1989 ocorreu em São Paulo o congresso de fundação da associação.

Seguiram-se, até a presente data, mais oito congressos nacionais, nos anos e locais que podem ser depreendidos na Tabela 1:

Edição	Ano	Cidade	Tema
1	1989	São Paulo (SP)	Lehrer und Lerner im kommunikativen DaF-Unterricht
2	1991	São Leopoldo (RS)	Deutschunterricht im Spannungsfeld zwischen spontanem und gesteuertem Spracherwerb
3	1996	Campinas (SP)	Por que alemão? Objetivos e expectativas dos aprendizes de alemão no Brasil. Implicações para uma metodologia e didática adequada e para o planejamento curricular
4	1999	Curitiba (PR)	deutsch.br. Perspectivas do alemão no Brasil na passagem do século. Perspektiven des Deutschen in Brasilien zur Jahrhundertwende
5	2002	São Leopoldo (RS)	Alemán en América Latina: um diferencial com qualidade. Deutsch in Lateinamerika: die Qualität macht den Unterschied
6	2006	São Paulo (SP)	Ensinar Alemão: novos desafios – novos rumos. Deutsch in Südamerika: neue Wege – neue Perspektiven. Enseñar alemán: nuevos desafíos – nuevos rumbos
7	2008	Rio de Janeiro (RJ)	DaF in Brasilien. Fertigkeiten und Kompetenzen. Alemão no Brasil. Habilidades e Competências
8	2011	Belo Horizonte (MG)	übergänge transições durchgänge
9	2015	São Leopoldo (RS)	Deutsch (über)Brücken

Tab. 1: Anos de realização, cidades e temas das nove edições do Congresso Brasileiro de Professores de Alemão²

Como se pode ver na tabela, os temas dos congressos são bastante variados, partindo de títulos mais concretos, como “Lehrer und Lerner im kommunikativen DaF-Unterricht” (1º CBPA), que

² Mantiveram-se, nessa tabela, os temas dos congressos como constam nos programas, cadernos de resumos e anais dos eventos, reproduzindo também títulos em duas ou três línguas, quando foi o caso.

marca a passagem para a abordagem comunicativa no ensino da língua, para títulos esteticamente mais elaboradas, como “übergänge transições durchgänge” (8º CBPA) e “Deutsch (über)Brücken” (9º CBPA), que provocam efeitos de sentido plurais e mais abstratos.

É possível identificar que alguns títulos apontam para assuntos que apresentam uma possível interface com a política linguística no Brasil, como o 2º CBPA, realizado em São Leopoldo (RS) sob o tema de “Deutschunterricht im Spannungsfeld zwischen spontanem und gesteuerten Spracherwerb”, e o 3º CBPA, que traz no título uma pergunta: “Por que alemão?”. Assim, tanto o ensino da língua em regiões de imigração alemã no Brasil, quanto o questionamento sobre o motivo da escolha do alemão (em detrimento de outro idioma) envolvem decisões sobre a preservação e/ou aumento do espaço de circulação da língua alemã.

Outros temas dos congressos da ABRAPA, no entanto, indicam direcionamentos didático-metodológicos advindos da Europa, como em especial os conceitos de habilidade e competência, presentes no tema do 7º CBLA, que fazem alusão aos conceitos teóricos que dão embasamento ao Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (QECR). Além disso, vale observar também que dois congressos da ABRAPA, os de 2002 e 2006, foram realizados como eventos internacionais, incluindo os outros países do continente latino-americano no escopo das discussões.

2 O percurso das discussões sobre a política linguística nos congressos da ABRAPA: da preocupação com a concorrência de outras línguas à pedagogia plurilíngue

Como se pode ver na Tabela 2, não houve seções que focalizaram especificamente questões relacionadas à política linguística nos primeiros três Congressos Brasileiros de Professores de Alemão:

Edição	Ano	Seção sobre política linguística e/ou formação de professores
1	1989	--- ³
2	1991	---
3	1996	1. Formação de Professores / Mercado de Trabalho Lehrerausbildung / Arbeitsmarkt
4	1999	6. Política de Ensino de Línguas
5	2002	1. Sprachenpolitik (und Fremdsprachenunterricht) Política Linguística (e Ensino de Línguas Estrangeiras)
6	2006	1. Sprachenpolitik und Fremdsprachenunterricht 2. Lehrerausbildung
7	2008	1. DaF im internationalen Austausch
8	2011	1. Fremdsprachenpolitik in Brasilien
9	2015	5. Sprachenpolitik

Tab. 2: Seções sobre política linguística e formação de professores nas nove edições do Congresso Brasileiro de Professores de Alemão⁴

³ O manual de informações para o professor de alemão da APPA (1989: 131) menciona uma área temática de formação continuada de professores (Lehrerfortbildung) para o primeiro congresso da ABRAPA, mas nos anais do 2º CBPA, que também reúnem registros da primeira edição do evento, não se encontram dados sobre uma possível divisão temática do congresso de fundação.

⁴ Como na tabela 1, mantiveram-se, aqui, os nomes das seções conforme constam nos programas, cadernos de resumos e anais dos eventos, reproduzindo

Apesar de não haver uma seção específica sobre política linguística, encontra-se, nos anais do 2º CBPA, um interessante registro de uma palestra de um representante do Instituto Goethe de Curitiba, Hans J. Augspurger, intitulada “Möglichkeiten der Werbung für DaF-Unterricht”. No resumo da palestra, o autor explica assim a motivação pela escolha do tema: “Sprachenlernen ist immer noch keine Selbstverständlichkeit. Wir müssen dafür werben, daß in der brasilianischen Gesellschaft mehr Fremdsprachen gelernt werden“ (AUGSPURGER 1993: 137). Mais à frente, no entanto, Augspurger parece sentir necessidade de esclarecer melhor sua intenção e acrescenta:

Wir machen keine *Propaganda* im politischen Sinne, wollen nicht missionieren und zeigen dabei keine nationale Überheblichkeit; keine Sprache ist „besser“ als die andere, aber wir vertreten als Deutschlehrer Deutschland und die deutsche Sprache und werben und unterrichten mit der deutschen Sprache und auch für die reiche deutsche Kultur und Geschichte und Landeskunde, insbesondere des Deutschland von heute. (AUGSPURGER 1993: 138, grifo e aspas no original).

Ressoa, nesta citação, a preocupação de que o engajamento para com o ensino de alemão no Brasil pudesse ser visto como uma atitude duvidosa e pouco ética, que poderia inclusive ser mal interpretada à luz da história imperialista da Alemanha. Nota-se, aqui, o empenho em construir uma imagem diferente e moderna da Alemanha que marca até hoje a atuação das instituições alemãs de fomento ao ensino de alemão no exterior, como o Instituto Goethe (cf. UPHOFF 2013: 223-224).

também títulos em duas línguas, quando foi o caso. Os números dizem respeito à posição da seção no conjunto das seções oferecidas em cada evento.

Além disso, é interessante observar também que se encontram, nos anais do 2º CBPA, diversos resumos de apresentações que versam sobre a situação específica do alemão como língua de imigração no Rio Grande do Sul, já aludida no tema geral do evento “Deutschunterricht im Spannungsfeld zwischen spontanem und gesteuertem Spracherwerb”. Assim, temos, por exemplo, registros de comunicações de ALTENHOFEN (1993), “Deutschunterricht, Dialekt und Alphabetisierung im Portugiesischen”, AUGUSTIN (1993), “Darstellung der Sprachentwicklung am Beispiel einer Einwandererfamilie aus dem Hunsrück” e de WEBER (1993), “Die Rolle von Einwanderungsgeschichte und Dialekt an den Schulen mit Deutschunterricht in Rio Grande do Sul”, que procuram problematizar a posição da variante do Hunsrückisch no contexto familiar e escolar frente ao português e ao alemão padrão. Trata-se de um tema que certamente apresenta uma interface com a política linguística, mas, na época, foi discutida no âmbito da seção sobre linguística.

O ano do 3º CBPA – 1996 – costuma ser lembrado hoje pela publicação da “nova LDB”, Lei de Diretrizes e Bases nº 9394, que resgata a obrigatoriedade do ensino de uma língua estrangeira no Ensino Fundamental II. Para melhor avaliar as discussões em torno das políticas de língua no Brasil, ocorridas de forma bastante expressiva nesse evento, é importante ressaltar que a LDB entrou em vigor apenas no final do ano de 1996, mais especificamente no dia 20 de dezembro, enquanto o CBPA teve lugar em julho daquele ano. O tema do congresso – “Por que alemão?” – sintetiza bem as preocupações da época com ao ensino de línguas estrangeiras no país. Assim, Profa. Eloá HEISE (1996: 139), em uma mesa redonda intitulada “Perspectivas para o ensino de alemão no Brasil”, alertou para o perigo de um “monolingüismo utilitarista” na sociedade brasileira, que valoriza apenas a proficiência do inglês,

como língua estrangeira, não prevendo espaço para outros idiomas, seja no ensino regular, seja nas aspirações pessoais dos cidadãos brasileiros. Para Heise, trata-se de uma “tarefa hercúlea” para os professores de alemão na década de 1990, “lutar pela recuperação do prestígio do ensino de língua estrangeira na escola básica [e] buscar a implantação do plurilinguismo no currículo escolar” (HEISE 1996: 138).

Uma outra mesa redonda no 3º CBPA revela alguns dos principais desafios na formação de professores de alemão na época: a grande maioria dos graduandos em Letras-Alemão não almejava trabalhar como professor, enquanto os professores que efetivamente atuavam no ensino da língua, não dispunham da formação necessária, tendo se graduado muitas vezes em outras áreas acadêmicas. Ademais, o curso de licenciatura apresentava sérios problemas estruturais, que só recentemente começaram a ser superadas, com a rígida dissociação da formação filológica da formação didática, que, até pouco tempo atrás, ocorria inteiramente na Faculdade de Educação, separada do curso de Letras. Para compensar as lacunas na formação inicial dos professores de alemão no Brasil, o Instituto Goethe e o extinto Instituto Pedagógico Brasil-Alemanha (IPBA) começaram a oferecer cursos de formação complementar na área de alemão como língua estrangeira, alguns dos quais incluíam uma quantidade de módulos e uma carga horária bastante elevada. No entanto, essas medidas, apesar de muito valorizadas no âmbito do ensino de alemão, não eram reconhecidas oficialmente pelo MEC e, portanto, não podiam regularizar a situação profissional dos professores frente às autoridades brasileiras.

Apesar de não contar com uma seção específica de política linguística, o 3º CBPA destaca-se como o primeiro congresso da ABRAPA a apresentar um firme posicionamento político, além de uma amplitude ímpar de vozes ouvidas no cenário do ensino de lín-

guas no Brasil. Assim, as mesas redondas reuniram representantes de diversas instâncias envolvidas no ensino de línguas estrangeiras no Brasil, como o MEC, várias universidades que oferecem cursos de Letras-Alemão, instituições alemãs que promovem o ensino da língua no Brasil (*Mittlerorganisationen*), a Câmara Brasil-Alemanha de Indústria e Comércio, representando as relações econômicas entre os dois países – relações estas que envolvem também questões linguísticas –, além de instituições que fomentam o ensino de outras línguas estrangeiras no Brasil, como as associações dos professores de inglês e de espanhol. Desse modo, puderam ser discutidas de forma bastante ampla questões relacionadas ao espaço do ensino de alemão no Brasil, além da possível concorrência de outros idiomas estrangeiros que disputam esse espaço.

O 4º CBPA, realizado em Curitiba em 1999, foi o primeiro a oferecer uma seção específica de política linguística, dependendo por isso de propostas de comunicação enviadas pelos próprios participantes do congresso, ao invés de ter a programação dessa área temática definida pelos organizadores do evento. Assim, a programação da seção de política linguística no 4º CBPA apresenta pela primeira vez um panorama das questões de política linguística percebidas e consideradas merecedoras de um debate pelos membros “comuns” da ABRAPA, que atuam no ensino de alemão ao redor do Brasil. Os anais do evento revelam um leque bastante amplo e heterogêneo de assuntos abordados, como um histórico da presença da língua alemã na cidade de Santa Cruz do Sul (AZAMBUJA 2000), a apresentação de uma proposta de oferta de quatro línguas estrangeiras no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (KOERICH e VIEIRA 2000), os resultados de uma pesquisa realizada sobre a situação profissional e socioeconômica dos professores de alemão no estado de São Paulo (BERLOFFA 2000), entre outros.

A seção, a julgar pelos anais, não figurou entre as mais procuradas do congresso, e também na programação principal, entre conferências e similares, o tema da política linguística não repete a importância alcançada na edição anterior do CBPA, cedendo espaço para questões didático-metodológicas que tradicionalmente ocupam uma posição central no evento.

O 5º CBPA, realizado em 2002 pela segunda vez na cidade de São Leopoldo, teve como tema “Aleman en América Latina: um diferencial com qualidade”.⁵ No prefácio aos anais do congresso, os organizadores explicam assim o foco temático do evento:

O tema do congresso se debruça sobre dois aspectos diferentes deste questionamento tão importante [da qualidade no ensino de alemão como língua estrangeira]: em primeiro lugar, a qualificação a mais que nossos alunos podem adquirir, se optam por aprender alemão; em segundo lugar, nossa oportunidade de defender o papel do alemão como língua estrangeira na América Latina, oferecendo aulas de qualidade (ANAIS DO 5º CPBA 2002: 11).

Como se nota, o tema da qualidade é justificado pela importância para o fortalecimento da posição do alemão no rol das línguas estrangeiras ensinadas na América Latina. O alemão constitui agora, para o aluno, “uma qualificação a mais” (além do inglês, como idioma mais procurado no mercado das línguas), e o professor de alemão pode fortalecer a demanda por essa língua aperfeiçoando continuamente sua prática de ensino.

Os anais do 5º CPBA revelam uma presença ainda forte de palestrantes vindos do exterior que abordam assuntos relacionados

⁵ Como 2º Congresso de Professores de Alemão do Mercosul o tema do evento foi apresentado em três línguas (espanhol, português e alemão), cf. também Tab. 1.

à política linguística. Assim, os anais registram para essa categoria um total de seis oradores da Alemanha, duas palestrantes da Áustria e três de outros países da América Latina (Venezuela e Chile), contra cinco do Brasil (cf. ANAIS DO 5º CPBA 2002: 5, 521-532). Para a Alemanha, chama a atenção a presença de dois importantes representantes políticos do país – o então embaixador da Alemanha no Brasil Uwe Kastner e o cônsul geral em Porto Alegre Reinhard Thurner –, cujas falas são reproduzidas na íntegra nos anais do congresso, manifestando o interesse do governo alemão em promover o ensino da língua no Brasil. Nesse contexto, vale observar que a partir do 5º CPBA também a Áustria tem uma presença mais marcante no congresso, enviando representantes oficiais com o objetivo de divulgar as crescentes iniciativas de fomento ao ensino do alemão no exterior.

Como única contribuição brasileira com artigo completo sobre a questão política do ensino de alemão no país, os anais do 5º CBPA registram o trabalho de Valéria Contrucci de Oliveira MAILER (2002), então mestranda da UFSC, que advoga a criação de uma política linguística para a língua alemã na cidade de Blumenau, Santa Catarina. A autora descreve assim os principais pontos a serem levantados por uma política em prol da língua alemã no município catarinense, bem como o papel dos professores de alemão nessa tarefa:

Que papel tem o alemão na sociedade local e que papel deverá ter no futuro? Como contemplar e incentivar o bilinguismo nas políticas educacionais? Como combater o preconceito sobre a língua? Que línguas devem fazer parte do currículo escolar e qual metodologia deve ser utilizada para seu ensino (língua estrangeira/segunda língua)? Que material didático deve ser utilizado? São tópicos relevantes para uma discussão de uma política linguística que se pretenda respeitar a especificidade histórica do município.

Levantar essas questões e construir coletivamente encaminhamentos pedagógicos e político-lingüísticos, bem como formular uma proposta curricular que toque na problemática identitária/ideológica da língua alemã no município deve ser o esforço da disciplina e dos professores de alemão, com apoio da secretaria de educação municipal. (MAILER 2002: 119)

As perguntas formuladas por Mailer captam bem os desafios que persistem no início do novo século no ensino de alemão na educação básica, principalmente no sul do Brasil, mesmo com o apoio material e pedagógico das instituições alemãs como o “ZfA”: a necessidade do amparo de uma política linguística brasileira que enxergue a importância do ensino de línguas estrangeiras, um posicionamento mais claro em favor do plurilinguismo, que coloque os diversos idiomas em contato, ao invés de promover a concorrência entre eles, e, ademais, a elaboração de uma metodologia de ensino de alemão que dê conta da complexa bagagem linguística das variantes do alemão que muitas crianças ainda trazem para a escola e que não é considerada nos materiais de ensino de língua estrangeira fornecidas pelos órgãos alemães. Mas, como se poderá ver adiante, essas questões só começarão a ser tratadas de forma mais sistemática nas últimas duas edições dos congressos da ABRAPA.

O 6º CBPA, realizado na USP no ano de 2006, destaca-se por um grande número de seções temáticas que inclui também a formação de professores. É interessante observar que apenas duas das nove edições do congresso da ABRAPA até hoje contaram com uma seção específica sobre a formação de professores (cf. também Tab. 2), ao passo que, nas outras edições, esse tema aparece diluído em várias seções com focos diferentes, como por exemplo a política linguística. Se no 3º CBPA foram apresentadas somente quatro comunicações na seção “Formação de Professores / Mercado de

Trabalho”, o 6º CBPA já contou com treze comunicações com esse foco, dentre elas seis proferidas por professores brasileiros e sete por participantes advindos de outros países da América Latina. Em comparação, a seção sobre política linguística, que também foi oferecida no 6º CBPA, integrou um total de apenas seis comunicações. Esses números revelam a importância do tema da formação de professores no Brasil e na América Latina, que persiste como um dos principais desafios de uma política linguística em prol do plurilinguismo.

Chama a atenção, na programação da seção no 6º CBPA, que novos agentes começam a aparecer nas discussões sobre a formação dos professores de alemão no Brasil, como a UFBA, com o curso de especialização “Fernstudienkurs”, em cooperação com o Instituto Goethe, a UFPR, com seu programa especial de formação de docentes de alemão, e a UFRJ, com o projeto CLAC, entre outras instituições (cf. PROGRAMA DO 6º CBPA 2006). As iniciativas apresentadas visam compensar algumas lacunas percebidas na formação do professor de alemão, como a insuficiência da prática de ensino e das competências didático-metodológicas do professor recém-formado, evidenciando que cada vez mais universidades brasileiras procuram oferecer caminhos alternativos para a qualificação do professor. Vale lembrar que nos anos 90, os principais cursos de formação continuada para professores de alemão ainda eram fornecidos por instituições não universitárias, como o Instituto Goethe e o IPBA.

A partir do 7º CBPA, realizado em 2008 na UERJ, anuncia-se um tratamento mais sistemático e destacado das questões relacionadas à política linguística nos congressos da ABRAPA. Na retrospectiva, o diagnóstico do Prof. Ulrich Steinmüller, da Universidade Técnica de Berlim, apresentado por ocasião de sua plenária “Deutsch als Fremdsprache in der internationalen

Kooperation”, marca o início dessa nova fase, ao chamar a atenção para algumas mudanças nas relações de força na área de alemão como língua estrangeira no cenário mundial:

Der Prozess der Globalisierung hat auch vor der Disziplin Deutsch als Fremdsprache nicht Halt gemacht mit der Konsequenz, dass auch in unserer Disziplin in stärkerem Maße die gleichberechtigte Partnerschaft und nicht mehr die Hierarchie von Geber und Abnehmer an Bedeutung gewinnt. [...]

Zielsetzungen, Verwendungsinteressen und damit Forschungsfragen und Lehrinhalte bis hin zur Erstellung von Lehrwerken werden zunehmend aus der Perspektive der sogenannten Abnehmerländer definiert, die nicht unbedingt immer mit der Perspektive der deutschsprachigen Länder übereinstimmen muss. (STEINMÜLLER 2008: s/p.)

Nos congressos da ABRAPA, esse diagnóstico começa a se materializar com força nas últimas duas edições, realizadas em 2011 em Belo Horizonte e 2015 em São Leopoldo. No 8º CBPA, de 2011, temos pela primeira vez uma conferência (*Semiplenarvortrag*) sobre o tema da política linguística proferida por uma representante local, a Profa. Karen Pupp SPINASSÉ (2011) da UFRGS, e não por um palestrante internacional, como era o caso até então. O 9º CBPA, por sua vez, já conta com diversas semiplenárias focalizando questões políticas, com destaque para duas – as do Prof. Cléo ALTENHOFEN (2015), da UFRGS, e do Prof. Paulo SOETHE (2015), da UFPR – que abordam criticamente a posição da língua alemã no Brasil e as perspectivas para abrir mais espaço para esse idioma na escola pública. Vale ressaltar que a nona edição do congresso da ABRAPA abriga também duas apresentações sobre exemplos concretos de iniciativas que visam promover uma peda-

gogia plurilíngue em escolas do Rio Grande do Sul, incluindo nesse contexto a língua alemã (cf. ALTENHOFEN e KUCHENBECKER 2015, SPINASSÉ 2015). Assim, testemunhamos em 2015 os primeiros frutos práticos de um engajamento mais acentuado e estruturado na educação básica em prol de uma conscientização das novas gerações de alunos, de que o Brasil constitui um país plurilíngue. Não obstante, é mister frisar que esse engajamento muitas vezes parte de iniciativas particulares de professores comprometidos com a causa do plurilinguismo, enquanto continua faltando o respaldo pelas instâncias públicas, como foi apontado na discussão final no âmbito da seção sobre política linguística. Assim, também ALTENHOFEN e KUCHENBECKER (2015) recomendam cautela na avaliação dos progressos alcançados nos últimos anos:

Für die letzten zehn Jahre lassen sich in der brasilianischen Sprachszene eindeutige Fortschritte hinsichtlich der Entwicklung und Erarbeitung einer Sprachenpolitik für die Mehrsprachigkeit nachweisen. [...] Dennoch bleibt unklar und unübersichtlich, inwiefern diese auf Makroebene festzustellenden Fortschritte tatsächlich entsprechende Auswirkungen auf das Leben der Sprachen sowie auch der Lernenden und Lehrenden der Sprachen ausgelöst haben (ALTENHOFEN e KUCHENBECKER 2015: 136).

Diante desse quadro, é importante continuar lutando para aumentar o espaço das línguas estrangeiras na sociedade brasileira, valorizando a realidade plurilíngue que muitas regiões do país já apresentam e enxergando a proficiência em outros idiomas como uma competência necessária para compreender e enfrentar os desafios do mundo globalizado de hoje.

Referências Bibliográficas

- ALTENHOFEN, Cléo V. Deutschunterricht, Dialekt und Alphabetisierung im Portugiesischen. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 2. 19-23/7/1991, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Unisinos, 1993, p. 63.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine et al. *Política e políticas linguísticas*. Campinas: Pontes, 2013, pp. 93-116.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; KUCHENBECKER, Ingrid. Sprachenpolitik und Sprachenvielfalt in Schulen. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 9. 22-24/7/2015, São Leopoldo. *Deutsch (über)Brücken. Programa...* São Leopoldo: Casa Leiria, 2015, pp. 136-137.
- APPA – ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE PROFESSORES DE ALEMÃO. *Manual de informações para o professor de alemão. Handbuch für den Deutschlehrer*. São Paulo: APPA, 1989.
- AUGSPURGER, Hans J. Möglichkeiten der Werbung für DaF-Unterricht. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 2. 19-23/7/1991, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Unisinos, 1993, pp. 137-138.
- AUGUSTIN, Everton. Darstellung der Sprachentwicklung am Beispiel einer Einwandererfamilie aus dem Hunsrück. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 2. 19-23/7/1991, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Unisinos, 1993, p. 92.
- AZAMBUJA, Lissi Iria Bender. Santa Cruz do Sul – 150 Jahre Deutsch. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 4. 27-30/7/1999, Curitiba. *deutsch.br. Perspectivas do alemão no Brasil na passagem do século. Perspektiven des Deutschen in Brasilien zur Jahrhundertwende. Anais...* Curitiba: ABRAPA, 2000, pp. 519-522.
- BERLOFFA, Lilian. Das Profil von Deutschlehrern in São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 4. 27-30/7/1999, Curitiba. *deutsch.br. Perspectivas do alemão no Brasil na passagem do sécu-*

lo. *Perspektiven des Deutschen in Brasilien zur Jahrhundertwende. Anais...* Curitiba: ABRAPA, 2000, pp. 513-517.

CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2007.

CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 2. 19-23/7/1991, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Unisinos, 1993.

CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 3. 29/7-02/08/1996, Campinas. *Por que alemão? Anais...* Campinas: ABRAPA, 1996.

CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 4. 27-30/7/1999, Curitiba. *deutsch.br. Perspectivas do alemão no Brasil na passagem do século. Perspektiven des Deutschen in Brasilien zur Jahrhundertwende. Anais...* Curitiba: ABRAPA, 2000.

CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 5. 23-26/07/2002, São Leopoldo. *Alemán en América Latina: um diferencial com qualidade. Deutsch in Lateinamerika: die Qualität macht den Unterschied. Anais...* São Leopoldo: Unisinos, 2002.

CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 6. 24-28/7/2006, São Paulo. *Ensinar alemão: novos desafios – novos rumos. Deutsch in Südamerika: neue Wege – neue Perspektiven. Enseñar alemán: nuevos desafíos – nuevos rumbos. Anais...* São Paulo: ABRAPA, 2008 (CD-Rom).

CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 7. 21-25/7/2008, Rio de Janeiro. *DaF in Brasilien. Fertigkeiten und Kompetenzen. Alemão no Brasil. Habilidades e competências. Programa...* Rio de Janeiro: ABRAPA, 2008.

CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 8. 27-29/7/2011, Belo Horizonte. *Übergänge. Transições. Durchgänge. Programa...* Belo Horizonte: ABRAPA, 2011.

CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 8. 27-29/7/2011, Belo Horizonte. *Übergänge. Transições. Durchgänge. Anais...* Belo Horizonte: ABRAPA. Disponível em: <<http://www.abrapa.org.br/infobriefe.php>> (13/07/2015).

CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 9. 22-24/7/2015, São Leopoldo. *Deutsch (über)Brücken. Programa...* São Leopoldo: Casa Leiria, 2015.

HEISE, Eloá. Reflexões sobre um estado de crise. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 3. 29/7-02/08/1996, Campinas. *Por que alemão? Anais...* Campinas: ABRAPA, 1996, pp. 136-141.

KOERICH, Marise Jönck; VIEIRA, Josalba Ramalho. O sabor da língua: uma oferta de quatro línguas estrangeiras na 5ª série do ensino fundamental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 4. 27-30/7/1999, Curitiba. *deutsch.br. Perspectivas do alemão no Brasil na passagem do século. Perspektiven des Deutschen in Brasilien zur Jahrhundertwende. Anais...* Curitiba: ABRAPA, 2000, p. 636.

MAILER, Valéria Contrucci de Oliveira. Por uma política linguística para o alemão em Blumenau. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 5. 23-26/07/2002, São Leopoldo. *Alemán en América Latina: um diferencial com qualidade. Deutsch in Lateinamerika: die Qualität macht den Unterschied. Anais...* São Leopoldo: Unisinos, 2002, pp. 113-120.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Prefácio. In: CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2007, pp. 7-10.

SOETHE, Paulo. Rechtliche, soziale, bildungspolitische und institutionelle Grundlagen für das Angebot von Deutsch an öffentlichen Schulen in Brasilien. CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 9. 22-24/7/2015, São Leopoldo. *Deutsch (über)Brücken. Programa...* São Leopoldo: Casa Leiria, 2015, p. 20.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Die deutsche Sprache im sprachpolitischen Rahmen Brasiliens. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 8. 27-29/7/2011, Belo Horizonte. *Übergänge. Transições. Durchgänge. Programa...* Belo Horizonte: ABRAPA, 2011, p. 16.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Sprachbewusstheit im DaF-Unterricht: Für eine Didaktik der Mehrsprachigkeit. Palestra proferida no 9º Congresso Brasileiro de Professores de Alemão, São Leopoldo, 2015.

STEINMÜLLER, Ulrich. *Deutsch als Fremdsprache in der internationalen Kooperation*. Plenária apresentada no 7º Congresso Brasileiro de Professores de Alemão, Rio de Janeiro, 22/07/2008 [mimeo].

UPHOFF, Dörthe. A área de alemão como língua estrangeira: desenvolvimento histórico e perspectivas atuais. In: *Pandaemonium Germanicum* (online) 16(22), 2013: 219-241.

WEBER, Undegard Seibert. Die Rolle von Einwanderungsgeschichte und deutschem Dialekt an den Schulen mit Deutschunterricht in Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 2. 19-23/7/1991, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Unisinos, 1993, p. 223-227.

ÍNDICE

Os nomes de uma história

Docentes da Área de Alemão¹

Celeste Aída Noronha Galeão

Celeste H. M. Ribeiro de Sousa

Christl M. K. Brink

Claudia Sibylle Dornbusch

Claudio Ferreira Lauretti

Delton de Mattos da Silva

Dilza Fernanda Longo

Dörthe Uphoff

Eliana G. Fischer

Eloá di Pierro Heise

Erwin Theodor Rosenthal

Eva M. F. Glenk

George B. Sperber

Helmut E. P. Galle

Ilka Roth

Irene T. Aron

¹ Fontes: Anuários da FFLC, Programas de Ensino da Área de Alemão, página eletrônica da área, publicação “Língua e Literatura Alemã. Deutsche Sprache und Literatur” (s/d, último registro de 1980), publicação “Área de Alemão: Língua, Literatura e Tradução” (1997)

João Azenha Jr.
José da Silva Simões
Juliana Pasquarelli Perez
Luiz Silveira de Assis
Margot Petry Malnic
Maria Cecília B. Minervino
Maria del Pilar Perez de Andrade
Maria Helena V. Battaglia
Marianne J. Ch. Walker
Marion Fleischer
Mariza Santos Miranda
Masa Nomura
Modesto Carone Netto
Nanami Ishida
Pedro de Almeida Moura
Pedro Heliodoro Tavares
Robert Preis
Ruth C. de Oliveira Röhl
Ruth Mayer
Selma Martins Meireles
Sidney Camargo
Sonia Orieta Heinrich de Mattos
Sylvia Barbosa Ferraz
Tercio Redondo
Tinka Reichmann
Willi Bolle

Professores leitores na Área de Alemão da USP

Robert Menasse (1981-1982)

Herbert Bornebusch (1985-1989)

Hardarik Blühdorn (1994-2000)

Ulrich Beil (2000-2004)

Göz Kaufmann (2005-2008)

Kristina Peuschel (2011-2013)

Katja Reinecke (2013-2015)

Professores visitantes na Área de Alemão

Área de Concentração: Língua e Linguística

Joachim Born, Gießen

Joachim Buscha, Dortmund

Gabriele Diewald, Hannover

Werner Holly, Trier

Karolin Moser, Córdoba (Argentinien)

Kristel Proost, Mannheim

Hugo Steger, Freiburg

Heinz Vater, Köln

Heinz Wilms, Hildesheim

Barbara Wotjak, Leipzig

Área de Concentração: Literatura

Theo Buck, Aachen

Heidrun Brückner, Goethe Institut

Eckehard Catholy, Berlin
Erhard Engler, Berlin
Helmut Feldmann, Köln
Kurt Herbert Halbach, Tübingen
Dagmar von Hoff, Mainz
Dietrich Krusche, München
Helmut Motekat, München
Eberhard Lämmert, Berlin
Gerhard Neumann, München
Wolfdietrich Rasch, Münster
Rolf Renner, Freiburg
Hans Gerd Roetzer, Gießen
Hinrich Seeba, Berkeley (USA)
Siegfried Sudhof, Bamberg
Florian Vaßen, Hannover
Wilhelm Voßkamp, Köln

Área de Concentração: Tradução

Friedrich Irmen, Heidelberg
Frank G. Königs, Bochum
Klaus Mudersbach, Heidelberg
Mary Snell-Hornby, Wien
Radegundis Stolze, Darmstadt
Thomas Sträter, Heidelberg
Hans J. Vermeer, Heidelberg

Alunos egressos do Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Alemã (USP)²

Adriano Roperio (D)

Alceu João Gregory (D)

Alessandra Castilho Ferreira da Costa (M)

Alessandra Paula de Seixas (M)

Alexandre Ferreira Dal Farra Martins (M)

Alexandre Krug e Silva (M)

Alexandre Michellin Tristão (M)

Alexandre Villibor Flory (D)

André Luiz Ming Garcia (M)

Andrea Rodsi Ferreira (M/D)

Andressa Cristinne Arrelias Costa (M)

Antonio Herembergue Dias Júnior (M)

Antonio Jackson de Souza Brandão (M/D)

Antonio Walter Ribeiro de Barros Junior (M/D)

Bernhard Johannes Schwarz (M/D)

Bianca Ferrari (M)

Camila Costa José Bernardino (M)

Carin Beatriz Carreira Zachariadis (M)

Carlos Alberto Della Paschoa (M)

Celeste Henriques Marquês Ribeiro de Sousa (D)

Célia Maria Garcia Manoel (M)

Celso Donizete Cruz (M/D)

² Sistema Janus: <<https://uspdigital.usp.br/janus/alunoGeral/pesquisaDeAlunos/pesquisaDeAlunos.jsf>>. (20/07/2015)

Christiane Michaela Balluff (M)
Claire Parot de Sousa (M)
Claudia Sibylle Dornbusch (M/D)
Claudia Stocker Putz (D)
Cláudia Tiyoko Shima (M)
Clélia Barqueta (D)
Cristiana Busatto Beréa de Oliveira (M)
Cristiano Augusto da Silva Jutglà (M)
Cristina Caliolo (M)
Cristina Camargo Alberts Franco (D)
Cristina Ranke (M/D)
Daniel Reizinger Bonomo (M/D)
Danilo Chiovatto Serpa (M)
Davi Jaén Rodriguez (M)
David Edson Farah (M)
Dorothee Friese (M)
Douglas Valeriano Pompeu (M)
Edson Luiz de Oliveira (D)
Eduardo Manoel de Brito (D)
Elcio Loureiro Cornelsen (M)
Eliana Gabriela Fischer (M/D)
Elisandra de Souza Pedro (M)
Elizabeth Enz Hubert (M)
Ellen Barros de Souza (M)
Eloá di Pierro Heise (M/D)
Eloisa Maria Souza de Araujo Ribeiro (M)
Elvira Horstmeyer (M)
Émerson Santana (D)

Emiliano de Brito Rossi (D)
Erica de Cassia Modesto Coutrim (M)
Érica Gonçalves de Castro (M/D)
Eurides Avance de Souza (M)
Eva Maria Ferreira Glenk (D)
Fábio Luís Chiqueto Barbosa (M/D)
Felícia Maria Falcão Rodrigues (M)
Felipe Vale da Silva (M)
Ferdinand Miranda Reis Júnior (M)
Fernanda Rios de Melo (M)
Flávia Cunha Pirillo (M/D)
Gerson Luis Pomari (D)
Glaucio Correa da Cruz Bacic Fratric (M)
Graciela Elena Alvarez (M)
Gudrun Jagersberg (D)
Gunter Karl Pressler (D)
Hannelore Marczinski Haslinger (M)
Helga Andre (M)
Henrique Evaldo Janzen (M/D)
Irene Teodora Helena Aron (D)
Iris Kurz Gatti (M)
Izilda João (M)
Jacqueline Brizida Gonçalves (M)
Jael Glauce da Fonseca (D)
Jamil Felix Filho (M)
Janice de Fátima Belther Romanello (D)
João Alfredo Dal Bello (M/D)
João Azenha Junior (D)

João Udo Siemens (D)
José da Silva Simões (M)
José Luís Félix (D)
José Marcos Mariani de Macedo (M)
José Rodrigo da Silva Botelho (M)
Juliana Damião Gomes Christmann (M)
Juliana Granço Marcelino de Moraes (M)
Juliana Pasquarelli Perez (M/D)
Julio Sato (M)
Karin Volobuef (M/D)
Karola Maria Augusta Zimber (M/D)
Kathrin Stefanie Schweiger (D)
Kelly Stanich (D)
Laura Alves do Prado (M)
Lilian de Abreu Pessoa (D)
Lorena Andrea Garcia Pereira Vicini (M)
Lucia Helena Zanetti (M)
Luis Fernando Dias Moreira (M)
Luiz Barros Montez (D)
Magali dos Santos Moura (D)
Magdalena Nowinska (D)
Maira Fanton Dalalio (M)
Marcelo Victor de Souza Moreira (M)
Márcio Orlando Seligmann Silva (M)
Marcos Antonio Alves de Araujo Filho (M)
Marcus Vinicius Mazzari (M)
Margot Petry Malnic (D)
Maria Aparecida Cardoso (M)

Maria Celia Ribeiro Santos (M)
Maria Cristina Reckziegel Guedes Evangelista (M/D)
Maria da Penha Renz (M)
Maria do Carmo Fleury Malheiros (D)
Maria Helena Voorsluys Battaglia (M/D)
Maria Paula Trigo de Sousa Lencastre (M)
Mariana Ribeiro de Souza (M)
Marianne Kolb (M)
Marilene Santana dos Santos Garcia (D)
Marilyn Landim de Souza (M)
Marise Moassab Curioni (D)
Marlene Aparecida Desidério Checchetto (M)
Marlene Holzhausen (D)
Mauricio Mendonça Cardozo (M/D)
Max Clark de Castro Cunha (M)
Menaldo Augusto da Silva Rodrigues (M)
Meta Elisabeth Zipser (D)
Miriam Bettina Paulina Oelsner (M)
Monica Fontoura da Silva (M)
Mônica Krausz Bornebusch (M/D)
Monika Palkoski Scheffelmeier (M)
Nara Cristina Sanseverino Mahler (M)
Nora Paula Marie Gröninger (M)
Patrícia Cristina Biazão Manzato Moises (M)
Patricia Miranda Dávalos (M/D)
Paulo Astor Soethe (M/D)
Paulo Roberto Berkelmans (D)
Pedro Junqueira de Figueiredo (M)

Priscilla Lopes D'El Rei Priscilla Lopes D'El Rei (M)
Priscilla Maria Pessutti Nascimento (M)
Raoni Naraoka de Caldas (M)
Renata de Freitas Martins (M)
Renata de Souza Dias Mundt (M)
Renato Ferreira da Silva (M)
Renato Oliveira de Faria (M/D)
Renato Zwick (M)
Rodrigo Campos de Paiva Castro (M/D)
Rogerio Silva Assis (M)
Roseli Timoxenco Moura (M)
Rosemary Zanatta (M)
Rósula Kelly Medrado Almeida Passos (M)
Ruth Cerqueira de Oliveira Röhl (M/D)
Sandro Figueredo (M/D)
Selma Martins Meireles (M/D)
Sergio Bruck de Moraes (M)
Silvana Baroni (M)
Silvia Aparecida Nauroski (M)
Simone Malaguti (M)
Sonia Breitenwieser Alves dos Santos Castino (M)
Stéfano Paschoal (M/D)
Susanne Gabriele Brigitte Umnirski Gattaz (M)
Suzana Campos de Albuquerque Mello (M)
Tercio Loureiro Redondo (M/D)
Tereza Gezelman (M)
Thales Augusto Barretto de Castro (M)
Valburga Huber (D)

DOCENTES DA ÁREA DE ALEMÃO

Valéria Sabrina Pereira (M/D)

Vilma Botrel Coutinho de Melo (D)

Wilma Patricia Marzari Dinardo Maas (D)

Yumi Suzuki (M)

ANEXOS

Os primórdios de uma história

CADEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ.

HISTÓRICO E ORIENTAÇÃO DA CADEIRA.

A Cadeira de Língua e Literatura Alemã foi instituída nesta Faculdade, *ex-vi* do Decreto-lei n.º 1190 de 1939, sendo o Prof. Dr. Pedro de Almeida Moura contratado para exercê-la, primeiramente, pelo prazo de um ano. A partir do ano seguinte foi recontratado por diversos prazos. Sendo o primeiro ocupante da Cadeira, recebeu o encargo de traçar as diretrizes do programa do ensino universitário de Língua e Literatura Alemã no Estado, atendendo às necessidades culturais do meio brasileiro, com finalidades outras que as do ensino dessa matéria em universidades alemãs. O primeiro óbice a ser vencido foi a inexistência do estudo da matéria no curso secundário. Os alunos com direito a ingresso no Curso de Letras Anglo-Germânicas, a fim de conseguir o registro do diploma respectivo, ao terminar o Curso Superior, viam-se levados a cursar, também, língua e literatura alemãs. Traziam, via de regra, regular conhecimento de inglês para o exame vestibular e nenhum conhecimento de língua alemã ou dessa literatura. Foi, assim, necessário organizar um programa bem distribuído, tanto de língua como de literatura, de modo a iniciar proveitosamente os alunos, nesses difíceis ramos do conhecimento. Como a Faculdade estava ainda em seus primeiros anos de vida, houve pôr bem a Cadeira realizar um estudo de introdução à cultura literária, proporcionando aos alunos recém-vindos dos cursos de preparação, meios de melhor integração na vida universitária, sem prejuízo do programa de literatura, propriamente dito. Decorridos que foram, pela primeira vez os três anos do curso, verificou, com satisfação, a Cadeira, que a orientação proposta havia produzido os resultados que tivera em mira, a saber, além de proporcionar aos alunos os conhecimentos mencionados no programa, conseguira despertar, também, o gosto pela pesquisa científica e pela crítica dos assuntos estudados, a par de um vivo interesse pelo conhecimento geral da literatura alemã. Dos trabalhos monográficos feitos no decorrer do Curso, pôde mesmo um dos alunos, da primeira turma de licenciados em Língua e Literatura Alemã, publicar um pequeno livro de leitura suplementar para crianças, tomando por base assunto estudado em aula. Por esse motivo, não só, mas pelo preparo geral adquirido pelos formados na matéria, o resultado foi deveras animador, tendo-se em vista que as turmas que se dedicam ao estudo de alemão, habitualmente, e na quase totalidade, são constituídas de alunos que jamais haviam estudado a matéria, quer no ginásio, quer particularmente. Não se perca de vista essa circunstância na avaliação do intenso traba-

lho que a Cadeira teve de desenvolver com as primeiras turmas, não contando ainda com qualquer auxílio de assistentes, nem de meios materiais adequados e indispensáveis ao livre desenvolvimento do ensino.

DIFICULDADES MATERIAIS.

Além do desconhecimento total, por parte dos alunos, da matéria a ser estudada, a Cadeira não contava com biblioteca especializada para o uso dos mesmos. A casa nada possui de língua e literatura alemã. Bem pouco, também, a Biblioteca Municipal, que é, por assim dizer, o único refúgio dos nossos estudantes sem livros. Por sua vez, devido à guerra, as livrarias não negociavam com livros alemães. Não podendo contar com esse auxílio; não dispondo de uma sala de trabalho para convergência de alunos em trabalhos de seminário, nem da sala do Professor; não dispondo de gabinetes de leitura nem do meio ambiente adequado a um convívio eficiente para a prática da língua, como sejam entidades culturais e clubes de incentivação de estudos de línguas, de que outras Cadeiras já dispõem; não contando com revistas de estudos ou de publicações periódicas especializadas, grande era, de fato, a lacuna existente e séria a dificuldade permanente que a Cadeira tinha de enfrentar. Diante disso, procurando, da melhor forma possível, contornar as deficiências reinantes, o Professor colocou à disposição dos alunos a sua biblioteca particular, a fim de facilitar o acesso aos textos mencionados em aula e apresentados para pesquisa de classe.

DIFICULDADES DE ORDEM MORAL.

Durante o longo período da última guerra na Europa, estando o Brasil contra a Alemanha, a Cadeira teve de arcar sempre com surda animosidade ambiente, que, como é natural, lhe impedia maior desenvolvimento dos trabalhos. A situação era, inegavelmente, desfavorável. Se, de um lado, tinha por objetivo e por obrigação espalhar cultura, por outro lado, diante da realidade dos imperativos sociais da hora, via-se a braços com a dura tarefa de desfazer interpretações tendenciosas, separando, como se impunha, a idéia de cultura da idéia política, prestigiando sempre o ideal brasileiro. Essa situação, extremamente delicada, a Cadeira soube enfrentar com galhardia, pautando a sua orientação letiva de maneira justa e irrepreensível, jamais dando motivos para queixas ou ressentimentos. Vencida que foi essa fase difícil da vida do país, pôde o Professor se sentir plenamente satisfeito de ter mantido a eficiência do trabalho a par de inatacável correção de atitudes.

MÉTODO DE TRABALHO.

Desenvolvendo o programa que a Cadeira apresentou à aprovação da Faculdade, incluído no Guia, depois de alterado em grande parte pela inclusão do ensino de Filologia Germânica, no 3.º ano, e dos cursos recém-criados do 4.º e 5.º anos, o estudo de língua e literatura alemã era inicialmente ministrado somente pelo Professor da Cadeira, em aulas distribuídas duas para cada ano, do 1.º ao 3.º, e uma para cada ano das

demais. Das aulas dos três primeiros anos, o tempo era dividido entre o estudo da língua e da literatura. Tendo-se em vista que os alunos não traziam o devido conhecimento do curso secundário, necessário se tornava o ensino de gramática, de conversação e de exercícios práticos. Por esse mesmo motivo as aulas de literatura eram dadas em português, embora os livros de literatura e de língua fossem em alemão. Os textos eram sempre lidos no original, traduzidos oralmente, e copiados pelos alunos nas partes interessantes para o estudo. Na aula de conversação, pelo método direto, exigia-se o estudo de vocabulário adequado e de poesias fáceis de serem gravadas de memória. Embora o Professor fale e escreva correntemente o alemão, o grau de adiantamento dos alunos, como já foi dito anteriormente, não comporta a esplanação completa das aulas de literatura em alemão. O estudo de literatura é sistematicamente feito acompanhado do exame de textos e de *fac-similes*, de gravuras e de mapas, de modo a possibilitar ao aluno o melhor aproveitamento possível da matéria dada. De 1945 para cá, foi concedido à Cadeira o auxílio de uma Assistente, Da. Sylvia Barbosa Ferraz, que primeiramente exerceu a incumbência gratuitamente, a título de experiência, sendo depois nomeada oficialmente para o cargo. Foi encarregada de ministrar o estudo de língua, que é sempre orientado e, em parte, dado também pelo Professor da Cadeira.

ORIENTAÇÃO CULTURAL DA CADEIRA.

A orientação cultural que a Cadeira imprime às aulas é de rigorosa superioridade de vistas no ajuizar dos valores literários, fugindo, tanto quanto possível, à orientação livresca, procurando dar aos alunos uma visão refletida, clara e justa dos fatos, através de uma crítica serena e construtiva, rica de sugestões para o prosseguimento de estudos. Evidencia sempre a Cadeira o sentido nitidamente educativo da maior parte dos autores alemães, despertando o gosto pela leitura, a capacidade de crítica e a formação geral do espírito dos futuros educadores. Para isso recomenda sempre a leitura de obras construtivas, recebe objeções e incentiva os debates em torno dos temas que mais impressionam a classe no decorrer das aulas, fazendo da literatura um constante motivo de comparações e de fecundo interesse de pesquisa.

TRABALHOS MONOGRÁFICOS DE PESQUISA.

A Cadeira, a partir do segundo semestre do primeiro ano, costuma exigir dos alunos trabalhos escritos de pesquisa, tomando por base assuntos estudados, monografias essas que são preparadas em casa, sob orientação do Professor, com largo prazo para apresentação. Desses trabalhos alguns têm recebido aprovação para publicidade, em livro, jornal ou revistas. As monografias são rigorosamente examinadas pela Cadeira que, quase sempre, considera essa contribuição pessoal do aluno como base de nota de aproveitamento do semestre. Os resultados colhidos têm se revelado plenamente satisfatórios.

CURSOS DA 4.^a SÉRIE E DE ESPECIALIZAÇÃO.

Estes dois cursos recém-criados estão funcionando regularmente, com programas especiais, já aprovados em Congregação. E' cêdo, ainda, para adiantar qualquer juízo a respeito. As aulas despertaram interesse e contam com bôa freqüência.

FILOLOGIA GERMÂNICA.

Conquanto a matéria, por sua natureza e extensão, seja objeto de cátedra especializada, uma vez que envolve o conhecimento global de outras línguas germânicas, além do alemão, êsse estudo foi incluído, como complemento, às aulas do terceiro ano do curso geral. Devia funcionar como Cadeira, integrando o Curso de Letras Anglo-Germânicas, cuja denominação oficial, seja dito de passagem, não corresponde à realidade científica.

ATIVIDADES DA CADEIRA FORA DA FACULDADE.

Colaborando na disseminação de cultura da Universidade, a Cadeira tem procurado exercer fora da Faculdade, mas sempre em linha de continuidade com os estudos ali desenvolvidos, uma série de trabalhos de divulgação cultural, versando temas de assuntos alemães. Proferiu no decorrer de 1946, quatro conferências públicas sôbre Goethe, sendo três na Biblioteca Municipal, a convite do Instituto Livre de Estudos Superiores, e uma a convite do Curso de Enfermagem, no Salão de Festas do Hospital das Clínicas, nesta Capital. Essas conferências contaram com numeroso auditório e muito bom acolhimento por parte da imprensa. O Professor da Cadeira é, também, atual vice-presidente da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo, em cuja revista técnica vem publicando trabalho filológico para facilitar ao leitor de língua portuguesa a inteligência do "Fausto" de Goethe, de que já traduziu uma parte, tendo em elaboração outros trabalhos sôbre o assunto.

4.^o CENTENÁRIO DE CERVANTES.

Em meados de 1947, a convite do Magnífico Reitor da Universidade, o Professor Pedro de Almeida Moura dirigiu, em colaboração com o Departamento de Cultura da Reitoria, as comemorações oficiais do 4.^o Centenário de Cervantes, tendo proferido, por ocasião do encerramento das festividades, na Biblioteca Municipal, a conferência "Dom Quixote e Fausto, poesia e realidade."

No mesmo ano, em dezembro, no Clube Piratininga, a convite da Academia Brasileira de Estudos Goethianos, proferiu uma conferência sôbre "A Canção Popular Alemã e as Músicas de Natal", publicada em: rodapé do "Correio Paulistano" de 24 e 30-12-1947.

Nesse mesmo ano, em curso público, no "Museu de Arte", analisou a figura de Lessing, tomando por base a obra "Laocoonte", limites entre

a poesia e a pintura. Antes de principiar êsse curso, que contou com grande assistência, o Professor Pedro de Almeida Moura foi quem tomou a iniciativa de intercâmbio cultural entre a Faculdade e o Museu de Arte, recém-inaugurado, promovendo a visita de estudantes universitários àquele Museu, incentivando o aproveitamento do valioso acervo de material didático sobre arte, ali existente.

BICENTENÁRIO DE GOETHE.

No segundo semestre de 1948, para êsse fim especialmente nomeado pelo Magnífico Reitor, foi o Professor Pedro de Almeida Moura encarregado de dirigir, como Presidente, as comemorações oficiais do Bicentenário do nascimento de Goethe. No desempenho dessas funções, organizou não só o programa dos festejos e conferências, como publicou um livro comemorativo "Perfil de Goethe" (Edição Melhoramentos), e organizou a Exposição de Goethe no Museu de Arte, de 5 a 18 de setembro de 1949, que ocupou dois largos corredores e dois amplos salões daquele Museu, apresentando coleções preciosas de obras de Goethe, quadros, gravuras, autógrafos, bustos e retratos relativos ao comemorado. A exposição foi aberta oficialmente com a presença de autoridades da Universidade e, dentre outras visitas ilustres, recebeu a do Governador do Estado, Dr. Ademar de Barros, que a apreciou demoradamente. O discurso oficial de abertura da Exposição foi proferido pelo Professor acima referido.

Além de outros conferencistas que se fizeram ouvir nas comemorações, foram proferidas pelo Prof. Pedro de Almeida Moura as seguintes:

- 19-5-1949 — "Goethe, o poeta admirável", no Instituto Caetano de Campos, patrocinada pela Acad. Bras. de Estudos Goethianos.
- 7-6-1949 — "Goethe, o homem e o artista" (1a. série), na Faculdade de Direito de São Paulo, Sala João M. ndes, patrocinada pela Academia de Letras daquela Faculdade.
- 14-7-1949 — "Goethe e a Revolução Francesa", na Biblioteca Municipal, patrocinada pela Sociedade de Estudos Goethianos de São Paulo.
- 5-12-19 e 26 de julho de 1949 — Curso Especial — Quatro preleções de "Explicação do Fausto de Goethe", no Museu de Arte, patrocinadas pela Sociedade de Estudos Goethianos de São Paulo.
- 18-8-1949 — "Goethe, o homem e o artista" (2a. série), na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de São Paulo, na cidade de Campinas.
- 2-9-16-23 e 20 de setembro de 1949 — Curso Especial — "As obras de Goethe" na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.
- 26-10-1949 — "Goethe e o sentido da vida", na Sociedade Marililândia, na cidade de Marília, neste Estado, sob o patrocínio daquela Sociedade e do Departamento de Cultura da Universidade de São Paulo.

DISTINÇÃO CONFERIDA AO PROF. DR. PEDRO DE ALMEIDA MOURA.

Em 30 de agosto de 1949, conforme notícia destacada, de alto de página, em duas colunas com o retrato do homenageado, o jornal "Deutsche Nachrichten", desta Capital, comunica a eleição, por unanimidade, para Sócio-Benemérito da "Pro-Arte", Sociedade de Intercâmbio Cultural Brasil-Alemanha, do Prof. Dr. Pedro de Almeida Moura, título que lhe foi conferido em reconhecimento de serviços prestados na divulgação da cultura alemã e dos estudos goethianos no Brasil. A "Pro-Arte", que há longos anos vem promovendo notáveis concertos e noites de arte, em nossos melhores teatros, goza da mais alta reputação cultural e artística, não só da Capital, como também em todos os países da Europa, em que se tem feito representar.

Primeiro registro remanescente da Área de Alemão na FFCL, fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de 1939-1949. Universidade de São Paulo, v. 2, 1953, p. 467-472.



Prof. Dr. Pedro de Almeida Moura, fonte: CAPH/USP



Profª. Dra. Sylvia Barbosa Ferraz por ocasião de sua formatura em 1944, fonte: CAPH/USP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CONCURSO PARA A CADEIRA DE LINGUA E LITERATURA ALEMÃ

Geneticistas estrangeiros desenvolverão importante plano de pesquisas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — Os trabalhos serão orientados pelo professor Dobshansky



A banca examinadora do concurso para provimento da cadeira de Língua e Literatura Alemã

Prosseguiram ontem, às 8 horas, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, os trabalhos do concurso para provimento da cadeira de Língua e Literatura Alemã daquele instituto, com a prova de defesa da tese "A balada alemã à luz da psicologia", apresentada pelo único candidato inscrito, dr. Pedro de Almeida Moura.

A Comissão Julgadora está assim constituída: professores Theodoro Henrique Maurer Junior e Ernesto Marcus, da Universidade de São Paulo; Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Distrito Federal; Emilio Schostal, da Universidade Católica de São Paulo, e Fritz Ackermann, do Colegio Visconde de Porto Seguro, desta Capital.

Amanhã, às 8 horas e 30, serão encerrados os trabalhos do concurso, com a realização da prova didática e leitura da prova escrita.

O Estado de São Paulo, 17.6.1955.



Dr. Pedro de Almeida Moura

Novo catedrático da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras

Encerraram-se ontem, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, os trabalhos do concurso para provimento da cadeira de Língua e Literatura Alemã, daquele instituto de ensino superior. Defendendo a tese "A balada alemã à luz da psicologia", o único candidato inscrito, dr. Pedro de Almeida Moura, foi habilitado, nos termos do regimento do concurso, pela banca examinadora, constituída pelos professores Theodoro Henrique Maurer, Ernesto Marcus, Fernando Rodrigues da Silveira, Emilio Schostal e Fritz Ackermann.

O Estado de São Paulo, 19.6.1955.

Notícias sobre o primeiro concurso de cátedra na Área de Alemão da USP, Estado de São Paulo, 17 e 19 de junho e 1955, fonte: Instituto Martius-Staden

3^a feira 06.05.86

14 ⁰⁰ 14 ⁵⁰	Lg I	Temporalsätze	R
14 ⁰⁰ 14 ⁵⁰	TC II	Übersetzung v. Benjamin, "Der Jüdische Baum"	Kf
16 ⁰⁰ 16 ⁵⁰	TC I		
16 ⁰⁰ 16 ⁵⁰	Lg II	Partizipialsätze	CS.

4^a feira 07.05.86

14 ⁰⁰ 14 ⁵⁰	TC II	Übung: "Wörter m. Politik" S. 30 (Skizzenlehre)	9/11
16 ⁰⁰ 16 ⁵⁰	TC I	Strategie der Übersetzung: pragmatische Textsorten (Kochrezepte)	RRh

5^a feira 08.05.86

14 ⁰⁰ 14 ⁵⁰	Lg I	Temporalsätze - Reprat	R
14 ⁰⁰ 14 ⁵⁰	TC II	Die Romantik	V
16 ⁰⁰ 16 ⁵⁰	TC I	Die Kreuzzüge	V
16 ⁰⁰ 16 ⁵⁰	Lg II	Grammatik- u. Stilanalyse, v. Benjamin, "Der Jüdische Baum"	Kf.

3ª feira

27.05.84

14:00 } Lg I
14:50 }14:00 } Tc II
14:50 }16:00 } Tc I
16:50 }16:00 } Lg II
16:50 }

4ª feira

28.05.84

14:00 } Tc II
14:50 }Lição: Jürgen Zimmer: *Entwurf eines
Curriculums* " JMA16:00 } Tc I
16:50 }

5ª feira

29.05.84

14:00 } Lg I
14:50 }Reparat: *Temporal setz* D14:00 } Tc II
14:50 }16:00 } Tc I
16:50 }16:00 } Lg II
16:50 }Revisão da tradução de Benjamin,
"O Surrealismo" B.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFLCH/DLM/CET**

IV ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES

A TRADUÇÃO: ALVOS E FERRAMENTAS

1 a 6 de abril de 1990

São Paulo

ANEXOS: OS PRIMÓDIOS DE UMA HISTÓRIA

Comissão Organizadora:
Presidente: Regina H. E. Alfarano
Vice-Presidente: Ruth Mayer
Membros: Alain Mouzat
Lucia Guidicini
Mário Laranjeira
Ruth C. de O. Röhl
Stella O. Tagain
Vera Lúcia Amaral

APOIO:

Organização e realização:
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão
Comissão de Cooperação Internacional – CCInt-USP
Coordenadoria de Saúde e Assistência Social – COSEAS-USP
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq
Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP
Seção de Atividades e Cursos Extracurriculares

Comissão de publicação:
Regina H. E. Alfarano
Ruth C. de O. Röhl

Digitação:
Departamento de Letras Modernas:
Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana
Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Norte-americana
Língua e Literatura Italiana

Capa e primeira página do Caderno de Resumos do
IV Encontro Nacional de Tradutores (1990)

ATA DE FUNDAÇÃO E INSTALAÇÃO DA ASSOCIAÇÃOPAULISTA DE PROFESSORES DE ALEMÃO - APPA

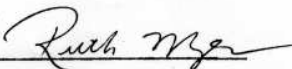
Aos dezesseis dias do mês de março de hum mil novecentos e oitenta e cinco, reuniram-se em Assembléia Geral professores de alemão do Estado de São Paulo, para o fim específico de examinar, em último estudo, os Estatutos da Associação Paulista de Professores de Alemão - APPA, com o objetivo de, em aprovando-os, fundar e instalar a referida Associação, elegendo-se, concomitantemente, os membros da Diretoria da primeira gestão dentre os elementos presentes. Inicialmente, submetidos à apreciação de todos, foram os Estatutos aprovados, e, em seguida, aprovada a moção de enviá-los para registro junto a Cartório de Registro de Títulos e Documentos da Capital para que passem a vigorar e possa a Diretoria exercer o seu mandato. Em seguida passou-se à eleição dos membros que comporão a Diretoria, a qual, por votação dos presentes, ficou assim constituída, para o biênio 85/86: Presidente: Profa. Dra. Ruth Mayer; Vice-Presidente: Prof. Dr. Fernando A. Cazarini; Primeiro Tesoureiro: Profa. Dra. Eloá Heise; Segundo Tesoureiro: Profa. Vera Lacher; Primeiro Secretário: Profa. Dra. Irene T. H. Aron; Segundo Secretário: Profa. Mariza Miranda. Eleita a Diretoria, declarou-se fundada e instalada a Associação Paulista de Professores de Alemão - APPA. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Assembléia Geral, da qual eu, Irene T. H. Aron, Secretário, lavrei a presente ata, por todos os presentes assinada. São Paulo, 16 de março de 1985. Em tempo: onde se lê: "biênio 85/86", leia-se: "pelo período de 60 dias após o qual será convocada nova Assembléia Geral para ratificar a Diretoria". Sidney Camargo, Dúnia Farah, Maria Pilar Perez de Andrade, Lais Vasthi Manhães Naka, Maila Reisewitz, Ilka Roth, Mariza Santos Miranda, Margot Malnic, Lillian de Abreu Pessoa, Luís Carlos Bollmann, Maria José Carvalho Rodríguez, Lillian de Mello Cohn, Masa Nomura, Selma Martins Meirelles, João Moraes Pinto Jr., Darke de Oliveira Pimenta, Klaus Fischer, Ilma Esperança de Assis Santana Curti, Stefan Wilhelm Bolle, Vera Lúcia de O. Lacher, Fernando A. Cazarini, Eliana Gabriela Fischer, Marcus Vinicius Mazzari, Ruth Cerqueira de Oliveira Rühl, Cláudio Ferreira Lauretti, Herbert Hanika, George Bernard Sperber, Flávio Kothe, Lúcia Alt, Maria do Carmo Souza Filarde Lauretti, Aluzia Hanisch, Irene T. H. Aron, Eloá Di Pierro Heise, Ruth Mayer. Presidente: Ruth Mayer; Vice-Presidente: Fernando

[Assinatura]
 ELOY FERNANDEZ DE OLIVEIRA FAJARDAS
 REGISTRADOR
 OAB/SP 71.453
 C.O. 268.202.576

ANEXOS: OS PRIMÓRDIOS DE UMA HISTÓRIA

- 2 -

A. Cazarini; Primeiro Tesoureiro: Eloá Di Pierro Heise; Segundo Tesoureiro: Vera Lacher; Primeiro Secretário: Irene T. H. Aron; Segundo Tesoureiro: Mariza Miranda. Cópia autêntica da ata lavrada em livro próprio.



Profa. Dra. Ruth Mayer
Presidente

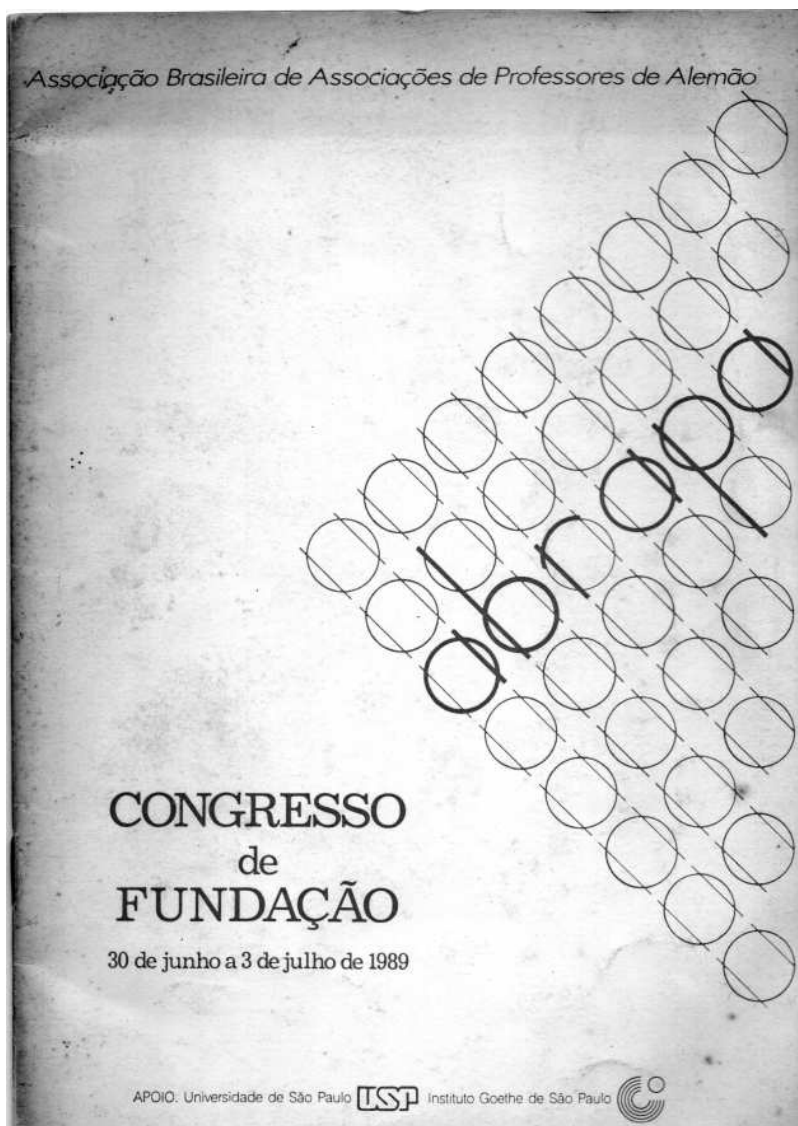

2017 FUND. DE OUTUBRO 1940
C.A.M. / OF. 20.00
R.D. 888-1000

Ata de fundação da APPA, fonte: APPA

Relação dos sócios fundadores da APPA (Associação Paulista de Professores de Alemão)¹

1. Sidney Camargo
2. Dúnia Farah
3. Maria Pilar Perez de Andrade
4. Lais Vasthi Manhães Naka
5. Maila K. T. Reiszewitz
6. Ilka Roth
7. Mariza Santos Miranda
8. Margot Malmic
9. Lilian de Abreu Pessoa
10. Luís Carlos Bollmann
11. Maria José Carvalho Rodriguez
12. Lilian de Mello Cohn
13. Masa Nomura
14. Selma Martins Meireles
15. João Moraes Pinto Jr.
16. Darke de Oliveira Pimenta
17. Klaus Fischer
18. Ilma Esperança de Assis Santana Curti
19. Stefan Wilhelm Bolle
20. Vera Lúcia de O. Lacher
21. Fernando A. Cazarini
22. Eliana Gabriela Fischer
23. Marcus Vinicius Mazzari
24. Ruth Cerqueira de Oliveira Röhl
25. Cláudio Ferreira Lauretti
26. Herbert Hanika
27. George Bernard Sperber
28. Flávio Kothe
29. Lúcia Alt
30. Maria do Carmo Souza Filardo Lauretti
31. Aluizia Hanisch
32. Irene T. H. Aron
33. Eloá Di Pierro Heise

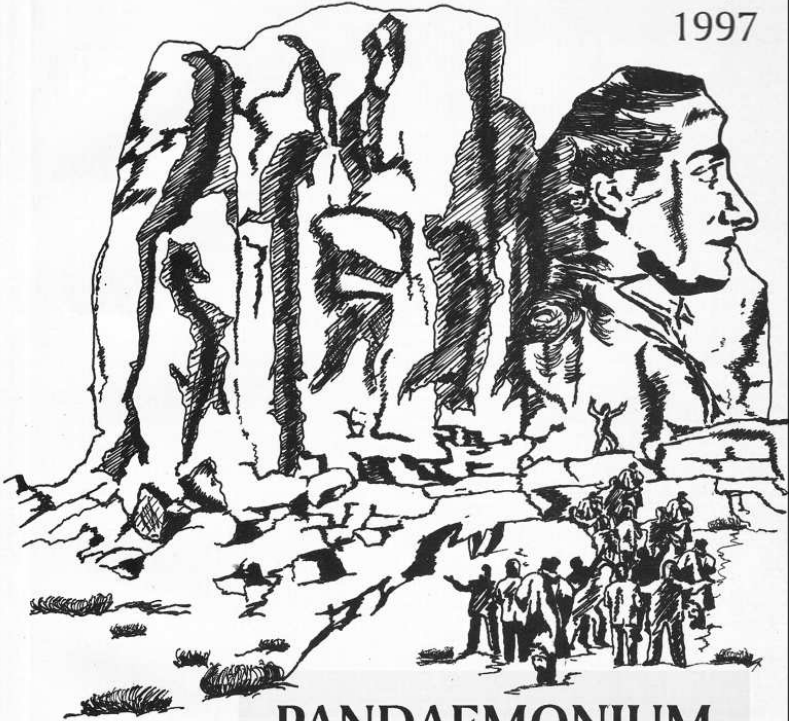
¹ Fonte: APPA



Capa do programa do primeiro congresso da ABRAPA (1989)

ISSN: 1414-1906

Nº 01
1997



PANDAEMONIUM GERMANICUM

REVISTA DE ESTUDOS GERMÂNICOS

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS - FFLCH/USP
ÁREA DE ALEMÃO

SUMÁRIO

Apresentação 5

LITERATURA

A lírica expressionista de Gottfried Benn 11
Eloá Heise

Teatro expressionista 21
Ruth Röhl

Franz Kafka: Raízes 27
George Bernard Sperber

Berlin Alexanderplatz, romance de vanguarda 33
Celeste H. M. Ribeiro de Sousa

Os elementos do surrealismo na peça *Marat/Sade* de Peter Weiss .. 45
Eloá Heise

Vanguardas na literatura de resistência da RDA 55
Ruth Röhl

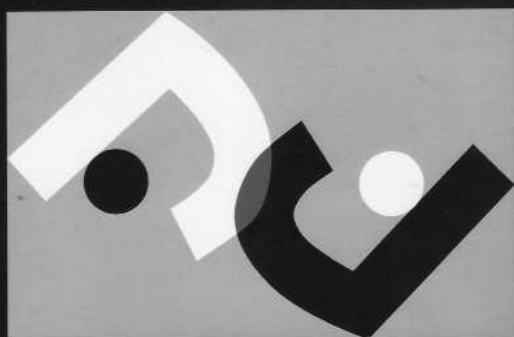
A iconoclastia da natureza: Ecos do expressionismo na literatura alemã dos anos 80 67
Celeste H. M. Ribeiro de Sousa

Paul Celan: A expressão do indizível 77
Irene Aron

Conflito de gerações: O expressionismo e Christoph Meckel 87
Claudia Dornbusch

Pandaemonium Germanicum. n. 1, p. 3-4, 1997

Capa e sumário da primeira edição da revista "Pandaemonium Germanicum" (1997)



BLICKWECHSEL

XI. ALEG-KONGRESS

27.9.-03.10.2003

São Paulo - Paraty - Petrópolis

Inhaltsverzeichnis

I. Organisation & Konzeption

Der Lateinamerikanische Germanistenverband – ALEG	S. 5
Universidade de São Paulo – USP + Lageplan	S. 7
Philosophische Fakultät – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH	S. 9
Abteilung für Deutsch (Sprache, Literatur und Übersetzung) – Área de Alemão	S. 11
Dank an die Institutionen	S. 12
“BLICKWECHSEL” – Konzeption des Kongresses	S. 13

II. Programm: Tag für Tag

Alle Tage auf einen Blick	S. 17
São Paulo: Samstag, 27.9. bis Montag, 29.9.	S. 19
Übersicht über die Sektionen	S. 22
Paraty: Dienstag, 30.9. und Mittwoch, 1.10.	S. 25
Petrópolis: Donnerstag, 2.10. und Freitag, 3.10.	S. 27

III. Sektionen

Beschreibung. Sektionsleiter. Plenarvorträge. Sitzungen. Teilnehmer. Vorträge. Zeit und Ort	S. 31
--	-------

IV. Abstracts

Publikationsnormen	S. 169
--------------------	--------

V. Teilnehmerliste

	S. 171
--	--------